

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

TESE



**Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná,
Paraguai: memórias, representações e territorialização**

Andressa Szekut

Pelotas, 2018

Andressa Szekut

**Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná,
Paraguai: memórias, representações e territorialização**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Professor Doutor Jorge Eremites de Oliveira

Pelotas, 2018

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

S997m Szekut, Andressa

Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai : memórias, representações e territorialização / Andressa Szekut ; Jorge Eremites de Oliveira, orientador. — Pelotas, 2018.

344 f.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Memórias. 2. Migração. 3. Brasileiros no Paraguai. 4. Representações. 5. Territorialidade. I. Oliveira, Jorge Eremites de, orient. II. Título.

CDD : 306

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

Andressa Szekut

**Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná,
Paraguai: memórias, representações e territorialização**

**Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Programa de Pós-Graduação em
Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas,
Universidade Federal de Pelotas.**

Data da Defesa: 12 de abril de 2018.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jorge Eremites de Oliveira - UFPEL (orientador)

Prof. Dr. Joan Josep Pujadas Muñoz - URV

Prof. Dr. Valdir Gregory - UNIOESTE

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira - UFPEL

Prof. Dr. Eduardo Knack - UFPEL

À minha família e meu companheiro Lucio.

“A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós, modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma a outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento”
(CANDAU, 2011, p.16)

AGRADECIMENTOS

Ao professor Jorge Eremites de Oliveira pela paciência dedicada à orientação, e por acompanhar a conclusão desse trabalho;

Ao professor Joan Josep Pujadas, da Universitat Rovira i Virgili, pelo acolhimento e dedicação ao me receber durante o período do doutorado Sanduíche, e pelas estimadas contribuições para essa pesquisa;

À professora Maria Leticia Mazzucchi Ferreira, que me inspirou a participar do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela atenção e confiança;

À Gisele Dutra Quevedo, da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, pela presteza e carinho;

Aos colegas de Pós-Graduação, Darlan De Mamann Marchi, Luciana de Castro Neves Costa, Marlise Buchweitz Klug, Grace Mateo Rosario, Bruna Facchinell, Edianie Azevedo Bardoni e Estelamaris Dezordique, por acompanharem minha trajetória e de diferentes maneiras contribuírem com meu processo de crescimento;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico;

Aos professores Valdir Gregory, Ana María Sosa González, Marcos César Borges, Eduardo Knack, Fábio Vergara e Samuel Klauck, pelas sugestões de direcionamento do trabalho;

A todos os interlocutores entrevistados e à comunidade de Santa Rita, de forma geral, pelo acolhimento e contribuição dada para alcançar os objetivos deste trabalho;

Aos Representantes do Centro de Tradições Gaúchas Índio José, que dispuseram do seu tempo e de informações para colaborar com este trabalho;

Aos membros do Museu Andrés Barbero, da Coordinación Nacional de Pastoral Indígena (CONAPI), do Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica (CEADUC), da Academia Paraguaya de la Historia, da BASE Investigaciones Sociales, da Universidad Nacional de Este, e da Universidade Federal da Integração Latino Americana, por me receberem e me fornecerem acesso a informações e documentos para a construção dessa pesquisa.

À Capes, que prestou apoio financeiro ao desenvolvimento deste projeto;

A Lucio Miguel Jorge, que acompanhou todas as etapas deste trabalho com paciência e carinho, e auxiliou a tomar decisões com calma e sabedoria;

À Renata Rodrigues, por me receber em sua casa e contribuir imensamente com meu trabalho de campo;

Aos amigos, Juliano L. Hoesel, Bruna Predabon, Janaina Lulu, Jacqueline B. Claudino, Karina Zavilenski Custodio, Rodrigo Vendruscolo, Keila Scherner e Norma Morel, uns próximos e outros distantes, mas sempre presentes em todos os momentos;

A meus pais, Marilene A. Hoeff e Valdecir J. Szekut, e familiares, que me apoiaram incondicionalmente em todas minhas decisões;

Aos que a mobilidade da vida faz passar pelos meus caminhos, com os quais eu continuo o meu processo de aprendizado diário;

A todos o meu carinho e gratidão.

RESUMO

SZEKUT, Andressa. **Migrantes brasileiros no distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguai: memórias, representações e territorialização**. 2018. 344 f. TESE (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Nesta Tese, analiso memórias, representações e relações de migrantes brasileiros que se fixaram no município de Santa Rita, localizado no departamento de Alto Paraná, região Oriental do Paraguai, no processo de colonização recente iniciado na década de 1970. Tenho como objetivo, identificar e analisar as (re)construções de memórias e representações entre migrantes brasileiros em Santa Rita, buscando entender como estes fixam-se, organizam-se, integram-se na sociedade paraguaia e constituem laços de pertencimento e continuidade. Nesta perspectiva, contextualizo esse processo migratório; levanto e analiso memórias de migrantes; identifico e analiso formas de organização dos migrantes brasileiros; observo e descrevo representações que caracterizam as relações sociais estabelecidas ali; e mostro como esses migrantes constituem vínculos de coletividade. A pesquisa foi interdisciplinar, conjugando teorias, métodos e metodologias, com base nas concepções de memórias, representações, fronteiras, territórios, redes. Com revisão bibliográfica, apoiada em livros, artigos e documentos institucionais que tratam da formação da região Oriental paraguaia e que permitiram compreender o contexto em que se insere a migração de brasileiros ao Paraguai. O trabalho de campo foi desenvolvido entre fevereiro e julho de 2015 em Santa Rita, com realização de observação participante e entrevistas semiestruturadas, o que permitiu me aproximar e observar a realidade vivida, as relações estabelecidas, e as (re)construções memoriais, representacionais e identitárias. Esse conjunto de fontes e dados foi apreendido a partir da compreensão de que memórias estão em constante (re)construção e que as representações são definições do que se busca vincular à imagem, que envolvem dimensões materiais e simbólicas. Com isso, considero: que o contexto e as relações históricas, influenciaram nas relações entre brasileiros e paraguaios na região estudada; e que o processo de colonização ocorreu por meio de migrações e fixações que se estabeleceram a partir de diversas redes, o que reterritorializou a região formando um novo campo social, que está diretamente relacionado com o agronegócio transnacional. Dessas considerações, concluo que enquadramentos de memórias conferem imagem de pioneiros aos migrantes brasileiros, e ao mesmo tempo (re)constróem memórias que dão base para sentimentos de pertencimento e continuidade entre esses sujeitos; e que os migrantes brasileiros transformaram o espaço de fixação a partir de seus referenciais e interesses, com adaptações aos referenciais paraguaios, constituindo uma nova territorialidade na região.

Palavras-chave: memórias; migração; brasileiros no Paraguai; representações; territorialidade.

ABSTRACT

SZEKUT, Andressa. **Brazilian migrants in the district of Santa Rita, department of Alto Paraná, Paraguay: memories, representations and territorialization.** 2018. 344 f. TESE (doutorado) – Program of post-graduation in Social Memory and Cultural Patrimony. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

In this thesis, I analyze memories, representations and relations of Brazilian migrants who settled in the municipality of Santa Rita, located in the Department of Alto Paraná, eastern region of Paraguay, during the process of a recent colonization that began in the 1970s. My goal is to analyze the (re)constructions of memories and representations among Brazilian migrants in Santa Rita, aiming to understand how they are established, organized, integrated in Paraguayan society and constitute ties of belonging and continuity. From this perspective, I contextualize this migration process; I gather and analyze memories of migrants; identify and analyze forms of organization of Brazilian migrants; I observe and describe representations that characterize the social relations that were established; and show how these migrants constitute bonds of collectivity. This is an interdisciplinary research, combining theories, methods and methodologies, based on the concepts of memories, representations, borders, territories, networks. With bibliographical revision, supported by books, articles and institutional documents that deal with the formation of the Paraguayan Oriental region and that allowed me to comprehend the context of the migration of Brazilians to Paraguay lies. The fieldwork was carried out between February and July 2015 in Santa Rita, with participant observation and semi-structured interviews, which allowed me to approach and observe that reality, the relations that were established, and the (re)construction of memories, representations, and identities. All sources and data have been grasped within the understanding that memories are constantly (re)constructed and that representations are definitions of what one seeks to link to the one's image, involving material and symbolic dimensions. I consider that the historic context, and the historical relations have influenced relations between Brazilians and Paraguayans in the studied region; and the colonization process occurred through fixity and motion that were established through several networks, which reterritorialized the region forming a new social field, which is directly related to the transnational agribusiness. After these considerations, I conclude that frames of memories convey an image of pioneers to the Brazilian migrants, and at the same time (re) construct memories that support sense of belonging and continuity among these subjects; and that Brazilian migrants transformed the space of settlement based on their references and interests, with adaptations to Paraguayan references, constituting a new territoriality in the region.

Keywords: memories; migration; brazilians in Paraguay; representations; territoriality.

RESUMEN

SZEKUT, Andressa. **Migrantes brasileños en el distrito de Santa Rita, departamento de Alto Paraná, Paraguay: memorias, representaciones y territorialización.** 2018. 344 f. TESIS (doctorado) – Programa de Postgrado en Memoria Social y Patrimonio Cultural. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

En esta tesis, analizo memorias, representaciones y relaciones de migrantes brasileños que se fijaron en el municipio de Santa Rita, ubicado en el departamento de Alto Paraná, región Oriental del Paraguay, en el proceso de colonización reciente iniciado en la década de 1970. Tengo como objetivo, identificar y analizar las (re)construcciones de memorias y representaciones entre migrantes brasileños en Santa Rita, buscando entender cómo estos se fijan, se organizan, se integran en la sociedad paraguaya y constituyen lazos de pertenencia y continuidad. En esta perspectiva, contextualizo ese proceso migratorio; levanto y analizo memorias de migrantes; identifico y analizo formas de organización de los migrantes brasileños; observo y describo representaciones que caracterizan las relaciones sociales establecidas allí; y muestro cómo estos migrantes constituyen vínculos de colectividad. La investigación fue interdisciplinaria, conjugando teorías, métodos y metodologías, con base en las concepciones de memorias, representaciones, fronteras, territorios, redes. Con revisión bibliográfica, apoyada en libros, artículos y documentos institucionales que tratan de la formación de la región Oriental paraguaya y que permitieron comprender el contexto en que se inserta la migración de brasileños al Paraguay. El trabajo de campo fue desarrollado entre febrero y julio de 2015 en Santa Rita, con realización de observación participante y entrevistas semiestructuradas, lo que permitió acercarme y observar la realidad vivida, las relaciones establecidas, y las (re)construcciones de memorias, representaciones y de identidad. Este conjunto de fuentes y datos fue aprehendido a partir de la comprensión de que memorias están en constante (re)construcción y que las representaciones son definiciones de lo que se busca vincular a la imagen, que envuelven dimensiones materiales y simbólicas. Con eso, considero: que el contexto y las relaciones históricas, influenciaron en las relaciones entre brasileños y paraguayos en la región estudiada; y que el proceso de colonización ocurrió por medio de migraciones y fijaciones que se establecieron a partir de diversas redes, lo que reterritorializó la región formando un nuevo campo social, que está directamente relacionado con el agronegocio transnacional. De esas consideraciones, concluyo que encuadres de memorias constituyen imagen de pioneros a los migrantes brasileños, y al mismo tiempo (re)construyen memorias que dan base para sentimientos de pertenencia y continuidad entre esos sujetos; y que los migrantes brasileños transformaron el espacio de fijación a partir de sus referenciales e intereses, con adaptaciones a los referenciales paraguayos, constituyendo una nueva territorialidad en la región.

Palabras-clave: memorias; migración; brasileños en Paraguay; representaciones; territorialidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do município de Santa Rita.....	52
Figura 2 – Ponte da Amizade na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.....	54
Figura 3 – Paisagem rural vista da Ruta 6, Paraguai.	55
Figura 4 – Vista aérea parcial do área urbana de Santa Rita.	56
Figura 5 – Portal localizado na entrada da cidade de Santa Rita.	57
Figura 6 – Túnel de árvores em uma das entradas e saídas da cidade de Santa Rita.	57
Figura 7 – Territórios que, segundo o Paraguai, os pertenciam e aos quais renunciou a favor dos vencedores das disputas gurras enfrentadas.	62
Figura 8 – Representação cartográfica sobre a migração de brasileiros do Sul para o Paraguai e outras regiões do Brasil.	69
Figura 9 – Bacia do Rio do Prata.....	92
Figura 10 – Indicação oficial de áreas ocupadas por povos indígenas na República do Paraguai, segundo o INDI – Instituto Paraguayo del Indígena.....	95
Figura 11 – POVOS INDÍGENAS - Comunidades, Vilas / Bairros e Núcleos Familiares, 2012.	96
Figura 12 – Balsa sob o rio Monday nos primeiros anos da colonização.	132
Figura 13 – Imagem de satélite da região de Santa Rita.....	136
Figura 14 – Estrada aberta nos primeiros anos da colonização.	147
Figura 15 – Área de colonização – Esquina Gaúcha.....	149
Figura 16 – Constancia a Aloisio Rauber como Presidente de la Comición de Cooperación Policial de la comunidad de “Nuevo Cerro Largo”.....	150
Figura 17 – Colheita de menta nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.	167
Figura 18 – Plantação de soja nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.	168
Figura 19 – Inauguração da primeira escola de Esquina Gaúcha – 1975.	170
Figura 20 – Festa de comunidade na região de colonização, em 1976.	172
Figura 21 – Celebração de Missa nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.	174
Figura 22 – Mulher e crianças em colheita de arroz na região de colonização.	181
Figura 23 – Família em Frente a casa nos primeiros anos de colonização.	195
Figura 24 – Plantação de menta na região de colonização.....	197
Figura 25 – Imagem aérea de Santa Rita em 1994.....	198

Figura 26 – Imagem aérea de Santa Rita.....	201
Figura 27 – Colheita de soja em Santa Rita.	204
Figura 28 – La Parada de Santa Rita.	208
Figura 29 – Terminal de ônibus de Santa Rita e suas bancas de Tereré.....	211
Figura 30 – Carreatas na Parada em Santa Rita.....	213
Figura 31 – Palco composto por autoridades participantes do desfile em comemoração a Independência nacional em Santa Rita, 2015.	225
Figura 32 – Ballet municipal de Santa Rita em apresentação no desfile de independência do Paraguai.....	226
Figura 33 – Desfile de independência em Santa Rita.....	227
Figura 34 – Desfile de independência em Santa Rita.....	228
Figura 35 – Chiroleras, bandaliza e pelotão de uma das instituições em apresentação no desfile de independência em Santa Rita.	228
Figura 36 – <i>Chiroleras</i> e <i>bandaliza</i> de uma das instituições participantes do desfile durante apresentação.	229
Figura 37 – <i>Chiroleras</i> de uma das instituições participantes do desfile durante apresentação.....	229
Figura 38 – Mensagem ao Papa Francisco, no desfile de independência em Santa Rita.	230
Figura 39 – Mapa das Regiões Tradicionalistas do estado do Paraná, Brasil.....	237
Figura 40 – Cruzando Fronteiras – A primeira ideia de CTG.....	240
Figura 41 – Portões do CTG Índio José.	250
Figura 42 – Capa do Estatuto Social do CTG Índio José.	251
Figura 43 – Parque de Exposição da Expo Santa Rita em 1994.....	254
Figura 44 – Mapa do Parque de Exposição da Expo Santa Rita 2015.....	256
Figura 45 – Expo Santa Rita 2016.....	257
Figura 46 – Programação da Expo Santa Rita – 2015.	258
Figura 47 – Apresentação do elenco artístico do CTG Índio José durante a Expo Santa Rita 2015.....	271
Figura 48 – Inauguração oficial da 23 ^o edição da Expo Santa Rita – 2015.....	284

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Aspectos teóricos e metodológicos	21
1.1 Memória: constante (re)construção	21
1.2 Uma etnografia a partir de memórias de migrantes	29
1.3 Migração, Fronteiras e Territórios em movimento	39
2. Migração de brasileiros para o Paraguai	51
2.1 Santa Rita: considerações preliminares	51
2.2 Antecedentes do processo de mobilidade entre Brasil e Paraguai	59
2.3 Contexto do incentivo à migração	65
2.4 O fluxo migratório e o agronegócio transnacional	74
2.5 Colonização, e a “ <i>acumulación por desposesión</i> ”	812
2.6 Colonização, e invisibilidade indígena	878
2.7 Interações e conflitos	103
3. Santa Rita a partir das memórias de migrantes	119
3.1 Um olhar sobre quem se fixou	119
3.2 Colonização de Santa Rita	126
3.3 A Chegada dos migrantes	140
3.4 Migrantes e suas formas de organização em redes	152
3.5 Pioneirismo: a agricultura mecanizada e o asfalto como progresso	158
3.6 O trabalho e a construção do espaço	165
3.7 Mulheres na colonização	179
3.8 Memórias de transformação	193
4 Reflexões sobre o espaço e suas praticas	207
4.1 La Parada	207
4.2 “Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos”	214
4.3 14 e 15 de maio em Santa Rita	224

4.4 O CTG Índio José.....	234
4.5 A Expo Santa Rita	254
4.6 O Paraguai como nova casa e o vínculo com o Brasil.	290
CONCLUSÕES	299
REFERÊNCIAS	307
Fontes Orais	317
APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	321
APÊNDICE B – Ficha Técnica	323
APÊNDICE C – Resumos biográficos temáticos.....	324

INTRODUÇÃO

Estudos sobre memórias são frequentes em distintas áreas do conhecimento como na Neurociência, Psiquiatria, Psicologia, História, Antropologia. Caracterizam-se como interdisciplinares, pois nas pesquisas dessas diferentes disciplinas são utilizadas perspectivas de diversas áreas para se analisar de forma abrangente os processos memoriais, que englobam tanto aspectos físicos quanto aspectos sociais, individuais e coletivos. Esta tese é uma análise dos processos memoriais, com foco nas relações sociais e representações, empreendidos em uma região de colonização recente a partir de um estudo de caso no *distrito*¹ de Santa Rita, localizado no *departamento* de Alto Paraná, Paraguai, no qual migrantes brasileiros se fixaram desde a década de 1970.

Considero que “A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada.” (CANDAU, 2011, p. 16); uma constante construção social, que ocorre de acordo com os interesses de definição das representações das coletividades, e é geradora de sentimento de pertencimento e continuidade². Assim, em uma região de colonização recente conjecturo que os processos memoriais são intensos, onde os diferentes grupos que interagem se organizam em busca de manter laços de continuidade com a origem e, ao mesmo tempo, criar vínculos com o novo espaço, formar e fortalecer uma coletividade, redefinir-se a partir de seleções, e legitimar representações em uma ação de territorialização³. Ações permeadas por relações de poder e de definições de representações⁴.

A formação do *distrito* de Santa Rita insere-se no processo de colonização recente do Paraguai, empreendido durante o governo do general Alfredo Stroessner (1954-1989). Esse presidente impulsionou a Reforma Agrária⁵ e a colonização em seu país, sob a justificativa de promover a expansão agrícola na região oriental, que seria uma área de mata considerada desabitada na qual a agricultura traria progresso. Um

¹ Os termos *Distrito* e *Departamento* correspondem a divisões político-administrativas equivalentes às categorias de *Município* e *Estado* no Brasil. No texto utiliza-se tanto distrito como município para referir-se a Santa Rita.

² Concepções compreendidas a partir de: Halbwachs, 1990; Candau, 2011; Jelin, 2001; Pollak 1992, 1989; Bourdieu, 1989; Portelli, 1989; Seixas, 2001.

³ Concepções compreendidas a partir de: Gimenez, 2009; Haesbaert, 2004; Woortmann, 1995; Pujadas 2012; Tedesco, 2012; Glick Schiller, Basch, Blanc-Szanton, 1992.

⁴ Concepções compreendidas a partir de: Bourdieu, 2001; Chartier, 1990.

⁵ Compreendendo que este é um termo complexo, que abrange diferentes formas de atuação e organização no espaço. E que foi utilizado por este governo de uma forma específica.

processo de expansão das fronteiras agrícolas semelhante ao que ocorria na América Latina, estimulado por políticas e empresas internacionais que visavam a expansão do agronegócio. Stroessner incentivou a migração de nacionais de outras regiões do Paraguai com um projeto de Reforma Agrária e, ao mesmo tempo, abriu a fronteira para a entrada de migrantes brasileiros no país. Essas ações ocorrem por diversos fatores como a aproximação política entre Brasil e Paraguai e a expansão agrícola que incidia em âmbito mundial⁶.

Migrantes⁷ brasileiros e paraguaios chegam à região de colonização com distintos referenciais de memórias e entram em relação direta e indireta para a construção do espaço. Portanto, a formação do espaço é permeada por seleções e legitimações de memórias e representações dos sujeitos e coletivos que participam do processo. Conjecturo que a análise das memórias compartilhadas e das representações constituídas na região pode mostrar as (re)construções memoriais e identitárias empreendidas e as relações sociais estabelecidas.

Nesse sentido, analiso primordialmente memórias e representações da migração brasileira no Paraguai. Nesse recorte, recorro a referenciais teóricos distintos em uma ação interdisciplinar, pois entendo que a ruptura com os paradigmas disciplinares ultrapassa uma construção integrada entre duas ou mais disciplinas. Portanto, busco transpor as fronteiras e construir de forma conjunta o problema, os objetivos e os métodos a serem utilizados para alcançá-los. (FAZENDA, 2008)

As concepções sobre memórias e a realidade a ser estudada direcionam as abordagens teóricas e metodológicas. A Antropologia dá base metodológica de pesquisa e de análise, estrutura a questão ética da abordagem e insere o pesquisador na observação de campo⁸. Utilizo da História na pesquisa documental e bibliográfica, que contextualizam e me inserem na historicidade vivenciada pela sociedade observada, a partir de estudos já realizados sobre a temática. Conjugo a observação

⁶ Reflexões realizadas a partir de: Albuquerque, 2009; Silva 2005; Costa, 2009; Sprandel, 1992, 2002; Ferrari, 2009; Fabrini, 2012; Vázquez, 2006.

⁷ Tanto no português do Brasil, quanto no castelhano do Paraguai, o termo migrar refere-se ao movimento e fixação de pessoas de um lugar para outro. No português, imigrante é aquele que chega a uma nova região ou país, e o emigrante é quem deixa sua região ou país (Houaiss, 2012). E no castelhano, quem chega ao país ou região é o *inmigrante*, e quem deixa a região ou país é o *emigrante*. (PARAGUAY, LEY Nº 978/96 DE MIGRACIONES). Há uma semelhança nas nomenclaturas. Destaco que os brasileiros que se fixam no Paraguai, ali, são imigrantes ou *inmigrantes*, enquanto no Brasil eles são emigrantes. Ressalto que no contexto estudado paraguaios e brasileiros são migrantes porque se moveram de uma região a outra.

⁸ Reflexões realizadas a partir de: Velho, 1978, 1985; Feldman-Bianco, 2011; 1996; Jardim, 2000; Damatta, 1978; Fonseca, 2008; Diniz, 2008; Caldeira, 1981; Carvalho Da Rocha e Eckert, 2013.

participante à História Oral, com o método de entrevista semiestruturada e a constituição de fontes⁹. Reflito sobre fronteiras, territórios e migrações, por entender que o processo em que estão inseridos os sujeitos envolve – mais do que um simples movimento de pessoas – toda uma conjuntura sociopolítica, econômica e cultural internacional, que influencia diretamente nas (re)construções memoriais e territoriais¹⁰.

A pesquisa bibliográfica mostra que os brasileiros que migraram ao Paraguai já estavam inseridos no processo de expansão agrícola empreendido no Brasil há algumas décadas. A *Marcha para o Oeste*, projetada pelo governo de Getúlio Vargas na década de 1930, ampliou-se e, nos anos seguintes, levou inúmeros agricultores a mobilidade, do Sul ao Noroeste e Centro-Oeste do Brasil, para a expansão agrícola associada à ocupação das fronteiras. O lado brasileiro da fronteira com o Paraguai é colonizado principalmente entre as décadas de 1950 e 1970¹¹. Havia então fluxos de migração – que objetivavam a expansão agrícola, próximo à fronteira do Brasil com o Paraguai – que foram atraídos por Stroessner em busca de expansão agrícola da região oriental de seu país. Os brasileiros migraram ao Paraguai pelo incentivo do governo e pelas terras férteis e baratas oferecidas, mantendo-se na mesma lógica de expansão agrícola já vivenciada. (SOUCHAUD, 2007)

Migrantes brasileiros e paraguaios se encontraram na região oriental do Paraguai – considerada, até o momento, como de mata fechada – e iniciaram uma transformação do espaço para implantar a agricultura mecanizada a partir de seus referenciais. Inicia-se uma nova dinâmica territorial de fricções e adaptações, conflitos e interações socioculturais, econômicos e políticos, entre sujeitos de origens distintas e, por conseguinte, (re)construções memoriais em um processo constante de seleção e redefinições de representações e práticas.

O objetivo geral desta tese é identificar e analisar as (re)construções de memórias e representações entre migrantes brasileiros em Santa Rita, buscando entender como estes se fixam, se organizam, se integram na sociedade paraguaia e constituem laços de pertencimento e continuidade. Como objetivos específicos,

⁹ Concepções compreendidas a partir de: Thompson, 1998; Alberti, 2005, 1990; Meihy, 2011.

¹⁰ A partir de autores como: Truzzi, 2008; Glick Schiller e Salazar, 2013; Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton, 1992; Levitt E Glick Schiller 2004; Radhay, 2008; Hasbaert, 2004; Albuquerque, 2008; Gimenez, 2009; Pujadas, 2012; Grimson, s/d, 2011.

¹¹ A partir de autores como: Wachowicz, 1987, Gregory, 2008; Colodel, 1988; Myskiw, 2011; Klauck, 2005.

busco: contextualizar e entender o processo migratório em que participaram os migrantes que se fixaram no *distrito* de Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai; levantar e analisar memórias de migrantes brasileiros e paraguaios que se fixaram no *distrito* de Santa Rita; identificar e analisar formas de organização dos migrantes brasileiros em Santa Rita; observar e descrever representações que caracterizam as relações sociais estabelecidas em Santa Rita; e entender como se constitui vínculo de coletividade entre migrantes que se fixaram em Santa Rita.

Entendo a região de Santa Rita como um *lócus* onde foi constituída uma sociedade complexa. Para alcançar os objetivos, realizei extensa pesquisa teórica e bibliográfica e, logo, observação participante com elaboração de diário de campo e entrevistas. Também realizei visitas esporádicas para a região estudada, e visitas a instituições em Assunção e Ciudad del Este, antes e depois do trabalho de campo, em busca de ampliar as perspectivas de análise, por meio de pesquisas realizadas sobre assuntos relacionados, obtidas tanto no Brasil, como no Paraguai.

Considero que esta pesquisa começa muito antes da minha chegada ao Paraguai, mais especificamente em Santa Rita, Alto Paraná, em 2015, para fazer o trabalho de campo. Esta, que é uma pesquisa de doutorado, no programa de Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL, foi precedida pela pesquisa de mestrado sobre migrantes do Sul do Brasil que se fixaram no Oeste do Paraná e sua organização a partir de Centros de Tradições Gaúchas – CTGs, no programa de pós-graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, com bolsa CAPES. Por sua vez, a pesquisa de mestrado foi precedida por pesquisas desenvolvidas durante a graduação de Turismo, na mesma universidade, sobre as questões de memória, representações, patrimônio e turismo na cidade de Foz do Iguaçu, Paraná, com bolsa PIBIC. Assim, minha trajetória acadêmica conduziu ao desenvolvimento desta tese, ao entender que meu trabalho e pesquisa foram traçados pelos meus interesses associados aos aprendizados obtidos ao longo do tempo, com os diferentes professores e colegas, nas diferentes instituições pelas quais adquiri formação e com as quais mantenho diálogo.

Nessa trajetória, meus interesses em pesquisas estiveram relacionados com mobilidade de pessoas e a manutenção do “eu” ou do “nós” nesse processo, ao buscar entender o trabalho da memória e as representações construídas para isso. Nesse

sentido, as questões de poder e de fronteira permeiam as discussões e levam a um trabalho de análise de relações sociais, de construções de identidades.

Outro fator que influencia esta pesquisa é minha experiência de vida, pois aos três anos de idade, em 1993, migrei junto aos meus pais, do Brasil ao Paraguai. Cresci no Bairro de Santo Domingo – KM 32, do *distrito* de San Cristóbal, Alto Paraná. Localizada a aproximadamente 130 km da fronteira entre Brasil e Paraguai, é uma comunidade estritamente rural até os dias atuais. Ali, frequentei a escola, criei laços afetivos com as pessoas e com o espaço. Vivenciei o ser migrante em vários meios, por exemplo: na escola, com colegas brasileiros e alguns paraguaios, dancei polca paraguaia, cozinhei comidas típicas, fiz teatro no idioma Guarani e todos os dias queria içar a bandeira durante a formação para o hino nacional paraguaio. Fui alfabetizada em Espanhol e Guarani, e a história que aprendi foi a do Paraguai. Contudo, não era reconhecida como paraguaia, ainda era migrante.

Retornei para o Brasil aos 17 anos, em 2007, para cursar o último ano do ensino médio e, logo depois, ingressei na UNIOESTE. Entretanto, a volta ao Brasil mostrou que, então, também não era reconhecida como brasileira, assim como não o era nas férias de infância, quando visitava a família na cidade de Capitão Leônidas Marques, Paraná, Brasil; não fui quando ingressei no novo colégio em Cascavel; ou ainda mais tarde, quando cursava a universidade em Foz do Iguaçu e era chamada de brasiguiaia ou de paraguaia. E a pergunta que me fazem desde então é: mas você é brasileira ou paraguaia? E minhas respostas são: “não sei” ou “as duas coisas”. Pois a identidade vai além do registro de pessoa física nacional, ela é resultado das nossas experiências de vida, é situacional e relacional, e cada um pode ter inúmeras identidades¹²; até mesmo identificar-se com diferentes identidades nacionais, por mais que isso pareça conflitante.

O regresso ao Brasil não significou parar de vivenciar a realidade de migrante; ela sempre está presente. Meus pais seguem vivendo no Paraguai, e meu irmão, diferentemente de mim, no sentido jurídico, assumiu a identidade paraguaia. Além de minha família, muitos dos meus amigos e minhas memórias estão no Paraguai. Minha vida segue, entre Brasil e Paraguai. Não posso negligenciar essa experiência transfronteiriça constante, que por muito tempo naturalizei.

¹² Como mostram as reflexões de Barth, 2000; Hall, 2006; Tilley, 2006.

Nesse sentido, com minha experiência acadêmica, passei a desnaturalizar essa vivência, e a observar analiticamente essa realidade. A descrição do meu contexto de vida pode parecer introduzir uma pesquisa com forte apelo pessoal, mas afirmo que não é o caso. A intenção é demonstrar de onde se está falando, para esclarecer a perspectiva do meu olhar, que é de uma “ex-migrante”, se isso existir, ou de uma “pessoa das fronteiras”, o que melhor couber. Considero que não existe forma de se separar, deliberadamente, a vida particular da profissional. Somos formados pelas experiências vividas, que moldam nosso ser, pensar, agir e direcionam nossas escolhas e nosso modo de olhar para o mundo. Portanto, minha pesquisa é, em parte, resultado do vivido profissional, acadêmico, e do vivido particular.

O contexto, direciona-me a um olhar analítico e crítico sobre o processo migratório e as relações socioculturais, políticas e econômicas daquela região, a partir da perspectiva de alguém que fez parte do processo como migrante brasileira no Paraguai e que continua convivendo com essa realidade. Ao mesmo tempo, minha história de vida também direciona as narrativas dos interlocutores entrevistados, pois estes me reconheceram, além de pesquisadora, como migrante.

Estar imersa e refletir sobre essas relações transnacionais me faz perceber o quão complexa é essa realidade. É impossível defini-la de forma simplificada ou homogeneizadora, com essencialismos ou assimilações. São inúmeras situações socioeconômicas observadas, relações distintas entre sujeitos e espaços diversos, com incontáveis transformações socioespaciais culturais e políticas. Constituindo-se, assim, em um espaço de reconstruções territoriais e identitárias constantes.

A observação participante foi desenvolvida entre fevereiro e julho de 2015, quando residi e vivenciei atividades diversas em Santa Rita; levantei documentos institucionais e particulares, como atas da prefeitura e fotos de migrantes; registrei diários de campo; e fiz entrevistas semiestruturadas, seguindo a temática da migração para o Paraguai, com 53 pessoas: 35 homens e 18 mulheres, dos quais eram 45 migrantes brasileiros e 11 paraguaios. As entrevistas foram gravadas em áudio, exceto nos dois casos em que os interlocutores não autorizaram a gravação, e foram, portanto, registradas em diário de campo. Todas foram autorizadas e transcritas para as análises realizadas na tese.

Desde a primeira visita para a pesquisa em Santa Rita, em 2014, estive em contato com representante da *municipalidad*, o qual além de me fornecer documentos e informações me indicou alguns sujeitos para serem entrevistados. Com isso, entrei

em contato com os sujeitos indicados, e no fim de cada entrevista pedi indicações de outros sujeitos, formando uma rede de entrevistados. Por outro lado, a partir do convívio diário no município entrevistei outros sujeitos que não estavam diretamente ligados ao “pioneirismo”, não eram agentes reconhecidos como representantes da memória da região. Dos sujeitos entrevistados, a maioria dos homens eram agricultores, empresários e comerciantes, enquanto as mulheres eram, a maioria, donas de casa ou trabalhavam com empreendimentos próprios. Alguns desses entrevistados participam ou participaram da vida pública do município como *consejales*¹³ ou em outras funções públicas. Parte dos interlocutores são sócios do Centro de Tradições Gaúchas local, o CTG Índio José, e quase a totalidade participa das atividades realizadas por esse Centro. Essas entrevistas servem como base para análise das narrativas memoriais construídas, das representações selecionadas sobre a região, e das relações sociais estabelecidas nesse espaço.

Durante a pesquisa de campo, eu morei com uma amiga de infância, a qual me inseriu em seus círculos profissionais e de amizade, e convivi com alguns outros amigos e conhecidos que fizeram o mesmo. Participei de atividades no município: festas da comunidade, bingos beneficentes, desfile em comemoração à independência nacional, comícios políticos, comemorações particulares e públicas, carreatas, bailes, shows, da Expo Santa Rita, dentre outras. Também fiz longas observações na área central do *distrito*, principalmente em “*La Parada*”, terminal rodoviário, e seus arredores. Atividades que em conjunto me possibilitaram analisar os espaços e práticas constituídos e as relações sociais estabelecidas na região.

A tese é construída em quatro capítulos. O primeiro capítulo traz aspectos teóricos e metodológicos que direcionam a pesquisa. Busco na Antropologia e na História, associando-as a diversos autores, concepções que amparam a pesquisa e análise das (re)construções memoriais, e também representacionais e identitárias; emprego a noção de rede como balizadora para uma reflexão sobre as memórias constituídas a partir do processo de migração e fixação observado; e discuto elementos inerentes às reflexões elaboradas sobre processos de migração, como as noções de mobilidade, fronteiras e territórios.

No segundo capítulo, apresento aspectos gerais sobre o *distrito* de Santa Rita na atualidade, e contextualizo a migração ao Paraguai a partir de pesquisas já

¹³ Equivalente a vereador no Brasil.

elaboradas sobre a temática. Evidencio antecedentes das formações dos territórios nacionais, Brasil e Paraguai. Demonstro as aproximações políticas entre esses países, que possibilitaram o processo migratório de brasileiros para o Paraguai. Mostro influências transnacionais que estimularam o processo de expansão agrícola na região. Reflito sobre os efeitos da colonização, entendendo-a como um processo de dominação e acumulação. Exibo como, no Paraguai, se exerceu enquadramentos de memórias para a (re)construção da imagem do espaço de colonização. E analiso conflitos socioculturais e agrários resultantes desse processo no país.

No terceiro capítulo, reflito sobre Santa Rita a partir das entrevistas e da observação de campo. Descrevo sobre como adentrei nesse *distrito* e realizei o trabalho de pesquisa *in loco*. Analiso as narrativas sobre o momento de colonização e a colonizadora. Mostro a fixação e organização dos migrantes brasileiros a partir de suas falas; como identifiquei a construção da noção de pioneiro na região e sua associação com a transformação do rural em urbano em Santa Rita; a construção do espaço em si e as narrativas de trabalho cooperativo para essa ação; as mulheres e suas ações e percepções sobre a colonização, destacando como elas se inserem nesse processo a partir de suas memórias; a relação entre brasileiros e paraguaios, demonstrando construções de integração e, ao mesmo tempo, resquícios de conflitos, que são enquadrados para o esquecimento. E evidencio (re)construções memoriais a partir das transformações das relações sociais e do espaço, que mostram uma reterritorialização da região a partir do agronegócio.

No quarto capítulo me aproximo de práticas e símbolos da região, por meio das narrativas dos interlocutores e da experiência etnográfica, como forma de representar e analisar o vivenciado e o percebido no espaço estudado. Reflito sobre a mobilidade e as relações locais observadas a partir da *Parada*¹⁴ de Santa Rita; sobre as relações e discursos de integração entre migrantes brasileiros e paraguaios e seus descendentes; sobre as narrativas históricas e as representações constituídas pelas escolas locais, no desfile comemorativo da independência do Paraguai, e sua relação com a memória construída da região. Analiso a formação, a organização e as ações na região do Centro de Tradições Gaúchas – CTG, Índio José, demonstrando como essa entidade influencia nas (re)construções memoriais e definições de representações da região. Descrevo a organização e realização da Expo Santa Rita,

¹⁴ Terminar rodoviário de Santa Rita.

a partir da edição de 2015, como forma de analisar as relações sociais estabelecidas na região e evidenciar as representações constituídas sobre esse espaço, mostrando a atuação das transnacionais ligadas ao agronegócio na região. E mostro como migrantes brasileiros apropriaram-se do espaço a partir de suas experiências e reproduções locais, que dão base para (re)construções de memórias e de representações, que criam vínculo com o Paraguai, e ao mesmo tempo mantêm seus laços com o país de origem, evidenciando uma reordenação dos sentimentos de pertencimento e continuidade a partir da nova territorialidade vivenciada.

1. Aspectos teóricos e metodológicos

1.1 Memória: constante (re)construção

Estudo a memória de modo interdisciplinar a fim de obter uma análise abrangente, de caráter holístico. Os objetivos foram construídos, e os métodos foram incorporados a partir das características da sociedade observada, sendo que cada disciplina foi incorporada nos saberes que a contemplam, nos conceitos enunciados e no movimento que esses saberes engendram, próprios de seus lócus de cientificidade (FAZENDA, 2008). Nesse sentido, aproximei-me dos campos da Antropologia Social e da História, do individual ao social, para chegar às discussões sobre o coletivo e analisar os processos e as (re)construções memoriais, com foco no contexto de migração.

De acordo com Ivan Izquierdo, a memória é fundamentalmente uma faculdade humana. O autor – que estuda a memória a partir da neurociência com pesquisas que tratam sobre os mecanismos da memória – aponta que a aquisição de memória é *aprendizado*; armazenamento e evocação de informações adquiridas através da experiência. “Não há tempo sem um conceito de memória; não há presente sem um conceito de tempo; não há realidade sem memória e sem uma noção de presente, passado e futuro” (IZQUIERDO, 1989, p. 89). Dessa forma, entendo a memória como uma faculdade formadora do ser a partir de suas experiências e essencial para a percepção de si e ação no tempo e espaço.

As acepções de Maurice Halbwachs (1990) – que parte de uma visão sociológica – apontam que a memória é um fenômeno social, uma construção que se faz a partir de referências do passado associadas a quadros sociais. Nessa perspectiva, o autor relaciona quadros sociais a um sistema de representações no qual a memória é feita de imagens, esquemas do passado relacionados às experiências sociais afetivas. Compreendo, assim, que a memória é formada a partir dos quadros sociais, sistema de representações, em que o indivíduo está inserido. Logo, o seu afastamento de um grupo tem como consequência a diminuição de referenciais comuns compartilhados, e sua inserção em outro grupo gera um novo quadro de memória, novas representações. Nesse contexto, a memória individual está ligada a representações coletivas, e a necessidade de uma comunidade afetiva, de

um traço de identificação, para evocar uma lembrança. Portanto, memória individual é sempre um ponto de vista social.

Em sua obra, *A Memória Coletiva*, Halbwachs mostra diferentes quadros de relações sociais (linguagem, família, religião, classes sociais) e aponta que cada indivíduo compartilha referenciais particulares que conferem pertencimento ao grupo. Para a manutenção da memória de um grupo, ele diz que “o essencial é que os traços pelos quais ele se diferencia dos demais subsistam e que estejam assinalados por todo o seu conteúdo” (HALBWACHS, 1990, p. 89). Ao observar os migrantes brasileiros em Santa Rita, conjeturo que configuram quadros de relações sociais, que compartilham referenciais de memórias comuns. Entendo que esses quadros sociais não são homogêneos, mas que os sujeitos partilham traços, como a origem brasileira e a migração e fixação neste espaço, que criam sistemas de representações.

Nessa lógica, Michael Pollak aponta que memória pode ser “[...] um elemento constituinte de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou um grupo em sua reconstrução em si” (POLLAK, 1992, p. 204). Isso leva à compreensão da memória como formadora de identidade. Ideia corroborada por Joel Candau:

A memória, ao mesmo tempo que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma a outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAU, 2011, p. 16)

O autor mostra que a memória é formadora da identidade, e que essa é uma construção constante e estratégica das representações que queremos de nós. Ele afirma que memória é, sobretudo, esquecimento, pois se forma por uma seleção constante. Assim, Candau (2011), como Pollak (1992), destaca que a memória é responsável pela construção de uma continuidade temporal, o que, para ele, é condição necessária da representação da unidade do “eu”, consciência de si. Sendo assim, a narrativa da memória, a identidade narrativa, é sempre uma construção no presente sobre o passado. “Em suma, a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento da evocação” (CANDAU, 2011, p. 77). O autor destaca que, mesmo a memória sendo reconstruída a partir do presente, existe um núcleo de sentimentos

constituídos por elementos do passado relativamente estabelecidos que mantêm coerência nas construções narrativas do “eu” de acordo com os referenciais coletivos em que se insere. Mais uma vez se afirma o aspecto social da memória. Dessa forma, percebo que o jogo de memória não é puramente individual, “[...] é um tecido memorial coletivo que vai alimentar o sentimento de identidade” (CANDAU, 2011, p. 77).

Nesse mesmo sentido Bourdieu (1989) lembra do caráter teleológico das autobiografias, uma vez que o sujeito organiza seu discurso biográfico para apresentar os acontecimentos do passado a partir de sua visão do presente. A importância dos silêncios, das construções discursivas e do esquecimento nas narrativas biográficas tem relevância analítica. Alessandro Portelli (1989) mostra que a memória constitui um artefato estratégico que está inscrito nas relações sociais existentes. Ele mostra o “erro” da memória coletiva do sindicalismo italiano, que citou, por unanimidade, a morte de metalúrgico Luigi Trastulli como vítima de lutas sindicais dos anos 50, quando na verdade Trastulli morreu por um disparo de policial numa manifestação anti-OTAN em 1949. Uma morte sem causa, quase fortuita, em frente a uma causa, a união, precisando de mártires. O autor mostra que as memórias dos fatos são interpretadas, elaboradas, utilizadas, transformadas de acordo com os interesses individuais e coletivos no transcurso do tempo.

É nessa perspectiva que Candau expõe os jogos de memória como a dinâmica pela qual os indivíduos se constituem e constituem suas coletividades. Esses jogos têm como base as noções de transmitir, receber, fundar e constituir. Segundo o autor, esse é um processo constante que elabora ações antevendo resultados para as relações sociais. São construídas representações dos fatos de acordo com o que se espera de efeito nas relações.

Nessa perspectiva, Elizabeth Jelin fala sobre o trabalho da memória e aponta que a referência ao “trabalho” coloca a pessoa e a sociedade em uma posição ativa e produtiva. A autora mostra que a memória passa por processos de significação e ressignificação subjetivos constantes nos quais o sujeito da ação se move e se orienta de acordo com as experiências passadas e as expectativas futuras (JELIN, 2001). Entendo, assim, a memória como uma construção constante do social, que precisa ser colocada temporalmente no presente para ser analisada de acordo com as experiências, as incorporações e as expectativas das coletividades.

Portanto, o trabalho da memória, ou o jogo da memória, como processo de construção social constante leva novamente às influências das relações sociais nos

processos memoriais. O que a princípio parece problemático pela instabilidade que pode derivar das relações sociais, também é o que possibilita entender a formação de grupos a partir de novas experiências e expectativas. E é nesse sentido que se pode considerar que migrantes brasileiros que se fixam em uma mesma localidade no exterior compartilham memórias, pois, mesmo que não constituam uma homogeneidade, estão inseridos em um mesmo processo de fricções e adaptações; compartilham experiências, trocas e expectativas; e estabelecem relações sociais de proximidade frente ao diferente.

Para Jelin (2001) – assim como para Candau e outros autores – a noção de memória coletiva é problemática. Entretanto, aponta que memória coletiva pode ser entendida como memória compartilhada, produto da interação, enquadramentos em quadros sociais e em relações de poder. Enquanto Candau (2011) mostra que memória e identidade coletiva são retóricas holistas, que têm problemas de generalizações, mas que podem ser pertinentes de acordo com a interação do grupo a partir de discursos metamemoriais.

Assim, ao abordar a memória como coletiva, considero a fragilidade do conceito, mas entendo que esse mesmo conceito permite analisar as representações constituídas pela coletividade a partir do compartilhamento de traços comuns, construções de discursos sobre o coletivo que os integra e diferencia, como o fato de serem imigrantes brasileiros. Dessa forma, ao me referir aos migrantes brasileiros em Santa Rita, não os concebo como grupo organizado e homogêneo, mas entendo que, por partilharem de experiência comum, compartilham memórias e constroem representações que os definem naquele espaço, constituindo identidades.

Ao falar sobre identidade, entendo-a como móvel e plástica, a partir da lógica de pensamento de Barth (2000), que mostra que grupos étnicos não são predefinidos e não podem ser definidos. Entretanto, os grupos são entidades que surgem do processo de definição cultural, socialmente estabelecidos e subjetivamente percebidos, entre grupos que interatuam em um marco interétnico específico. É a interação entre grupos que estabelece dinâmicas complementares de competição, de dominação e também de inclusão de acordo com a realidade sociocultural, econômica e política vivida. Dessa forma, entendo que as identidades são construídas socialmente, a partir de experiências históricas da interação entre grupos fronteiriços. (PUJADAS, 2011)

Tilley (2006) e Hall (2006) também argumentam sobre identidades nessa mesma perspectiva, entendendo-as como relacionais, situacionais e em constante movimento. Hall (2006) indica que a identidade é formada ao longo do tempo, sempre em processo, no qual o sujeito assume diferentes identidades em distintos momentos, de acordo com os diversos grupos dos quais participa. Não se fala, assim, em identidades fixas, mas sempre em movimento (TILLEY, 2006), o que denota observar as representações que as constituem dentro do tempo e do espaço que as circundam, e considerar o ambiente de múltiplas interações e (re)construções em que a pesquisa se insere.

Nesse sentido, discuto identidades coletivas – que segundo Candau (2011), resultam de jogos sutis produzidos nos quadros de relações, reações e interações sociais – das quais emergem o sentimento de pertencimento e geram fronteiras sociais. Assim sendo, a experiência compartilhada e a definição de representações podem constituir uma coletividade que comparte da mesma identidade, definindo o “nós” e o “outro”. E, ao se constituir um grupo, ocorre uma classificação e produção de diferença, isto é, fronteiras.

De acordo com Bourdieu (2001), a delimitação de fronteiras – tanto materiais, como simbólicas – são atos premeditados que pretendem delimitar e se fazer reconhecer frente ao outro. Assim, entendo a fronteira como algo não fixo, mas moldado de acordo com as percepções e construções dos indivíduos que vivem em um espaço de interconexão sociocultural, econômico e territorial¹⁵. E dessa forma, estudo, nesta pesquisa, as interconexões e transposições de fronteiras, tanto físicas quanto simbólicas, nas (re)construções memoriais de migrantes.

Entendo que fronteiras podem ser resultados das (re)construções das memórias e identidades coletivas, que se amparam em definições de representações constituídas e entendidas como referenciais de coletivos frente ao outro. De acordo com Roger Chartier, as representações servem para compreender a intencionalidade de um grupo em forjar determinada posição social, pois, para ele, as representações:

[...] não são, de forma alguma, discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Para isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos

¹⁵A noção de fronteira está analisada com mais detalhes no tópico 1.3 deste texto.

desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus e o seu domínio. (CHARTIER, 1990, p. 17)

Com esta reflexão, a noção de representação passa a ser base para análise, capaz de apreender em um campo histórico particular os processos simbólicos das disputas pelo poder e dominação entre os grupos ou entre os indivíduos. Assim, cabe entender as representações sociais dos grupos como formas de lutas de poder e fixação de visão no espaço. Elas agem sobre as relações sociais a partir de sua ação mobilizadora exercida pelo seu poder simbólico¹⁶. De acordo com Bourdieu (2001), as nossas práticas, as nossas atitudes cotidianas são orientadas pelas representações que formamos em nossas mentes sobre quem somos, o que devemos fazer e como devemos interagir com as outras pessoas. São ideias, conceitos, concepções, valores, princípios e imagens com os quais pensamos e atribuímos significado à realidade, às circunstâncias que geram as condições de existência de cada indivíduo ou grupo. Em qualquer conversa pode estar em jogo uma disputa em torno das representações que serão reconhecidas como mais ou menos adequadas à realidade.

Nesse sentido, as representações dos agentes variam segundo sua posição e os interesses que estão associados a elas (BOURDIEU, 1990). Assim, as representações são reflexos da posição e da trajetória social dos indivíduos e mudam conforme a posição social ocupada. Entende-se, então, que as representações são formadas a partir dos referenciais de memórias e demonstram as relações de poder estabelecidas nas relações sociais. E é nesse sentido que as representações constituídas pelos migrantes que se fixaram em Santa Rita são analisadas neste estudo, pois, entendo que elas demonstram a constituição de memórias compartilhadas do coletivo e sua posição e ação na construção deste espaço.

Considero a reflexão sobre imaginários sociais de Baczko: “Esses imaginários intervêm ativamente na memória coletiva, para a qual [...] os acontecimentos contam muitas vezes menos do que as representações a que dão origem e que os enquadram” (1985, p. 312). O que reafirma que as representações são construídas a

¹⁶Poder simbólico, segundo Bourdieu, se coloca, [...] como o poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. (BOURDIEU, 2001, p. 14)

partir da memória coletiva com a intenção de fixar uma visão de mundo, como por exemplo, definir uma imagem sobre um acontecimento.

Ainda nessa perspectiva, destaco a importância de se atentar às construções das narrativas das memórias dos sujeitos, pois, no uso da memória para definir representações se destacam práticas como o enquadramento da memória, que é problematizado por Pollak (1989), como a forma de seleção e imposição de memórias pelo grupo dominante. Sobre essa ação de enquadramento, o autor aponta que “além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais [...]” (1989, p. 10). Enquanto Jelin (2001) mostra que as narrativas da memória estão ligadas à ideologia, ações estratégicas para oficializar narrativas do passado, sendo ferramentas simbólicas de ação eficazes a partir do reconhecimento e legitimação do poder de um grupo.

Nesse seguimento, Seixas (2001) diz que não se pode ignorar a finalidade política (em sentido amplo do termo) da memória, e a observa como intencional, (re)construções memoriais, e uma forma de exercer e legitimar poder:

Toda a memória é fundamentalmente “criação do passado”: Uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. O que é aqui colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre memória e (contra) poder, memória e política. A memória é ativada visando, de alguma forma, ao controle do passado (e, portanto, do presente). Reformar o passado em função do presente via gestão das memórias significa, antes de mais nada, controlar a materialidade em que a memória se expressa (das relíquias aos monumentos, aos arquivos, símbolos, rituais, datas e comemorações). Noção de que a memória torna poderoso(s) aquele(s) que a gere(m) e controla(m). (SEIXAS, 2001, p. 42)

Expresso, assim, a importância da análise das memórias para a compreensão das relações sociais estabelecidas em uma sociedade, uma vez que as memórias e as representações – que são sua materialização – mostram as características das relações da sociedade observada. Ao analisar as representações é possível identificar o poder que circunda as construções memoriais no espaço e quais são os processos de reconstrução memorial e identitária. Pollak (1989) propõe que as conjunturas que possibilitam o enquadramento da memória decorrem do momento político, das representações sociais, dos ritos, das festas, do espaço e do tempo, sendo essas as

formas de assegurar permanência de manifestações do passado no presente e para o futuro.

Amparo-me nessa concepção para analisar as ações que contribuíram para o reconhecimento da memória do migrante brasileiro como colonizador/pioneiro na região estudada e retomo a ideia de que memória não significa trazer o passado ao presente como algo fixo, uma reconstrução perfeita do fato, mas sim como algo reconstruído a partir do presente vivido (TEDESCO, 2012), e que “[...] a lembrança não é imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida” (CANDAU, 2011, p. 65). A perspectiva de (re)construção no presente apoia-se na necessidade de continuidade e coerência na construção do “eu”, que – em uma situação de mudança espaço-temporal, como a gerada pela migração dos brasileiros em Santa Rita – utiliza-se da memória para manter seus vínculos e ao mesmo tempo reestruturar seus referenciais em busca da manutenção e/ou reorganização de sua identidade, tanto individual quanto coletiva.

Nesse sentido, observo como os migrantes brasileiros (re)constroem suas memórias ao integrar antigos e novos referenciais e gerar memórias de coletividade associadas ao novo espaço. Para tanto, considero que conceber a memória como uma construção social remete às experiências compartilhadas, comemoradas, ritualizadas. Pois, segundo Gimenez (2009), a memória coletiva precisa ser reacessada constantemente. Ideia corroborada por Tedesco:

A memória coletiva alimenta-se em muito das tradições, costumes e experiências. Os elementos centrais promotores da perdurabilidade são a ritualidade, a simbologia e a experiência partilhada; por isso a necessidade de integração para sentir-se membro. [...] Festas possibilitam o cruzamento de temporalidades, lembranças ritualizadas, dinâmica de espaço, origens. Os ritos de integração e agregação renovam a dimensão fronteira do grupo e seu pertencimento. (TEDESCO, 2012, p. 166)

Tedesco e Gimenez mostram o papel da construção de espaços e de rituais para difundir e manter uma memória coletiva. Estas ações podem ser desenvolvidas para construção e/ou manutenção da memória. E nessa perspectiva, Jesus Machuca, ao falar sobre como os imigrantes se organizam para não perder o vínculo com o local de origem, acrescenta que:

La sincronización y simultaneidad con que se llevan a efecto ciertas festividades, muestra el grado de comunicación logrados por los grupos y comunidades translocales. En lo ritual, por ejemplo, esta sincronía es de tipo

preformativo y responde a un ciclo que rige para todos por igual. La conciencia de ello, fortalece el sentimiento de acompañamiento y comunicación. Una sincronía en el tiempo, produce asimismo la ilusión de borrar la distancia. (MACHUCA, 2010, p. 44)

Dessa forma, entendo que o processo de migração de brasileiros no Paraguai gera rupturas e continuidades espaciais, temporais, culturais, sociais, entre outras. E que a memória é uma ferramenta utilizada nesse processo para reordenar o sentimento de pertencimento de acordo com as novas experiências e o novo quadro social, para atender a necessidade de coerência e continuidade. Portanto, as contribuições teóricas trazidas neste capítulo, servem para analisar a memória e as representações dos migrantes fixados em Santa Rita. O que leva a considerar a memória como o resultado de construções sociais, evidenciada a partir das representações e imagens constituídas pelos sujeitos sobre si.

1.2 Uma etnografia a partir de memórias de migrantes

A teia da imigração não pode ser restrita a um tipo de discurso ou identidade. É sim como uma rede complexa, que pode ser entendida apenas com uma etnografia extensa e que busca entender as várias vozes embutidas no discurso. Há ângulos e dimensões distintos – vozes em conflito; vozes apagadas; vozes em acordo. No mundo da imigração, existem várias questões: a soberania, o nacionalismo, a segurança, fatores econômicos, o mercado de trabalho e a proteção da mão-de-obra local. Nesse sentido, a imigração não se trata apenas do fluxo de seres humanos de um lugar a outro; talvez, se fosse assim, o fenômeno imigratório seria menos complexo. Portanto, escrever sobre a imigração não é um processo simples – existem múltiplas narrativas. Quem são os protagonistas? De quem são as vozes? Como se relacionam? Há inúmeras histórias e experiências a serem contadas e ouvidas – depoimentos individuais e coletivos. Como e por que essas experiências são relatadas depende de quem está relatando e do(a) interlocutor(a). Além do mais, essas experiências são influenciadas pela maneira pela qual a narrativa imigratória é ligada a outras narrativas. (RADHAY, 2008, p. 45)

Observar e escrever sobre migração requer múltiplos cuidados e, principalmente, atenção aos interesses de sujeitos e grupos sociais, aos discursos orais e imagéticos, aos poderes que configuram o campo estudado e aos que se configuram no universo da pesquisa. Percebo a proximidade dos estudos de migração com os estudos de memória, os quais se mesclam para uma análise das (re)construções sociais memoriais sobre os processos de migração e fixação no novo espaço. O contexto em que se inserem os sujeitos pesquisados é particular e precisa ser considerado, assim como o contexto em que o pesquisador está inserido. Ambos

interferem no direcionamento do estudo, pois representam os paradigmas particulares que geram representações dos interlocutores sobre si mesmos, sobre os cientistas sociais em geral, e direcionam as observações dos pesquisadores, dentre outras variáveis possíveis.

Entendo que as relações sociais no espaço estudado são complexas. Norbert Elias reflete sobre a constituição da sociedade através de estruturas sociais, não como algo racional, e sim como o resultado não premeditado da interação entre indivíduos. Para ele, as estruturas se formam com as relações dos indivíduos em rede. Ele aponta a necessidade de se observar a sociedade de forma global – a fim de perceber como se desenvolvem as relações sociais –, pois “[...] a vida social dos seres humanos é repleta de contradições, tensões e explosões” (ELIAS, 1994, p. 20). Um fluxo contínuo de mudanças. De acordo com Elias, nesse emaranhado de movimentos, todas as pessoas estão ligadas por laços invisíveis, em uma rede de dependência. E a sociedade que é gerada é o resultado das ações destes indivíduos em conjunto. Bourdieu (1992), afirma que uma estrutura complexa de interações compõe a realidade de um indivíduo. Portanto, considera as relações sociais como um todo que compõe o espaço.

Reflexões da Antropologia e da História Oral contribuíram para adentrar a realidade da comunidade pesquisada e observar e analisar os processos memoriais a partir das relações sociais. Utilizei da observação direta, com diário de campo e entrevistas semiestruturadas no trabalho de campo, que durou seis meses em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. A observação direta ou etnografia, com base em Feldman-Bianco (2011), fiz de maneira participante, por meio da convivência e interlocução com atores e atrizes sociais. Esse trabalho etnográfico, de acordo com Gonçalves (2012), deve ser conduzido de forma a compreender a maneira com que a pessoa se constrói frente ao seu interlocutor, sendo sempre um processo criativo do pesquisador entrelaçar as diferentes visões, sem necessidade de buscar uma verdade. Desse modo, a etnografia leva a observar e a perceber as (re)construções das representações.

Bela Feldman-Bianco e Denise Fagundes Jardim desenvolveram pesquisas etnográficas que servem de referência para esta pesquisa. Apesar de serem trabalhos desenvolvidos em contextos diferentes e com ferramentas e métodos diversos, ambos abordam a realidade migrante e contribuíram para a estruturação e análises de minha pesquisa. Feldman-Bianco fez uso da cinematografia para uma pesquisa etnográfica

sobre imigrantes portugueses nos Estados Unidos, com a qual retratou a temática da saudade, buscando identificar como os imigrantes (re)construíam, através de suas representações simbólicas e práticas sociais associadas ao seu passado na terra natal, as suas identidades ao nível do "eu" no contexto de suas experiências específicas de vida e trabalho no local de fixação (FELDMAN-BIANCO, 1996). Suas principais contribuições foram a preocupação em procurar trazer à tona os contextos e processos de continuidade e mudança sociocultural ocorridos com os migrantes, e a preocupação com revelar o lado humano da imigração.

Já a pesquisa de Denise Jardim se refere à diáspora palestina a partir de uma etnografia com famílias que viviam no extremo sul do Brasil, fronteira com o Uruguai. Sua análise contribui de diversas formas para este trabalho, sobretudo com o direcionamento metodológico e de recorte, o qual deixa claro que o objetivo não é o de uma reconstrução histórica a partir de fontes orais, mas a possibilidade de situar os entrevistados a partir de seu mundo social, ou seja, entre aqueles que partilham de acontecimentos a partir da migração, o que implica em um gerenciamento da memória sobre as relações estabelecidas. Apesar de não tratar sobre diáspora nessa pesquisa, sigo do mesmo princípio da (re)construção das memórias, ou gestão da memória, como trabalha Denise Jardim, como forma dos sujeitos manterem seus laços e o sentido de continuidade e pertencimento. E com isso, reconhecer que se tratam de noções historicamente construídas, sujeitas a negociações diversas (JARDIM, 2000).

Assim como Feldman-Bianco e Jardim, considero que o trabalho de campo é uma vivência de relações e tem dimensões intensas de subjetividade, com a imersão do pesquisador no universo pesquisado. Brandão (2007) diz que, nesse período de trabalho de campo, é necessária uma "contaminação", viver e sentir, e, a partir disso, ver o que envolve o que está sendo estudado e compreender as relações sociais. A delimitação do que se quer pesquisar é o que conduz o olhar e o ouvir do pesquisador.

Para observar Santa Rita, primeiramente pensei no tamanho e diversidade da população. De acordo com informações fornecidas pelo representante da *municipalidad* (administração distrital, equivalente à Prefeitura no Brasil) no período da pesquisa, o *distrito* tinha uma população estimada em 35 mil habitantes, e se considerava que aproximadamente metade dessa população era de imigrantes brasileiros. Esse dado revela um cenário amplo e diversificado a ser compreendido. Não sendo possível, portanto, a realização de uma "etnografia clássica", como realizada por Malinowski (1978) e outros estudiosos, que fizeram uma descrição

densa de comunidades nativas. Parti da perspectiva de uma etnografia em sociedade complexa, em contexto urbano e rural, simultaneamente. Para tanto, utilizo a noção de redes sociais como ferramenta para identificar a organização das relações sociais na localidade, com base nas experiências de autores como Eric R. Wolf (1990), Joan J. Pujadas (2012), Gilberto Velho (1978), Elizabeth Bott (1976), Ellen Woortmann (1995), Denise Jardim (2000).

Considerarei que adentrava a uma realidade social dinâmica, na qual os sistemas institucionais de poderes políticos e econômicos coexistem ou se coordenam com diversos tipos de estruturas não institucionais, intersticiais, suplementares ou paralelas a ele (WOLF, 1990). De acordo com Pujadas (2012), em sociedades complexas tais estruturas são frequentemente constituídas por relações de parentesco, amizade e compadrio. Assim sendo, a noção de redes foi trazida para a pesquisa com o intuito de identificar a dinâmica das relações sociais no *distrito*.

Nesse sentido, Elizabeth Bott, em uma pesquisa sobre família e rede social, aponta que “em uma rede, podemos obter uma configuração geral sobre sua estrutura a partir de um pequeno número de informantes, mas não podemos descobrir o conteúdo exato das ações e das atividades de todos os membros” (BOTT, 1976, p. 67). Portanto, esta não é uma pesquisa de grupos fechados e organizados, e sim de redes sociais, um coletivo. Como as “redes de relações” referenciadas por Denise Jardim sobre a diáspora palestina.

A noção de rede aproxima estudos da antropologia com as teorias de migração, uma vez que tal noção está entre as concepções que explicam os processos migratórios. Oswaldo Truzzi (2008) expõe as diferentes teorias migratórias até chegar à teoria de redes, teoria atual que sucedeu e ampliou a noção de cadeias migratórias ao expor características sociais dos processos migratórios. Para Massey, “as redes migratórias podem ser definidas como complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade” (1988, *apud* TRUZZI, 2008, p. 203). Portanto, a noção de rede que explica as relações sociais em sentido amplo, como expõe Norbert Elias (1994), ilustra também o processo de movimentação e fixação da migração. Ao que Truzzi acrescenta:

Na verdade, não são apenas as redes de relações tecidas anteriormente à emigração que desenharão os vínculos étnicos na sociedade receptora: a própria experiência migratória por si só é capaz de propor e redefinir novas

identidades e reconhecimentos que podem se traduzir em novas redes. (2008, p. 211)

Nesse sentido, Glick Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992) indicam que a noção de migrante e imigrante na qual ocorria uma ruptura com o lugar de origem e uma assimilação com o novo local de fixação, não existe mais. Pois, percebem novas formas de migração, onde as redes, atividades e padrões de vida correlacionam tanto a sociedade de origem como a de acolhimento. Nesse sentido, propõem uma nova conceituação e abordagem, o transnacionalismo.

Chamamos essa nova conceptualização, "transnacionalismo", e descrevemos o novo tipo de migrantes como transmigrantes. Definimos o transnacionalismo como os processos pelos quais os imigrantes desenvolvem campos sociais que ligam seu país de origem e seu país de fixação. Os imigrantes que criam tais campos sociais são designados "transmigrantes". Os transmigrantes desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosas e políticas que abrangem fronteiras. Os transmigrantes tomam ações, tomam decisões e sentem preocupações e desenvolvem identidades dentro de redes sociais que as conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente.¹⁷ (GLICK SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1992, p.1, tradução da autora)

O transnacionalismo abarca a rede de relações estabelecidas entre os migrantes, denominando-os como "transmigrantes", os quais constituem sociedade simultâneas. Assim, as autoras mostram que o campo social transnacional é composto por interesses econômicos, políticos e socioculturais; os transmigrantes usam suas relações sociais e suas diferentes e múltiplas identidades geradas a partir dos seus posicionamentos simultâneos em locais sociais como forma de resistência às circunstâncias de dificuldade frente às ideologias dominantes que encontram em suas relações.

Com isso, as autoras ressaltam a necessidade de se analisar as migrações no mundo como parte de um fenômeno global, e não de forma separada, – o que denuncia a limitação das ciências sociais, cujos estudos analisam as sociedades como inseridas em contextos delimitados dentro de sua própria economia, cultura e

¹⁷Texto original: "We call this new conceptualization, "transnationalism," and describe the new type of migrants as transmigrants. We have defined transnationalism as the processes by which immigrants build social fields that link together their country of origin and their country of settlement. Immigrants who build such social fields are designated "transmigrants." Transmigrants develop and maintain multiple relations – familial, economic, social, organizational, religious, and political that span borders. Transmigrants take actions, make decisions, and feel concerns, and develop identities within social networks that connect them to two or more societies simultaneously."

trajetória histórica –, além de expor que perspectivas globais não abrangem as peculiaridades, e que deveriam incluir dimensões sociais, culturais e políticas das experiências de migrantes. As autoras ressaltam, portanto, a importância de se estudar o local a partir do global.

Nessa lógica, não se trata apenas de redes migratórias, mas de redes sociais em sentido amplo. Com todos os poderes que as compõem, fluídas, formam teias de relações no espaço. Essa noção me leva a observar a sociedade de Santa Rita como composta por redes distintas que se entrelaçam, e têm suas relações permeadas por diferentes poderes que fazem parte de uma realidade global. São diversas redes que atuam no espaço e que ao se relacionarem formam novas redes, que não são fixas, mas estão em constante transformação, e que caracterizam as relações sociais. Como, por exemplos, rede de migrantes que se fixaram; rede de comerciantes que se fixaram; redes que se formaram a partir das vizinhanças ou a partir das relações religiosas, e também a rede do agronegócio, a rede da pecuária, entre outras redes que se formam constantemente.

Nesta pesquisa não identifico e tampouco analiso todas as redes que conformam o tecido de relações de Santa Rita, devido à amplitude e complexidade do *distrito*, foco nas redes que se relacionam com a migração e fixação de brasileiros na região, e, a partir destas, observo essa sociedade e suas relações de poder.

Woortmann (1995) mostra – em sua pesquisa sobre reprodução social camponesa – que as relações familiares e de compadrio configuram uma busca de reprodução do sistema de parentesco pelos camponeses, gerando uma rede de solidariedade. Identifico a noção de rede de parentesco, de solidariedade, reproduzida no espaço de pesquisa como uma rede que compôs o processo de migração e fixação na região. Essa rede é principalmente evidenciada na migração em conjunto; no apoio mútuo para a formação dos novos espaços; e na construção de uma nova comunidade amparada em referenciais sociais definidos, em busca de um referencial comum.

Gimenez (2009) estuda redes a partir da noção de continuidade após a migração. Ao analisar a constituição de “redes de paisanos”, o autor relata que após a migração, o indivíduo sente necessidade de manter vínculo com seu espaço de origem e o faz partindo da formação de redes de sociabilidade que lhe permite reconstruir o espaço vivido no novo local. Ali, reconstrói as práticas, usos e costumes associados à memória que busca manter. Essa perspectiva remete às reproduções

do que se entende como ligação com a origem no novo território, como práticas e símbolos.

Assim, a noção de rede, juntamente com os aportes do transnacionalismo, é utilizada para delimitar a estratégia de pesquisa de campo e definir as possibilidades de análise. Seguindo as redes, um interlocutor leva ao outro, percebe as conexões transnacionais e também as relações de poder envolvidas nesses processos. Os referenciais estão interligados e mostram as construções sociais e espaciais. A partir dessa perspectiva, defini as hipóteses e realizei a observação e as entrevistas. Esse processo está detalhado adiante.

Para observar os processos memoriais constituídos em Santa Rita, aproximam-se também as reflexões de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert que refletem sobre uma etnografia da duração para analisar os processos mnemônicos no tempo, e dizem que:

O método etnográfico se afirma como instrumento epistemológico coerente para construir as tramas e redes de relações nas quais transparecem as ações dos homens e para conhecer a maneira, ao mesmo tempo individual e coletiva, de os entrevistados pensarem, interpretarem e exprimirem as continuidades e discontinuidades de um tempo vivido, reelaboradas e ressemantizadas no presente, tanto quanto suas aspirações e projetos de vida, sem perder de vista as circunstâncias históricas em que emergem essas categorias e conceitos. (CARVALHO DA ROCHA; ECKERT, 2013, p. 118)

As autoras mostram que é necessário fazer, além das entrevistas, a observação de campo com uma convivência prolongada, para que o pesquisador possa conhecer as práticas cotidianas, reconhecer as tramas e redes do grupo estudado, e as representações que as envolvem. Isso deve ser associado a um amplo conhecimento do contexto histórico em que estes sujeitos estão inseridos, permitindo compreender as referências sobre as quais estão alicerçados e reconhecer as construções elaboradas em suas narrativas memoriais.

Considero que não só o dito e a cronologia importam, mas também observar as construções que os interlocutores fazem de si, pois revelam a essência das relações sociais. Assim, não só o conteúdo importa, como a forma de narrar, o que é interferido pelo encontro etnográfico (CARVALHO DA ROCHA; ECKERT, 2013). Trabalhar com memória é trabalhar com os jogos da memória, não-linear nem cronológico, por isso é importante se atentar às representações, que sempre são uma

realidade em si. É preciso ver as narrativas como um sintoma das relações, como aponta Gonçalves (2012).

As narrativas individuais possibilitam um mapeamento dos sistemas de valores sobre os quais as narrativas do grupo se objetivam. De acordo com Carvalho da Rocha e Eckert, “[...] pelas narrativas, os entrevistados constroem representações individuais remetidas a um plano coletivo” (2013, p. 120). O tempo social é composto por uma série de rupturas, não é contínuo e uniforme, uma vez que é construído coletivamente a partir da descontinuidade de cada história individual. Como indica Gilberto Velho: “A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende, em grande parte, da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo” (VELHO, 1994, p. 103). As narrativas individuais possibilitam, portanto, identificar as fricções e reconstruções das trajetórias vividas coletivamente, não de forma cronológica, mas de acordo com uma ordem de significação dos traços memoriais. Assim, conjectura-se que as narrativas evidenciam as fronteiras e os laços estabelecidos de acordo com as relações sociais vivenciadas.

Especificando melhor, diria que os dados etnográficos nascem de uma relação intersubjetiva e dialógica, e o itinerário de uma vida pessoal é apreendido na relação com a trajetória do grupo e na construção de seus papéis sociais nos contextos interativos. As interpretações diversas são motivadas tanto pelas observações do cotidiano do grupo, quanto pelos diálogos estimulados em entrevistas abertas, livres, biográficas, que estimulem os entrevistados a ordenar os ciclos de vida. (CARVALHO DA ROCHA; ECKERT, 2013, p. 124)

Durante este processo de pesquisa busquei reconhecer e analisar as redes de relações que demonstram as negociações cotidianas do sentimento de pertencimento ou exclusão do grupo. Reitero que não se trata os grupos sociais como homogêneos, busquei identificar traços mnemônicos compartilhados que os tornam um coletivo. Esses traços representam as seleções e manipulações constantes na formação do imaginário/imagem do coletivo e estão presentes, não apenas nas falas, mas também nas práticas e nas representações corporais e espaciais.

Considero as relações estudadas como um sistema de memórias no qual toda ação é formadora do espaço (CERTEAU, 2011). Observo o espaço como um conjunto de quadros sociais de memória. As experiências constituem e mantêm o uso. Por isso a necessidade de conhecer o espaço de pesquisa através de sua população, de suas

atividades sociais e lugares sociais, como mercados, botequins, festas, comemorações, rituais públicos e privados.

A observação de campo demandou preparação e um processo de trabalho cauteloso de reflexão sobre como se aproximar das pessoas, o que e como perguntar. Etapa em que a fundamentação teórica sobre ética na pesquisa foi sentida como necessária e fundamental, permitindo refletir sobre os dilemas do trabalho de campo e em seus resultados e entendendo a pesquisa como um ato de responsabilidade social (DINIZ, 2008). Com isso, optei por utilizar os nomes dos interlocutores que foram entrevistados, uma vez que a ética está mais relacionada com a forma de apresentá-los e situá-los do que no uso ou não do anonimato para não expor os sujeitos (FONSECA, 2008). Assim, em assuntos conflituosos ou que podem gerar desconforto aos interlocutores, não são mencionados nomes, a fim de respeitar a privacidade. Contudo, entendo que nomear os interlocutores também é uma forma de reconhecimento e agradecimento por suas contribuições para o trabalho, uma vez que autorizaram o uso de suas falas e esperam o retorno do trabalho – o que também faz parte da ética na pesquisa.

Considero, a partir de Caldeira (1981), que no trabalho de campo a aproximação do pesquisador com os indivíduos se constitui como uma relação de poder (científico, simbólico) que se estabelece entre pesquisador e pesquisados. Busquei minimizar esta barreira através de uma relação de troca, isto é, estabelecer uma relação de interlocução com a sociedade pesquisada. Contudo, na experiência de campo, apesar de buscar diminuir as fronteiras entre pesquisador e pesquisado, foi possível perceber construções, a partir da percepção de poder que o interlocutor constrói sobre aquele que realiza a pesquisa, que determina sua fala e postura. Infiro que as questões de poder podem ser diminuídas, embora sigam existindo, e precisam ser consideradas para a análise e construção do texto.

Como Cardoso de Oliveira (2000), busco olhar, ouvir e escrever, em uma perspectiva de interlocução e captação dos significados. Nesse processo, considero, segundo DaMatta, que a busca da objetividade através do distanciamento é infrutífera. Deve-se envolver e incorporar no campo os aspectos sentimentais. Objetividade e “neutralidade científica” não excluem o sentimento humano. Assim não se deve negar as emoções do pesquisador, e sim considerá-las como instrumento para conhecimento (DAMATTA, 1978).

Gilberto Velho, em uma discussão sobre o familiar e o exótico, aponta que, muitas vezes, coisas fora do nosso meio de convivência são mais familiares do que muitas facetas e aspectos do nosso próprio meio, nossa sociedade. Nesse sentido, já ter vivenciado a realidade pesquisada não significa que eu a conheça na sua amplitude e nos seus pormenores. Principalmente por, até então, não ter um olhar direcionado de análise das relações estabelecidas. Observar o familiar é cada vez mais necessário para uma antropologia preocupada com a mudança social como processo de decisões e interações cotidianas (VELHO, 1985, p. 46).

No âmbito da História, agrego à etnografia a História Oral, as narrativas, com base em Thompson, que possibilita a produção de documentos, em sentido amplo, a partir do registro de entrevistas (temáticas e não-estruturadas). “A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes, permite que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista” (THOMPSON, 1998, p. 25).

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos. (THOMPSON, 1998, p. 17)

Nesse sentido, a História Oral compõe o trabalho como “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1990, p. 52). Amplio a perspectiva de Alberti, a partir de Thompson, ao considerar que a História Oral permite transformar o objeto de pesquisa em “sujeito” (THOMPSON, 1998, p. 137). Logo, utilizo a História Oral para levantar e esquematizar as memórias dos sujeitos que formam o espaço estudado, em uma perspectiva de construção de documentos que refletem a realidade vivenciada a partir do ponto de vista dos atores e atrizes da sociedade estudada.

Considero, principalmente que a História Oral “permite recuperar aquilo que não encontramos em documentos de outra natureza: acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares” (ALBERTI, 2005, p. 22), isto é, a História Oral deve ser aplicada “onde os documentos

convencionais não atuam, revelando segredos, detalhes, ângulos pouco ou nada prezados pelos documentos formalizados” (MEIHY, 2011, p. 197). Esse é o caso do espaço estudado, no qual existe um número reduzido de documentos que relatam sua história, e os documentos que tratam de forma geral da história da região fazem seleções ideológicas evidentes. Por exemplo, retratando brasileiros no Paraguai como exploradores ou como explorados.

Sendo assim, durante a pesquisa de campo, utilizei desse apanhado de reflexões teórico metodológicas como respaldo para vivenciar e levantar experiências naquela sociedade, manter um diário de campo com as informações e impressões do dia a dia e gravar entrevistas com atores e atrizes sociais que participaram do processo de colonização e fixação de Santa Rita. Posteriormente, fiz a esquematização e análise das fontes, e também, reflexões a respeito das nuances das relações sociais a partir do contexto social, político e cultural estabelecido entre a população do espaço estudado.

1.3 Migração, Fronteiras e Territórios em movimento

Ao falar sobre o ato de sujeitos se movimentarem de um lugar a outro, na atualidade, deparo-me com as implicações das fronteiras dos Estados-nação sobre essa ação. A mobilidade humana, o mover-se, o migrar, são regulados pelas políticas distintas e diferenciadoras de cada Estado-nação. O ato de se mover – que Glick Schiller e Salazar (2013) apontam ocorrer desde tempos imemoriais – passa a ser tratado como algo novo, pontual, direcionado e que afeta as nações. Dessa forma, o migrar está diretamente relacionado com as concepções de cidadania, identidade e fronteiras dos Estados implicados no movimento de emissão e recepção dos sujeitos. Contudo, vive-se uma realidade de globalização, cosmopolita, e, por isso, estes autores mostram a importância de se olhar além das abrangências nacionais para se compreender os processos migratórios.

Conforme mostrado no tópico anterior, abordo o transnacionalismo como redes de relações estabelecidas entre os migrantes, que constituem sociedades simultâneas em diferentes localidades (GLICK SCHILLER; BASCH; BLANC-SZANTON, 1992). E nesse sentido, Levitt e Glick Schiller (2004) apontam que as relações sociais migrantes formam campos sociais transnacionais, entendendo-os a partir da concepção de Bourdieu, para quem campos sociais são as formas com que as

relações sociais se estruturam a partir de poder. E “Dentro de los campos sociales transnacionales, los individuos combinan las formas de ser con las formas de pertenecer, de maneras diferentes en diversos contextos” (LEVITT; GLICK SCHILLER 2004, p. 68). Indicam, assim, que não se tem uma incorporação plena de nenhum dos territórios, e sim uma simultaneidade de vínculos. O que não significa dizer que a territorialidade pressupõe a existência concreta de um território, pois pode existir a partir de referências entre territórios e não apenas neles. Surgindo, na mobilidade, a territorialidade (HAESBAERT e MONDARDO, 2010). E, dessa forma, nomeiam os migrantes como transmigrantes, e indicam que estes constroem campos sociais, partindo das diversas relações de poder com que convivem simultaneamente.

No sentido de avaliação da categoria analítica da mobilidade e sua relação com a teoria social e a transformação global, Glick Schiller e Salazar abordam o processo transnacional buscando olhar o mundo como um todo. Os autores propõem um estudo que considera o passado e o presente dos processos de mobilidade, mostrando que as pessoas e suas práticas culturais não estão confinadas em um espaço fixo, mas são parte de múltiplas redes espaciais. "Identities and loyalties could be understood as products of social relations rather than of fixed relationships to territory."¹⁸ (GLICK SCHILLER; SALAZAR, 2013, p. 186, tradução da autora)

Glick Schiller e Salazar criticam as abordagens sobre “fluxos” de pessoas, de capitais e de ideias que caracterizam tais “fluxos” como processos novos que perturbam condições fixas anteriores e que reafirmam o binarismo entre mobilidade e fixidez. Os autores defendem a simultaneidade do enraizamento e do cosmopolitismo, demonstrando que o local e a identidade cultural formam parte da estratégia de mobilidade. Utilizam uma concepção de cosmopolitismo diversa, que não tem a ver com mobilidade e consumo. Cunham o termo "regimes de mobilidade" ao invés de estudos de mobilidade para explorar as relações entre os movimentos privilegiados de alguns e os movimentos estigmatizados e proibidos dos pobres, impotentes e explorados. Pois, afirmam que as “dinâmicas de poderes globais” têm uma influência direta sobre as relações e microdinâmicas do poder nas relações sociais. (GLICK SCHILLER; SALAZAR, 2013)

Por meio da concepção de “regime de mobilidade”, os autores expõem diferentes mobilidades privilegiadas e estigmatizadas, e evidenciam as relações de

¹⁸ Texto original: Identities and loyalties could be understood as products of social relations rather than of fixed relationships to territory.

poder que as permeiam, as quais são direcionadas e determinadas de acordo com os interesses de vários atores que compõem o poder global e as microdinâmicas de poder das relações sociais: pobres e ricos têm sua mobilidade considerada de forma distinta. Assim, reconhecem uma situação contínua de mobilidades em situação de desigualdade de poder. Nesse sentido, abordam a migração como processo permeado por poderes diversos, teorizando o poder em múltiplas escalas geográficas que se cruzam.

Martín e Pujadas (1999) reforçam o posicionamento de que fronteiras constituem uma construção social e apontam para a existência crescente do fenômeno de multilocalidades. Entendem a multilocalidade como o conjunto de mapas mentais que abrangem as múltiplas geografias da identidade, o que está relacionado com o fenômeno de transnacionalização. Assim, a mobilidade humana, associada com a evolução das tecnologias de comunicação e transporte, e regulada por diferentes poderes, formam novos territórios e fronteiras em uma reconfiguração das relações socioespaciais.

Na mesma direção, Grimson (2011) defende não reduzir a discussão sobre as redes de relações estabelecidas pelos migrantes ao transnacionalismo, uma vez que que as migrações e as relações que as permeiam, as redes que se formam, podem ter diversas formatações, sendo uma delas também o translocalismo.

Nesse sentido, Grimson alerta para não se cair em essencialismos que são próprios dos discursos positivistas dos Estados nacionais, fronteiras políticas, pois as identificações e as relações dos migrantes podem se estabelecer além das nações – identidades nacionais pelas quais circulam –, e se vincular a lugares ou outros elementos. O autor exemplifica, questionando a ideia de que os migrantes levam sua cultura e transplantam sua identidade no novo local de fixação. Segundo ele, cultura e identidade, assim como as fronteiras, estão em constante transformação. E diversas inter-relações, contextos, políticas, entre outros inúmeros fatores, interferem na cultura e na identidade de forma individual e/ou coletiva. O autor mostra a importância de se ter um olhar cauteloso e não generalizador, mas questionador: “Es imperioso convertir ese supuesto en un interrogante de toda investigación: ¿qué aspectos de la cultura persisten y cuales cambian? ¿En qué grupos, en qué sociedades y en qué condiciones se producen esas continuidades y rupturas?” (GRIMSON, 2011, p. 38). Essa colocação de Grimson, portanto, se torna pertinente para essa pesquisa.

Conforme venho pontuando nos tópicos anteriores, não considero que os migrantes brasileiros que se fixaram em Santa Rita correspondem a um grupo homogêneo, ou que transplantam identidade e cultura no território em que se fixam. Eles não têm a mesma origem, a mesma realidade socioeconômica e não se fixaram da mesma maneira. O que busco é identificar e analisar a (re)construção de memórias e representações entre os migrantes, entendendo que compõem redes e grupos diversos. E nesse universo complexo compartilham memórias de um processo que podem indicar as relações estabelecidas no espaço.

Assim como identidades não são fixas e homogêneas, tampouco as fronteiras. O limite fixo, a fronteira política, faz parte da construção dos Estados-nações modernos - comunidades imaginadas - onde se pressupõe a igualdade da população e o limite territorial bem definido, como aborda Benedict Anderson. Contudo, a realidade vivida não corresponde a essa imagem criada sobre as nações. As inter-relações socioculturais fronteiriças e econômicas são constantes, os limites territoriais muitas vezes unem mais do que separam, e as regiões internas que se pressupunham iguais são diferentes. Assim, entendo como incoerente e conflituosa a concepção de fronteira como limite (*borderline*, *frontier*) e utilizo então a lógica de região fronteiriça (*borderland*), que corresponde às reflexões de Fredrik Barth, exposto por Pujadas no seguinte trecho:

Concebidas así [como fixas], las fronteras esconden un doble reduccionismo ya que, más allá de la realidad y de las prácticas fronterizas empíricamente observables, postulan la existencia, al mismo tiempo, de homogeneidad en su interior, frente a la diversidad, ya que se supone que "al otro lado" existe igualmente una comunidad homogénea de personas, portadoras de una identidad nacional y de un bagaje cultural nítidamente diferenciado y contrastante respecto a la anterior. La lógica de la frontera como límite excluye la misma existencia de regiones fronterizas, entendidas como espacios de encuentro, de intercambio, hibridación, mestizaje y de conflicto de intereses. (PUJADAS, 2014, p. 59-60)

Dessa forma, abro a perspectiva analítica sobre a fronteira entre Brasil e Paraguai não como definição de diferença, limite geográfico e cultural, e sim como espaço de inter-relação constante. Que responde aos contextos vividos, com estratégias de (re)construção, de representações, de acordo com as experiências vividas e os interesses de cada momento.

A perspectiva de *borderland*, de Frederik Barth (2000), serve para abordar fronteira de forma ampla, como as fronteiras de grupos identitários, fronteiras políticas

ou fronteiras simbólicas, pois se entende que fronteiras compõem espaços de intersecção, de práticas reais e em transformação constante, que responde a diferentes interesses, e não como limite. Pois, segundo Pujadas,

Tras la lógica de la frontera como límite del espacio “nacional” de soberanía se esconde esa visión deshumanizadora que convierte a cada ciudadano en un sujeto clónico, estereotipado, intercambiable; se trata de la visión homogeneizadora de la cultura nacional en que el sujeto es reducido a una etiqueta nacional. Se trata del proyecto de construcción nacional encarnado en la supuesta existencia de una comunidad nacional que, como observó Anderson (1993), solamente podía constituir una comunidad imaginada. (PUJADAS, 2014, p. 59)

Essa ruptura com o nacionalismo metodológico – perspectiva tradicional de abordagem das relações sociais a partir do paradigma dos Estados-nacionais – não significa exclusão dessa perspectiva para uma análise ampla da realidade transnacional. Ainda é importante compreender como esses países se constituem como Estados-nação, como “comunidades imaginadas”, conforme Benedict Anderson (2008), uma vez que as políticas que cada um aplica para se definir como nação influenciam nas suas relações socioculturais, políticas e econômicas. Observar essas políticas se faz necessário para compreender parte do quadro de relações transnacionais que compõem a realidade vivenciada na região estudada.

Benedict Anderson descreve em seu livro *Comunidades Imaginadas* os processos de formação dos Estados-nações nos últimos séculos. O autor mostra a importância central do capitalismo impresso para esse processo de imaginar uma comunidade homogênea. Assim, a língua impressa passa a ser o embrião da imaginação da nação por seu poder de gerar sentimento de comunidade entre as pessoas que compartilham a mesma língua. Contudo, Anderson ressalva que esse processo ocorre de forma diferente para as nações da América Latina.

Com um histórico de colonização europeia, a constituição das nações latino-americanas tem base em precedentes históricos para a imaginação de suas comunidades, não a língua. Por outro lado, no Paraguai o idioma foi usado como uma das características fundadoras da nação, ao se adotar oficialmente a língua indígena Guarani, que alcançou ser impressa por meio da ação dos Jesuítas na região entre os séculos XVI e XVII (ANDERSON, 2008, p. 273). O país, então, passa a construir seu imaginário de comunidade a partir da imagem do Guarani.

Já o Brasil tem outra realidade de imaginação de sua comunidade nacional. Como se sabe, enquanto o Paraguai foi colônia espanhola, o Brasil foi colônia portuguesa. Durante o século XIX, o Brasil chegou a ser elevado a Reino Unido, logo desmembrou-se como império independente e, em 1889, alcança desvencilhar-se da monarquia com a instauração da primeira república. Portanto, no Brasil a construção de uma comunidade imaginada passou por diferentes processos, e sua imagem passa a ser formada com referências históricas ligadas ao território.

Considero, como aponta Anderson (2008), que a definição do mapa, a contabilização do censo e a construção de museus, servem como instrumentos para a constituição das comunidades imaginadas. As relações históricas de Estados fronteiriços, em parte, constituem a imaginação de cada um como nação. Um exemplo disso foi a Guerra da Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai contra o Paraguai – que acabou por definir parte significativa do imaginário desses países sobre si mesmos e sobre os outros. Nessa guerra, que marcou a história de toda a região, o mapa do Paraguai foi alterado negativamente e sua população foi dizimada, o que mudou o território e a demografia das nações envolvidas no conflito. Portanto, essas nações são imaginadas, em parte, a partir dessas memórias, as quais são construídas por cada Estado de uma forma diferente, de acordo com seus interesses. Situação que se nota, principalmente no Paraguai, que constituiu parte de sua memória nacional a partir dos efeitos dessa guerra, o que influencia direta e negativamente na relação com os países vencedores dessa Guerra.

Nesse sentido, discuto a complexidade das fronteiras vivenciadas no território entre Brasil e Paraguai, as quais são consideradas tanto físicas, geográficas, espaciais quanto simbólicas, imateriais, políticas e culturais. E para um olhar mais amplo, sobre os contextos globais que conjugam esses estados, amparo-me nas reflexões de Alejandro Grimson, sobre as fronteiras na América Latina:

En América Latina, las fronteras entre los Estados nacionales no coinciden con ninguna diferencia cultural anterior a la colonización. Su ubicación se vinculó a disputas entre portugueses y españoles, entre las diferentes jurisdicciones posteriores, entre distintos agentes sociales y políticos. No hubo ninguna "causa cultural" para trazar esas fronteras. Sin embargo, eso no significa que no hubiera, después, fuertes consecuencias culturales del hecho de que la frontera se instituyera. Justamente, las fronteras establecieron el límite hasta el que podía ser efectiva la política soberana de un Estado, el límite hasta el que había derecho para que los actores sociales le reclamaran a ese Estado y la línea donde una experiencia histórica dejaba de ser compartida. (GRIMSON, s/d, p. 6)

Grimson traz a complexidade da formação dos Estados na América Latina, e mostra a importância das políticas nacionais para a formação das fronteiras atuais, do sentimento de nacionalismo, da identidade nacional. Contudo, ressalta que essa identidade não é fixa, tampouco unívoca, pois também é formada pelas experiências históricas compartilhadas: “Ni lo local ni lo regional ni lo global eliminan lo nacional, pero sí lo resignifican y transforman” (GRIMSON, s/d, p. 13). Assim, há uma constante reconfiguração e reafirmação da ligação do individual com o coletivo e o social. Aponta então que as identidades nas fronteiras são plurais, fruto das inter-relações.

Assim, não é possível obter uma foto fixa de nenhuma fronteira que dê conta do dinamismo e da complexidade dos intercâmbios fronteiriços (PUJADAS, 1997). Apesar da origem bélico-militar do termo *fronteira*, que deriva de *frente* (lat. *Frons*), as fronteiras não somente separam territórios de soberanias estatais, mas também podem conceber “pontes”, na medida em que costumam constituir pontos neurálgicos de atividades comerciais e de mobilidade humana (DOUGLAS, 1994). Não é casualidade que tanto a capital paraguaia, Assunção, como *Ciudad del Este* – o segundo centro urbano do país – estejam respectivamente situadas na fronteira ocidental com a Argentina, e na fronteira oriental com Brasil e Argentina. Outras grandes cidades do país, como *Encarnación* e *Salto del Guairá*, também são cidades fronteiriças. Portanto, é evidente que no Estado paraguaio a fronteira tem exercido mais a função de ponte e de conexão de relação de interesses do que de limite segundo a noção de soberania nacional. Apesar de as pontes nas fronteiras exercerem, também, o papel de reforço de limites, pelas ações de controle.

Além dos usos estratégicos da fronteira – derivados das políticas estatais em cada momento histórico – deve ser considerado o papel desempenhado pelas populações fronteiriças: o conjunto de habitantes localizados de cada lado da fronteira cuja vida diária gira em torno do fato da fronteira; como agentes de controle e vigilância; trabalhadores que cruzam diariamente a divisão para ir ao seu trabalho “do outro lado”; as pessoas envolvidas no comércio internacional (legal, para-legal ou ilegal); os residentes que serão fornecidos à cidade mais próxima do país vizinho; os visitantes e turistas que trafegam pelos espaços fronteiriços. A lógica da fronteira como um limite ou como uma parede de separação exclui a própria existência de regiões de fronteira, entendidas como espaços para reunião, intercâmbio, hibridação, miscigenação e conflito de interesses (PUJADAS, 2014, p. 60).

Em uma época como a atual, marcada pela dinâmica transnacional, o local deve ser lido como espaços específicos de um mapa global. Essa perspectiva é especialmente relevante diante da decifração complexa de práticas transfronteiriças, que são atravessadas por vetores poderosos e influências exógenas de natureza estratégica, política e econômica. Como Appadurai sugere:

Paradójicamente, para el Estado-nación los movimientos humanos característicos del mundo contemporáneo son una amenaza tan peligrosa como los apegos de los sujetos locales a la vida local. Las formas de circulación humana características del mundo contemporáneo amenazan el isomorfismo de gente, territorio y soberanía legítima que constituye la carta normativa del Estado-nación moderno. Hoy en día se reconoce ampliamente que la movilidad humana es un aspecto más definitivo que excepcional de la vida social del mundo en que vivimos. (APPADURAI, 1996, p. 42)

A circulação através das linhas de fronteira não deve ser interpretada como resultado de um eventual declínio do Estado em sua capacidade de controle e imposição de regras. Trata-se, em vez disso, de um duplo processo simultâneo de abertura e fechamento da fronteira, que corresponde aos interesses das elites que governam o Estado. Esta é a imposição de um novo "regime de mobilidade", que abre as fronteiras para a chegada do capital e a exportação de mercadorias, ao mesmo tempo que fecham as fronteiras para assuntos e atividades em pequena escala (GLICK SCHILLER Y SALAZAR, 2013).

Nesse sentido, Arjun Appadurai (1996) mostra o antagonismo entre as premissas do capitalismo globalizado e da democracia, uma vez que o capital tem uma movimentação global, enquanto a democracia limita os fluxos de pessoas pelas fronteiras nacionais. O resultado é um fluxo livre e um fluxo barrado. Nessa realidade, o fluxo de pessoas é determinado pelos interesses internacionais de que elas se movam ou não, resultando em que sujeitos com capital sejam atraídos e em que sujeitos de países periféricos – sem instrução ou capital – sejam barrados, ou seja, excluídos do processo. Portanto, a mobilidade global não é algo que ocorre livremente, e os poderes que sobre ela incidem precisam ser analisados.

Benedetti e Salizzi (2014) apontam que as zonas de fronteiras podem configurar uma região com características singulares. Lugares que são formados pelas relações entre as diferentes territorialidades que se sobrepõem em uma ideia de multiterritorialidade, em referência a Haesbaert (2004). A descontinuidade espacial e a mobilidade social dão forma a uma região de fricções e adaptações complexas:

Se afirma, entonces, que la categoría *frontera* designa realidades espacio-temporales que son procesuales y relacionales, que se definen en una trama formada por una multiplicidad de territorialidades; que son singulares, pero forman parte de un todo que las contiene, lo que provoca algunas discontinuidades, a la vez que son superadas por ciertas continuidades; y, finalmente, que se encuentran en tensión con las movibilidades. (BENEDETTI; SALIZZI, 2014, p. 134)

Além disso, Grimson reflete especificamente sobre as zonas de fronteira ao indicar a necessidade de se atentar às construções identitárias fronteiriças. Segundo o autor, a convivência de proximidade e os intercâmbios diários justificam algumas retóricas integracionistas sobre regiões de fronteira, que tentam alcançar direitos a partir de suas peculiaridades e, com isso, invisibilizam conflitos partindo de slogans de “irmandade” (GRIMSON, s/d). Os processos de construção da nação e do nacionalismo, distintos em cada lado da fronteira política, têm efeitos sobre suas populações, e ambas atuam a partir de seus referenciais distintos, descontinuidades:

Cuando la "hermandad" entre los pueblos constituye un supuesto previo, resultan invisibles la realidad cotidiana de negociaciones, los conflictos, la producción de imágenes negativas de los vecinos. Como esa supuesta hermandad transfronteriza se ha instalado como sentido común, debemos subrayar ciertos elementos que apuntan en dirección contraria. Así, pretendemos saber de dónde partimos para la construcción de eventuales alianzas, entendiendo que una comunidad de intereses está mucho más por ser creada que lo que puede ser considerada como un hecho presente. Es necesario reconocer los efectos sociales y culturales del largo proceso de construcción de los Estados nacionales latinoamericanos y comprender los sentidos prácticos de la nacionalidad para los sectores sociales que habitan las fronteras. (GRIMSON, s/d, p. 9)

Nessa lógica, discursos integracionistas devem ser observados com cautela para se perceber os jogos de poder que os permeiam, a intenção de construção de comunidade, e os conflitos invisibilizados. Os autores afirmam que as políticas dos Estados de fronteiras dos Estados-nações existem e estão cada vez mais fortes. E, mesmo nas áreas de fronteiras políticas – onde historicamente se afirma uma ligação sociocultural –, as ações políticas e institucionais moldam os distintos nacionalismos, reafirmando fronteiras mesmo nas ligações. Como exemplo, Grimson (s/d) cita a construção de uma ponte que une dois países, mas que ao mesmo tempo constitui barreiras institucionais, aduaneiras e migratórias; a ponte, ao invés de aproximar, pode afastar as populações. Logo, com uma realidade de globalização, cosmopolita, os Estados continuam com políticas de soberania nacional.

Em relação aos migrantes brasileiros no Paraguai, não se fala em limite fronteiro político imediato no qual brasileiros e paraguaios estariam, cada um de um lado, em fluxo constante, como nos casos referidos por Grimson (s/d), o que seria, por exemplo o caso de Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este*. Como refletiu Albuquerque, trata-se de um “alargamento de região de fronteira” (2009, p. 162) ocasionado pelo processo migratório entre os dois países e seus fluxos, uma vez que os brasileiros que se fixaram no Paraguai ocupam uma faixa fronteira de 100 quilômetros ou mais, dos limites nacionais. Santa Rita, por exemplo, situa-se a aproximadamente 70 quilômetros da divisa entre Brasil e Paraguai. Trata-se de interações fronteiriças dentro do Paraguai. Fricções e adaptações em uma extensa área de interação entre paraguaios e brasileiros.

Os deslocamentos dos “brasiguaios”¹⁹ produzem uma pluralidade de fronteiras (políticas, jurídicas, econômicas, culturais e simbólicas) entre classes, etnias, gênero, nações e civilizações. As fronteiras nacionais e sociais podem ser vistas como marcos de diferenças culturais entre as populações que se encontram em situações fronteiriças, mas também como espaços privilegiados de contato e de trocas materiais e simbólicas. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 159)

Como expressa Albuquerque (2009), são populações em “situações fronteiriças”. Por outro lado, embora a migração de brasileiros ao Paraguai possa ter gerado fronteiras, ao mesmo tempo, é possível perceber integração. Albuquerque afirma que o intenso contato entre os grupos étnicos e nacionais não dissolve as diferenças culturais, e sim constroem e redefinem as identificações, de forma mais sutil do que se costuma construir:

Na “cultura brasiguiaia” há espaços de aproximação, integração e hibridismo cultural entre brasileiros e paraguaios que permitem construir imagens parciais dessas zonas fronteiriças. Entretanto, as culturas híbridas, que sinalizam formas de adaptação, de integração dos “brasiguaios” à “cultura paraguaia”, não significam que as diferenças, os nacionalismos e as identificações polares desapareçam nessa zona fronteira. O que podemos perceber na experiência dos “brasiguaios” são processos simultâneos de hibridismo cultural e de afirmação de identificações nacionais e preconceitos mútuos. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 160)

¹⁹ O termo “brasiguai”, sobre o qual trataremos mais adiante é complexo. Muitos autores já o estudaram amplamente, tais como Batista (1990) Sprandel (1992), Costa (2013), Fabrini (2012), Ferrari (2009), Silva, (2005), Baller (2014). Entende-se que ser ou não “brasiguai” tem a ver com uma categoria que passou a se desvincular de sua origem conceitual, qual era, fazer referência a camponeses pobres que retornavam do Paraguai para o Brasil. Tornou-se uma forma de estabelecer identidades relacionais e situacionais.

Assim, não se devem negligenciar fronteiras, tampouco integrações, ou reconfigurações fronteiriças, e também as multiculturalidades e translocalidades. É um território complexo, no qual as relações de poder político, simbólico, econômico, social e cultural estão em constante fricção. Esses poderes se dividem de acordo com a representatividade dos sujeitos e definem os imaginários e as representações do território. Albuquerque aponta relações complexas de construção de ligações e fronteiras, como as que percebi na observação desta pesquisa e que analiso no decorrer do texto.

Nessa linha de pensamento, me aproximo da noção de território, ao entender que questões fronteiriças remetem a dimensões territoriais. Haesbaert (1997), diz que território “[...] não pode ser considerado nem estritamente natural, nem unicamente político, econômico ou cultural. Território só poderia ser concebido através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais (e da sociedade com a própria natureza) [...]” (HAESBAERT, 2010, p. 74). Assim, supero a noção de território como limite político e o abordo como espaço de intersecção social, política, cultural, econômica em constante transformação. Nessa perspectiva, relações sociais, por exemplo, transformam territórios e redefinem suas abrangências.

Haesbaert mostra que os territórios representam construções, desde a dominação política e econômica mais funcional, até a apropriação, mais subjetiva. Nesse sentido, indica a ocorrência de processos de reterritorialização, entendendo-a como a formação de novos territórios por meio de uma reapropriação política e/ou simbólica do espaço, por meio de uma imposição de outras formas de ordenação da vida social (HAESBAERT, 1997). Portanto, as migrações podem reconfigurar espaços e (re)criar territórios em uma reterritorialização. E entendo que as (re)construções memoriais são fundamentais para esse processo.

Em territorialidade, enfatiza-se os aspectos simbólicos. Essa questão é especialmente importante neste trabalho por entender que, a partir da migração e fixação em outra localidade, existe a fricção e reordenação de referenciais socioculturais dos migrantes e também dos sujeitos com os quais esses se relacionam, e que leva a uma transformação identitária individual e também coletiva, a qual se expande para uma reconfiguração espacial, territorial. Assim, entendo que a migração de brasileiros para o Paraguai influencia na formação de espaços onde se inserem os migrantes, constituindo-se, de tal modo, em uma reterritorialização. Nessa

lógica, com as sobreposições de referenciais, pode-se falar em multiterritorialidades (HAESBAERT, 2004) nos espaços construídos a partir da interação entre sujeitos de diversas origens.

Na antropologia, João Pacheco de Oliveira (1998), ao refletir sobre a questão dos chamados “índios misturados” do nordeste do Brasil, traz à luz a discussão da territorialização como forma de desnaturalizar a noção de mistura e evidenciar o processo em que estes indivíduos se inserem. Mesmo se tratando de uma realidade diferente à analisada neste trabalho, as reflexões do autor contribuem com esta pesquisa. Oliveira evidencia a relação da noção de territorialização como “[...] um fato histórico — a presença colonial — que instaura uma nova relação da sociedade com o território, deflagrando transformações em múltiplos níveis de sua existência sociocultural” (1998, p. 54).

Nessa perspectiva, entendo territorialidade como a ação de apropriação e construção territorial nos aspectos simbólicos e materiais. Por conseguinte, a fixação e apropriação do espaço por brasileiros no Paraguai gera uma nova territorialidade, o que transforma as relações de fronteiras entre esses brasileiros e seus descendentes, e os paraguaios que ali vivem em uma nova configuração territorial: uma multiterritorialidade. São diferentes referências socioculturais em constante fricção e adaptação que formam e transformam esse território e essas fronteiras. Essas referenciais têm como base a memória social, que com o tempo passa a incorporar as novas referências vividas e se (re)constrói: uma nova memória social. Construo o texto, portanto, nessa perspectiva, ao buscar entender como se reconfiguram as memórias nesse espaço de relações complexas.

As migrações e as (re)construções territoriais estão permeadas pelas relações de poder existentes em nível local e também global. Sujeitos que migram estão inseridos em um processo que ultrapassa a realidade individual e compõem a realidade transnacional de produção e consumo. Dessa forma, no decorrer do texto, refiro-me aos brasileiros fixados no Paraguai como migrantes; uma forma de romper com o paradigma do nacionalismo metodológico e referir-me a redes migratórias. Nesse sentido, analiso a seguir o contexto em que se insere a migração estudada.

2. Migração de brasileiros para o Paraguai

2.1 Santa Rita: considerações preliminares

O Paraguai tem uma superfície de 406.752 km² e é dividido pelo Rio Paraguai em duas regiões: ocidental e oriental, com diferentes formações geográficas e sociais. A região oriental (39% do território nacional) é amplamente composta de mata atlântica. Tem, historicamente, uma maior concentração populacional, um clima mais ameno e solos mais propensos à agricultura. A região ocidental (61% do território nacional), com floresta tropical seca, forma o Chaco paraguaio. Nessa região se tem uma baixa densidade populacional, principalmente por suas características climáticas e geográficas desfavoráveis, com áreas desertas e outras inundadas, e com longos períodos intercalados de chuva e seca.

O país está organizado em 17 *departamentos* que se subdividem em *distritos* e um *Distrito Capital*, Assunção, sede dos poderes do Estado. No Paraguai, os termos *distrito* e *departamento* são divisões político-administrativas que, respectivamente, equivalem às categorias de *município* e *estado* no Brasil. Atualmente, a principal concentração da população estrangeira no país se encontra na região oriental e, especialmente, no *departamento* de Alto Paraná, onde o *distrito* de Santa Rita está localizado (ODDONE, 2011).

O Alto Paraná contribui com 35% do PIB nacional e as principais atividades econômicas são a agro-exportação de soja, a produção hidrelétrica (ITAIPU) e a pecuária. Esse *departamento* está organizado administrativamente e territorialmente em 20 *distritos*. A população total em 2002 era de 558.672 habitantes, e a capital *departamental*, *Ciudad del Este*, concentra aproximadamente 40% dessa população total. Os outros municípios mais populosos são, em ordem decrescente: *Presidente Franco*, *Minga Guazú*, *Hernandarias*, *Itakyry* e Santa Rita (ODDONE, 2011).

Santa Rita é um *distrito* localizado na porção central do *departamento* de Alto Paraná, a aproximadamente 70 quilômetros da tríplice fronteira com o Brasil e a Argentina. Esse município está inserido no contexto de colonização oficial do Paraguai desde as décadas de 1960 e 1970, ação empreendida pelo então presidente General Alfredo Stroessner.

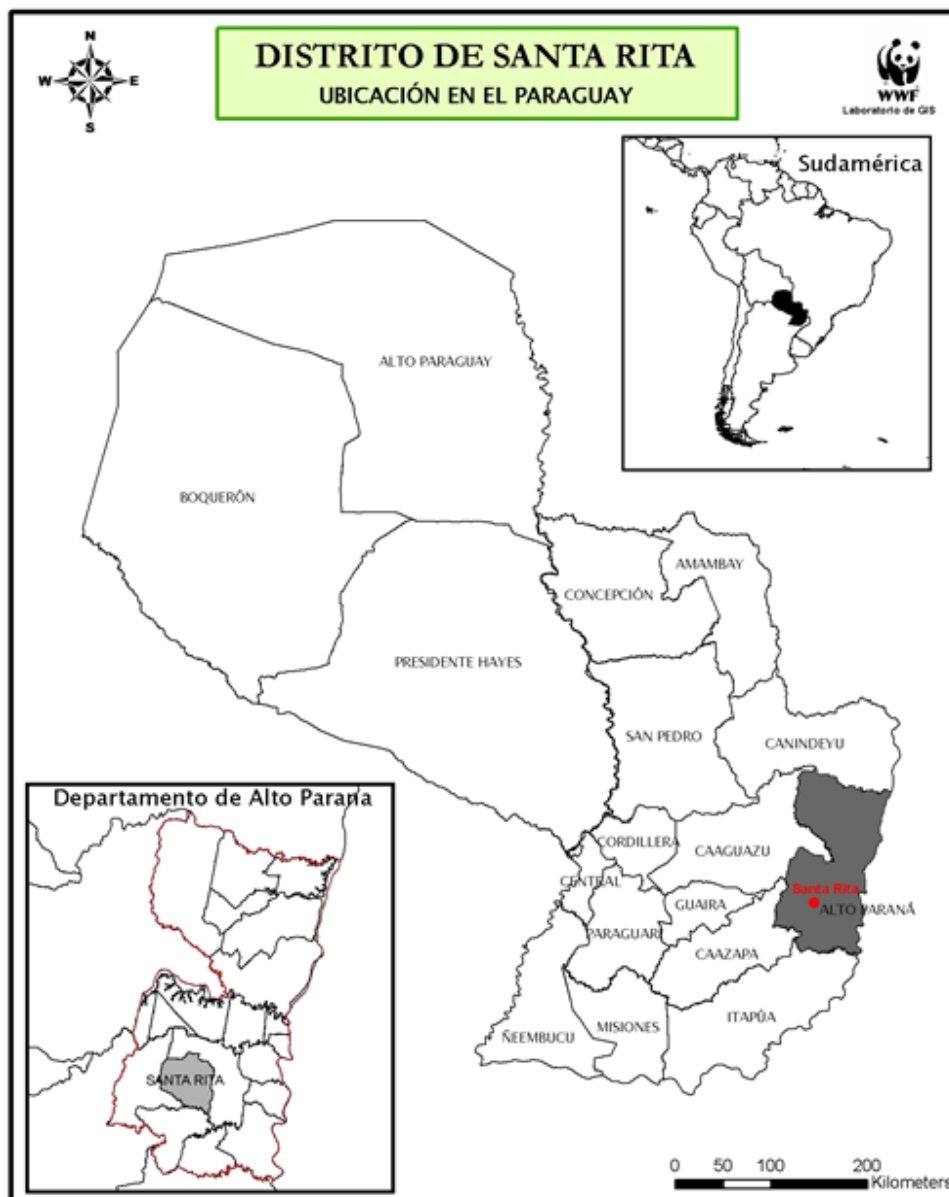


Figura 1 – Localização do município de Santa Rita.

Fonte: Disponível em: <http://assets.panda.org/img/original/santa_rita3.jpg> acesso em: 24/02/2017.

Santa Rita, outrora conhecida como *Santa Rita del Monday*, está situada em uma zona onde predomina o bioma Mata Atlântica próxima à fronteira com o estado brasileiro Paraná e da *provincia* argentina Misiones. Trata-se de um dos lugares do território nacional paraguaio que mais recebeu fluxos de migração brasileira nas últimas décadas, sobretudo de pessoas oriundas da região Sul. A maioria delas é constituída por descendentes de europeus que vieram para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX, no contexto da colonização oficial de áreas localizadas nos estados do Paraná, Santa Catarina e, principalmente, Rio Grande do Sul. Esse processo está associado a uma ação oficial de colonização e (re)aproximação política entre Brasil e Paraguai, ocorrido no contexto de regimes

militares que marcaram a história de Estados-nações que, posteriormente, em 1991, participaram da criação do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul)²⁰.

Em Santa Rita, de acordo com os materiais estudados e com informações obtidas no trabalho de campo, os primeiros migrantes chegaram no início da década de 1970, quando o espaço era de mata fechada. Toda a região era uma grande área que foi vendida, ou “cedida”, em parcelas para companhias colonizadoras particulares – brasileiras, paraguaias, e outras –, exceto algumas áreas colonizadas pelo próprio IBR (*Instituto de Bienestar Rural*), que, a princípio, estavam reservadas a camponeses paraguaios e às áreas de reserva indígena (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2015, 2016, 2017).

Durante a colonização, o espaço que atualmente compõe Santa Rita, pertencia ao *distrito* de *Domingues Martines de Irala*. Sua maior parte foi explorada pela colonizadora *Itaipu Amalisa*, sob a coordenação de Adelino Vettorello. Entretanto, ressalto que outras colonizadoras também atuaram naquele espaço, como: o IBR – responsável pela área que hoje compreende os bairros rurais de *San Miguel* e *Fulgencio R. Moreno* – e a colonizadora *Balpesa*, que atuou na área que hoje corresponde ao bairro rural de *Nueva Asunción*.

Segundo dados divulgados pela DGEEC – Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos (2015), órgão do governo paraguaio, em 2012 a população local era de 26.281 habitantes, com projeção de 29.348 moradores para o ano de 2016. Contudo, informações obtidas em 2015 na secretaria geral da *municipalidad* (prefeitura), à época Santa Rita teria uma população estimada em 35.000 pessoas. Dados assim, aparentemente conflitantes, revelam certa idiosincrasia demográfica no que diz respeito às estimativas oficiais para a população santarritense.

Atualmente, partindo da fronteira brasileira de Foz do Iguaçu com o Paraguai, o trajeto até Santa Rita começa ao cruzar a Ponte da Amizade. Uma vez em *Ciudad del Este*, é preciso seguir pela *Ruta 7*, importante rodovia que atravessa a região oriental do país e conecta a cidade à capital *Asunción*. Essa rodovia está interligada

²⁰ Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai assinaram, em 26 de março de 1991, o Tratado de Assunção, com vistas a criar o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). O objetivo primordial do Tratado de Assunção é a integração dos Estados Partes por meio da livre circulação de bens, serviços e fatores produtivos, do estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum (TEC), da adoção de uma política comercial comum, da coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais, e da harmonização de legislações nas áreas pertinentes. Disponível em: <<http://www.mercosul.gov.br/saiba-mais-sobre-o-mercocul>> acesso em: 20/01/2018.

ao Brasil via BR-277 e à Argentina pela *Ruta* 11, duas das principais vias terrestres para o escoamento da produção agrícola do Paraguai.



Figura 2 – Ponte da Amizade na fronteira entre o Brasil e o Paraguai.
Fonte: Disponível em: <<http://jie.itaipu.gov.br/node/42674>>acesso em: 26/02/2017.

No trajeto até Santa Rita observei paisagens e realidades socioculturais particulares cujo cenário, grosso modo, passa a ser mais rural e menos urbano. É notória a diminuição do número de prédios e estabelecimentos comerciais, e o predomínio de lavouras cultivadas em propriedades de diferentes tamanhos. Aos poucos, a paisagem se transforma, e o urbano multicultural do centro de *Ciudad del Este*, marcado por intensa movimentação de pessoas e um dinâmico comércio dos mais variados produtos, dá lugar a outra formação urbana, com menos prédios comerciais e atividade turística, e mais residências familiares. Surge um espaço rural com pequenas propriedades e, mais adiante, grandes extensões de terra com agricultura mecanizada.

No quilômetro 30 da *Ruta* 7 é preciso entrar à esquerda para a *Ruta* 6 – rodovia que liga *Ciudad del Este* à cidade de *Encarnación* – até Santa Rita, passando antes pelas localidades de *Minga Guazú* e *Tavapy*, municípios que, aos poucos, revelam paisagens distintas em relação às brasileiras, especialmente as que predominam no Paraná e Mato Grosso do Sul, estados que fazem fronteira com o Paraguai. Na região, é comum se ouvir pessoas falando em castelhano e em guarani, além de português e outras línguas. Essa singularidade chama a atenção de turistas e outros viajantes que

por ali passam pela primeira vez e, não raramente, constroem certa representação exótica sobre o Paraguai.



Figura 3 – Paisagem rural vista da Ruta 6, Paraguai.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

Para quem não conhece a região, é possível saber que está próxima a área urbana do *distrito* de Santa Rita ao se avistar um portal escrito em amarelo: “Bienvenidos a Santa Rita”. Ao percorrer, ainda, cerca de 10 km, termina o perímetro urbano do município, com uma espécie de túnel arbóreo que é considerado símbolo de Santa Rita. No percurso, também marcado pela presença de migrantes brasileiros e seus descendentes, a zona rural dá lugar a um espaço urbano com edificações. Isso ocorre porque Santa Rita concentra muitas empresas que atendem a região circundante, principalmente estabelecimentos de insumos, máquinas agrícolas, bancos, construtoras, entre outros. Caracteriza-se, portanto, por ser uma cidade-polo para a prestação de serviços e um centro do agronegócio, conhecido pela alta produção de soja (*Glycine max*). O que lhe garantiu o slogan de “*Ciudad Progresista*”, ou também “*Capital del progreso*” no Paraguai²¹, sendo referenciada nos meios de comunicação, por autoridades políticas e por diversos sujeitos como forma de caracterizar a localidade.

²¹ Como pode ser observado nas seguintes matérias: Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/santa-rita-ciudad-progresista-632061.html>> acesso em: 15/2/2017.

Disponível em: <<http://www.lanacion.com.py/2016/11/03/santa-rita-capital-del-progreso-paraguay/>> acesso em: 15/12/2017.



Figura 4 – Vista aérea parcial do área urbana de Santa Rita.

Fonte: Disponível em: <<http://www.lanacion.com.py/2016/11/03/santa-rita-capital-del-progreso-paraguay/>> acesso em: 15/12/2017.

Essa pode ser a primeira impressão que se tem sobre o lugar. Entretanto, com mais tempo de convivência e com a devida observação sobre pessoas, coisas, atividades e paisagens, é possível perceber diversas características particulares da localidade: população heterogênea, composta, também, por migrantes nacionais e estrangeiros; polo educacional que concentra escolas do ensino básico e instituições de ensino superior; destino do êxodo rural para pessoas de outras partes do Paraguai; sede urbana para quem mora em localidades mais distantes; dentre outras. Verifiquei, ainda, que o espaço atualmente visto como urbano também se apresenta como um lugar de memórias rurais, conforme analisado mais adiante. O município conta com instalações administrativas, diversas empresas, instituições financeiras, hotéis, universidades privadas – e uma pública – e toda uma estrutura de prestação de serviços variados.

Os aspectos das diferentes paisagens nesse território saltam aos olhos do observador. Ao chegar em Santa Rita, é notável sua peculiaridade espacial: é uma planície de terra vermelha fértil. Entendo que essas características determinam a atuação essencialmente rural nesse espaço, porém, essa ruralidade é exercida de formas diferentes. Por um lado, a prática de agricultura mecanizada – a depender do período do ano, soja, trigo ou milho – pode ser vista de forma panorâmica. Por outro, há pequenas propriedades organizadas a partir da cultura de subsistência. Essas

paisagens dicotômicas representam as distintas formas de apropriação do espaço rural de acordo com o poder econômico e referência sociocultural que se detém.



Figura 5 – Portal localizado na entrada da cidade de Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.



Figura 6 – Túnel de árvores em uma das entradas e saídas da cidade de Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2017.

Já no centro urbano, há construções com arquitetura de influências diversas. Casas e prédios comerciais e residenciais – mais ou menos luxuosos – mostram as discrepâncias econômicas do local. Os hábitos de cada um e suas representações derivadas mostram as diferenças de referencial nas construções observadas. De forma geral, os espaços formados a partir dos migrantes brasileiros se relacionam com a ideia de pioneirismo da região, com a produção agrícola, com a herança cultural

brasileira – principalmente sulista –, e com a reprodução dos valores considerados gaúchos nas construções, nomeações e práticas desenvolvidas. Já os espaços com referências paraguaias são percebidos pela construção mais rústica, pelo hábito de se tomar o *tereré*²² e principalmente pela presença dos símbolos nacionais paraguaios. Ambos grupos se diferenciam pela forma de ocupação e uso do espaço particular e público a partir de seus referenciais e práticas socioculturais.

Contudo, o que mais diferencia migrantes brasileiros de paraguaios são a linguagem e a gastronomia, pois estas determinam os fluxos da população de acordo com suas particularidades. Entretanto, a língua e a gastronomia são também, paradoxalmente, fatores que aproximam esses sujeitos nas práticas diárias. Isso pode ser visto na adesão dos imigrantes brasileiros e seus descendentes à língua e comida típica paraguaia no cotidiano, nas “*chipérias*” ou lanchonetes que servem esse tipo de comida, ou até mesmo nos restaurantes que são “brasileiros”, mas que, no *buffet*, oferecem pratos paraguaios. Sem contar o consumo do *tereré* com “*yuyo*” (apanhado de ervas, também chamado de *remédio*) por toda população. A questão da língua é marcante: o português é falado em toda a região, tanto por brasileiros como por paraguaios que incorporaram o idioma, ao mesmo tempo em que o castelhano é incorporado pelos brasileiros e, principalmente, pelos seus descendentes. Incorporações de termos de ambos os idiomas são presentes nas falas de todos, que os usam de forma misturada naturalmente. Assim, é possível se comunicar nas duas línguas com grande parte da população.

Essas “trocas culturais” resultam da interação constante entre os indivíduos de diferentes origens e caracterizam o espaço de forma plural. Contudo, essas “trocas” (interação e integração) muitas vezes são conflituosas, justamente pela existência de mais de um referencial no território, levando a uma constante “negociação” (conflitos simbólicos). Assim, não concebo esse processo de interação como completamente “harmonioso”, como afirmariam discursos integracionistas.

Esse panorama de Santa Rita, a partir de informações do trabalho de campo e materiais sobre a região, mostra uma (re)construção de memórias a partir da colonização recente. E nesse sentido, explícito a fixação de representações diversas e jogos de memória naquele espaço. A seguir, analiso o contexto histórico, a partir da realidade observada.

²² Bebida típica de origem guarani feita de infusão de ervas (*Ilex paraguariensis*) e água fria.

2.2 Antecedentes do processo de mobilidade entre Brasil e Paraguai

Ao estudar brasileiros no Paraguai é possível partir de inúmeras frentes de discussão, como a de conflitos socioculturais e de propriedade privada; a de identidades; a de fronteiras; e a da produção agroindustrial, como já fizeram diversos autores brasileiros, paraguaios e de outras nacionalidades.

Esta pesquisa tem como foco as memórias e as representações constituídas por migrantes brasileiros que se fixaram no *distrito* de Santa Rita, *departamento* de Alto Paraná, no Paraguai. E busco, sobretudo, observar esta migração a partir dos processos globais que influenciam as ações locais, regionais, transnacionais.

Em um primeiro momento, fiz um apanhado histórico sobre o processo de colonização recente no Paraguai. Análise que parte de uma visão antropológica, com o cuidado de se posicionar eticamente no campo estudado. Não essencializar as informações, contextualizar e refletir sobre as abordagens desse processo. Para tanto, tive base em estudos já realizados sobre a migração e fixação de brasileiros no Paraguai e em dados levantados no trabalho de campo.

Inicialmente, lembro que as práticas de mobilidade, interconexão e intercâmbio no mundo são imemoriais e múltiplas. O mundo está em constante movimento e a intervenção humana no território, além das causas naturais, ao longo dos séculos, o moldaram como conhecemos hoje. Os estados nacionais não existiam, o comércio e as relações sociais ocorriam de múltiplas formas. As fronteiras foram estabelecidas de maneiras diferentes e as nações construídas, ou imaginadas, como um todo homogêneo, enquanto sua população e suas práticas não cumpriam limites rígidos. Dessa forma, as construções das nações ocorreram por meio de políticas de homogeneização, com a definição de símbolos e práticas que se destinaram a caracterizar as pessoas da região. Essas políticas são derivadas da soberania do Estado-nação e são legitimadas pelo reconhecimento da população. Tais considerações são elementares para se expor e pensar as nações como algo recente nas relações humanas.

No espaço em que o território paraguaio é delimitado e em suas adjacências, indígenas de diferentes etnias viviam há tempos imemoriais, espalhando-se sem fronteiras rígidas como as dos Estados nacionais. Esses nativos sofreram diferentes formas de intervenção em seus territórios e culturas desde os tempos da colônia espanhola e portuguesa até o tempo presente. E muitas comunidades foram

exterminadas nos diferentes processos de apropriação do território, primeiro pela colônia e depois pela república.

O que se entende como a sociedade paraguaia teve sua formação relacionada à miscigenação entre espanhóis e povos indígenas, ocorrida durante o período colonial. Na idealização da sociedade branca mestiça, o indígena incivilizado não compartilhava o direito de ser paraguaio. É importante lembrar que o Paraguai, bem como os outros países da América Latina, praticara políticas indigenistas de assimilação indígena – começando pelo projeto republicano de *national building* com a ideia de liberalismo político herdado da Europa – para construir uma cidadania culturalmente homogênea.

Independente desde 1811, o Paraguai, como base para a imagem coletiva de sua sociedade, utilizou precedentes históricos que caracterizaram o território. Entre eles, elementos da cultura guarani, como linguagem e culinária, mas com o filtro da modernidade civilizada e não na sua totalidade cultural.

O Paraguai compartilha limites geográficos com Brasil, Bolívia e Argentina. Sem saída para o mar, tem uma relação histórica de dependência com a Argentina, com relações através dos rios Paraguai e Paraná. Com o Brasil, o Paraguai tem como limite territorial aproximadamente 1.300 km. Que se estende da fronteira entre Foz do Iguaçu e *Ciudad del Este* – situada na tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina –, até Corumbá e Bahía Negra – na tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Bolívia. Esse limite territorial é marcado pelo Rio Paraná, pelo Lago de Itaipu, e também por fronteira seca. Ao longo da fronteira, existem áreas urbanas, rurais e de reserva natural. E, em alguns pontos, a fronteira pode ser percebida mais como uma mistura de referenciais do que uma separação bem definida de territórios nacionais.

Inseridos no contexto de colonização espanhola e portuguesa da América Latina, respectivamente, o Paraguai tem como data de sua independência os dias 14 e 15 de maio de 1811, e o Brasil, 07 de setembro de 1822. Cada país tem suas peculiaridades, o que influenciou na definição de suas fronteiras ao longo dos anos, com intervenções distintas e disputas territoriais internas e externas. Por exemplo, o Brasil só reconheceu a independência do Paraguai em 1844, mas os limites fronteiriços ainda foram modificados posteriormente. Processos que tiveram influência dos contextos globais de disputa de poder de cada época.

Entendo que a constituição de nação, a “comunidade imaginada” (ANDERSON, 2008), define, além das fronteiras políticas e geográficas, a construção de fronteiras

simbólicas e socioculturais que são reafirmadas constantemente em busca de soberania nacional sobre seu território e sua cultura. Nesse sentido, conjecturo que Paraguai e Brasil construíram suas “identidades nacionais” enfatizando símbolos e figuras que incitam a continuidade e o pertencimento que os definem como “território nacional”. Isso pode ser observado em obras como a de Gaya Makaran (2014) – que reflete sobre o nacionalismo e seus mitos no Paraguai – e a de Marilena Chauí (2000), que analisa o mito fundador e a ação de poder na sociedade brasileira. Ambos os países, de formas diferentes, romantizam suas histórias oficiais, definem mitos e heróis e criam imagens homogeneizadoras que os distinguem um do outro. Surgindo, assim, as “comunidades imaginadas”, lembrando o conceito de Benedict Anderson (2008), que expressa que as nações se formam a partir de uma ideia, uma construção de imagem e de unificação e comunhão entre os indivíduos de uma nação.

Uma vez que o Paraguai alcançou a independência, com o governo de José Gaspar Rodríguez de Francia, esse governante encerrou o país atrás de suas fronteiras, proibindo a entrada e saída da população e limitando as transações comerciais com os países vizinhos ao máximo. Seus sucessores na presidência, Carlos Antonio López e Francisco Solano López, projetaram uma mudança de direção, apesar de manter o governo ditatorial. Buscaram atrair população estrangeira, expandir-se para as fronteiras e fomentar relações externas. Essa ação, no entanto, foi frustrada pela Guerra da Tríplice Aliança.

A Guerra da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) – como é conhecida no Paraguai –, ou “Guerra do Paraguai” – como é conhecida no Brasil –, ou ainda, “Guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança”, foi deflagrada entre 1864 e 1870. O conflito se derivou das disputas por hegemonia, tanto do poder, quanto da exploração da erva-mate, na região platina. (EREMITES DE OLIVEIRA; ESSELIN, 2015). Por consequência da guerra, o Paraguai sofreu incontáveis perdas humanas, além de parte do território. E as fronteiras foram reconfiguradas, redefinindo os limites entre os países envolvidos, em decorrência da assinatura do Tratado de Paz em 1872.

Diferentes abordagens sobre essa Guerra podem ser analisadas, como o estudo de Léon Pomer (2008) e Júlio J. Chiavenatto (1981), que retratam o Paraguai da época e indicam a influência imperialista inglesa no desenvolvimento dessa Guerra. Francisco Doratioto (2002), noutra perspectiva, explica o início do conflito por meio do processo histórico regional, negando a interpretação de que o imperialismo inglês teria influenciado o conflito. Sem entrar no mérito de qual noção representa com

mais veracidade o ocorrido, chamo a atenção para o fato: a abordagem que afirma ter havido influência inglesa na guerra é a mais conhecida e repercutida pela sociedade paraguaia. E faz parte da construção do imaginário nacional.

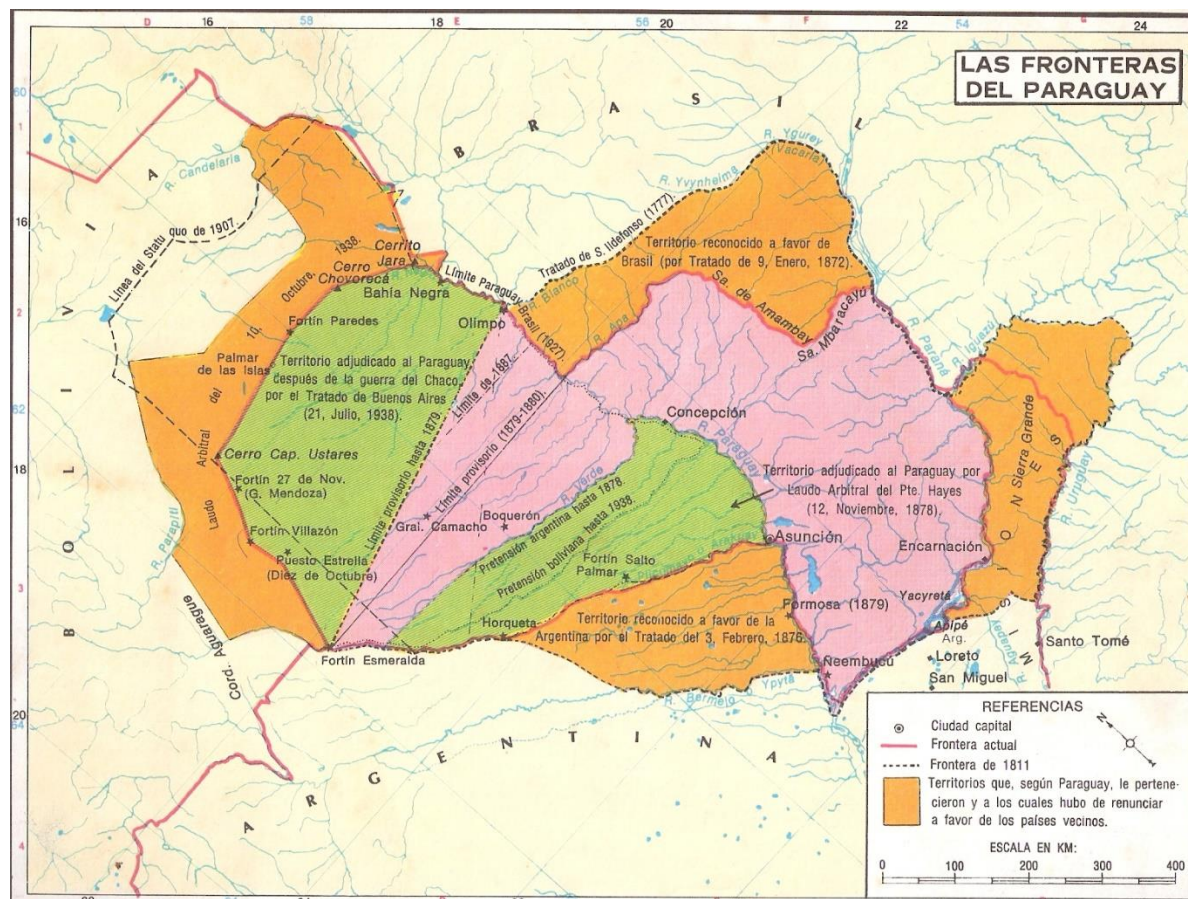


Figura 7 – Territórios que, segundo o Paraguai, os pertenciam e aos quais renunciou a favor dos vencedores das disputas guerras enfrentadas.

Disponível em: <<http://blog.proyectodiorama.com/2012/11/4-encuentro-internacional-sobre-la.html>> acesso em: 20/04/2018.

A Guerra da Tríplice Aliança, além de redefinir as fronteiras físicas dos países envolvidos, foi um processo que afetou (e ainda afeta na atualidade) profundamente suas fronteiras simbólicas, políticas e socioculturais, pois, constitui memórias históricas compartilhadas a partir das constantes menções e relações feitas pela sociedade paraguaia.

Em minha pesquisa de campo, frequentemente, quando um interlocutor relatava conflitos entre brasileiros e paraguaios, mencionavam a Guerra, indicando que, por conta dessa disputa, existe hoje um desconforto entre brasileiros e paraguaios. Como o expressado nas falas: “Ainda existe aquela rivalidade que vem da época da guerra. As pessoas usam muito isso ainda, da guerra, que daí ficou só mulher paraguaia aqui porque mataram todos os homens praticamente. Existe ainda

essa mágoa dentro deles.”; “Tem os paraguaios que dão valor pra nós, e tem os paraguaios que ainda tem aquela mágoa da época da guerra, *esses brasileiros de mierda*.”; “Había algunos paraguayos muy rencorosos que no querían olvidar de la Guerra de la Triple Alianza y todas esas cosas. Y entonces había algunos problemas siempre. Y terminó después.” Relembrar essa guerra é recorrente e percebido em pesquisas na região, como pode ser visto no relato de Jayme Benvenuto, sobre o desenvolvimento de sua pesquisa na fronteira entre esses países:

A pesar del discurso de hermandad en la región de la frontera, los entrevistados paraguayos hablan en casi todas las entrevistas realizadas en el país del resentimiento nacional-paraguayo relacionado las marcas del pasado: la Guerra de la Triple Alianza o Guerra del Paraguay, ocurrida hace cerca de 150 años, apareció en las entrevistas con los paraguayos como una herida abierta, con repercusiones en las relaciones con los vecinos y en el dimensionamiento del sentimiento de aislamiento en la relación con los otros tres países. (BENVENUTO, 2016, p. 22)

A Guerra da Tríplice Aliança abriu lacunas diplomáticas que repercutiram historicamente na relação das populações desses países. Seus efeitos permaneceram na memória dos povos afetados, memórias reordenadas de acordo com os diferentes momentos vividos, mas que delineiam os imaginários e as representações sobre o *outro* de acordo com a memória histórica que lhes é passada por sua nação: a de vencedor ou de vencido. Essas memórias são incorporadas como nacionais, de compartilhamento e de luta, e fazem parte da construção do nacionalismo dos países, especialmente do Paraguai, o qual teve suas estruturas política, social, econômica e de produção deflagradas.

Isso se reflete na atualidade, por exemplo, nas ações do Grupo de Trabalho Regional do Mercosul Cultural²³ que desenvolve o projeto “Más allá de la Guerra”. Proposto pelo Paraguai, foram realizados eventos e discussões sobre a temática da Guerra da Tríplice Aliança, sobre a qual o país também está organizando e disponibilizando documentos²⁴ na Biblioteca Digital del Patrimonio Ibero-americano, com o “Acervos de la Guerra Grande”. Ainda que ao longo dos anos alguns “troféus” de guerra tenham sido devolvidos ao Paraguai, e a dívida oficialmente perdoada, o Brasil ainda tem posse do canhão “El Cristiano”, enquanto o país vizinho pede sua

²³Disponível em: <http://www.mercosurcultural.org/index.php/2015-09-30-12-49-44/127-encuentro-interdisciplinario-mas-alla-de-la-guerra>. acesso em: 27/10/2016.

²⁴Disponível em: <http://www.iberoamericadigital.net/es/Inicio/> acesso em: 20/10/2016.

repatriação²⁵. Isso mostra como há pendências diplomáticas entre esses países e uma busca por reconstruir a história desse processo que continua de forma traumática na memória de alguns.

Depois dessa Guerra que custou ao país parte de seu território e população, o Paraguai teve sua entrada nas relações internacionais. Em busca de recomposição, e também devido à influência dos países que ganharam essa guerra, o Paraguai se abriu para a venda de terras do Estado, terras fiscais, a fim de atrair investidores ao país. Entretanto, essas políticas falharam em sua tentativa de captar a imigração desejada, especialmente a europeia, que com um volume cem vezes maior do que aquele que chega ao Paraguai, migra para os países triunfantes da guerra, principalmente para a Argentina, Brasil e, em menor grau, Uruguai (Oddone, 2011). Este primeiro movimento de abertura ao exterior culminou na formação de grandes latifúndios extrativistas, com pouca ou nenhuma fixação de nova população, e também na exploração de populações nativas por grandes empresas. Estabeleceram-se no país empresas de capital argentino, inglês e brasileiro, além do capital nacional, da elite nacional, que era uma parte ativa desses empreendimentos. (SOUCHAUD, 2007, NICKSON, 2005, GLAUSER 2009, ALEGRE E POZZO, 2008, VÁZQUEZ, 2006, CARRÓN E SILVA, 2006)

De acordo com Glauser (2009), este foi um sistema baseado na dualidade latifúndio-minifúndio, que permaneceu no país até as primeiras décadas do século 20 graças a uma legislação que favorecia abertamente a concentração de terras. Esses empreendimentos foram enfraquecidos pela crise econômica de 1929 e pela Guerra do Chaco (1932-1935)²⁶. As décadas subsequentes foram marcadas pela instabilidade política e pelas lutas sociais no Paraguai. Assim, um novo momento começou para a estrutura produtiva do país com a criação do *Estatuto Agrário* e o *Instituto de Bienestar Rural* (IBR), que previam a Reforma Agrária e a colonização do interior do país, sobre o que falarei a seguir.

Passados 150 anos do que se definiu como fim da Guerra da Tríplice Aliança, percebe-se ainda o nacionalismo paraguaio bastante arraigado às memórias das

²⁵Materiais que retratam esse processo podem ser vistos em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/atas/2010_03_65a_reunio_ordinria_4_de_novembro.pdf> acesso em: 20/12/2017 e <<https://seuhistory.com/noticias/governo-paraguaio-quer-que-brasil-devolva-trofeu-da-guerra-do-paraguai>> acesso em: 20/12/2017.

²⁶ A guerra do Chaco envolveu Bolívia e Paraguai, oficialmente, entre os anos de 1932 a 1935, com um acordo de paz firmado somente em 1938. A causa do conflito foi a disputa pela posse do território do Chaco Boreal. (DORATIOTO, 2000)

violências sofridas nesse conflito. Se, por um lado, o Brasil buscou, durante muito tempo, ofuscar a barbárie cometida e construiu uma memória de “vencedor merecedor” ao selecionar e silenciar fatos indesejados, o Paraguai exacerbou o abuso de poder sofrido ao exaltar a memória da morte dos seus homens, mulheres e crianças e o desfalque no seu progresso tecnológico e econômico. Portanto, formam-se imagens diferentes sobre a guerra, ambas dotadas de estigmas e preconceitos. Memórias enquadradas a partir de diferentes pontos de vista e que geram fronteira entre os dois países.

2.3 Contexto do incentivo à migração

O Paraguai no fim do século XIX e início do XX estava em processo de reconstrução nacional com políticas de aproximação com o exterior. Segundo o relatório da CEPAL de 1987 – que mostra o progresso dos investimentos internacionais no Paraguai –, desde o período pós-guerra da Tríplice Aliança, o país tem forte presença de investimentos estrangeiros. Até a década de 1930, os capitais aplicados no Paraguai foram, principalmente, de origem argentino, britânico, estadunidense e alemão. Os investidores focam especialmente no extrativismo, na pecuária, no transporte ferroviário e aquático, nas telecomunicações e nas instituições financeiras.

Os limites territoriais entre Brasil e Paraguai estiveram à mercê do extrativismo que se expandia ali e atendia aos interesses econômicos das elites nacionais e internacionais. Distante das capitais – e considerada inóspita pelas suas características espaciais de mata fechada –, essa fronteira permaneceu à margem dos interesses de fiscalização e proteção governamentais durante muito tempo. E não houve significativa ação governamental naquele espaço até o fim do século XIX. Eremites de Oliveira e Esselin mostram que

[...] a região era amiúde apresentada como vazia demográfica, lugar de barbárie e sertão ermo longínquo da civilização ocidental (ver GALLETI, 2012). Por isso havia certa invisibilidade quanto à presença de comunidades indígenas no lugar, por vezes apontadas como selvagens e atrasadas, embora também citadas como mão de obra a ser empregada na economia regional. (2015, p. 297)

De acordo com Colodel (1988), desde o fim da Guerra da Tríplice Aliança, a região fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina esteve ocupada por *obrages* que tomavam grandes áreas, sobretudo entre 1880 e 1930 – em maior parte de capital estrangeiro, principalmente argentino e inglês. Eremites de Oliveira e Esselin (2015) afirmam que a exploração da erva-mate foi protagonista nas relações fronteiriças entre os três países. A coordenação de parceria entre governos e particulares levou à exploração de extensas áreas na região de fronteiras. As *obrages* – companhias e empresas que atuaram na região – eram fazendas extrativistas e faziam exploração intensiva de erva-mate e de madeira. Sua mão de obra, conhecida como *mensus*, era composta de trabalhadores que viviam em regime de exploração. Segundo Eremites de Oliveira e Esselin, “[...] o fato é que a mão de obra indígena era a maior força de trabalho ali disponível no início da produção ervateira” (2015, p. 303).

Dessa maneira, torna-se imperativo reconhecer que nas primeiras décadas da Companhia Matte Larangeira o trabalho braçal nos ervais foi realizado majoritariamente pelos Guaraní e Kaiowá, embora nem todas as comunidades indígenas tenham estado diretamente envolvidas na economia ervateira. Esses índios foram submetidos a uma situação análoga à escravidão. (EREMITES DE OLIVEIRA; ESSELIN, 2015, p. 307)

Demonstra-se, assim, a ação e exploração indígena ocorrida na tríplice fronteira naquele momento.

A atuação dessas empresas era facilitada por uma omissão de fiscalização dos países fronteiriços, os quais se beneficiavam política e economicamente por esse processo. Essas *obrages* controlavam toda a região, tanto no sentido político e econômico, quanto no de exploração social e ambiental, com diversos portos no rio Paraná, para o escoamento, sem regularização estatal da extração. Nickson analisa esse processo na região, apontando que

Los Gobiernos Paraguayos de la post guerra, con su política del laissez-faire, llevaban a cabo una supervisión mínima de las actividades de las compañías privadas y, en la solitaria selva de la RFO²⁷, la Industrial Paraguaya era su propio juez. (NICKSON, 2005, p. 230)

Tal processo teve, como consequência, vastas concentrações de terra nas mãos de estrangeiros e da elite Paraguaia. Os direitos das populações rurais foram sacrificados pelos anseios das elites e do Estado. E os campesinos e indígenas não

²⁷ Región Fronteriza Oriental (RFO).

acederam a terra, e não tiveram seus direitos definidos. Dessa forma, a maioria da população ficou excluída do direito à propriedade, e essa ação não resolveu a situação econômica do país. Poucos estrangeiros se fixaram no Paraguai, investiram pouco no país e se limitaram ao extrativismo de madeira ou erva-mate, como mostram os dados de Nickson sobre o fim desse processo:

En 1943, sólo existían 1.582 unidades agrícolas en la RFO equivalentes a sólo el 1.7% del total nacional. No menos del 94% de estos agricultores eran ocupantes de tierras que eran propiedad de latifundistas o del Estado. La cantidad total de tierras bajo cultivo en la RFO era sólo de 7.320 has. (NICKSON, 2005, p. 231)

As mais notórias investidas do governo brasileiro em proteção à fronteira se deram a partir da criação de colônias militares nos limites com os países vizinhos. Na divisa com o Paraguai, em 1889, foi fundada uma Colônia Militar onde hoje é Foz do Iguaçu (WACHOWICZ, 1987). De acordo com Myskiw (2011), a implantação da Colônia Militar previa o avanço da fronteira, o estabelecimento de um núcleo colonial e a proteção daquele espaço. Contudo, esses objetivos não foram alcançados e a região continuou a ser explorada por estrangeiros durante os anos seguintes.

Essa realidade começou a mudar com a chegada de mais população à região – a partir dos anos de 1930, no limite imediato da fronteira onde hoje delimita-se Foz do Iguaçu; e dos anos 1950, nas demais áreas do Oeste paranaense – durante o governo centralizador de Getúlio Vargas, que implantou a *Marcha para o Oeste*. Essa política tinha como objetivo colonizar efetivamente, e nacionalizar as fronteiras agrícolas a fim de defender a soberania nacional. Essa colonização foi direcionada preferencialmente a colonos do Sul do Brasil (SZEKUT, 2014).

Esse processo de colonização recente modifica a realidade da fronteira entre Brasil e Paraguai. Em poucas décadas, essa área de mata que tinha exploração extrativista – espaço até então considerado inóspito, “sertão verde” (KLAUCK, 2005) –, passou a ser densamente habitado, devido ao processo de desmatamento para a implantação de agricultura mecanizada. Vale lembrar que a memória assentada em parte da historiografia desse processo exclui a presença e a ação dos nativos indígenas, que foram explorados e expulsos da região e, conseqüentemente, invisibilizados (GREGORY, 2002). Observa-se uma seleção de memórias sobre a construção do território.

Dessa forma, as empresas extrativistas da região da fronteira deram lugar às empresas colonizadoras em uma ação conjunta entre governo e iniciativa privada. O governo brasileiro liberou concessões de terras, enquanto as empresas se responsabilizavam pela preparação do espaço, infraestrutura mínima e atração dos colonos, além de lhes venderem as terras. Esse processo de colonização ocorreu ao mesmo tempo que o período de mecanização da agricultura, que, no Brasil, começou no Rio Grande do Sul, e que gerou excesso de mão de obra e falta de terras para a reprodução familiar.

O governo brasileiro incentivou a migração para alcançar expansão agrícola, em um fluxo de origem no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que logo seguiu para o Paraná e Mato Grosso, dando continuidade até o Norte do Brasil. Esse processo de migração e expansão agrícola é longo, tendo início na década de 1930 até os dias atuais, e aplicado de diferentes formas de acordo com os interesses políticos e econômicos do momento vivido, como explicitado nos livros *Matuchos: exclusão e luta: do sul para a Amazônia*, de José Vicente Tavares dos Santos, que trata sobre a colonização de duas áreas do Mato Grosso; *Des-territorialização e identidade: a rede "gaúcha" no Nordeste*, de Rogerio Haesbaert, que trata sobre a colonização gaúcha no sul da Bahia; e no texto *A identidade étnica e memória: Algumas reflexões e o caso dos gaúchos em Coxim - Mato Grosso do Sul*, de Ely Bergo de Carvalho e Cacildo Alves Nascimento, que reflete sobre a construção de uma memória e identidade do gaúcho a partir da aglutinação entre o moderno e o tradicional.

Ressalto que em meados do século XX, ao mesmo tempo em que era impulsionado um fluxo do Sul para o restante do país – principalmente para as fronteiras –, migrantes do Norte e Nordeste moviam-se em sentido inverso, motivados principalmente pelo trabalho nas plantações de café no estado de São Paulo e no norte do Paraná. Essas frentes migratórias se encontraram na região de fronteira entre Brasil e Paraguai, conforme pode ser observado no mapa a seguir (Figura 7).

Nesse contexto, a partir da década de 1940, houveram mudanças na estrutura política e econômica do Paraguai, com reforma monetária, criação do Banco Nacional do Paraguai e com a nacionalização de algumas empresas privadas. Assim, uma vez mais, o país se abriu para o exterior, facilitando a entrada de moeda estrangeira.

Nota-se que a principal mudança nesta etapa é a assistência financeira e técnica dos Estados Unidos que permitiu que o país tivesse crédito externo para o financiamento de infraestrutura e outras despesas. Nesse período, os investimentos

estrangeiros se concentraram em transportes, taninos, petróleo e frigoríficos, ainda com os mesmos países envolvidos: Argentina, Estados Unidos e Inglaterra.

O relatório da CEPAL de 1987 destaca que o aumento do investimento estrangeiro entre as décadas de 1940 e 1960 foi mínimo. No entanto, com o acesso ao crédito (durante essas décadas), o Paraguai conseguiu criar, expandir e modernizar sua infraestrutura, principalmente o transporte e a comunicação. Fato que melhorou a integração da economia nacional e também gerou uma aproximação regional com o Brasil.

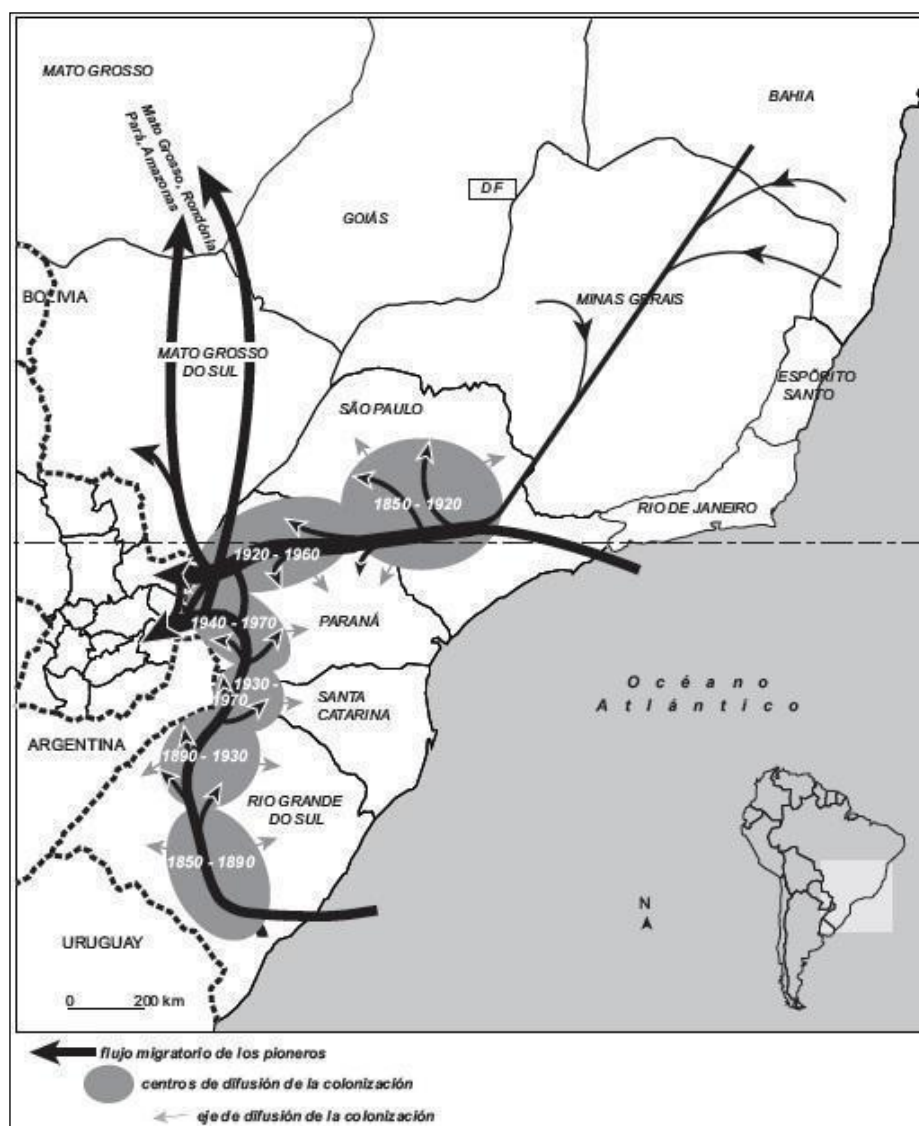


Figura 8 – Representação cartográfica sobre a migração de brasileiros do Sul para o Paraguai e outras regiões do Brasil.

Fonte: Souchaud (2007, p.104).

Nesse período aconteceu um avanço no mercado de agro-exportação no mundo. Estimulando a abertura de novas áreas para a produção agrícola em grande escala. Com isso, os brasileiros, desde a década de 1950, passaram por um processo

de migração interna em seu país em busca de terras para agricultura mecanizada. E ocorreu, também, uma aproximação política entre o Brasil e o Paraguai – ambos governados por ditaduras militares naquele período. O que levou à facilitação da entrada de brasileiros no Paraguai²⁸. Dessa forma, os interesses dos dois Estados se conjugaram e se conectaram aos interesses internacionais.

Algumas ações políticas de integração precisam ser consideradas para se entender o processo de entrada de brasileiros no Paraguai. Em 1967, o Estado Paraguaio revoga a lei que proibia estrangeiros de comprar terras na faixa de 150 km de suas fronteiras. Essa medida facilitou a migração para o país e fortaleceu as relações com o Brasil. Assim como várias ações implementadas na segunda metade do século XX, tais como: edificação da Ponte Internacional da Amizade (1962); fundação do distrito de *Presidente Stroessner* (1957), posteriormente renomeada de *Ciudad del Este* (1989); criação da primeira zona franca nessa área (1960); construção da *Ruta 7*, rodovia que liga essa cidade a Assunção, e também se conecta à BR-277, rodovia brasileira situada no Estado do Paraná e que dá acesso ao porto de Paranaguá; assinatura da Declaração de Assunção (1971), do Tratado de Itaipu (1973) e do Tratado de Amizade e Cooperação (1975). Assim, há toda uma conjuntura de aproximação e ação política entre os dois países que ampara esse processo de migração.

A colonização recente da região Oeste do Paraná que faz divisa com o Paraguai ocorre principalmente entre 1950 e 1970, período em que recebe maior fluxo de migrantes. Esse processo de migração e colonização, que já era incentivado pelo governo brasileiro para seu território, passa a ser adotado também pelo governo paraguaio. Em seu governo (1954-1989), o presidente Alfredo Stroessner replicou a política do presidente Getúlio Vargas de colonização da área de fronteira. Dessa forma, além de impulsionar a migração de paraguaios para a região de fronteira – com a *Marcha para el Este* –, incentivou a entrada e fixação de brasileiros no Paraguai. Como expressa Nickson:

²⁸ Neste momento, o Brasil e o Paraguai, bem como vários outros países da região, passaram por períodos de ditadura militar. No Paraguai, o ditador geral Alfredo Stroessner governou o país entre 1954 e 1989. Enquanto a ditadura no Brasil se estendia entre 1964 e 1985, e nesse período ele tinha sucessivos governantes militares. E o Paraguai, que historicamente manteve os laços políticos e econômicos, preponderantemente com a Argentina, mantém estreitas relações políticas com o Brasil. Além dessas relações regionais, é evidente que este foi o período da Guerra Fria e que os Estados Unidos exerceram o poder político e econômico que dirigiu muitas das relações e ações no espaço latino-americano.

La migración de los colonos brasileiros empezó desde mediados de los años sesenta en adelante y se aceleró después de 1972. El abandono histórico de la región después de la caída de las exportaciones de la yerba y el fracaso del programa de colonización del IBR, junto con los cambios estructurales que se produjeron en el lado brasileiro de la frontera, fueron la causa de este flujo migratorio que fue facilitado por una serie de decisiones tomadas por el Gobierno Paraguayo de esa época. (NICKSON, 2005, p. 236)

Assim, a migração para o oeste do Paraná seguiu como um fluxo contínuo em direção ao Paraguai, principalmente entre 1960 e 1980, praticamente sem perceber fronteiras políticas internacionais. O que remete à Tilly, quando aponta que “[...] não são os indivíduos que emigram, mas sim a rede” (1990, p. 84). Em uma perspectiva de migração em rede que ocorre a partir, não só dos interesses econômicos ou incentivo público, mas também das relações sociais estabelecidas. E também evidencia como políticas nacionais refletem os interesses econômicos internacionais e transnacionais. Como a expansão da agricultura com o “boom da soja”, que influencia a mobilidade de grandes fluxos de pessoas independentemente de sua origem, mas relacionada a sua capacidade de produção.

Essas questões também são trazidas por Silva (2005) e Souchaud (2007), segundo os quais, na época, o governo paraguaio buscava o desenvolvimento agrícola e a descentralização da população nacional em relação à capital do país e arredores. Para esse propósito, criou-se o *Instituto de Bienestar Rural* (IBR), atual *Instituto Nacional de Desarrollo Rural y de la Tierra* (INDERT), cuja missão estava ligada à organização da colonização pública e privada em terras situadas na parte oriental. Costa, por sua vez, explica que para se criar o IBR, e também o Estatuto Agrário do mesmo período, o Paraguai teve apoio dos Estados Unidos através do *Programa Alianza para el Progreso*. Ocasão em que o governo central atuou decisivamente na ampliação da estrutura fundiária nacional (COSTA, 2009). Desde então, o Estado paraguaio impulsionou a fixação de paraguaios e brasileiros na região oriental do país, com vistas à expansão das fronteiras agrícolas e, por conseguinte, do agronegócio.

Nesse período ocorreram, portanto, dois fluxos de migração para o mesmo processo de colonização no Paraguai: um de Oeste para Leste, por parte de uma população majoritariamente paraguaia, iniciado em fins da década de 1950; e outro, de Leste para Oeste, constituído em sua maioria por migrantes brasileiros, cujo fluxo mais significativo ocorreu a partir dos anos 1970. Ambas as frentes se encontraram

na região oriental – onde está localizada Santa Rita – e cada uma possuía características socioculturais, políticas e econômicas particulares. Entendo, assim, que a colonização da parte oriental do Paraguai, formada por uma população de diferentes origens, transformou aquele espaço a partir de complexas formas de interações e contatos interétnicos, não necessariamente pacíficos e pautados apenas pela solidariedade social, mas envolvidos em jogos de interesses mediados por poder político, econômico e simbólico em um longo processo de reterritorialização.

No que diz respeito à recente colonização do Paraguai, Carrón e Silva (2006) expõem o longo processo histórico ligado à situação política e econômica do país, marcado pela violação de direitos e corrupção. Essa situação histórica teve reflexos na gestão do território nacional e na privatização das terras públicas, dando origem a latifúndios enquanto grande parte da população não teve acesso à propriedade. Segundo os autores, a situação muda a partir de meados do século XX

Entre 1956 y 1981 pareció que algo cambiaría en el campo. El gobierno promovió un proceso de colonización y de expansión de la frontera agrícola, desordenado e incompleto, pero que mejoró ciertos indicadores agrarios. La proporción del territorio nacional destinada a la agricultura pasó del 2% al 7%. Donde predominaba una gran proporción de explotaciones agrícolas minifundistas, radicalmente incapaces de proporcionar sustento a una familia, apareció una faja de campesinos que explotaban lotes de 10 a 20 hectáreas. Entre 1956 y 1981, el número de este tipo de explotaciones sufrió más que una duplicación. Sobre todo se incrementó, en el mismo período, el número y la superficie cubierta por explotaciones de 20 a 99,9 hectáreas, que pasó de 15.819 a 50.018, y de 524.204 hectáreas a 1.419.437. (CARRÓN E SILVA, 2006, p.11)

O trecho aponta certos aspectos positivos que a *Marcha para el Este* teria propiciado à população paraguaia, mas na sua continuação já exhibe que o processo foi limitado, com violação de direitos de populações nativas e privilégios a pessoas que não se encaixavam no escopo da Reforma Agrária.

Com as políticas de incentivo à agricultura no interior do país, ocorreu inicialmente um fluxo interno evidente, que apesar de ter sido estimulado, não foi amparado pelo governo. Por isso, é um processo considerado fracassado, por autores como Nickson (2005), uma vez que essas populações não conseguiram se estabelecer na agricultura sem o devido apoio. Nesse contexto, a partir dos anos 1970 começa um fluxo expressivo de migrantes do Brasil para a região. Este processo ocorreu no âmbito da abertura da economia do Paraguai para o mundo. E, naquele

decênio, a população de brasileiros ali estabelecida foi estimada em 34.276 imigrantes (CARRÓN E SILVA, 2006).

Além de ter sido incentivada pelo governo, a migração de brasileiros para o Paraguai está associada ao que Carrón e Silva (2006) – parafraseando HervéThéry²⁹– chamam de “*tsunami de la soja*”. Trata-se do processo de expansão das fronteiras agrícolas – e conseqüentemente do agronegócio – frente às demandas do mercado globalizado para a produção de soja (*Glycinemax*). Nesse contexto mais amplo, o governo paraguaio incentivou a migração de brasileiros, especialmente pessoas oriundas da região Sul do Brasil, que em sua maioria descendiam de imigrantes europeus e eram consideradas experientes para esse propósito, pois estariam há tempos inseridas no processo de expansão das fronteiras agrícolas. Atendendo aos interesses do projeto *Alliance for Progress*, do governo dos Estados Unidos da América, estimulado pela expansão internacional da “economia verde”, ou do “boom da soja”; e apoiado pelo governo brasileiro, que seguia o mesmo caminho de expansão das fronteiras agrícolas. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2016)

Nesse sentido, falo de um espaço que se transforma, em escala global, num processo de globalização no qual as fronteiras estão abertas ao capital, mas com circulação de pessoas limitada pelos interesses de cada Estado. Conforme indica Glik Schiller e Salazar (2013).

Nota-se que a política de expansão agrícola foi praticada pelo Paraguai aos moldes da do Brasil, e que a forma de ocupação do espaço também foi reproduzida com a utilização de empresas colonizadoras para o processo. O Estado consentia, ou vendia, o direito de exploração às companhias de colonização particulares, que, em contrapartida, se responsabilizavam por todo o processo de “organização” e venda dos terrenos, seguindo as expectativas do governo. As colonizadoras que se fixaram no Paraguai reproduzem as práticas empreendidas do lado brasileiro da fronteira, que já tem um *modus operandi* padronizado. Como apontado por Gregory (2002), sobre a organização similar das colonizadoras na região de fronteira.

Companhias colonizadoras, ou indivíduos que atuaram na colonização no Brasil, também atuaram no Paraguai, replicando a forma de organização e comercialização do espaço. Essa ação resultou no surgimento de municípios no departamento de Alto Paraná, como *Naranja*, *Santa Rosa del Monday*, *Santa Rita* e

²⁹ THÉRY, Hervé. Mappemonde. La vague déferlante du soja brésilien. **M@ppemonde**,n.74, p.1-7, 2004. Disponível em:<<http://mappemonde.mgm.fr/num2/articles/art04204.pdf>> acesso em: 10 jul. 2015.

outros, onde há grande presença de brasileiros e descendentes, e onde se percebeu uma migração em rede (ver MARTINS, 1996; FABRINI, 2012). Muitas dessas pessoas são oriundas do Rio Grande do Sul, que passaram alguns anos no Paraná ou Santa Catarina e depois se fixaram no Paraguai. Como ocorreu em *Santa Rosa del Monday* (MARTINS, 1996), município limítrofe ao de Santa Rita.

Em linhas gerais, as portas abertas do Paraguai à migração brasileira, a quantidade de terras disponíveis a preços baixos, o mercado de soja em expansão no mundo e a experiência com a produção agrícola de pessoas do Sul do Brasil fizeram com que esse contingente se movimentasse de acordo com as possibilidades de expansão das fronteiras agrícolas. Esse processo resultou em uma nova configuração das relações fronteiriças entre os dois países, e também das relações transnacionais, incluindo dinâmicas demográficas particulares da região.

2.4 O fluxo migratório e o agronegócio transnacional

Desde o início da colonização da região oriental do Paraguai, milhares de brasileiros migraram para o país – principalmente através da fronteira de Foz do Iguaçu com *Ciudad del Este*, e da fronteira seca do atual Mato Grosso do Sul – fixando-se perto dos limites fronteiriços entre os dois países. Há divergências sobre o número de brasileiros que se fixaram na região entre a década de 1970 e meados dos anos 1980, variando as estimativas entre 300.000 e 400.000 pessoas (SILVA, 2005, p.171). Já Souchaud (2007) e Sprandel (1992), referindo-se ao fluxo de brasileiros no Paraguai até a década de 1990, chegam à estimativa de 500.000 indivíduos. Albuquerque, por sua vez, aponta que, de acordo com “[...] os dados do Ministério das Relações Exteriores em 2002, dos 545.886 brasileiros que se encontravam nos países da América do Sul, 459.147 estavam no Paraguai” (2009, p.139). Carrón e Silva (2006), por outro lado, afirmam que há provável exagero nessas estimativas, e o número de brasileiros no Paraguai não superaria 200.000, mesmo no momento de maior migração. Apesar do número aparentemente incerto de brasileiros residentes no Paraguai, segundo o censo de 2012 a população total do país era de aproximadamente seis milhões e meio de pessoas. O que indica que o fluxo desses migrantes é relevante para a demografia paraguaia.

Nos últimos sessenta anos, de acordo com os dados do DGEEC – *Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos*, foi registrado o maior aumento

populacional em toda a história paraguaia. Nesse período, a população nacional quase quintuplicou, passando dos 1.328.452 habitantes, em 1950, para 6.461.041, em 2012. A confiabilidade das fontes de censo paraguaio é um tanto precária, especialmente no que diz respeito aos inquéritos censitários das grandes áreas rurais e selvagens do país. Portanto, os dados devem ser lidos com reservas, e servem, principalmente, como estimativas para as análises.

De qualquer modo, a conjuntura do mercado global e local e os incentivos do governo central favoreceram a migração e a fixação de um expressivo número de brasileiros no Paraguai. Diferentes situações de migração foram percebidas em diversos relatos de migrantes que se fixaram em Santa Rita, os quais descreveram as dificuldades vividas como pequenos produtores no Brasil, como, por exemplo, terras pouco férteis; inclinação do terreno em áreas serranas; famílias numerosas; e falta de espaço e de trabalho para novas gerações. Para as pessoas que se encontravam nessas condições, enfrentar as dificuldades de uma região percebida como “selva” ou sertão, inicialmente sem nenhuma infraestrutura, foi uma alternativa positiva. Uma oportunidade de melhoria de vida no Paraguai. Entre as diferentes motivações dos migrantes que se fixaram no Paraguai, Albuquerque acrescenta:

O deslocamento de milhares de trabalhadores para a construção da hidrelétrica de Itaipu e a indenização de vários camponeses que viviam no lugar do futuro lago de Itaipu também contribuíram para aumentar o fluxo migratório para o Paraguai na década de 1970 e 1980. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 142)

Nesse sentido, a migração para o Paraguai se configurou também como alternativa de fuga para famílias atingidas pela Usina Hidrelétrica de Itaipu.

Essa característica de “fuga”, necessidade extrema de mudança ou única opção de mudança, leva Marcia A. Sprandel (1992) a não se referir ao pequeno produtor rural brasileiro no Paraguai como migrante – é uma especificidade do seu estudo sobre os “brasiguaios”, brasileiros que retornam nos anos 1980 para o Brasil de forma organizada para reivindicar seus direitos à terra. Para a autora, esses “brasiguaios” se caracterizavam mais como refugiados, devido aos fatores que os levaram a migrar. Entretanto, em uma perspectiva que abrange de forma geral os brasileiros que migraram ao Paraguai e ali se fixaram, existem diferentes situações vividas por esses indivíduos que impossibilitam classificá-los de forma homogênea. Em um ponto de vista antropológico, entendo a problemática de se caracterizar os

sujeitos pesquisados. E nesta tese, portanto, os brasileiros que se fixaram em Santa Rita são tratados como migrantes.

Além dos brasileiros da região sul, migrantes de outras partes do Brasil também se fixaram no Oriente paraguaio, embora em menor número. Conforme apontado por Souchaud (2007), a maior parte dessas pessoas foi para o país como mão-de-obra para abrir e derrubar a mata, limpar os terrenos, e para a produção de menta, trabalhando como peões ou arrendatários. Normalmente vistos por “sulistas” como “nortistas”, esse contingente populacional estava em situação de subalternidade diante da assimetria observada em relação aos rio-grandenses, catarinenses e paranaenses donos de terra. Muitos retornaram ao Brasil devido à perda de postos de trabalho quando ocorreu a mecanização agrícola na região, algo que não atingiu apenas aos “nortistas”, mas toda uma parcela de pequenos proprietários que não conseguiram manter suas terras frente à expansão latifundiária que adveio da mecanização. No geral, observo que as situações de brasileiros no Paraguai e em Santa Rita é complexa. Há retornos; há os que têm terras e produzem no Paraguai e moram no Brasil; há os que têm terras no Brasil e no Paraguai e exercem atividades nos dois lados da fronteira; parte da família está no Paraguai e outra parte no Brasil.

Em relação à concentração de terras no Paraguai, com base na mostra agropecuária realizada em 2002 pelo *Ministerio de Agricultura y Ganadería* do Paraguai, Carrón e Silva sugerem que propriedades com menos de 100 hectares estariam destinadas a desaparecer diante do avanço da monocultura da soja: “[...] la soja, que ya expulso del agro a decenas de miles de pequeños campesinos paraguayos, también expulsa a colonos brasileños que trabajan en pequeña escala” (CARRÓN E SILVA, 2006, p.15). Os autores entendem que, diante dessa situação, ocorreria uma migração rural-urbana dentro do Paraguai, ou o retorno de pequenos e médios produtores brasileiros a seu país de origem. Processo que afetaria negativamente pequenos produtores, comunidades campesinas, povos indígenas e até o meio ambiente (VÁZQUEZ, 2006). Significa dizer que a pujança econômica, especialmente aquela decorrente da monocultura da soja, está no epicentro das relações sociais de poder, exploração e tentativas de dominação que marcam o colonialismo no Oriente paraguaio. Soma-se a isso a ausência eficaz e moralizadora do Estado e das elites nacionais na própria organização territorial do país.

A fim de sistematizar a história da migração brasileira ligada à colonização recente no Paraguai, ainda que relegada ao campo das hipóteses e das

generalizações, apresento três movimentos ligados a este processo, sendo os dois primeiros vinculados às empresas colonizadoras. O primeiro movimento é o de migrantes com menor poder econômico que trabalham como empregados na abertura das terras colonizadas. De acordo com Souchaud (2007), a maioria dessas pessoas seria proveniente de regiões de lavouras de café nos estados de São Paulo e Paraná, muitos deles vindos do Norte e Nordeste do Brasil, e que não teriam conseguido se fixar no Paraguai. O segundo movimento – que ocorre concomitantemente ao primeiro – é o de pessoas do Sul do Brasil, inseridas no processo de expansão das fronteiras agrícolas. Parte delas possuía poder econômico suficiente para comprar terras e investir na agricultura, enquanto muitos eram apenas mão de obra. O terceiro movimento ocorre após a mecanização da agricultura, como contrafluxo. Em uma direção, migrantes retornam ao Brasil nos anos 1990 e 2000 por conta do aumento da concentração de terras – um processo caracterizado principalmente por exclusão dos mais pobres e menos capacitados. Esse retorno continua até os dias de hoje, é constante, porém, não é um fluxo tão elevado como nos anos 1980. E em direção contrária, uma leva de indivíduos considerados mão-de-obra qualificada se desloca para o Paraguai.

O fluxo de migrantes que entram no Paraguai a partir de 1990, no entanto, não se compara em questão numérica aos fluxos anteriores. Esse último movimento tem características distintas, uma vez que os sujeitos migram para o país para suprir a necessidade de mão de obra qualificada e atender as novas exigências da agricultura extensiva mecanizada e a urbanização crescente. Esses se inserem nas redes de migração, como exposto por Truzzi:

Passada a fase de deslocamento dos pioneiros, qualquer processo migratório de massa sempre tende a associar demandas e ofertas de mão-de-obra. O conceito de redes enfatiza que essas duas esferas entram em contato e se concretizam no interior de uma trama de relações pessoais, através das quais fluem as informações sobre trabalho disponível. (TRUZZI, 2008, p. 209)

A colonização reconfigura esse território com a implantação da agricultura mecanizada e, também, com a formação de centros urbanos. Cada colonizadora, além de distribuir os lotes rurais, era responsável por estruturar um “patrimônio” que seria um centro social e comercial e que centralizaria as ações da colônia. Esses patrimônios que, aos poucos, se tornaram centros urbanos. Além disso, após a venda dos terrenos rurais algumas áreas como Santa Rita, que não estavam previstas como

áreas urbanas, consolidaram-se como centros de sociabilidade e como centros comerciais por estarem em localizações estratégicas. A nova população passa a agir sobre o território, imprimindo não só suas características de produção, mas também todas suas práticas socioculturais, formando uma nova territorialidade nesse espaço.

Assim, os brasileiros que se fixaram no Paraguai também estabeleceram áreas urbanas no país, nas quais suas representações são dominantes, como mostram Souschaud (2008), Vázquez (2006) e Albuquerque (2009) ao retratarem as comunidades urbanas que se formaram em torno da agricultura nos *departamentos* de Alto Paraná, *Canindeyu*, *Amambay* e *Itapúa*. Uma dessas áreas urbanas é o *distrito* de Santa Rita que será abordado mais adiante.

Carrón e Silva (2006) analisam a transformação demográfica na área de fronteira entre o Paraguai e o Brasil com os fluxos determinados pela expansão da soja. Segundo eles, milhares de pessoas migraram à região para atender essa produção e assumir os serviços exigidos pelas novas áreas transfronteiriças rurais e urbanas. Nesse sentido, eles argumentam que esse processo tem como consequência uma reestruturação das relações bilaterais nas fronteiras:

La frontera, en cuanto límite divisor de espacios económicos diferentes según los países que la conforman, deja de existir. Ahora se halla un continuum que responde uniformemente a las oscilaciones del mercado internacional y se apoya en una infraestructura financiera que funciona con la misma fluidez, en ambos lados de la simbólica frontera. (CARRÓN, SILVA, 2006, p. 19)

É importante considerar, também, que o Paraguai recebeu, no decorrer dos séculos XIX e XX outros fluxos de migração. Apesar de não ter sido tão expressivo, após a Guerra de Tríplice Aliança, o país recebeu um fluxo de alemães. E, nas décadas de 1930 e 1940, registra-se também a chegada de imigrantes poloneses, ucranianos, russos, belgas e franceses. Além dessas populações migrantes, existiram políticas diretas para a entrada no país de migrantes japoneses e de menonitas³⁰. Eles chegaram ao Paraguai no início do século XX e com mais intensidade após a Segunda Guerra Mundial. Os menonitas – que tinham como país de origem, principalmente, Prússia, Rússia e Alemanha, mas que chegaram ao Paraguai, sobretudo, do Canadá, do México e dos Estados Unidos – estabeleceram colônias no Chaco Paraguaio, em sua maioria. Lugar onde o Estado lhes ofereceu terras, e onde se dedicam à

³⁰ Os menonitas são um ramo pacifista e trinitário do movimento cristão anabatista, originado no século XVI, como uma expressão radical da Reforma.

agricultura e à agropecuária, por meio de cooperativas. Enquanto os japoneses constituíram colônias na região oriental, se dedicando à agricultura e também ao comércio.

Contudo, a maior população estrangeira que se fixou no Paraguai é a de brasileiros (ODDONE, 2011). Esses, por sua atuação direta na expansão da agricultura mecanizada no país e por estarem dentre os maiores proprietários de terra e produtores de soja do país (VILLAGRA, 2014), são diretamente relacionados com o agronegócio e seus efeitos, positivos ou negativos.

Embora migrantes brasileiros façam parte do agronegócio no Paraguai, é necessário considerar que a realidade desses migrantes e seus descendentes no país é diversa. Marcia A. Sprandel (1992, 2006) chama a atenção para a necessidade de um olhar crítico sobre as homogeneizações feitas em relação ao coletivo de brasileiros no Paraguai ou “brasiguaios”. Como mostra, essas homogeneizações ocorrem para atender a diferentes interesses e não representam a realidade vivida na região. Em mais de 40 anos de mobilidade e fixação no Paraguai, os migrantes brasileiros estão inseridos em diversas e plurais realidades. Ou seja, o agronegócio é uma das facetas da ação de brasileiros naquele espaço, mas não são todos que se inserem nessa atividade.

No entanto, conforme sugere Yaluff (2006), a organização econômica do território paraguaio responde às lógicas comerciais regionais ligadas à exportação de gado e soja, o que torna a economia nacional um satélite de interesses externos. Segundo o autor, enquanto as fronteiras operam como interfaces, permitindo a circulação e facilitando o desenvolvimento de atividades econômicas, “[...] las mismas homogeneizan espacios que se constituyen en regiones económicas transnacionales” (YALUFF, 2007, p. 91). Dessa forma, o Paraguai compõe uma rede de produção transnacional que trabalha para servir o mercado internacional. Por exemplo, sobre a produção e exportação no Paraguai, Yaluff afirma que: “[...] El 70% de la soja se exporta como grano y el 26% va a la industria. El 60% de la soja en grano se destina a EEUU, 28% a la Argentina, y 1,07% a Brasil. Por otro lado, el aceite de soja se exporta a la Comunidad Andina.” Já sobre a agropecuária, o autor indica que “[...] en 2004, el 73% de la producción se destinó a la exportación, mientras que el 27 % al mercado local. Los principales mercados de exportación son Rusia, Chile, Brasil, Líbano e Israel” (YALUFF, 2007, p. 87).

Na atualidade, o agronegócio é a principal prática econômica no país, e é composto por redes transnacionais. Luis Rojas Villagra menciona que "[...] de las 12 transnacionales en el sector del agro-negocio que operan directamente dentro de la economía paraguaya, cinco provienen de los EEUU, seis de países europeos y uno de Asia, específicamente de Hong Kong" (2009, p 36).

E sobre o gerenciamento de pesticidas e fertilizantes no Paraguai, Franceschelli (2016) ressalta que apenas oito empresas lidam com 80% do negócio de substâncias químicas, todas ligadas ao capital estrangeiro. A Monsanto Paraguai, com 12% do volume registrado, a importadora de pesticidas Agrotec S.A., com 10,4% e a Tecnomyl S.A., com 9,5%. Portanto, a autora denuncia que a produção agrícola nacional é altamente dependente de insumos estrangeiros e que não existe uma política pública destinada a reduzir essa dependência.

Ao mesmo tempo que essa rede transnacional atua no Paraguai, uma parte da produção agrícola e pecuária do país está nas mãos de migrantes brasileiros, menonitas, japoneses, alemães, dentre outros investidores. Além disso, o agronegócio está diretamente relacionado à acumulação de terra nas mãos de alguns – conseqüente deslocamento forçado de pequenos produtores – e à falta de terra para populações indígenas e camponesas. Com a diminuição da produção camponesa nativa e segurança alimentar, bem como a deterioração ambiental (PALAU, 2016). Sendo assim, o agronegócio no Paraguai é um desafio, tanto para a soberania nacional, quanto para o equilíbrio ambiental e os direitos dos cidadãos³¹.

Os processos produtivos ligados à pecuária e à agro-exportação no Paraguai estão ligados ao desmatamento maciço de seu território (VILLAGRA, 2014). Este desmatamento começou no final do século XIX com o corte do *quebracho blanco*, madeira valiosa, tanto por seu tanino quanto pelo excelente valor no mercado de móveis. Atualmente, no entanto, o desflorestamento não tem como objetivo principal o uso da madeira, que serve basicamente para a produção de carvão vegetal ou para exportação ilegal, mas é realizado para a limpeza de novas áreas para exploração agrícola.

Outras atividades responsáveis pela depredação florestal são a mineração e a prospecção do petróleo. Os dados sobre o desmatamento no Paraguai mostram um

³¹ Esta afirmação baseia-se no fato de que no Paraguai, 1,6% dos proprietários possuem 79% da terra. (Villagra, 2014, p.114)

valor de 350.000 ha (hectares) de desmatamento anual. O que significou a destruição de 5 milhões de ha entre 2010 e 2015 (INECIP, 2016). O impacto sobre o meio ambiente é palpável: com redução da biodiversidade, mudanças climáticas, tanto nas áreas tropicais como atlânticas e, no plano social, com a eliminação do habitat, e consequente expulsão do território, das populações indígenas.

O desmatamento massivo ocorrido na região oriental durante o processo de expansão agrícola dos anos 70 aos anos 90 levou as autoridades a promulgar a *Lei Zero Deforestación*, em 2004, para a região oriental. Foi então que, nesse período, começou a exploração sistemática de florestas na região ocidental para constituir novas fazendas de gado. A maior parte dessa atividade era ilegal, exercida fora do sistema administrativo que, em teoria, rege o uso da floresta. Esta violação do sistema legal não implica, até hoje, na maioria dos casos, em qualquer tipo de punição legal. Estima-se que, anualmente, a destruição dos ecossistemas arbóreos e naturais representa 1,44% do território, o que coloca o Paraguai no ranking dos países com maior desmatamento no mundo. (INECIP, 2016)

Esse contexto permite se ter uma visão geral do processo no qual se inserem os migrantes brasileiros. Destaco as condições favoráveis para esses sujeitos migrarem e se fixarem nesse espaço, e como a expansão do agronegócio faz parte de uma rede transnacional que ultrapassa as relações bilaterais entre Brasil e Paraguai. O governo paraguaio estimulou não só a entrada de migrantes para a expansão agrícola mecanizada, mas também incentivou empresas transnacionais do agronegócio a se envolverem nesse processo. Trata-se de uma mobilidade dentro de um processo de expansão do agronegócio na região que abrange toda a área de fronteira entre Brasil, Paraguai, Argentina e também Bolívia, com ação de interesses transnacionais, principalmente norte-americanos e também orientais.

A vivência desse processo pela mobilidade e ação de brasileiros reconfigura as representações individuais, coletivas, sociais e territoriais que serão analisadas a seguir.

2.5 Colonização, e a “*acumulación por desposesión*”

Chamo a atenção para o uso do termo “colonização” e como esse processo atinge a (re)construção memorial do território estudado. De acordo com a etimologia da palavra, colonização é o ato de colonizar, formar colônia. *Colonizar* vem do latim *colônia* (território estabelecido por gente que não é da li). A palavra colônia, por sua vez vem de *colonus* (lavrador, habitante) e esta vem de *colere*, (cultivar, habitar). O verbo colonizar ainda leva o elemento que vem do grego, "izar" que indica "converter em" (HOUAISS, 2012). Então é possível dizer que o termo colonização está relacionado com mobilidade, fixação e transformação de um outro lugar através do cultivo.

No contexto estudado, colonização é um vocábulo empregado para se referir ao processo de ocupação territorial recentemente ocorrido na região Oriental do Paraguai. No entanto, o mesmo vocábulo está historicamente relacionado às explorações europeias para além-fronteiras, tanto no Ocidente quanto no Oriente terrestre. Países europeus estabeleceram colônias para a exploração de povos e territórios nas Américas, África, Ásia e Oceania. As consequências desse processo se estendem até o tempo presente sob novas formas de colonialismo, incluindo a própria colonialidade do saber e do poder, conforme Cooper (2005), Fanon (1968), Lander (2005), Loomba (2005), Smith (2004), Said (2007) e outros.

É oportuno apresentar as explicações de Henriques relativas aos termos colonização, colonizar e colonial:

Os termos colonização (o fato de povoar com colonos, de transformar em colônia, de explorar as colônias), colonizar (estabelecer colônia, habitar como colono), e colonial (adjetivo relativo às colônias – expansão colonial, regime colonial, produtos coloniais, chapéu colonial) banalizam-se na segunda metade do século XVIII, dando conta, sobretudo, das situações coloniais americanas. (HENRIQUES, 2014, p.46-47)

E acrescenta:

Registre-se ainda um elemento fundamental que atravessa toda esta problemática: se a colonização significa a eliminação da autonomia do colonizado, não só territorial, mas também cultural – como as línguas e as religiões –, colonizar é um exercício que visa desmemorar as populações em relação à sua própria história, introduzindo a história do colonizador e construindo uma nova memória, onde uns e outros são hierarquizados de acordo com a ordem do colonizador, marcando de forma definitiva a valorização do mesmo, a desvalorização e a recusa do outro. A violência – nas suas múltiplas facetas – inerente à dominação foi sempre uma constante dos processos de colonização. (HENRIQUES, 2014, p.49)

Dessa forma, o termo colonização implica em poder e autoridade sobre o colonizado. No caso aqui analisado, trata-se, sobre o poder do Estado-nação do Paraguai que incentivou a migração de nacionais e de estrangeiros para a constituição das frentes de expansão das fronteiras agrícolas na região oriental no país. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2016)

Durante o meu trabalho de campo, foram inúmeras as citações de como Stroessner, o então presidente do país, incentivou a migração para a região. Por exemplo, quando ao fazer referência sobre quando migraram para o Paraguai, Francisco Felipone³², que migrou com a família de Santa Catarina na adolescência, relata que “Foi mais ou menos na época em que o Presidente Strossner abriu pros imigrantes entrarem, para progredir o Paraguai. Então foi também nessa época que nós entramos.” Airton Schmidt³³, migrante brasileiro que chegou à região com a família quando tinha 4 anos de idade, diz que:

Na época foi quando o presidente, o General Stroessner, foi ele que abriu essa imigração. Ele queria que colonizasse aqui, daí que veio o desenvolvimento, na época foi facilitado tudo, não era complicado como hoje. Pra atravessar a fronteira era fácil, não tinha controle. A ponte da amizade já existia, e assim facilitavam as coisas, o pessoal se sentia bem, não tinha problema nenhum com documentação, não existia aquele controle de que tinha que ter identidade. (Airton Schmidt, 2015)

Percebo assim uma legitimação da migração e colonização pela autorização/convite/facilitação do então mandatário do país, como pode ser visto também na fala de Milton Johann³⁴, migrante brasileiro que chegou à região com a família quando adolescente:

Em Santa Rita não houve dificuldades porque na época o presidente do Paraguai era o Alfredo Stroessner, e ele incentivava muito a vinda de imigrantes para abrir essas terras e pra colonizar. Ele era ditador, mas democrático na parte de acolher ao imigrante. (Milton Johann, 2015)

Nesse mesmo sentido, Eduardo Coronel³⁵, migrante paraguaio da região de *Pilar, departamento de Ñeembucú*, que foi o primeiro farmacêutico da região de *Santa*

³² Francisco Feliponi. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 12/06/2015.

³³ Airton Schmidt. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015.

³⁴ Milton Johann. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 31/03/2015.

³⁵ Eduardo Coronel Rolon. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 14/07/2015.

Rosa del Monday e um sujeito sempre envolvido na política, fala sobre como atuava ativamente e contribuía com a colonização empreendida por Stroessner:

Y visitaba el presidente de la república con fotografías. Al General Stroessner, le sacaba la foto de la escuela construida, del colegio, de la iglesia construida, los puentes, los caminos. Las fotos, llevaba y le presentaba. Me iba con ocho o diez personas, y aprovechaba la oportunidad para felicitarle por su programa de gobierno, por el progreso que estaba haciendo para construir un nuevo Paraguay. (Eduardo Coronel, 2015)

Esses relatos são exemplos de outros observados na região, nos quais, o presidente Stroessner é considerado o idealizador e executor dessa colonização, que é vista como o progresso para a região. Entendo que os sujeitos entrevistados foram beneficiados por esse processo, visto que estão morando e trabalhando na região. Mas, ao mesmo tempo, há coletivos que não foram beneficiados por esse processo – os colonizados –, e que não têm a mesma opinião sobre essa colonização, conforme mostram os textos de Villagra (2009, 2014), Villalba (2009), Glauser (2009), Alegre e Pozzo (2008).

Existem diferenças entre a colonização empreendida no Paraguai na segunda metade do século XX, e aquela realizada por países europeus para além-mar do século XV ao XIX, haja vista o contexto histórico e as características econômicas, políticas e socioculturais de cada época e lugar. Contudo, todo tipo de colonização oficial traz em si a marca da violência da intervenção do Estado e da sociedade sobre territórios e populações submetidas ao seu poder, geralmente colocadas em situação de subalternidade e com menos visibilidade em termos historiográficos e outros.

Na década de 1960, González Casanova (2006) pensou situações análogas a partir do paradigma do colonialismo interno, isto é, de um sistema estruturante ligado às relações sociais de poder, exploração e tentativas de dominação. Após a independência de várias ex-colônias europeias nas Américas, as elites *criollas*, de matriz euro-americana, passaram a desenvolver um colonialismo interno sobre “minorias” indígenas e negras. Nesse sentido, o fato de antigas colônias se tornarem Estados-nações não é parâmetro para a inexistência do colonialismo, cujo conceito não está ligado às temporalidades do período colonial. Na mesma década, Cardoso de Oliveira (1978), baseado nas discussões de Casanova e nos aportes de Balandier (1993 [1951]), aponta a necessidade de se discutir a noção de colonialismo interno na etnologia, visando conhecer o Brasil indígena. Nessa linha de raciocínio, considero,

por exemplo, a ação do colonialismo interno na expulsão de coletivos humanos de seus territórios tradicionais diante das ações das frentes de expansão econômica das sociedades nacionais, como verificado em vários países americanos, bem como no Brasil e no Paraguai. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2015)

Nesse sentido, José Seoane (2012) aponta que a partir das novas condições do mercado mundial capitalista ocorre uma continuidade do padrão colonial de poder constituído na primeira conquista, o poder das elites relacionados com o extrativismo de exportação. Assim, afirma que a memória do extrativismo de exportação na América Latina se estende desde o século XV com a exploração dos conquistadores no continente, até o presente momento, com uma nova ordem de extrativismo. Agora determinada pela lógica capitalista neoliberal, no quadro das repúblicas oligárquicas.

Desse modo, Seoane (2012) fala sobre a nova concepção do extrativismo, que tem extensão de relevância conceitual ao agregar o agronegócio e o turismo de luxo internacional na perspectiva da extração e exportação. O que está inserido na lógica neoliberal capitalista atual. Para o autor, a continuidade da lógica de colonização por meio das novas formas de extrativismo se vincula às ações de *“acumulación por desposesión”* ou *“por despojo”*, o que enfatiza os desafios impostos pelo extrativismo e a violência exercida por ele, que muitas vezes é invisível por trás de justificativas de acumulação de capital.

De esta manera, el extractivismo implicó la creciente integración subordinada de las economías de la periferia al circuito de la gran producción capitalista global expresado en el nuevo carácter de la dependencia y los procesos de recolonización característicos de las últimas décadas. (SEAONE, 2012 p. 6)

A partir do mesmo referencial de *“acumulación por desposesión”*, o autor paraguaio Luis Rojas Villagra (2014) expõe que no caso do Paraguai as atividades extrativistas têm o uso da terra como principal condição de existência. Para o autor,

La matriz extractivista en Paraguay actualmente tiene dos sectores consolidados y uno en gestación: la agricultura industrial y la ganadería empresarial ya ampliamente extendidos, y como nuevo canal de explotación de la tierra, la minería. Para desgracia de las poblaciones campesinas e indígenas, las tres actividades se sustentan en la explotación intensiva de la tierra. Para explotar la tierra, primero hay que poseerla, para lo cual primeramente hay que desposeer a quienes viven en ellas pero no la explotan en la lógica capitalista. La histórica lucha por la tierra en Paraguay se agudiza y se vuelve cada vez más violenta, como atestiguan los campesinos muertos en Curuguaty en junio de 2012, y los posteriormente asesinados por sectores terratenientes, Sixto Pérez, Vidal Vega, Benjamín Lezcano y Lorenzo Areco,

todos ellos miembros de organizaciones campesinas que luchan por la tierra. (VILLAGRA, 2014, p. 13)

Villagra denuncia então a ação de “acumulación por desposesión” ou “por despojo” mostrando as principais atividades extrativistas e as violências cometidas contra populações que não compartilham da lógica capitalista de exploração da terra. Segundo esse autor, a maior parte do território paraguaio está nas mãos das elites nacionais e de grandes operadoras transnacionais, para as quais foram transferidas terra e recursos naturais por um preço irrisório. Com tributação quase inexistente, as exportações são livres de impostos e, com isso, a impunidade de sua atividade predatória relega comunidades campesinas paraguaias, incluindo populações indígenas, à posição de extrema subalternidade e pobreza (VILLALBA, 2009). Essa crítica é corroborada por Albuquerque (2009) ao destacar que os principais prejudicados pela colonização foram indígenas e camponeses paraguaios.

Para Seoane (2012), o Estado paraguaio é altamente proativo, como um agente dinâmico e facilitador das operações de grandes empresas transnacionais envolvidas em atividades extrativistas e agropecuárias,

Tal vez el retrato más transparente de la profunda articulación entre los intereses imperiales, los bloques dominantes locales y la profundización del extractivismo en la región puede apreciarse alrededor del golpe de estado parlamentario que tuvo lugar en Paraguay en junio de 2012. Allí, como ha sido demostrado por las medidas gubernamentales que siguieron inmediatamente al golpe, la destitución parlamentaria de Lugo expresaba la conjunción de una serie de intereses de los propietarios rurales, el agronegocio sojero y la megaminería, inocultables en la consecuente persecución del movimiento de los carperos, la autorización de semillas de algodón y maíz transgénico -cuya validación había sido bloqueada hasta ahora por la presión de los movimientos campesinos-, y el apoyo brindado a los millonarios subsidios y obras requeridos por la corporación canadiense Rio Tinto Alcán para la instalación de una productora de aluminio. (SEOANE, 2012, p. 15-16)

Estes autores exemplificam como a colonização é exercida em um novo formato, que corresponde à ordem neoliberal de expansão transnacional. Essa realidade é semelhante à de outros países da América Latina, como a Bolívia e o Brasil. Miguel Urioste e Cristóbal Kay (2005) expõem a luta dos indígenas da Bolívia para retomar suas terras tradicionais. Enquanto isso, no Brasil, Darcy Ribeiro (1997) expõe a luta histórica indígena e camponesa contra a lógica colonial, que estão excluídas do processo de construção da nação. Em geral, o que é percebido é uma continuação do processo de colonização nas novas repúblicas da América. Onde as

elites das nações desenvolvem campos de poder e exclusão da lógica da acumulação de capital.

Estas perspectivas são trazidas ao texto pela realidade observada e vivenciada na região fronteiriça entre Brasil e Paraguai, onde se percebeu a expansão do agronegócio transnacional, com uma ação progressiva de “acumulación por desposesión” e o estigma e a marginalização sobre comunidades indígenas e campesinas.

Nesse sentido, Guillermo de la Peña, baseado na realidade do México, fala sobre cidadania étnica, que “[...] se refiere al reclamo de mantener una identidad cultural y una organización societal diferenciada dentro de un Estado, el cual a su vez debe no sólo reconocer, sino proteger y sancionar jurídicamente tales diferencias” (DE LA PEÑA, 1998, p. 11). O autor mostra que, na realidade da América Latina, quando a nação é forjada, os povos indígenas são relegados ao passado como assuntos distantes, e assim se tornam invisíveis e são eliminados dos espaços nacionais. Nesse sentido, De la Peña expressa a necessidade de fortalecer identidades étnicas, que o paternalismo político seja extinto e que os espaços públicos se tornem democráticos. No Paraguai, essa perspectiva pode ser aplicada, considerando as particularidades de seus povos que ainda não possuem uma organização política ativa, e permanecem na margem, invisíveis pela distância temporal e espacial que lhes são impostas pela ação política e social do país.

Compreendo assim, que a colonização na atualidade é exercida por meio de relações de poder globais e locais. Direcionada por interesses econômicos, um dos efeitos da colonização é a “*acumulación por desposesión*”, na qual populações que não compartilham dos modos de expansão capitalista são excluídas do processo e expulsas do território. No Paraguai, o modelo de colonização empregado também exerce “*acumulación por desposesión*” para a expansão do agronegócio e outros modelos extrativistas. Com isso, analiso a seguir, os efeitos desse processo nas comunidades nativas da região de colonização recente nesse país, visto que fazem parte do processo histórico das (re)construções memoriais do espaço estudado.

2.6 Colonização, e invisibilidade indígena

A partir das reflexões anteriores, retrato a realidade indígena no contexto de colonização. Esta perspectiva é paralela aos objetivos dessa pesquisa, visto que

esses sujeitos fazem parte da constituição do espaço analisado, mas que devido às políticas e ações empreendidas, são relegados ao esquecimento. No entanto, como visto anteriormente, as seleções e os esquecimentos fazem parte das (re)construções memoriais, individuais e coletivas na definição da identidade.

Uma imagem homogênea da sociedade paraguaia foi construída baseada na miscigenação entre espanhóis e povos indígenas ocorrida durante o período colonial. Entretanto, na idealização da sociedade branca mestiça, o indígena incivilizado não compartilha o direito de ser cidadão paraguaio.

Independente desde 1811, o Paraguai passou de uma colônia espanhola para uma situação de colonização interna, exercida por uma elite crioula. E a nação foi construída sobre os interesses dessas elites. Como base para a imagem coletiva de sua sociedade, utilizaram-se precedentes históricos que caracterizaram o território. Entre eles, elementos da cultura guarani, como linguagem e culinária, mas com o filtro da modernidade civilizada e não na sua pluralidade cultural.

Apesar das mudanças na constituição nacional, devo lembrar que o Paraguai, como outros países da América Latina, praticou políticas indigenistas de assimilação indígena. Isso é evidenciado no que está estabelecido na Constituição Paraguaia de 1870, promulgada após a Guerra da Tríplice Aliança, em seu Capítulo VIII, dedicado aos poderes do Congresso: "Proveer a la seguridad de las fronteras; conservar el trato pacífico con los indios y promover la conversión de ellos al cristianismo y a la civilización" (Artigo 72, parágrafo 13). Isso legitimava a discriminação e a aculturação dos povos indígenas e o não reconhecimento de suas culturas e seus territórios. É evidente, portanto, que as declarações de cidadania universal para as populações da República não contemplam os povos nativos, pelo menos em seu estado selvagem ou bárbaro.

Dentre as iniciativas institucionais de regulamentação das comunidades indígenas no país está a criação do *Instituto Paraguayo del Indígena – INDI*, em 1975, e o *Estatuto de las Comunidades Indígenas* em 1981. Em sua mais recente Constituição Nacional (1992), no capítulo V, o Paraguai reconhece os povos indígenas e seus direitos, enquanto no artigo 46 se refere à igualdade de pessoas, com a não discriminação. O país ratificou, em 1993, o convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho – OIT sobre "*Pueblos Indígenas y Tribales en Países independientes*", e em 2000, a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial. Além disso, assinou a *Declaración de las Naciones Unidas*

sobre los derechos de los pueblos indígenas. No entanto, apesar desses fatos, o país continua a apresentar casos de discriminação e marginalização dos povos indígenas.

De acordo com o III Censo Nacional de População e Habitação para os Povos Indígenas de 2012 (DGEEC, 2012), atualmente existem 19 povos indígenas no Paraguai divididos em cinco famílias linguísticas (Tabela 1). Entre eles, existem 493 comunidades e 218 aldeias ou bairros, totalizando 711 comunidades, aldeias ou bairros que habitam em 13 *departamentos* do país e em Assunção. Este censo projeta um total de 117.150 pessoas que declaram pertencer a uma das comunidades existentes no país, de uma população total, em 2012, de pouco menos de 6,5 milhões de habitantes no Paraguai (DGEEC, 2012). O censo de 2002 havia contabilizado 562 comunidades, aldeias ou bairros com um total de população de 89.169. Relembro que os números extraídos pelos censos no país, devido aos critérios e metodologia utilizados, não têm alto nível de confiabilidade, entretanto, servem como estimativas.

Família Linguística	Pueblos
Guarani	Pai Tavyterã, Avá Guaraní (Chiripa), Mbyá Guaraní, Aché (Guayaki), Guaraní Ñandeva (Tapieté), Guaraní ocidental (Guarayo)
Maskoy	Sanapaná, Angaité, Guaná, Toba Maskoy, Enlhet Norte y Enxet Sur (Lengua)
Zamuko	Ybytoso (Chamacoco), Ayoreo, Tomárãho
Mataco Mataguayo	Nivaclé (Chulupi), Maká, Manjui (Chorotí)
Guaicurú	Qom

Tabela 1: Povos indígenas do Paraguai distribuídos por famílias linguísticas
 Dados: Tabela elaborada pela autora com base nos dados do III Censo Nacional de População e Habitação para os Povos Indígenas de 2012.

Para o DGEEC, o censo indígena é realizado "con el afán de seguir promoviendo la visibilidad étnica, cultural y lingüística de los pueblos indígenas existentes en el Paraguay" (DGEEC, 2012). Neste contexto, os povos indígenas do país participaram de um censo tecnicamente comparável pela primeira vez em 1981, depois em 2002 e o último em 2012, o que mostra que apenas recentemente começaram a ser reconhecidos e legitimados como habitantes no espaço nacional.

Isso se assemelha à análise de Guerrero (1998) sobre a lógica de igualdade da sociedade no Equador para comunidades indígenas que eram percebidas e tratadas de forma diferente naquele país. Guerrero (1998) indica um fenômeno de "invisibilização" das populações indígenas na esfera política pública durante a

construção da cidadania no século XIX e afirma que isso é construído como um campo de dominação através do qual se pratica exclusão de populações.

Portanto, o fato de não haver, por muitos anos, uma quantificação dos povos indígenas por parte do Estado paraguaio indica um campo de dominação que exclui e invisibiliza esses sujeitos, que não são considerados cidadãos de direitos no país. Borgognon (1968) demonstra isso ao afirmar que, até o final da década de 1960, os indígenas foram marginalizados no Paraguai uma vez que não constavam no Registro Civil do Estado, não votavam e não pagavam impostos.

Essa realidade da exclusão dos indígenas como cidadãos de direitos no Paraguai não mudou completamente. Eles permanecem às margens da sociedade ainda hoje, com ações de assimilação, sem que os direitos básicos dos cidadãos sejam atendidos. Por exemplo, no site da Justiça Eleitoral da República do Paraguai pode-se ver o "Proyecto: Fortalecimiento de la participación electoral de los pueblos Indígenas del Paraguay³⁶". Desenvolvido porque o país continua com práticas desiguais e discriminatórias para com seus cidadãos ao não contemplar os povos indígenas com direitos básicos como o Registro Civil, que permite alcançar outros direitos.

Assim, ao falar de povos indígenas no Paraguai, é necessário compreender uma situação histórica de desrespeito pelos direitos desses povos. O país que tem como língua oficial o guarani, língua indígena, e que procurou construir uma imagem de "Nação Guarani", explorou os povos indígenas do seu território e os excluiu historicamente das relações socioculturais e da produção econômica. Gaya Makaran (2014), em seu livro sobre o nacionalismo e seus mitos no Paraguai, mostra que a nação usa um discurso de "raça guarani" ou "terra guarani" como um mito de origem vinculado ao imaginário indígena, mas que isso não passa de retórica, porque os indígenas são, na prática, renegados pela população.

Mientras que el discurso nacionalista subraya las raíces guaraníes del mestizo paraguayo y éste con orgullo alardea ser descendiente de la gloriosa raza de guerreros, la sociedad paraguaya suele despreciar al indígena actual, considerado un estorbo para el progreso y un vestigio arcaico, sentenciado por la selección natural a perecer. La situación actual del indio en Paraguay parece desmentir, o por lo menos complejizar, el mito del mestizaje paraguayo. (MAKARAN, 2014, p. 181)

³⁶ Disponível em: <<https://tsje.gov.py/pueblos-indigenas.html>>. acesso em: 17/12/2017.

Gaya complementa ainda que "La sociedad nacional vive física y moralmente separada de las poblaciones indígenas guaraníes actuales, al grado de no considerarlas compatriotas ni siquiera humanas" (MAKARAN, 2014, p. 205). Essa autora mostra como os indígenas, mesmo tendo seus valores usados para a construção de um imaginário social nacional, são rejeitados pela sociedade paraguaia. Uma perspectiva que mostra as relações de poder existentes no país e que denuncia os abusos históricos sobre essas populações.

Essa forma de conceber os povos indígenas no Paraguai é denunciada por diferentes estudiosos. Borgognon, em 1968, fala da necessidade de se reconhecer as comunidades indígenas do país que, desde a independência, foram deixadas à própria sorte. O autor assinala que, historicamente, "para el común de la gente y también en las esferas oficiales, hablar de indio era sinónimo de incapacidad integral" (BORGOGNON, 1968, p. 344), não reconhecendo como parte da sociedade paraguaia:

La masa aborigen es una herencia, que nadie intentó administrarla, haciendo que ella fuera también un complemento más de nuestra comunidad paraguaya. Siempre fue para los más generosos, una mera fuente sentimental ligándonos a nuestros antecesores, por los vínculos de sangre, idioma y algunas características anímicas espirituales, que persiste en el hombre paraguayo. (BORGOGNON, 1968, p. 344)

Não considerar os indígenas como cidadãos de direito, não contabilizá-los, não registrar suas terras, e não reconhecer suas práticas como formadoras do espaço, relegando-os à "incapacidade integral" e ao lugar de "nem sequer humanos", permite perceber os campos de poder e dominação exercidos sobre eles. Isso mostra que a exclusão e expulsão desses povos foram praticadas de forma legal, justificadas pelo progresso frente ao incivilizado.

Bartolomé Meliá e Cristine Münzel (1971) expõem como numerosas comunidades indígenas ocuparam imemorialmente todo o território da Bacia do rio da Prata (hoje incluída pelas atuais fronteiras nacionais do Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia) e que foram expulsas ou exterminadas, em diferentes tempos e formas, pelos colonos espanhóis e portugueses, e depois pela recente colonização. Os dados mostram que o discurso do vazio demográfico construído, principalmente, na região oriental do Paraguai para justificar a colonização, desconsiderou essas populações.

Este assunto é estudado em profundidade no livro *"Los Achés de Paraguay: Discussão de um Genocídio"* (CLAVERO et al, 2008), com contribuições de Mark Münzel, estudioso responsável pela denúncia de genocídio. O livro mostra a ação contra povos indígenas a partir de uma compilação de textos que refletem sobre o extermínio dos índios Achés na região leste do Paraguai. E aponta que esta ação ocorreu, principalmente, entre os anos 1960 e 1970 e indicam que foi uma ação deflagrada pelo governo militar, e por civis, com garantia de impunidade. Esses textos explicitam como motivação desse genocídio os interesses econômicos que se mantinham sobre o território, que era desejado como uma área de expansão agropecuária do país. Isso ocorreu concomitantemente com a ação dos colonizadores, que trabalharam conforme os interesses do Estado.



Figura 9 – Bacia do Rio do Prata.

Fonte: Disponível em:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_rio_da_Prata#/media/File:Riodelaplatabasinmap.png> acesso em: 20/02/2018

De acordo com as fontes analisadas, a violência contra os povos indígenas no país se intensificou após o fim da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (1864-

1870), e, acima de tudo, durante o governo Stroessner. Momentos de incentivo do governo paraguaio à colonização do território nacional. Esse governo promoveu a Reforma Agrária e a colonização sob a justificativa de iniciar a expansão da fronteira agrícola na região leste do país, o que foi feito com base no discurso de que esta era uma área de mata "desabitada" e que a agricultura traria o progresso. No entanto, como se torna evidente, a região não estava desabitada e fazia parte de um vasto território indígena. Isso levou a um esvaziamento forçado do espaço para a colonização, com deslocamento ou extermínio de comunidades indígenas. Ação de dominação com a exclusão dos nativos como cidadãos de direitos e uma construção sobre o que é desejado como nação, no qual se evidencia a eliminação da cosmologia indígena e do seu modo de viver como forma produtiva no espaço.

Borgognon (1968) procurou apresentar uma visão geral dos povos indígenas que viviam no país na época de Stroessner com a expectativa de torná-los reconhecidos pela população e pelo Estado paraguaio em busca da justiça social. Para o autor, os indígenas compuseram "una minoria absoluta angustiada por el progreso del país" (BORGOGNON, 1968, p. 355). Naquele tempo, em números estimados, ele diz que os indígenas no Paraguai totalizaram 50 mil, o equivalente a 2,5% da população paraguaia da época.

As ações da ditadura de Stroessner foram denunciadas por outros estudiosos, como Bartolome Melià (1971) e Mark Münzel (1974), por seu abuso de poder e violência contra os povos indígenas. Atualmente, a "Era Stroessner" é investigada pela Comissão Verdade e Justiça (CVJ) pelos crimes executados. A CVJ traz um Relatório (2014) que retrata a violência da época, com um registro de aproximadamente 500 pessoas presas, além das pessoas desaparecidas e executadas extrajudicialmente (assassinadas). Esse documento afirma que muitas comunidades indígenas e camponesas foram atacadas naquela época como uma forma de limpar território. E não há registro exato dos crimes cometidos pelo Estado, principalmente em relação aos indígenas:

A todo esto se suma la cantidad de niños, niñas, hombres y mujeres de los pueblos indígenas desaparecidos, ejecutados durante la dictadura, sobre los cuales aún no existen cifras oficiales, y que la Comisión de Verdad y Justicia no pudo cuantificar. Sin embargo se concluyó con Crímenes de Lesa Humanidad los hechos de violaciones a los derechos humanos, principalmente a las comunidades Ache, Ayoreo y Tobacom. (INFORME..., 2014, p. 4)

Assim, a violência contra as comunidades indígenas e sua marginalização está diretamente relacionada à política de expansão das fronteiras agrícolas do país. O Estado paraguaio viabilizou uma colonização oficial na região da fronteira oriental e implementou uma política caracterizada pela violação de direitos e tentativas de promover o genocídio, ou etnocídio, contra os povos nativos. O objetivo principal era promover o esvaziamento de grandes extensões de terra e depois vender as áreas para empresas colonizadoras, principalmente do Brasil. Neste contexto, milhares de indígenas foram assassinados ou confinados em colônias indígenas. Nickson expõe que:

Durante el decenio de 1967-77, el IBR [*Instituto de Bienestar Rural*] vendió casi la totalidad de las tierras fiscales vírgenes que quedaban en la RFO [*Región Fronteriza Oriental*], principalmente a altos funcionarios de las Fuerzas Armadas y del Partido Colorado gobernante, a precios fiscales muy inferiores a los precios del mercado. A su vez, estos compradores han revendido a compañías agrícolas brasileras con base en São Paulo y Curitiba, logrando como consecuencia considerables ganancias especulativas. Por su lado, los principales latifundistas de la región comenzaron a vender grandes áreas de la tierra bajo su control, casi exclusivamente, también a compañías agrícolas brasileras. (NICKSON, 2005, p. 233)

E acrescenta que:

Las ventas de tierras a compañías brasileras son negociadas por lo general "libres de ocupantes". En varias ocasiones, los campesinos y los indígenas han sido desalojados violentamente por tropas paraguayas que actuaban a favor de los compradores brasileros. (NICKSON, 2005, p. 249)

O campo de dominação exercido pelas elites paraguaias sobre o território e sobre as populações do país é, com isso, explicitado e mostra a realidade da colonização interna. O que descreve, pelo menos parcialmente, o abuso de poder sobre os povos indígenas e o uso de sua imagem concomitante a sua exclusão como cidadão. Nesse sentido, o colonialismo interno no Paraguai é evidenciado, e é nesse contexto que o governo de Alfredo Stroessner estava inserido: em consonância com as ações das elites nacionais, e através de influências transnacionais, empreendeu a recente colonização, que exclui as populações indígenas do país, invisibilizando-as para promover a colonização. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2016, 2017)

Essas considerações se justificam pela existência de um discurso sobre a colonização da região, compreendida pelo extremo leste do oriente paraguaio, de que esse espaço era desabitado e não explorado até os anos de 1970. Como observado em considerações feitas por alguns dos interlocutores ao serem questionados sobre a existência de indígenas na região. Por exemplo: "Aqui não tinha nada, era puro

mato.”; “Isso era sertão, não se ouvia ou via ninguém”; “Aqui não entrava ninguém, não tinha estrada, não tinha nada. Depois começou a entrar.” Esses discursos contribuem para a legitimação da ação de colonização feita nesta região e para uma (re)construção da imagem desse espaço, na qual os indígenas não fazem parte.

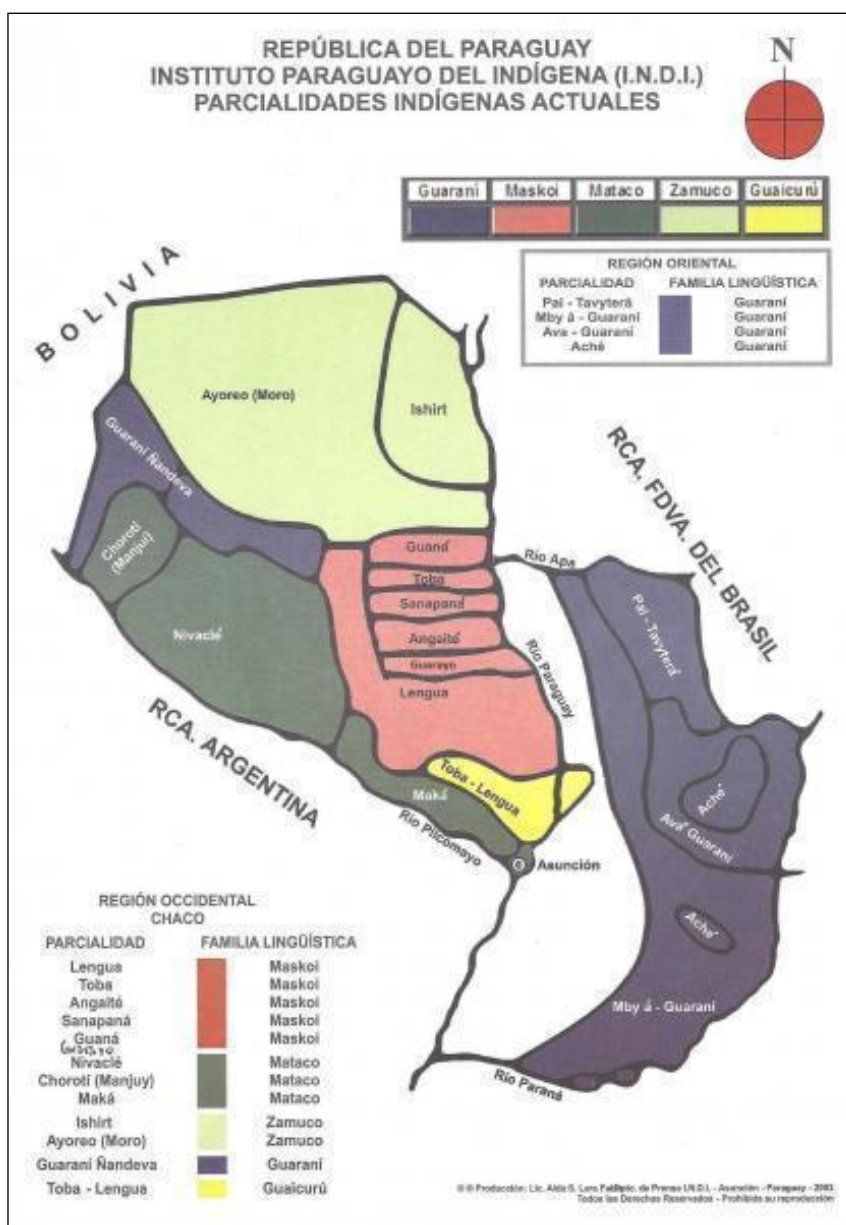


Figura 10 – Indicação oficial de áreas ocupadas por povos indígenas na República do Paraguai, segundo o INDI – Instituto Paraguayo del Indígena.

Fonte: Disponível em: <<http://www.indi.gov.py/pagina/18-pueblos-indigenas.html>> acesso em: 10/07/2015.

Diante da situação apontada, segue uma representação cartográfica oficial do Paraguai com a indicação dos territórios de povos indígenas cuja imagem serve para desconstruir a ideia de vazio demográfico justificada para a colonização recente.

Como pode ser visto no mapa abaixo (Figura 9), a faixa de fronteira onde foi empreendida a colonização compreende áreas de populações indígenas.



Figura 11 – POVOS INDÍGENAS - Comunidades, Vilas / Bairros e Núcleos Familiares, 2012.
Fonte: DGEEC, 2012.

As populações indígenas remanescentes deste processo continuam habitando a região, no entanto, estigmatizadas e marginalizadas. Há poucas áreas para elas reservadas, sofrem pressão dos agricultores para vender ou arrendar suas terras, continuam sendo expulsas e, em alguns casos, são julgadas como "invasoras". Além de serem impactados pelas novas práticas do espaço, seus modos de vida são desrespeitados e são julgados como "preguiçosos". Os povos indígenas da região são, portanto, na sua maioria, invisíveis e à margem de reprodução sociocultural e econômica.

Este mapa (Figura 10) é resultado do último censo indígena do Paraguai e nele é possível visualizar as localizações das comunidades indígenas no país. Analisando essas localizações é possível perceber que estas comunidades foram “empurradas” em direção ao interior do país, entre as frentes de colonização que vêm de leste a oeste da região Oriental e vice-versa. Além disso, do total de 493 comunidades, o censo de 2012 mostra que 148 comunidades relataram problemas de terra, das quais 14 comunidades têm sua própria terra, mas não tem título, e 134 comunidades não possuem terras próprias. Esses dados mostram que as comunidades ainda não têm seus direitos às terras atendidos.

No trabalho de campo desenvolvido em 2015 em Santa Rita, Alto Paraná, percorri a região fronteira nos arredores no município, e principalmente o trajeto de ligação com Foz do Iguaçu. Percebi, naquele espaço, a marginalização e a invisibilidade dos povos indígenas, tanto nas narrativas memoriais quanto nas práticas diárias. Os relatos sobre a presença indígena na região na década de 1970 – primeiros anos de chegada dos migrantes brasileiros e paraguaios – não vão além de alguns fragmentos memoriais que são mencionados após muita insistência minha. Por ser um assunto conflituoso, e para não gerar desconfortos, não cito nomes nas referências feitas nesse tópico.

Brasileiros e paraguaios repetiam não haver índios na região, diziam que havia apenas mato, e indicaram transitoriedade quando os mencionavam: "passavam por aqui", "não eram daqui", viviam no "sertão" na "selva", no "mato", "longe". Como na seguinte fala: “No tenía, aquí mismo no. Hacia Naranjal, aquellos lados, yo supe que habían algunos, pero esa región acá completo no tenía.” As poucas menções surgiam para falar do "exótico" ou do "bárbaro", por exemplo: que os nativos comiam cobras ou que não tinham hábitos de se vestir. Menções mais sutis relatam que ao se entrar no mato, "às vezes" se encontravam índios.

Algumas pessoas, como visto na citação anterior, apontaram a presença de indígenas Aché Guarani em *Naranjal*, distrito vizinho a Santa Rita, mas sempre destacando que em Santa Rita não havia índios. As falas registradas chamam a atenção para a construção da ideia de que, antes da colonização, a região era um vazio demográfico, um espaço sem civilização. Os Aché, no entanto, continuam no *departamento* de Alto Paraná e sua economia também está baseada na agricultura,

conforme pode ser verificado na reportagem intitulada “*Los indígenas sojeros de Puerto Barra*”³⁷.

Além da presença de nativos, foi questionada se havia presença de camponeses paraguaios na região, o que também foi negado. Contudo, em alguns relatos, principalmente os que retratam o trabalho na época de chegada à região, identificou-se a presença de relatos sobre camponeses nas proximidades do que hoje é Santa Rita, pois estes eram contratados para “empreitadas” de trabalho. Como pode ser visto nas seguintes frases de interlocutores: “Depois entrou os camponeses pra roçar aí, depois entrou bastante”; e “Também, conforme fomos abrindo o mato, tem alguns lugares que a terra era do governo. Estas foram sendo ocupadas pelos camponeses, e assim fomos nos misturando.”

Um dos poucos relatos obtidos sobre índios nos primeiros anos de colonização de Santa Rita foi a história de um migrante brasileiro, cuja filha, “por ser muito apressada nasceu aqui mesmo, por um curandeiro”. E ao ser questionado sobre tal “curandeiro,” respondeu:

Curandeiro, um índio, um índio do mato. Ele morava no sertão do mato e depois veio para uma vila, porque ficava mais fácil para ele. Mas bom. Muito bom. Curandeiro, índio, um cacique. E bom pra dar remédio, pra fazer qualquer coisa. Foram as únicas pessoas que estavam aqui, porque ninguém existia. [...] E ele morava em Cerro Largo.

E mesmo assim, quando, na sequência, questionado sobre a existência de povos indígenas na região, o mesmo respondeu: “não tinha indígenas aqui, eles moravam no mato”. Este discurso retrata a presença dos nativos e a relação que se teve com eles nos primeiros anos de colonização, e a forma como são invisibilizados na memória local.

Cerro Largo foi uma das primeiras colônias brasileiras na região e é hoje um bairro na área rural de Santa Rita. Outras pessoas daquela localidade foram entrevistadas, todas migrantes, e não houve mais relatos sobre a presença de indígenas na área. Percebo que a presença deles, por mais que tenha sido pouca, é silenciada nos relatos da construção do espaço e das relações sociais e é relegada para o distante, afastado no espaço e na cultura. Percebem-se estratégias memoriais que (re)constroem a narrativa histórica sobre o espaço de acordo com os interesses

³⁷Disponível em <<http://orekuera.blogspot.com.br/2011/03/los-indigenas-sojeros-de-puerto-barra.html>> acesso em: 19/09/2015.

dos coletivos migrantes que se fixaram na região (PORTELLI, 1989; BOURDIEU, 1989; JELIN, 2001; CANDEAU, 2011).

Esta discussão é desenhada de modo a mostrar outra perspectiva histórica, descolonizada, mostrando enquadramentos de memórias – entendendo-os como seleção do que se quer lembrar (POLLAK, 1989) – desenvolvidos pelo Estado e pelas populações migrantes para a (re)constituição da imagem desse território a afim de colonizar o espaço e alcançar seus interesses de expansão agrícola e agropecuária. Ação que foi desenvolvida de forma impositiva sobre as populações camponesas e indígenas locais. Os dados bibliográficos e históricos mostram que indígenas se espalhavam por toda a região, principalmente porque era composta por bosques, matos, florestas, selvas, que foram desmatados para a implementação da agricultura mecanizada, denunciando que os índios foram deslocados, forçosa ou espontaneamente, com a chegada da colonização. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2017)

Atualmente, de acordo com o resultado do censo das comunidades indígenas de 2012, em Santa Rita existe uma comunidade indígena Mbya Guarani: a comunidade Sapatini, com 64 indígenas, que está apontada na Figura 10. Esta comunidade não aparece no II Censo Nacional de População e Habitação para os Povos Indígenas de 2002, o que mostra que é recente ou que não foi registrado anteriormente pelo recenseamento. Mesmo com a existência desse assentamento urbano no município não é reconhecida a presença indígena em Santa Rita.

Sobre esses índios, alguns interlocutores disseram: “Quando chegamos não tinha índio. Eles vieram poucos anos atrás. Quando virou município vieram os indígenas.”; “Tem índio porque vem, agora tem muito por aí. E quando tem Expo eles vêm. Vêm vender as coisas deles”. Com esses e outros relatos testemunhados no trabalho de campo, percebo que há um fluxo de povos indígenas no município, não só do assentamento atual, mas também de outros assentamentos que já foram deslocados ao longo dos anos. Noto que o discurso de que na região não havia indígenas contribui para a negação da permanência de povos indígenas no município no presente, e contribui para a construção de um discurso de que eles estariam "invadindo" esse espaço.

Durante o trabalho de campo, indígenas foram vistos no município: mulheres com crianças pediam dinheiro nas casas e nas ruas, as crianças iam às casas para pedir comida, os jovens se sentavam no terminal de ônibus para olhar o movimento,

alguns estavam coletando lixo reciclável etc. E por mais que vistos em todos esses lugares, não eram incorporados às práticas socioculturais e econômicas do município. Durante o trabalho de campo, observei práticas e discursos nas quais os indígenas eram estigmatizados e excluídos sob justificativas como: “não são daqui”; “não sabem trabalhar”; “você dá comida e roupa e eles jogam fora”; “têm terras, mas preferem vir pedir dinheiro”; “eles invadiram propriedade particular”; “só fazem bagunça”; “a municipalidad ajuda [levam embora], mas eles voltam”. Além disso, os indígenas da comunidade local são constantemente acusados de praticar pequenos delitos, como furtos às casas e negócios. Como visto nas falas: “Se a gente deixa roupa e calçados, eles levam tudo.”; “Todos ficam revoltados com eles por causa dos lixos. Não dá pra colocar mais lixo nos lixeiros, eles rasgam tudo e esparramam tudo, fazem um desastre. Coisa muito triste”. Neste panorama, são evidentes as negações coletivas da presença indígena na região.

Durante uma visita à comunidade indígena de Santa Rita em 2015, fiz contato com o cacique Nicanor Basquez Vera³⁸. Segundo ele, a comunidade Mbya Guarani é composta por aproximadamente 120 pessoas provenientes de várias partes do país, especialmente de *Caazapá, Itapúa e Encarnación*. Ele disse que veio de *Caazapá*, onde morava em uma grande comunidade, mas eles se separaram e migraram porque muitas brigas estavam ocorrendo entre os indígenas: “no queremos pelear, queremos tranquilidad”. Isso mostra, também, a fragilidade nas comunidades nativas.

Este assentamento existe há 6 anos. De acordo com Basquez, estão em Santa Rita “porque en todos los lados están feas las cosas. Aquí tiene servicio. Cualquier cosa: juntar latas, trabajar en el campo³⁹”. Eles trabalham com coleta de lixo reciclável, que revendem para compradores que buscam o material na comunidade. Sobre o trabalho no campo, o cacique explicou que, todas as manhãs os homens que desejam trabalhar esperam que os “*patrones*” os busquem para “*trabajar por día*”. Às vezes tem serviço para todos, às vezes não. Aqueles que ficam na comunidade fazem outras coisas, como procurar por lixo “bom” na cidade para depois comercializar.

Basquez também explicou que eles não pretendem ficar no espaço onde estão, que é uma propriedade particular. Eles querem um lugar para poder plantar e viver. Ele disse que o prefeito municipal prometeu um lugar para eles, no entanto, afirma que ninguém está cumprindo o prometido. O cacique afirma que a comunidade de

³⁸ Nicanor Basquez Vera. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 28/07/2015.

³⁹ Idem

Santa Rita ajuda um pouco, com roupas, alimentos e trabalho, mas que a *municipalidad* não ajuda. A Comunidade *Sapatini* está perto do centro da cidade, uma área baixa, com poucas casas ao redor e com um pequeno córrego. Ali eles criam alguns animais, mas não há espaço suficiente para produzir ou coletar alimentos.

Durante a visita à comunidade, alguns carros e motos chegaram e saíram, principalmente para o comércio de lixo reciclável. Mas também chegou um carro com doações e uma moto com um vendedor de crédito para celular, da qual membros da comunidade se aproximaram para comprar saldo para seus telefones, principalmente jovens. Isso me fez perceber que esses indígenas estão fixados no município e não estão apenas de passagem, como é constantemente mencionado pela população.

Neste contexto, a questão de o município ceder uma área à população indígena é problemática. Há relatos que, de tempos em tempos, o município desloca os indígenas que se fixam na área urbana de Santa Rita para reservas que estão longe, geralmente em outro município. E eles logo retornam ao centro urbano. Isso ocorre porque esse deslocamento é feito de forma desorganizada e até forçada – sem levar em consideração as expectativas da comunidade indígena – para áreas que não atendem as necessidades da população, e sem apoio do poder público para a fixação no novo espaço, o que os faz recorrer novamente à área urbana. Como foi percebido, ter um espaço para a comunidade é algo de interesse para o grupo. Mas, para isso, a comunidade precisa ser ouvida em um processo participativo para a definição da área. No trabalho de campo foi identificado que, muitas vezes, já houve deslocamentos forçados, sem diálogo com a comunidade indígena e que, além de ser um ato violento que não traz resultados, ainda é a escolha das autoridades públicas. Este movimento também mostra a exclusão sociocultural e a insistência na incivilidade dos indígenas e na legitimação de sua marginalidade.

Outro aspecto depreciativo para os nativos percebido na região é nomeá-los de "bugre". Esta nomenclatura que, em sua origem medieval, do francês *bougre*, se refere ao não-cristão, herético (CARDOSO DE OLIVEIRA 1976; GUIARD, 1990), é usada historicamente para nomear os nativos na área de colonização portuguesa, excluindo-os como não civilizados. Guisard (1990) salienta que existem três matrizes de depreciação relacionadas ao termo "bugre": a religiosa, a moderna e a biológica, e cada uma delas é de desqualificação absoluta. Noção que foi percebida no trabalho de campo, pois, observei que o termo é usado na região como forma de caracterizar

o indígena como “outro”, diferente, não civilizado. De maneira geral, por sua maneira de ser e viver.

Desta forma, o trabalho de campo expôs que a presença indígena em Santa Rita desagradava à população. Os sujeitos não falam sobre os indígenas, a menos que se insista, e o que é falado geralmente denota estigma e exclusão. Em geral, o que foi expresso é que os nativos atrapalham e que a melhor opção deve ser a retirada deles da localidade, sem preocupação com seus direitos ou necessidades, considerando que não compõem aquele espaço, que tem suas terras em outro lugar nas quais não produzem. Essa situação revela uma relação conflituosa e de exclusão entre a população em geral e os povos indígenas. E estes continuam no município, invisíveis, mesmo presentes em todos os lugares.

Saliento que esta situação de exclusão e marginalização dos povos indígenas precisa ser observada de forma ampla no Paraguai. A situação assinalada em Santa Rita é um exemplo do que acontece em parte do país, que tem inúmeras situações deflagradas em seu território pela falta de respeito pelos direitos indígenas. Alguns casos foram julgados pelo tribunal internacional de Direitos Humanos, como *Yakye Axa*⁴⁰, *Sawhoyamaxa*⁴¹ e *Xákmok Kásek*⁴², e novos casos foram levados à Organização das Nações Unidas como a acusação de discriminação estrutural no Paraguai. Estes casos se referem, em geral, a reivindicações de territórios tomados e de garantia de direitos, o que levou ao extermínio de populações.

Dessa forma, retrato a perspectiva de outras memórias sobre o espaço estudado. Memórias subterrâneas (POLLAK, 1989), que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à memória oficial - no caso, a memória difundida sobre a região. Memórias que não se encaixam nos enquadramentos memoriais construídos sobre esse espaço, que são silenciadas, marginalizadas e esquecidas. Essas memórias subterrâneas fazem parte do processo de colonização recente do Paraguai e demonstram as relações de dominação exercidas naquele espaço.

⁴⁰Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/docs/supervisiones/yakie_24_06_15.pdf>. acesso em: 10/10/2016.

⁴¹Disponível em: <http://www.corteidh.or.cr/docs/casos/articulos/seriec_214_esp.pdf>. acesso em: 10/10/2016.

⁴²Disponível em: <<http://www.tierraviva.org.py/>>. acesso em: 10/10/2016.

2.7 Interações e conflitos

O processo de colonização recente no Paraguai tem efeitos remanescentes ainda na atualidade. A implantação da agricultura mecanizada, que foi entendida pelo governo como progresso para o país, gerou uma reorganização do espaço, na qual interações, fricções, integrações, adaptações e conflitos ocorrem. Sujeitos migrantes passaram a se relacionar com diferentes referenciais históricos, socioculturais, políticos, tecnológicos e com distintas condições econômicas. Transformações diversas ocorreram também, com a mobilidade e fixação de populações, o desmatamento, a implantação da agricultura mecanizada e a expansão do agronegócio. Cada indivíduo, e os coletivos que se formaram, se envolveram nesses processos de formas diversas. Com isso, as principais noções de fricções levantadas têm relação com identidades nacionais, e com o uso e propriedade da terra.

Como já mencionei anteriormente, a Guerra da Tríplice Aliança é lembrada e associada ao processo de fixação de migrantes brasileiros no Paraguai. Sobre a colonização, Souchaud reflete que “El proyecto en sí mismo no tiene nada de innovador; en contrapartida, las modalidades de su aplicación sí, Stroessner va a convocar a los enemigos de ayer para llevar a cabo este amplio proyecto de integración” (SOUCHAUD, 2007, p.91). O autor faz esse apontamento para destacar que essa relação histórica entre os dois países interfere negativamente nas relações dos sujeitos envolvidos no processo de colonização.

Nessa perspectiva, Souchaud mostra que nos primeiros anos de colonização os migrantes brasileiros, com o apoio do governo do Paraguai, se fixaram física e simbolicamente na região oriental: “El territorio constituido es para ellos [brasileños] un apéndice del espacio económico del Brasil meridional y a la vez un territorio de la identidad gaúcho o sulista, dentro del cual la cultura paraguaya es minoritaria” (SOUCHAUD, 2007, p.171). Entretanto, o autor adverte que, com o processo de democratização do Paraguai a partir da década de 1980, cresceu no país um sentimento “antibrasileiro”. E, ao mesmo tempo, os *campesinos* se organizaram para reivindicar terras. As próprias elites nacionais estimularam este sentimento nos meios de comunicação, o que fez parte de uma estratégia nacionalista para desviar a atenção dos movimentos étnicos e sociais em relação às suas próprias ações e contradições colonialistas. No entanto, a crítica apresentada não excluiu o fato de que

muitas vozes silenciadas durante a ditadura Stroessner passaram a ecoar no âmbito da luta pela terra no país. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2016)

Nessa perspectiva, autores como Figueredo e Miguel (s/d) demonstram que a pequena presença populacional paraguaia nas franjas fronteiriças teria justificado a inexistência de contestação para a instalação dos imigrantes e, por conseguinte, o posterior avanço dos brasileiros. Esta constatação, contudo, não deve ser desassociada do contexto da época, haja vista que o país vivia sob um regime militar cujo *modus operandi* não está vinculado à consulta pública aos coletivos atingidos por processos de colonização. E, como já destaquei anteriormente, coletivos foram forçadamente movidos em favor do processo de colonização.

A partir da democratização do Paraguai, foi editada a Lei n. 978/1996 para regulamentar as imigrações, bem como inserir restrições e barreiras político-administrativas do Estado em relação à imigração brasileira: “El poder paraguayo, a pesar de las apariencias, sí ejerce un control sobre este espacio, imponiendo ciertas reglas a las poblaciones de inmigrantes y reservándose el derecho a expulsarlos” (SOUCHAUD, 2007, p. 258). O autor destaca que nessa lei há obstáculos que dificultam a legalização dos imigrantes, situação que propicia e estimula a ilegalidade e faz crescer a instabilidade daquela população. Um exemplo disso é a dificuldade de regularização da documentação civil e patrimonial aos migrantes brasileiros, com empecilhos de deslocamento, altas taxas e até fraudes. Isso foi identificado no trabalho de campo, no qual os interlocutores relataram que, nos anos 1970, logo que chegaram ao país, não tiveram problemas para conseguir sua documentação; mas que os problemas surgiram após os anos 1990 quando o processo foi dificultado e encarecido, e quando muitos sofreram fraudes.

Conflitos são explícitos na organização e reivindicação dos grupos *campesinos*, indígenas e ambientalistas. Eles se relacionam com a posse de largas extensões de terra nas mãos de estrangeiros, levando a reivindicações de direito a elas. Isso aconteceu, principalmente, em dois momentos: primeiro, durante o processo de democratização do Paraguai no fim dos anos 1980, com a articulação dos movimentos campesinos no país; e depois, durante o governo do presidente Fernando Lugo (2008-2012), o qual tinha a Reforma Agrária como plano de governo. Esse segundo momento também foi provocado pelo reestabelecimento da faixa de fronteira de 50 km. Faixa na qual não se poderia mais vender terras aos estrangeiros dos países limítrofes – Brasil, Argentina e Bolívia – após a promulgação da Lei 2.532 de

2005, aprovada pelo Congresso Paraguai; com garantia aos direitos adquiridos aos títulos legais anteriores ao ano de 2005. Essa lei gerou instabilidade para os proprietários de terra estrangeiros, principalmente aos latifundiários da região, pois amparava reivindicações de terras (BALLER, 2014).

As manifestações contrárias à colonização e expansão do agronegócio, que geralmente eram silenciadas durante o governo militar, começaram a ganhar força e notoriedade a partir do processo de democratização nos anos 1980.

No será hasta mediados de los años ochenta cuando las organizaciones campesinas comiencen a rearticularse. Algunas de ellas como el Movimiento Campesino Paraguayo (MCP), fundada en 1980, siguen presentes en la actualidad. La Coordinación Nacional de Organizaciones Campesinas (CONAPA) se constituye en 1985, y en 1986 lo hace la Organización Nacional Campesina (ONAC). Durante la dictadura, las ocupaciones eran escasas y los grupos campesinos que optaban por esta modalidad de presión eran violentamente reprimidos. (SITUACIÓN..., 2009, p.49)

Ramón Fogel e Marcial Riquelme organizaram um livro intitulado *Enclave Sojero, Merma de Soberanía y Pobreza*, com textos autorais e textos de Sylvain Souchaud, José L. C. Albuquerque, R. Andrew Nickson, Fabrizio Vázquez (2005), que traz diferentes abordagens sobre a colonização – problematizando principalmente a questão da agricultura mecanizada em alta escala, dando ênfase à cultura da soja como fator que impulsionou o desmatamento e, logo, a expulsão dos *campesinos* paraguaios e pequenos produtores –, e indicam que o agronegócio transformou o território e gerou inúmeros conflitos.

Essas visões são corroboradas por Carlos Alberto Ferrari (2009) que trata sobre a expansão do agronegócio no Norte do *departamento* do Alto Paraná, e mostra, entre outras coisas, a expulsão de camponeses brasileiros e paraguaios das áreas rurais; as ameaças sofridas pelos que ficaram na região por parte das empresas e dos grandes proprietários; e as explorações sofridas pelos trabalhadores rurais e urbanos – antigos camponeses – pela ausência de direitos trabalhistas, o que expõem a exploração dos menos favorecidos.

João E. Fabrini indica que, em paralelo ao agronegócio, “[...] a precária e frágil institucionalização; a ausência do Estado na garantia de direitos da pessoa; e, principalmente, as irregularidades na documentação das terras são também fatores determinantes na expulsão de muitas famílias” (2012, p. 6). O autor mostra que a

incerteza de direitos gera insegurança para os migrantes e contextualiza conflitos em torno da posse de terra:

O vínculo entre Lugo e os movimentos sociais campestres carperos desdobrou no fortalecimento das lutas o que desdobrou forte reação dos setores proprietários como o conflito violento ocorrido em junho/2012 em Curuguaty, no Departamento de Canindeyú, quando foram mortas 17 pessoas entre policiais e campestres. Este conflito também foi o estopim da reação de derrubada do presidente Lugo do Governo do Paraguai em 22/06/2012 pelos representantes dos segmentos latifundiários da soja, principalmente, no Congresso (deputados e senadores) paraguaio. (FABRINI, 2012, p. 17)

Essa citação mostra a amplitude dos conflitos em que estão envolvidos os migrantes brasileiros ligados ao agronegócio no Paraguai, que interferem diretamente na política do país.

O massacre de Curuguaty⁴³ ocorreu em um período de instabilidade política e decorreu dos conflitos de interesses das elites, principalmente pelo apoio do então presidente Lugo aos movimentos sociais do país. Com esse apoio, os *campesinos* ocuparam inúmeras propriedades de grandes produtores, dentre eles alguns brasileiros. Esses campestres se ampararam na lei de faixa de segurança, e em outros documentos, pelos quais alegavam irregularidade das posses daquelas terras. Fabrini ainda diz que,

Nesse sentido, o conflito na fronteira não está assentado na identidade e nação dos diferentes sujeitos, mas na classe social a que eles pertencem. A concentração da propriedade da terra e meios de produção, a classe social, são a base do conflito e não necessariamente a identidade nacional. (FABRINI, 2012, p. 17)

Na situação de conflito apontada, majoritariamente envolvendo migrantes brasileiros, é necessário explicar que os movimentos *campesinos* reivindicaram propriedades de outros estrangeiros (alemães, árabes, chineses, coreanos, estadunidenses etc.) no oriente paraguaio. E também ocuparam a terra transformada em latifúndio e propriedade privada de paraguaios natos, isto é, de membros das elites nacionais, principalmente fazendas de ex-militares que acumularam riquezas e adquiriram grandes áreas durante o governo Stroessner (ALBUQUERQUE, 2009).

⁴³ Mais sobre o ocorrido no Massacre em Curuguaty: Disponível em: <<http://quepasoencuruguaty.org/>>. acesso em: 14/04/2016. Disponível em: <<http://www.cut.org.br/artigos/relembrar-e-aprender-com-o-massacre-de-curuguaty-84bd/>> acesso em: 20/05/2016.

Consequentemente, proprietários de terras nacionais e estrangeiros se armaram contra o que consideram invasões; para o que contrataram pistoleiros e grupos paramilitares que agiram contra os movimentos étnicos e sociais.

La faceta más conocida de la represión contra los movimientos campesinos son los hostigamientos, ataques y asesinatos cometidos por cuerpos policiales, parapoliciales y por grupos privados armados, en contra de representantes campesinos. La persecución judicial a los dirigentes es la otra cara del intento por desarticular a las organizaciones. (SITUACIÓN..., 2009, p.85)

De acordo com esse documento, ações desse tipo geralmente contam com a cumplicidade de agentes do Estado:

Así, el principal problema que cae sobre las comunidades campesinas e indígenas es la corrupción de los organismos del Estado en el contexto del gran poder corruptor de los empresarios agroindustriales. La defensa de los intereses campesinos sigue dependiendo de su capacidad de organización y de tejer alianzas estratégicas, incluso dentro del gobierno. (SITUACIÓN... 2009, p.57)

Em vista disso, constato que a colonização implantada na época do governo Stroessner, durante um regime de exceção, segue beneficiada por estruturas de poder e tentativas de dominação que se ramificam no Estado e na sociedade nacional do Paraguai. Nesse contexto, alguns estrangeiros, dentre eles brasileiros, estão diretamente vinculados a uma elite nacional que conformam um campo de poder de dominação. Em sua maioria são grandes proprietários de terras e empresas transnacionais que atuam no ramo do agronegócio. Por outro lado, ressalta-se que muitos brasileiros também são excluídos do processo de modernização da agricultura, como dito anteriormente, e fazem parte de frentes que formam as novas zonas urbanas no país ou que ultrapassam fronteiras nacionais regressando ao Brasil.

Durante o trabalho de campo, houve poucas menções em relação aos conflitos relacionados à propriedade de terra nas entrevistas, contudo frequentemente eram mencionados em conversas informais. Nesses momentos diferentes interlocutores fizeram menções a conflitos de terras nos arredores, indicando que existe essa insegurança desde que chegaram à região, e que já houveram alguns conflitos. Nas entrevista, menções foram feitas principalmente por produtores locais, mas nenhum deles afetado diretamente. Os poucos relatos foram citados quando os interlocutores respondiam a pergunta sobre “como é a relação entre brasileiros e paraguaios na

região?”, o que mostra como os conflitos agrários estão diretamente relacionados com os conflitos identitários. Por exemplo, José Disconsi⁴⁴, migrante brasileiro que chegou à região como peão em 1973 e hoje é um pequeno proprietário rural, retrata uma manifestação ocorrida em Santa Rita:

Tem uns paraguaios querendo invadir terras aí. Eu não sei, parece que tem umas terras que não são legais. Aqui em Santa Rita estava feio uns dias ali. Esse intendente defendeu os brasileiros. Estavam querendo tomar um monte de terra [...]. Muitos colonos sofreram com essa gente. Fizeram uma reunião aí em Santa Rita que encheu de gente. Tinha paraguaio que queriam invadir, tomar terra na marra, tocar embora os colonos. Ia dar uma revolução ali. (risos) (José Disconsi, 2015)

Esse interlocutor deixa claro que não tem relação e que não participou do ato, mas sua fala reproduz as representações construídas e difundidas sobre o ocorrido em 2011⁴⁵ quando, em meio à instabilidade política – gerada por ocupações camponesas e pelo mandado judicial que previa a medição das propriedades na faixa de fronteira durante o governo Lugo –, agricultores se organizaram e realizaram uma manifestação no centro de Santa Rita que reuniu produtores, empresas e população de vários municípios da região. Esta foi uma das diversas manifestações realizadas naquele momento. A realização do ato em Santa Rita foi estratégica, pois, é considerada como o centro do agronegócio da região, local com maior desenvolvimento urbano e concentração de população, dando maior visibilidade para o evento.

Sobre a problemática da propriedade rural, Francisco Mesomo⁴⁶, migrante brasileiro que se fixou no país no fim da década de 1970 como agricultor, explica que em Santa Rita não se teve problema com documentação de terra, mas que “Claro teve a época que em muitas regiões aí teve problema de documentação, títulos duplos, ninguém é livre disso, duplicação de títulos. Existiu muita dificuldade na região.” Sobre o tema, Juacir Repossi⁴⁷, migrante brasileiro que chegou ao Paraguai no início dos

⁴⁴ José Domingo Disconsi. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015.

⁴⁵ Como pode ser visto nas seguintes matérias que mostram a manifestação em 2011. Disponível em: <<http://www.abc.com.py/nacionales/manifestantes-copan-centro-urbano-de-santa-rita-contra-mensura-judicial-313338.html>>. acesso em: 20/12/2017. E disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/ato-contra-possivel-retomada-de-terras-reune-10-mil-no-paraguai-cibuisqxcmq0tfcwkw95bzhou>>. acesso em: 20/12/2017.

⁴⁶ Francisco Antonio Mesomo. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 15 e 29/07/2015.

⁴⁷ Juacir José Repossi. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24 e 28/04/2015.

anos 1970 e se estabeleceu em Santa Rita nos anos 1980 sendo, na época da pesquisa, empresário, agricultor e pecuarista, diz:

O relacionamento com os paraguaios nunca foi difícil. [...] O que nós temos dificuldade realmente são com aqueles politiqueiros, esses sempre estão querendo agitar alguma coisa. Então critica que os brasileiros são donos das terras, mas os brasileiros todos compraram, pagaram a terra e desenvolveram a região. Então, hoje pode chegar paraguaio, brasileiro, alemão, japonês, qualquer um, essas terras tem dono. E a documentação é muito respeitada, a legislação apoia o direito da propriedade, então não tem o que discutir. (Juacir Repossi, 2015)

A fala de Juacir mostra o conflito agrário como uma causa política, indicando que eles ocorrem em decorrência de estímulos aos conflitos identitários de cunho nacionalista. Ao mesmo tempo, o interlocutor afirma que os migrantes brasileiros estão em situação legal no país e que a legislação lhes protege. Com isso, percebo uma necessidade de afirmação da cidadania no país, a qual é frágil pela sua situação de migrante.

Ainda sobre o tema, referindo-se à relação com os paraguaios e a propriedade de terra, Nilson Peter⁴⁸, migrante brasileiro que chegou ao Paraguai com a família como arrendatários em 1976, e na época da pesquisa era agricultor na região, diz:

Há pouco um [paraguaio] me falou: “nunca mais pensou em ir pro Brasil?” e eu disse que não, meu capital é daqui, por que, né? Mas eles não gostam que a gente está aqui, por que derrubou as matas e estamos em áreas bonitas. Por isso que invadem, por isso que o povo invade, os campesinos. Mas não é que nós invadimos, nós compramos, né?! Temos título, pagamos. Mas eles acham que o brasileiro veio de graça. E o sofrimento, trabalhamos toda a vida pra chegar onde tá. (Nilson Peter, 2015)

Noto, assim, uma relação de atrito vivenciada pelos migrantes na região, com uma constante necessidade de afirmar seus direitos no país. Com isso, notam-se que narrativas memoriais são usadas de forma estratégica, para silenciar e dar visibilidade a ocorridos, de acordo com os interesses de legitimar a presença nesse espaço (PORTELLI, 1989; BOURDIEU; 1989; CANDEAU; 2011). Assim, a ausência de população na região é utilizada para justificar a presença, e o silenciamento e distanciamento de conflitos nas narrativas mostram a construção de uma imagem de harmonia.

⁴⁸ Nilson Peter. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

Evidencia-se, através dessas conjunturas, que as questões agrárias no Paraguai estão diretamente relacionadas com política e economia. Nesse contexto, os migrantes brasileiros – de forma geral, sem considerar a diversidade de situação socioeconômica dos brasileiros no país – são relacionados com a imagem de exploradores. Isso porque alguns se inseriram no agronegócio. O que realça, além dos conflitos agrários, também os conflitos socioculturais.

Os conflitos agrários se reconfiguraram com a destituição do governo Lugo em 2012. Com a volta do partido Colorado, as reivindicações de terras foram reprimidas e os movimentos sociais perderam espaço, foram silenciados e invisibilizados. Vive-se um momento de estabilidade para os estrangeiros no país, no entanto, de repressão aos movimentos sociais nacionais. O discurso oficial voltou a ser de progresso pela agricultura e de harmonia na relação entre estrangeiros e nacionais. Assim, qualquer tentativa de reivindicação é silenciada e os movimentos sociais são estigmatizados. E ressalto que esses conflitos são majoritariamente de classe. (VILADESAU e HEIKEL, 2016; PALAU, 2014; VALIENTE, 2014; FUKUOKA, 2015)

Nesse contexto, com a expansão do agronegócio no decorrer dos anos, sobretudo a partir dos anos 1990, alguns migrantes deixaram de ser colonos estabelecidos no campo e se incorporaram às novas redes urbanas no país. Isso reafirma a existência de êxodo rural e mostra a transformação do campo influenciando na (trans)formação da cidade.

Foram ampliadas, também, as relações sociais estabelecidas em solo paraguaio, conforme explicado na sequência:

Si el paisaje agrícola y los actores del sistema de la soja son, en esta zona, mayoritariamente brasileños, las ciudades que alimentan este sistema también se caracterizan por esa influencia, la cual no se refleja exclusivamente en el predominio del idioma portugués y de la nacionalidad brasileña, sino que se reproduce en varios ámbitos no productivos. La mayoría de los poderes locales, especialmente el más fuerte, la Municipalidad con la figura del intendente y los miembros de la Junta Municipal, están bajo el control del sistema brasileño representado en gran parte por los “brasiguayos”, es decir, inmigrantes brasileños con nacionalidad paraguaya. (VÁZQUEZ, 2006, p.60)

Além disso, o autor explica a transformação do espaço no oriente paraguaio, incluindo a construção de cidades à moda brasileira:

El proceso de territorialización de los colonos brasileños en esta región se desarrolla sobre la reproducción total del sistema del país vecino, impidiendo

el proceso de integración de los mismos al sistema socioeconómico y cultural paraguayo, alterando los roles de los migrantes quienes no solo no se integran ni aceptan el funcionamiento del país que les acoge, sino que logran imponer su idioma, sus preferencias culturales, gastronómicas y religiosas e imprimir una dinámica territorial propia. (VÁZQUEZ, 2006, p. 61)

A situação indicada também resulta de relações sociais transnacionais, a envolver poderes entre Estados-nações, motivo de muitos conflitos.

Todo eso es el resultado directo de la inexistencia de una política y de planes de ordenamiento y desarrollo territorial para estas zonas. Lo cual es aprovechado por los agricultores e inmigrantes brasileños en general, que disponen además de un apoyo incondicional de sus autoridades en Brasil y de sus representantes en Asunción, defendiendo los intereses de sus ciudadanos y **creando la imagen de Paraguay como país de inmigrantes que construyen el país**. Expresiones como “paraguayos no son solo los que nacen, sino también los que trabajan en Paraguay” sirven de muestra para ilustrar la justificación del discurso que apoya, alimenta y racionaliza económicamente la inmigración brasileña. (VÁZQUEZ, 2006, p.61, grifo da autora)

De acordo com o autor, existe uma supressão de referenciais paraguaios por referenciais brasileiros na região. Ele denuncia ainda a construção da imagem de que o migrante brasileiro seria responsável pelo desenvolvimento do Paraguai, ao passo que o nacional não teria participação significativa na conformação dessa situação histórica. No caso, a perspectiva evolucionista de progresso é recorrida repetidas vezes para explicar e justificar processos sócio-históricos complexos, os quais resultam em inúmeros conflitos sociais.

Alguns interlocutores, nas entrevistas que fiz, ao responderem à questão sobre a relação entre brasileiros e paraguaios na região, relataram fricções socioculturais. Enquanto a maioria apontou para o bom relacionamento, sobre o que falarei mais adiante. Pedro Benitez⁴⁹, migrante paraguaio que chegou à região em meados dos anos 1990 com sua família para se dedicar ao comércio de comidas paraguaias, expressou:

En forma general siempre hay roces entre brasileiros y paraguayos, empezando luego por el idioma. Muchas veces algunos son muy, digámosle, egocéntricos, son muy racistas. Sin defenderle ni a paraguayos ni a brasileiros, porque a veces dependiendo de la persona ambos son así prepotentes: porque es brasileiro, o porque es paraguayo, o porque está en su tierra o porque no está en su tierra. Siempre hubo ese roce entre las culturas. Siempre hubo conflictos entre las nacionalidades: siempre uno defiende, el paraguayo defiende lo suyo, así también como el brasileiro, por

⁴⁹ Pedro Benitez. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/03/ 2015.

más que algunos sean nacidos acá, pero es hijo de brasileiro, siempre hay temas que se discute bastante. Y en cuanto relacionamiento es eso, siempre hay problemas, empezando luego por el idioma, muchas veces por el color de la piel mismo crear conflictos. (Pedro Benitez, 2015)

Ele fala de “roces”, fricções frutos de “egocentrismo”, “racismo”, “prepotência” tanto de brasileiros como de paraguaios. E aponta que sempre existiram conflitos entre nacionalidades. Conflitos que são situacionais, e nos quais os sujeitos se utilizam das identidades para se afirmarem frente ao outro. “Porque es brasileiro, o porque es paraguayo, o porque está en su tierra o porque no está en su tierra” (Pedro Benitez, 2015). E, ainda, diz que o idioma, e até a cor da pele são motivos para conflitos, como elementos de diferenciação entre as nacionalidades. Esse relato mostra que os coletivos se distinguem através de identidades nacionais relacionais, um frente ao *outro*. Nesse mesmo sentido, Oscar Dapieve⁵⁰, migrante brasileiro que chegou com a família em Santa Rita em 1973, e que na época da pesquisa era empresário e agricultor na região, disse que:

Tem o paraguaio que é racista, né? E tem o brasileiro que é, também. Às vezes dava rixa. Tinham muitos grupos que brigavam, mas hoje já se entendem, né? A maioria já casou, brasileiros e paraguaios. As raças se casaram, agora nossos filhos são tudo paraguaio. Mudou bastante. (Oscar Dapieve, 2015)

O interlocutor diz que existia “racismo” entre brasileiros e paraguaios, e mostra que ocorriam brigas entre grupos. Mas, segundo ele, isso ocorria nos primeiros anos de contato e ao longo do tempo isso foi mudando, os sujeitos foram se misturando, “as raças se casaram”, e agora os descendentes são paraguaios. Percebo seleções de memórias para construção de uma imagem de harmonia coletiva. Mas também evidencio, assim, um processo de transformação nas relações entre brasileiros e paraguaios fixados na região. Passaram a se relacionar, a criar vínculos, a estabelecer redes familiares, de compadrio, comerciais etc. E com isso, passaram a compartilhar referenciais. Dessa forma, apesar de continuarem tendo referenciais diferentes, agora compartilham, também, de referenciais iguais que os ligam como coletivo.

Hoje, eu acho que ta muito tranquilo. Pra mim, tanto os brasileiros que estão aqui aprenderam a conviver com eles [paraguaios], quanto eles aprenderam a conviver com os brasileiros. Existe um clima muito tranquilo aqui. Acontece, às vezes, por exemplo, agora, sábado vai ter jogo Brasil x Paraguai da

⁵⁰ Oscar Dapieve. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015.

libertadores. Claro, vai ter aquele que é fanático brasileiro e aquele que é fanático paraguaio. E até às vezes alguns que tomam uns tragos, “borrachos” vão e fazem folia aí. (Mauro Leite, 2015)⁵¹

Esse interlocutor diz que os brasileiros e os paraguaios que estão na região “aprenderam a conviver”, o que indica as interações, fricções e adaptações dos grupos sociais ao compartilharem o mesmo espaço. E também mostra que aspectos mais profundos das identidades nacionais, como o futebol para alguns, se mantêm como referenciais de distinção entre os grupos. O fanatismo, “el fanático”, foi citado diversas vezes ao se referir à distintas situações, como a própria guerra da Tríplice Aliança, como algo negativo e que interfere na boa relação social.

Herculano Cristaldo⁵², também migrante paraguaio, que chegou à região em 1977 como professor e que na época da pesquisa era empresário local, fala sobre problemas entre migrantes brasileiros e paraguaios:

Nosotros tuvimos algunos problemas en cuanto a costumbre. Por ejemplo, se tuvo algunos problemas en cuanto música, baile. Por ejemplo, te vas en un restaurant y los de acá quieren escuchar la música de acá y los de Brasil quieren escuchar la música de allá, y a veces algunos pelean, pero nada grande, peleas chicas, eso siempre hubo. Pero eso es por la cultura mismo, y no se llegó a grandes problemas. Ahora ya hay toda una integración, los jóvenes ya son todos paraguayos, los hijos de inmigrantes son paraguayos, una integración que no es más como antes. (Herculano Cristaldo, 2015)

Nesse sentido, percebo que, por mais que discursos insistam em uma “hermandad”, como diria Grimson (s/d), não se pode ignorar que existem conflitos entre paraguaios e migrantes brasileiros nesse espaço. As pequenas “peleas”, ou “brigas”, citadas evidenciam isso. “Nós sempre vamos ser estrangeiros. Nossos filhos são paraguaios, mas são tratados como brasileiros. Policiais param e chamam de brasileiros.” – aponta um interlocutor. “Meu compadre é paraguaio, somos muito amigos, mas na hora da discussão, do sangue quente, ele sempre vem com o argumento de que estamos roubando seu país.” – narra outro interlocutor. Esses relatos evidenciam as fricções derivadas das identidades nacionais. Mostrando, assim, os conflitos muitas vezes silenciados nos discursos integracionistas, principalmente socioculturais e simbólicos. Esses conflitos derivam da massiva

⁵¹ Mauro Leite de Almeida. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 23/06/2015.

⁵² Herculano Cristaldo. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 23/04/2015.

presença brasileira na região, que a reterritorializa com incorporação de símbolos e formas de ordenação da vida social, política e econômica.

A presença e a ação de migrantes brasileiros no Paraguai são marcadas principalmente por suas referências socioculturais no espaço, como a língua, a gastronomia, as músicas, símbolos diversos, a arquitetura etc. Os principais conflitos são gerados quando as referências brasileiras se sobrepõem às paraguaias, ou ainda quando excluem os símbolos nacionais do país dando lugar a símbolos do Brasil ou de seus regionalismos. Esses conflitos são simbólicos e normalmente costumam ser silenciados, pouco registrados, mas são percebidos na convivência nesses espaços. Peculiaridades como essas mostram a necessidade do trabalho de campo, o qual desvela essa realidade.

Assim, o alargamento das fronteiras entre Brasil e Paraguai aponta não apenas para conflitos fundiários, mas também aos limites étnicos e socioculturais. O que é copreensível ao analisar as relações históricas entre brasileiros e paraguaios, somadas as questões identitárias nacionais e as diferentes realidades socioeconômicas:

Nesses cenários específicos de tensões relacionadas à terra, ao meio ambiente e ao poder político local, a fronteira “brasiguai” pode ser vista como um campo de conflitos de classes, disputas étnicas, tensões nacionalistas e choque entre a civilização capitalista ocidental e as culturas camponesas e indígenas. As fronteiras podem ser entendidas aqui como marcos de diferenças sociais. (ALBUQUERQUE, 2009, p.147)

Portanto, além de conflitos pela posse da terra, disputas simbólicas, em uma alusão a Bourdieu (2001), formam o cenário das relações estabelecidas entre brasileiros e paraguaios na zona de colonização. Exemplo disso foi a constituição do termo “brasiguai”, que foi criado em um contexto de conflito que ganhou repercussão em 1985, quando mais de mil famílias de brasileiros retornaram ao Brasil com apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (ver BATISTA, 1990; SPRANDEL, 1992; CORTÊS, 1994; BALLER, 2014; e outros). O termo “brasiguai” foi inicialmente empregado para se referir a esses coletivos de migrantes brasileiros que regressavam do Paraguai ao Brasil.

Entendo que o uso do termo “brasiguai”, ao longo dos anos, passou a representar as ambiguidades e os conflitos socioculturais dessa região de fronteira. O termo passou a ser empregado para se referir a múltiplas situações e propósitos, tais

como: a de brasileiros no Paraguai; brasileiros que voltaram do Paraguai ao país de origem; descendentes de brasileiros e paraguaios; grandes produtores agrícolas brasileiros no Paraguai; brasileiros expulsos do Paraguai; e assim por diante.

Priori e Klauck, por exemplo, defendem a ideia de que os brasiguaios “[...] são os pobres, os oprimidos, os sem direitos trabalhistas e sociais, enfim, aqueles sem pátria e sem esperança” (2010, p.96). Contudo, Haesbaert e Santa Barbara (s/d) apontam que o termo é cada vez mais utilizado em sentido amplo, porém de forma preconceituosa. Por esse motivo, defendem que se deve deixar de estigmatizar o termo. Sobre o que Leandro Baller expressa:

Há que ressaltarmos que, a partir do momento em que as pessoas se tornam um “problema” no Paraguai ou no Brasil, elas ganham a denominação de brasiguaios. Assim, são chamados de brasiguaios no Paraguai aqueles que estão sob a responsabilidade de autoridades daquele País; são chamados de brasiguaios no Brasil aqueles que retornam e passam a ser responsabilidade do governo brasileiro. Num e noutro caso, atribui-se aos brasiguaios uma identidade estigmatizada, contraposta a uma identidade nacional – eles não são nem paraguaios, nem brasileiros, posto que são sujeitos fronteiriços e estão entre duas culturas e duas nacionalidades. (BALLER, 2014, p. 148)

Entendo que ser ou não “brasiguai” tem a ver com uma categoria que passou a se desvincular de sua origem conceitual, que era fazer referência a camponeses pobres que retornavam do Paraguai ao Brasil. Tornou-se uma forma de estabelecer identidades relacionais e situacionais, em alusão a Barth (2000) e Hall (2006). O assunto também é verificado por Nascimento, para o qual: “A categoria brasiguai seria manipulada e ressignificada [...] para servir de instrumento discursivo que objetiva dar sentido e significado às relações socioculturais estabelecidas no cotidiano da vida prática” (NASCIMENTO, 2012, p.99).

Com essas contribuições, percebe-se que o termo “brasiguai” tem sido politicamente utilizado para homogeneizar distintos coletivos, os quais possuem historicidades e características econômicas, políticas e socioculturais específicas. Serve inclusive para construir representações estereotipadas acerca do imigrante brasileiro que, ora é percebido como alguém que teria sido expulso do Paraguai e estaria envolvido em conflitos pela posse da terra no Brasil, ora é citado como membro de um grupo de empresários ricos e imperialistas que estariam a ceifar direitos dos nacionais paraguaios. (SPRANDEL, 2006)

Em suma, por meio do termo “brasiguai” são ressaltadas relações simbólicas conflituosas referentes à representação e à identidade nacional do *outro*. Esse *outro*,

por sua vez, também é constituído por pessoas que fazem parte da segunda ou terceira geração de descendentes de migrantes brasileiros, as quais estão territorializadas e possuem sentimento de pertencimento ao Paraguai. Mas, essas gerações se sentirem paraguaias e serem registradas no país, contudo, não significa ruptura na ligação com o Brasil, país de origem de seus ancestrais.

Sendo assim, o termo “brasiguai” pode ser entendido, entre outros significados, como uma busca de vinculação tanto com o Brasil quanto com o Paraguai. Contudo, ao mesmo tempo, esse termo pode ser usado para desclassificar alguém, por não ser paraguaio, ou brasileiro. Mostra-se assim, genericamente, a complexidade de sua utilização.

O termo pode ser associado a uma identidade de fronteira, híbrida, formada pela junção de duas, ou mais identidades nacionais, brasileira, paraguaia, indígena, e de descendência. Ao longo dos anos, tal hibridismo passa a significar uma identidade ambígua e negociada, e, na maioria das vezes, ela aponta a direção dos interesses que o grupo, ou o sujeito evoca, e não necessariamente uma identidade que se forma por meio de práticas culturais e sociais que a comunidade manifesta. (BALLER, 2014, p. 153)

Durante o trabalho de campo identifiquei que na região de Santa Rita não é comum se utilizar o termo “brasiguai” nas relações estabelecidas. Nas inúmeras conversas e entrevistas que estabeleci, em diversos lugares e situações, e com diferentes pessoas, os sujeitos não utilizaram esse termo. Encontrei duas falas onde ele apareceu, mas as duas para dizer que o mesmo é pejorativo. Francisco Felipone, migrante brasileiro que se fixou na região com a família em 1975, disse “a gente se sente como paraguaio e sente muito ofendido quando chamam de brasiguai. Porque eu acho que a gente que produziu e trabalhou no Paraguai somos paraguaios.” E também, Balbino Benitez⁵³, migrante paraguaio, empresário que migrou para a região no início dos anos 1980, disse:

A mi me molesta cuando escucho brasiguayo. Yo una vez en un foro de propietarios de radios del país, le dije a un colega de radio, dueño de radio, que decía “los brasiguayos”. Le pedí permiso y le pregunte a quien le llamaba brasiguayo y el me dice que los hijos de brasileños son brasiguayos. Y le dije, entonces los hijos de paraguayos que nacen en bolivia son boliguayos, los hijos de paraguayos que nacen en Argentina son Argenguayos. No, le dije, tenemos que parar de ser infeliz, de ser malos, de ser morbosos. La morbosidad lo único que te puede hacer es la infelicidad. El hijo de paraguayos que nace en Brasil es Brasileiro, y el hijo de brasileño que nace en Paraguay es paraguayos, y cual es el problema? No hay más fronteras hoy en los

⁵³ Balbino Benitez. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/04/2015.

pueblos. La gente tiene que parar de sufrir, no existe tal cosa. A mi molesta.
(Balbino Benitez, 2015)

Com isso, percebo que os sujeitos da região de Santa Rita têm definido o termo brasiguai como estereotipado. Conjecturo que isso decorre das situações vividas ao longo dos anos, pois, apesar de manterem algum vínculo com o Brasil, identificarem-se com uma identidade híbrida leva a conflitos diversos dentro do contexto vivido. Já, referenciarem-se como paraguaio, e lembrar que seus descendentes são paraguaios, passa a ser uma forma, ou até uma estratégia, de garantir os direitos de cidadão dentro do país. Assim, a maioria se reconhece e se afirma como paraguaio, com diversas justificativas, como por exemplo, o tempo vivido no país, o trabalho desenvolvido, a família construída e o amor pelo lugar.

Ocorre que cada indivíduo possui uma realidade distinta e está inserido nesse processo de acordo com suas ações e experiências de vida em sociedade. Nesse contexto, nas diversas regiões do Paraguai vivenciam-se deferentes realidades. Encontram-se em um mesmo espaço sujeitos de diferentes condições econômicas e com diversos referenciais políticos, culturais, sociais e históricos, interligados em rede a partir de suas experiências compartilhadas, em alusão a Norbert Elias (1994). Estas particularidades fazem com que o processo de colonização seja algo complexo e não linear, ligado a uma perspectiva de tempo não naturalizado, valendo-se dos aportes de Fabian (2013). Dessa forma, as identidades se reconfiguram a partir das inúmeras relações estabelecidas.

Nessa perspectiva, Tilley (2006) nos mostra que os processos de negociação identitária modificam os dois lados envolvidos. As relações com o passado são de sobreposição, assim, cada grupo ou indivíduo constrói sua própria representação sobre um espaço, ou um acontecimento, de acordo com suas referências. Com isso, conjecturo que na região estudada, por estar formada por grupos migrantes, todos compartilham de alguma referência comum, mas cada um a concebe de acordo com suas experiências e noções de passado. Nesse sentido, a posição identitária pode variar de acordo com a situação, o que pressupõe que em momentos específicos alguns se considerem como iguais, ou diferentes. O que pode ser percebido nos discursos da região, como em uma colocação recorrente em Santa Rita de que “aquí, todos somos migrantes”, o que ignora propositalmente as diferenças de origem nacional da população e sugere uma harmonia na sociedade.

De acordo com Tilley (2006) as identidades são móveis, estão sempre respondendo às mudanças, e são abertas a formulações e reformulações. Assim, mais uma vez se vê a construção da identidade como forma de política de definição do *nós* e do *outro*, de representações (BOURDIEU, 2001; CHARTIER, 1990). Com isso, ser brasileiro ou paraguaio, ou até brasiguai, em Santa Rita, está relacionado com as representações que os definem, ou melhor, com as quais eles querem ser identificados. O que leva a questionar e apontar que os conflitos identitários ocorrem como forma de afirmação de representações naquele espaço, mas que todos os envolvidos estão em constante reformulação de sua identidade, utilizando-a de acordo com o interesse do momento. Pois, se percebe apropriação de representações do *outro* em ambos os grupos, de acordo com a situação estabelecida.

Com isso, a noção de conflito foi explorada, por meio das entrevistas e também, de textos já publicados que refletem sobre a temática. E entendo que estas fontes e estes textos são interpretações da realidade, produzidas com finalidades específicas, que partem de perspectivas diversas. Desde visões mais integracionistas, da interação entre brasileiros e paraguaios, até visões como a de que, além de serem donos das terras, os migrantes estão suprimindo os referenciais nacionais em favor das suas representações. Busquei, então, relacionar essas bibliografias com o observado no trabalho de campo em Santa Rita, o que mostrou que as relações de conflitos, tanto simbólicos quanto materiais, são complexas e expressam relações de fricção entre populações com diferentes referenciais históricos, culturais, sociopolíticos e econômicos. Estas relações compõem o espaço e determinam as memórias e as representações construídas e fixadas pelos migrantes nessa região.

3. Santa Rita a partir das memórias de migrantes

3.1 Um olhar sobre quem se fixou

O trabalho de campo em Santa Rita foi precedido de algumas visitas ao município. Em meados de 2014, em visita à *municipalidad* do distrito, apresentei a intenção de pesquisa ao secretário geral, Edgar Feltes⁵⁴. Essa visita norteou as decisões de estruturação da pesquisa de campo, que foi realizada no ano seguinte, 2015, a partir de dados gerais do município. Naquele momento iniciei a observação das construções espaciais e das relações sociais da região, e seguiu durante o período de uma semana. Pude perceber que o que me era familiar fazia parte do enredo de relações que compõem o espaço. Segue-se trechos do diário de campo daquele momento:

Vim na noite anterior, dormi na casa de amigas e, logo cedo, quando elas foram trabalhar, tomei chimarrão com a “Tia” Tere, esperando a hora de fazer minha primeira visita à *municipalidad* e tentar estabelecer algum vínculo. Ao escrever “Tia Tere”, vejo como a escrita nos faz perceber nuances que na fala passam por alto. A Tia Tere não é minha tia por vínculo de sangue, é minha tia porque me viu crescer, é minha tia porque todos meus antigos vizinhos são meus “tios”. Sempre encarei com naturalidade essa nomenclatura, mas hoje percebo que é mais que uma simples forma de afeto, pois não é qualquer um que chamo de “tio” ou “tia”, são as pessoas próximas aos meus pais: são vínculos que se estabelecem a partir da realidade de migração, a qual faz com que se “adote” familiares pela distância dos reais parentes. Esse pode ser um ponto de análise futuro. [...] Ao sair da casa tenho uma sensação estranha de que a cidade é muito maior do que sempre vi. Mas acredito, na verdade, que agora eu “abri meus olhos” para vê-la. Como é fascinante prestar atenção a sua volta e perceber que esse espaço é muito mais cheio, confuso, complexo e bonito do que você se lembra! [...] Sou, enfim, chamada a entrar na sala do secretário, o senhor Edgar, paraguaio. Ele me cumprimenta com “alles blau”, e eu faço questão de lhe responder “oi porã”. Ele, ao me olhar, já poderia ter uma pré-concepção sobre mim (descendente de alemães, colonizadores, agricultores), e com certeza eu não queria isso, mas me fez refletir sobre como se estabelecem as relações. Ironicamente, quem começa a me entrevistar é ele, me enchendo de perguntas sobre minha origem e descendência, os lugares onde morei e onde moro, se tenho alguma relação com os pioneiros colonizadores, qual o objetivo do trabalho etc.. Uma clara necessidade de saber quem sou e se posicionar frente ao “ser” que se apresenta a ele. Eu busco então “acalmar os ânimos”, me apresento detalhadamente, traço minha trajetória de vida para que ele “me conheça”, buscando além de sua confiança tentar construir uma imagem imparcial frente à questão da colonização, o que é difícil dadas minhas características, mas acho que consigo. Então começamos estabelecer um diálogo sobre o município. Ao tratar sobre memória e patrimônio, Edgar diz que a memória é a dos pioneiros e que patrimônio a cidade não tem, pois é muito nova. Reflito intimamente que sua visão de

⁵⁴ Edgar Feltes. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 28/07/2015.

patrimônio é a de monumento, e que a cidade provavelmente tenha patrimônios. Detenho-me então a questionar sobre a migração e a ocupação do espaço de Santa Rita. Ele me diz: “*Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos*”. Mais uma vez, mil coisas vêm à cabeça e percebo que Edgar também está buscando ser imparcial, ou seja, passar uma imagem de harmonia entre brasileiros e paraguaios. Isso é visível durante toda nossa conversa. Com certeza eu defino o seu discurso. (ANDRESSA SZEKUT, 2014)

Exibo esse recorte a fim de mostrar o vivenciado e o refletido naquele primeiro momento de observação. Olhar analiticamente sobre o espaço gerou indagações sobre: como lidar com o distanciamento do familiar? Como definir as estratégias de campo para um bom trabalho sobre memórias e representações? Como elaborar um questionário que atenderia os objetivos da pesquisa e, ao mesmo tempo, diminuiria as fronteiras simbólicas entre pesquisador e pesquisado? De que forma abordar questões polêmicas como, por exemplo, conflitos entre brasileiros e paraguaios na região?

Vale lembrar, que eu moro há alguns anos em Foz do Iguaçu, fronteira com o Paraguai, e de lá me desloco com frequência para a casa dos meus pais no município de *San Cristóbal*, necessariamente passando por Santa Rita, situada 70 km antes desse destino. Durante o mês de janeiro de 2015, organizei o trabalho de campo realizando diversas visitas a Santa Rita. E em fevereiro comecei a morar na cidade com uma amiga, pela facilidade de se ter alguém conhecido vivendo no local de pesquisa com o qual poderia dividir as despesas.

Eu já conhecia Santa Rita, por ter passado por ali com frequência, e também por ter participado de algumas atividades como a Expo Santa Rita, encontros religiosos, festas de comunidade, e confraternizações entre amigos. Até 2007, quando ainda morava com os pais no Paraguai, Santa Rita representava o centro urbano mais próximo. Havia hospitais, bancos, casas de câmbio, grandes comércios e sedes de empresas. Alguns dos meus amigos se mudaram para lá em busca de emprego ou para estudar em uma universidade. Assim, sempre presenciei um fluxo constante para esse município.

Nesse contexto, morar em Santa Rita para fazer uma observação participante foi um exercício constante de não naturalizar os fatos, além de se buscar as representações lá constituídas. Ter conhecidos morando na cidade, ao mesmo tempo em que facilitou alguns processos, também exigiu vigilância para os distanciamentos e interpretações necessárias à pesquisa. Pois, por mais que morar com uma amiga e

encontrar ou visitar amigos fossem momentos de descontração, busquei sempre manter um olhar atento às relações e representações. Procurando constantemente a objetividade na subjetividade.

No dia 23 de fevereiro de 2015, iniciei efetivamente o trabalho de observação participante em Santa Rita. Durante o dia, por quase um mês, eu andei pelas ruas, busquei reconhecer o espaço e perceber as peculiaridades, enquanto as noites eram reservadas à revisão das teorias que embasavam as análises. Sentava-me por horas em *La Parada* – terminal urbano e rodoviário localizado no centro – para observar a dinâmica social, as práticas e representações, os hábitos e os movimentos dos sujeitos, tudo registrado em diário de campo. Fiz visitas frequentes à *municipalidad*, onde pude obter: uma *constancia*⁵⁵ para fazer pesquisa no *distrito*; documentos e fotos; indicação de pessoas para eu entrevistar sobre a migração na região. Considerei os sujeitos indicados como uma rede de porta-vozes autorizados⁵⁶. Busquei entrevistar, além dos indicados, outros interlocutores que participaram do processo de formação do município.

Os espaços eram complexos, as trocas constantes, intensas e ao mesmo tempo sutis. A agricultura permeia relações sociopolíticas do município. Andar pelas ruas mostrou que Santa Rita, assim como todos diziam, “cresceu muito”. É nítida a diferença entre os bairros antigos e os novos. O centro é mais antigo, com casas de madeira que foram construídas no início da constituição da área urbana, e que hoje estão sendo substituídas por prédios comerciais em alvenaria. O centro – situado nos arredores do cruzamento entre a Avenida 14 de Mayo e a Supercarretera *Ruta 6* – é caracterizado por *La Parada*, pelo comércio, pelo fluxo intenso de pessoas, e revela as teias de relações estabelecidas e as representações fixadas.

Representações e referenciais de “brasilidade” estão por toda parte na região de Santa Rita: fala-se português nas ruas; muitas placas estão escritas em português ou “portunhol”; há referências à cultura brasileira em publicidades; restaurantes com pratos brasileiros; programação de rádio em português, com músicas brasileiras; faz-se festas de comunidade ao estilo de festas brasileiras; há instituições como o Centro

⁵⁵ Documento que reconhece e autoriza a fazer pesquisa no município. Foi pedido por mim como forma de respaldo frente às futuras visitas que faria aos moradores na região, contudo nunca foi utilizado.

⁵⁶ O porta-voz autorizado consegue agir com as palavras em relação a outros agentes e, por meio do seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. (BOURDIEU, 1996, p. 89)

de Tradições Gaúchas (CTG), que difunde uma cultura regionalista brasileira na região; além disso, a produção mecanizada da agricultura está diretamente relacionada com os migrantes brasileiros na região. Esses exemplos mostram a constituição do espaço a partir da impressão de marcas socioculturais brasileiras nessa localidade.

Existe um discurso de integração entre os migrantes brasileiros, seus descendentes e os paraguaios, proferido pela maior parte dos sujeitos. Ao falarem da relação entre ambos, afirmam que é “muito boa”; “muitos brasileiros e paraguaios estão se casando”; “hoje todos já somos paraguaios”. Contudo, além dessa afirmativa geral, existem tensões socioculturais, e também políticas e econômicas entre esses grupos. Ao mesmo tempo em que são vistas interações, trocas e integração, também se vê exclusão e silenciamento. Nesse sentido, Santa Rita tem uma sociedade complexa, na qual as relações de poder conflitantes são, além de econômicas, simbólicas, uma vez que grupos distintos estão em constantes fricções e adaptações socioculturais.

Assim, chego à questão de fronteiras e ligações, pois, entendo que esses sujeitos têm suas memórias reconstruídas a partir das experiências de interação com o *outro* e em outro espaço. Tanto brasileiros quanto paraguaios que se fixam nessa região passam por transformações socioculturais e espaciais. Os paraguaios continuam no seu país, ao contrário dos brasileiros, que ultrapassam fronteiras nacionais e se fixam em outro Estado-nação, constituído a partir de diferentes referenciais políticos, simbólicos, linguísticos, culturais, que são estabelecidos para garantir a soberania do país. Migrantes brasileiros, mesmo ao adotarem os referenciais entendidos como paraguaios, ainda mantêm seus referenciais brasileiros.

Após caminhadas pela cidade, observação constante, participação em diversas atividades socioculturais, conversas informais e visitas aos conhecidos que relataram suas práticas diárias, reelaborei o roteiro para as entrevistas (Apêndice A).

As entrevistas foram gravadas em áudio, exceto em dois casos em que os interlocutores não autorizaram a gravação, por isso foram registradas em diário de campo. No total, foram entrevistadas 53 pessoas: 35 homens e 18 mulheres. 45 migrantes brasileiros e 11 paraguaios.

Ressalto que algumas entrevistas foram remarcadas várias vezes e muitas delas não chegaram a se concretizar. Algumas pessoas se recusaram a responder, outras foram entrevistadas mais de uma vez. Entrevistei casais e familiares de forma

conjunta, mas a maioria das entrevistas foram individuais. Uma foi descontratada, enquanto outras, mais formais. A primeira entrevista, por exemplo, foi cancelada pelo interlocutor por causa da chuva daquele dia.

O clima influencia bastante nas atividades de toda a região pelo fato da economia ser baseada na agricultura e a maioria das vias serem de terra. Apenas a *Ruta 6*, que passa no centro de Santa Rita, e algumas poucas ruas no centro urbano são pavimentadas. Vias de acesso às áreas rurais têm calçamento de pedra irregular, mas em geral, as ruas e estradas são de terra. Isso gera muito barro e “atoleiros” quando chove, e muito pó em dias ensolarados, tornando as vias perigosas. Esse é um dos fatores que explica a preferência por caminhonetes com tração 4x4 na região, além da utilização desses veículos para o trabalho no campo.

A primeira entrevista ocorreu na *Chiperia* Santa Rita, com Pedro Benitez, um paraguaio que vive com a família na cidade há nove anos. Essa entrevista não foi indicada por ninguém, foi motivada pela representatividade do local para o município, uma *chiperia* grande e famosa na região que, por seu fluxo intenso de clientes e sua comida típica paraguaia, representa a integração cultural que ocorre no espaço. Após essa primeira experiência, foram entrevistados interlocutores quase todos os dias. Ao final de cada entrevista, pedi indicação de outros sujeitos e, assim, redes de indicações foram sendo constituídas. Muitos dos entrevistados indicaram as mesmas pessoas, demonstrando o reconhecimento de alguns porta-vozes da população e evidenciando a seleção de representações que querem passar da comunidade.

Após uma indicação, eu entrava em contato com interlocutor em potencial – por telefone ou indo até sua casa ou local de trabalho, como ocorreu algumas vezes por falta de número de telefone para contato – para me apresentar, relatar sobre a indicação, explicar o trabalho e então solicitar uma entrevista. Após responder os interlocutores sobre a origem e o destino da pesquisa, alguns já marcavam entrevista, enquanto com outros foi preciso um pouco de insistência. As entrevistas ocorreram sempre nas residências ou nos locais de trabalho dos interlocutores, inserindo-me, como pesquisadora, nos seus ambientes particulares, o que permitia também uma análise do espaço.

Senti a necessidade de sempre ter uma pessoa de referência para me aproximar de um interlocutor. Por exemplo: “Foi fulano(a) que me indicou o(a) senhor(a)”. Essa prática revelou a forma de organização e a relação social que se tem no *distrito*, percebidas como bastante arraigadas aos vínculos familiares e de

compadrio. Essa situação foi explicitada, por exemplo, ao perguntarem de onde eu vinha e a que família pertencia. Ambas as questões se complementam e definem a representação que constroem sobre o outro. Caso reconheçam o pesquisador como migrante, ou seja, com trajetória similar as deles, buscam estabelecer ligações a partir da trajetória ou de algum vínculo de amizade. Com isso, percebi que se estabelece um tratamento de maior afetividade, de ligação pela imigração, pela experiência.

Não foram indicadas mulheres para entrevistas, a não ser por outras mulheres. A um dos interlocutores, solicitei o contato de sua sogra, esposa de um reconhecido pioneiro, já falecido, de Santa Rita. O interlocutor se surpreendeu com a demonstração de interesse pela senhora, mesmo ela sendo uma das primeiras moradoras da região. Com olhar intrigado, cedeu o contato.

Ao ser contatada, Valeria Schneider⁵⁷ ficou surpresa; foi a primeira mulher a ser entrevistada, e indicou outras mulheres, assim foi se estabelecendo outra rede de interlocução: a feminina. Entretanto, mesmo as mulheres acabavam indicando homens. Percebi em muitas falas como elas não se sentem portadoras de uma memória “relevante”, o que expõe as relações de gênero estabelecidas no processo de reconhecimento da memória.

Ao todo, foram entrevistadas 18 mulheres, algumas de forma individual e outras juntamente com seus esposos e filhos. Tive contato, também, com diversas mulheres em diferentes situações, o que permitiu perceber como elas se inserem nas práticas do espaço e quais suas posições nas (re)construções da memória, como analiso adiante.

A vida religiosa é ativa na região, com muitas igrejas e mais de 30 religiões presentes no município, de acordo com informação dada por representante da *municipalidad*. Conforme referenciado constantemente pelos interlocutores, a igreja católica teve ação protagonista no processo de colonização da região, principalmente a partir dos padres scalabrinianos, e ainda é a igreja com maior adesão da população. Particpei de algumas atividades da paróquia de Santa Rita, como a celebração pelo dia de Santa Rita de Cássia, quando houve uma carreata pela cidade, show e festa em comemoração a essa data no salão comunitário da igreja. Além disso, contatei a secretária da igreja para conseguir alguns documentos, como um livro escrito pelo

⁵⁷ Valeria Schneider. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 01/05/2015.

Padre Fiorindo Ghiggi, primeiro padre da região, que, segundo os interlocutores, trazia informações sobre a colonização. Contudo, o material não foi encontrado.

Enquanto estava em Santa Rita, vivenciei o momento de disputa política das eleições para a *intendência* do município. Esse foi um dos motivos de não conseguir entrevistar o então *intendente*, que estava ocupado na busca de sua reeleição. Particpei de comícios e vivenciei as discussões acaloradas das disputas partidárias internas e externas. Foi possível observar como os grupos se organizam de diferentes formas para alcançar seus interesses, e também perceber como os imigrantes brasileiros e seus descendentes se inserem nesse processo político nacional paraguaio. Como que a ideia de porta-voz do município está relacionada com a de representatividade política.

Particpei também da 23ª Expo Santa Rita – conhecida como segunda maior feira de exposição do Paraguai em volume de negócios –, com mais de 450 expositores. A feira foi realizada entre os dias 01 e 10 de maio de 2015, organizada pelo Centro de Tradições Gaúchas – CTG Índio José. Esse é um evento que ocorre desde os primeiros anos de emancipação do município e é reconhecido como propulsor do crescimento do centro urbano. Durante a feira, a população de Santa Rita se organiza em função dos eventos diários que ocorrem. A cidade recebe visitantes da região e dos países vizinhos. É um evento realizado por uma instituição de cunho tradicionalista gaúcho, portanto, está diretamente relacionada a um regionalismo brasileiro que analiso mais adiante.

Enquanto vivenciei o campo, ocorreram aproximações, observações, conversas e entrevistas. A questão de como era a vida quando os imigrantes brasileiros chegaram à região esteve sempre presente, retomada a cada fala, com comparações sobre o antes e o depois. Nas narrativas, os interlocutores expressaram, principalmente, as motivações da migração, as dificuldades vividas e como trabalharam na região. As atividades mostram como se apropriaram do espaço e como ocorrem as incorporações e fricções socioculturais. E as vivências evidenciam as relações e as redes estabelecidas.

A seguir analiso esse conjunto de fontes levantados durante o trabalho de campo.

3.2 Colonização de Santa Rita

De acordo com os relatos dos interlocutores, os primeiros migrantes brasileiros chegaram à região em 1973, quando a área ainda era de mata fechada. A colonizadora *Itaipu Amalisa*⁵⁸ do brasileiro Adelino Vettorello foi responsável pela colonização da maior parte do que hoje é Santa Rita. Essa empresa adquiriu terras a partir do *Instituto de Bienestar Rural* – IBR, cuja missão era a organização da colonização pública nas terras da região Oriental do Paraguai, mas que, além disso, facilitou e incentivou a colonização privada no espaço observado. Essa colonizadora revendia as terras adquiridas junto ao Estado Paraguaio, e também de particulares, e tinha como público alvo brasileiros da região Sul do país.

Nas entrevistas, como já visto anteriormente, os migrantes brasileiros associam a possibilidade de entrar e se fixar no Paraguai ao governo de Stroessner, sempre lembrando suas políticas de incentivo à imigração e à produção agrícola. Nesses discursos também relacionam a ação da colonizadora ao incentivo do governo. Como menciona Jaime Hammes⁵⁹, migrante brasileiro que chegou na região em 1976, agricultor e empresário, diz,

A colonizadora Vettorello tinha muito prestígio e o governo de Stroessner queria abrir esse matão aí, queria gente que realmente entendia da área...O presidente Stroessner na época, logicamente que era uma ditadura, mas era uma ditadura que queria o bem para essa região, pra desenvolver. (Jaime Hammes, 2015)

Percebo esse “prestígio” citado pelo interlocutor, como resultado da experiência em colonização e uma relação direta que essa colonizadora estabelecia com o governo do país. Durante a pesquisa de campo, entrevistei Lirio Vettorello⁶⁰, filho de Adelino Vettorello, que participou do processo de colonização junto ao pai⁶¹. Lirio, na época da pesquisa, tinha residência em Cascavel, no Paraná, e também em *Minga Guazú*, no Alto Paraná, e a entrevista foi realizada em seu escritório em Santa Rita. Nesse município, Lirio mantém um posto de combustível, e o seu filho tem uma transportadora de cargas, além de gerenciar imóveis da família na região. Ele fez um

⁵⁸ Pouco citado, *Itaipu Amalisa* era o nome da colonizadora de Adelino Vettorello, No geral, todos reconhecem como Colonizadora Vettorello.

⁵⁹ Jaime Hammes. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 03/06/2015.

⁶⁰Lirio Vettorello. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 01/07/2015.

⁶¹ Segundo Lirio, Adelino Vettorello faleceu no ano de 1989, momento em que também a família parou a atividade da colonizadora no Paraguai.

longo relato sobre a atuação da família na colonização da região oriental do Paraguai. E sobre a relação de Adelino Vettorello com o governo, ele diz:

Meu pai tinha uma excelente relação com o governador lá, com o presidente do instituto IBR... Ele ia pra Assunção pra comprar [terra]. Comprava no meu nome, do seu Acir, do seu Gentil, seu Heitor, dos nossos amigos, porque nós não podíamos comprar tudo no nome da gente. Então nós comprávamos 5, 6 mil hectares, pra mim, 5 pra outro e 5 pra outro. A lei só podia vender 5 mil hectares pra cada um. Mais não podia. Meu pai que comandava o espetáculo. Ele tinha uma visão muito grande. (Lirio Vettorello, 2015)

Os relatos mostram que Adelino Vettorello tinha acesso a membros do governo paraguaio e desenvolveu estratégias para contornar a legislação e ampliar os espaços de colonização, o que era feito em conivência com as autoridades nacionais. Isso se reafirma quando Lirio, ao mencionar que tinham escritório da colonizadora em *Ciudad del Este*, diz: “Quando começou *Ciudad del Este* o pai ganhou uma quadra bem perto da ponte. Ele era muito amigo do governador.” Noto, assim, a relação de proximidade entre a colonizadora e membros do governo paraguaio, o que se pode considerar como uma estrutura de poder que se organiza paralelamente e orienta a transformação do espaço na região.

Adelino Vettorello colonizou a maior parte da área em que se situa a atual Santa Rita, correspondendo à área urbana e parte da área rural. De acordo com seu filho Lirio Vettorello, Adelino teve experiência anterior com colonização no município de Francisco Beltrão, Paraná, Brasil, e também em *Santa Tereza, Caaguazú*, Paraguai, para onde foi trabalhar nos anos 1960, a princípio, como sócio em uma serraria. Depois de dissolvida a sociedade em *Santa Tereza*, foi convidado por um proprietário de 20.000 hectares no Alto Paraná para colonizar metade de suas terras. Assim, foi responsável por parte da colonização do que hoje é o *distrito* de *Santa Rosa del Monday*, que faz divisa com Santa Rita. O projeto da colonizadora *Itaipu Amalisa*, que colonizou Santa Rita, veio em sequência dessa experiência com a colonização de *Santa Rosa del Monday*, o que levou Vettorello a entrar cada vez mais no interior do Paraguai. Depois de Santa Rita, ainda colonizou outras áreas como o *distrito* de *Santo Cristo*, que fica na divisa dos *departamentos* de Alto Paraná e *Itapúa*, e outras áreas na região. Lirio, ao falar sobre os espaços colonizados no Paraguai, diz:

Patricio Colman nós compramos do governo já, Santa Rita nós também compramos do governo, do IBR antigo. *Panambi* também. Todas essas terras adquiridas, foram adquiridas do governo paraguaio. Do IBR. Só *Santa Rosa*

era do Muxfeldt. *Santo Cristo* nós compramos de um grupo argentino, 20 mil hectares também. O resto tudo do governo. [...] [Total de terra colonizada] 100 mil hectares. Meu pai não queria ficar com terra. Queria vender, queria ver progresso. (Lirio Vettorello, 2015)

De acordo com Lirio, seu pai chegou a colonizar 100.000 hectares (um hectare equivale a 10.000 m²) dentro do Paraguai. Além de comprar terras do IBR, também colonizava terras de outros particulares e comprou terras de um “grande grupo argentino” que também atuava na região. Em toda essa área, vendeu terras direcionadas a brasileiros da região Sul. Segundo Lirio, ao começar a colonizar a região, Adelino foi a Cascavel, no Paraná, e a Cerro Largo no Rio Grande do Sul, para divulgar a colonização: “com os mapas das terras em baixo do braço [...] Foi uma vez só. Depois vieram todo mundo, um atrás do outro” (Lirio Vettorello). Mais tarde, corretores faziam esse trabalho, mas as famílias já vinham por conta própria, por convite de outras que já haviam migrado para a região. Este relato mostra as redes de sociabilidade, redes familiares e de compadrio, que se envolveram na migração.

Daí começou a surgir bastante gente do Rio Grande. 90% era do Rio Grande, que fizeram o Paraguai desse lado do [rio] Monday. Chamava-se colônias brasileiras, feita por Gaúcho, *3 de Maio, Patricio Colman, Cerro Largo, Santo Cristo*. Meu pai dava o nome conforme “você veio lá de tal lugar, então o nome vai ser esse”, a mesma coisa que *Santa Rosa*. (Lirio Vettorello, 2015)

Como se vê, Lirio diz que, primeiramente, foi vendida terra apenas para brasileiros, mais tarde para alemães, em outras regiões, mas em geral, para pouquíssimos paraguaios. Percebo com os relatos que eram abertas áreas para a colonização, uma após a outra, cada uma delas ocupadas por pessoas de uma mesma região. A colônia de *Cerro Largo*, que com o tempo passou a se chamar *Patricio Colman*, é um exemplo dessa formação. A maioria das pessoas que se fixaram nessa colônia eram oriundas de Cerro Largo, Rio Grande do Sul. Esse é o caso de Aloisio Rauber⁶² – que diz ter escolhido o nome da colônia, junto a Adelino Vettorello, por se tratar do local de origem de sua família.

Outro caso que mostra essa fixação por proximidade é o relatado por Protásio Konzen⁶³, que migrou ao Paraguai em 1977, quando a colonizadora não mais dispunha de colônias à venda em *Cerro Largo*. Protásio diz ter negociado chácaras diretamente com Vettorello, além de uma colônia de 2^o mão com um particular,

⁶² Aloisio Rauber. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/06/2015.

⁶³ Protásio José Kosen. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/05/2015.

justamente para evitar uma nova área de colonização e, portanto, poder ficar próximo a conhecidos que, como ele, provinham de Cerro Largo - RS. Sobre esse processo Valtair Vicchetti⁶⁴ diz:

Daí foi desenvolvendo, fomos progredindo. Saiu as primeiras escolas, as igrejas, e foi indo. Foi colocando nome nos lugares. [...]. *Cerro Largo* porque tinha gente de Cerro Largo, Rio Grande do Sul. *Esquina Gaúcha*, de gente que veio lá do Rio Grande do Sul. Aqui, *Panambi*, porque as pessoas eram lá de Panambi, Rio Grande do Sul. *Santa Rosa* porque eram de Formosa. *Formosa* *cambiou* o nome agora para *Curupayty*, mas vieram de Formosa. *São José*, nós viemos de lá [Rio Grande do Sul], mas quando fomos formar uma comunidade, fizemos uma reunião dos moradores e naquela reunião *tenia* 5 pessoas com nome de José. E por isso colocamos *São José*. (Valtair Vicchetti, 2015)

Essas narrativas, além de exibir as formas de organização em rede dos migrantes, retratam memórias compartilhadas e legitimadas sobre a origem desses sujeitos por meio dessas nomeações. A questão de nomeação, segundo Bourdieu (2001) é um ato de legitimação, fazer existir pelo enunciado. Dessa forma, percebe-se as (re)construções memoriais em volta da ocupação do espaço – associadas a origem e representação desses migrantes, que remetem à ligação e continuidade. Sobre a nomeação de Santa Rita, os interlocutores relataram que a comunidade ganhou uma imagem dessa santa católica, para as celebrações religiosas da igreja local, da qual derivou o nome à comunidade.

Entretanto, as nomeações que fazem referência a locais de origem no Brasil foram alteradas para nomes ligados a história e política nacional paraguaias, após a democratização do país. Isso mostra conflitos simbólicos e uma busca pela fixação de outros referenciais na região, com a (re)construção de uma outra imagem, paraguaia. Apesar de oficialmente os nomes terem sido alterados há aproximadamente 20 anos, a população em geral continua usando a nomenclatura inicial, fazendo apenas breves referências a que o nome não é oficial. Por exemplo, quando as pessoas se referem à comunidade *Curupayty*, citam primeiro seu antigo nome: “Formosa, que agora é *Curupayty*”. Sobre renomeações, Valtair diz,

Esquina Gaúcha, tinham mudado para *Joel Estigarribia*, *Cerro Largo*, para *Patrício Colman*. Entrou uns governos aí que não podia ser *Cerro Largo*, mas *Cerro Largo* é um nome em castelhano também. Mas *Esquina Gaúcha*, sim, é um nome em português, daí colocaram *Joel Estigarribia*. Mas o *General Patrício Colman* foi um homem terrível, o *comisário* contava coisas terríveis

⁶⁴ Valtair Vicchetti. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015.

sobre ele [...]. Esses nomes são oficiais. Se você for fazer uma nota ou fazer um documento tem que usar esse nome. (Valtair Vicchetti, 2015)

Perguntei a Edgar Feltes, migrante paraguaio que se fixou na região, representante da *municipalidad* de Santa Rita, como estava a situação dos nomes das comunidades. Feltes explicou que Cerro Largo e Esquina Gaúcha já voltaram aos seus nomes iniciais, como bairros de Santa Rita. Arício Rios⁶⁵, migrante paraguaio que se fixou na região em 1975, mencionou: “Estoy contento que cambiaron el nombre de Patricio Colman, era un asesino. No merece”. Miguel Petter⁶⁶, migrante brasileiro que se fixou na região nos anos 1980, comenta que quando foi *consejal* no município, conseguiu alterar novamente o nome da comunidade para Esquina Gaúcha, “Porque você fazia uma festa e colocava Mayor Joel Estigarríbia e ninguém sabia onde que era, e isso é roubar sua identidade”. Estes fatos demonstram a força do nome como forma de representação para essas comunidades, como definidor da identidade local. Entendo, que por meio dessas nomeações são selecionados referenciais e fixadas memórias coletivas na região.

Lirio Vettorello aponta que, seu pai Adelino, incentivava a migração de vizinhos; doava terrenos para igrejas, escolas, centros médicos, *comisaria*⁶⁷; construiu balsa e estradas; promovia o trabalho comunitário para construções e manutenção da infraestrutura da região. Entre esses relatos, diz: “Daí o pai deu um terreno pra ele por um postinho ali também. Se você não der incentivo...por exemplo, o pai deu pra católico, protestante, adventista, pra todas essas religiões nós dávamos um terreno pra construir. Cada um tinha uma igreja” (Lirio Vetorelo). Nesse mesmo sentido, vários migrantes apontaram as construções e doações de Adelino Vettorello, desde a construção de estradas, até a construção de uma usina, uma balsa, várias pontes e o incentivo e colaboração para a educação, igrejas, escolas e participação em atividades das comunidades. Isso pode ser observado na fala de Eduardo Coronel Rolon, migrante paraguaio que chegou à região em 1976 e primeiramente se fixou em *Santa Rosa del Monday*, onde instalou uma farmácia e logo construiu um hospital. Segundo Rolon, quando começou a crescer Santa Rita,

El finado Vettorello, que era el colonizador, me fui a su escritorio y el tenía el mapa de la ciudad y me dijo: aquí es la futura ciudad, estamos poca gente

⁶⁵ Arício Rios Ocampo. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015.

⁶⁶ Miguel Petter. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/07/2015.

⁶⁷ Equivalente a delegacia.

todavía pero dentro del monte hay demasiada gente todavía, hay demasiada necesidad de un médico aquí. Y me facilitó y me dijo, mira y vea un lugar, escoge un sitio, y ubícate, construí para tu casa, para tu negocio, y el día que esté construido, el día que tenéis condición para pagar por eso, entonces venga y vamos a combinar como vamos poder pagar. Entonces me facilito, escogí el lugar, empecé a construir, a trabajar. (Eduardo Coronel, 2015)

Rolon aponta que Vettorello lhe convidou para participar da colonização, abrindo farmácias em outras áreas da colonizadora, como forma de estruturar o lugar e atrair compradores.

Hiba inaugurar Santo Cristo y Vettorello me dijo: doctor voy a pedir un favor, te voy a poner toda la comodidad, camioneta con chofer y todo. Yo quiero que usted lleve un stock de medicamentos, lleva tu estantería una parte y vamos poner una farmacia, *uma farmacinha*. Entonces el hizo la propaganda por todos los lados, por Río Grande, Brasil, que hay farmacia, hay médico, para que la gente tenga más interés para venir. Ya no es más un desierto. Y bueno, así yo le apoye a él, como el me apoyo a mí. (Eduardo Coronel, 2015)

Este relato permite perceber como Adelino organizava as áreas de colonização: de forma progressiva, levando infraestrutura e serviços básicos. Uma das suas construções foi uma pequena usina hidroelétrica que atendia a comunidade de *Cerro Largo*. Alguns interlocutores citam essa usina, como Edio Rauber⁶⁸:

[A] Usina foi feita pelo Vettorello, no rio Jataí. Na vila todos tinham luz. Só que a represa não aguentou, estourava sempre, a água ficava fraca. Trancava todos os desvios que eles fizeram com as enxurradas. Funcionou uns anos. A manutenção custava muito caro.

Os relatos apontam que a Usina feita pela colonizadora não funcionou por muito tempo, mas que foi uma importante iniciativa e estímulo para o período, início dos anos 1980, quando não havia energia elétrica em nenhuma área próxima. Empreendimento que demonstra também o investimento feito na região. Assim como a construção de uma balsa de tração manual sobre o *Rio Monday*, realizada, segundo Lirio Vettorello, nos primeiros anos de colonização.

⁶⁸ Edio Tadeu Rauber. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24/06/2015.



Figura 12 – Balsa sob o rio Monday nos primeiros anos da colonização.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

Adelino Vettorello, trabalhou com uma equipe de agrimensores e corretores, que demarcavam e comercializavam as terras. Tinha um escritório em Foz do Iguaçu, onde morava com a família, e um escritório em cada localidade onde estava colonizando. Segundo relatos, ele passava parte da semana na área de colonização, no escritório em *Santa Rosa del Monday*, onde centralizava as ações. Levava mantimentos às famílias migrantes e era responsável pessoalmente por muitas das vendas das terras e do recebimento das parcelas de pagamento.

O escritório em Foz do Iguaçu fazia parte da estratégia de venda da colonizadora aos brasileiros: ali captavam compradores, recebiam os migrantes e os auxiliavam para a entrada no Paraguai, configurando-se como “nó” da rede de migração para o Paraguai. Terese Birnfeldt, por exemplo, relata como souberam da colonização no Paraguai:

Através de um colonizador, o Vettorello. O nosso grupo tinha ido comprar terra em Mato Grosso. Quando eles estavam voltando, chegaram em Foz do Iguaçu pra pousar em um Hotel. Nesse hotel, encontraram o seu Adelino Vettorello, e ele ofereceu essas terras. Ele era colonizador. Aí eles nem foram pra casa. Entraram pro Paraguai ver as terras, uns já fizeram negócios, esses que vieram um ano antes. Nós precisávamos vender o pedacinho que nós

tínhamos lá [Rio Grande do Sul] pra vir pra cá [Paraguai], e assim fizemos e viemos no outro ano. (Teresa Birnfeldt, 2015)⁶⁹

Lirio explica: “Quando começamos no Paraguai, nós morávamos em Foz [do Iguaçu]. Nós tínhamos restaurante em Foz. Rex, na Avenida Brasil. Na baixada, da [rua] Xavier [da Silva], onde tínhamos o escritório. Do lado do Hotel Itamaraty.” Portanto o escritório estava em um ponto estratégico, no centro de Foz do Iguaçu, ao lado de restaurante e hotel, local de concentração de fluxo de visitantes e viajantes. Isso mostra a ligação direta que a colonizadora tinha com o Brasil, e como era executada a comercialização das terras da área de colonização no Paraguai a brasileiros.

Lirio ainda revelou que tinham escritórios, corretores e agrimensores em vários lugares, para atender aos colonos, como aponta também José Disconsi: “Aqui era área do Vettorello. Tinha 4 agrimensores, e cada um tinha seu perímetro. [...]. E quem vendia era o Vettorello mesmo, e depois mais tarde tinha os corretores” (Jose Disconsi). Segundo Lirio, eram compradas as áreas de terra do IBR “E nós pegávamos o título da terra e depois ia desmembrando. A documentação era feita em Assunção. Nós trazíamos o escrivão de lá. Ele vinha, fazia os caras assinar, daí levava pra registrar. Só tem um [local de] registro em todo o Paraguai.” A colonizadora mobilizava, assim, toda uma rede de negócios e serviços que estruturava o processo de colonização e que se estendia desde o Rio Grande do Sul, Brasil, até a capital do Paraguai, *Asunción*.

Nesse contexto, os compradores chegaram à região de mata fechada, como descreve, Livio Fester:

Na época que entramos era puro mato. O pessoal dizia, mais ou menos, “é aqui”. O pessoal da colonizadora abria, mais ou menos, as picadas, batiam os palanques de divisa e dali eles tinham os agrimensores que mediam, faziam as divisas, e “esse aqui é teu, te vira”. Puro mato. Você tinha que começar do zero. Então já começava, o pessoal se juntava e fazia, e assim se vivia. Tudo no braço. (Livio Fester, 2015)⁷⁰

Assim, a colonizadora era responsável por fornecer um mínimo de apoio aos colonos que chegavam à região. Ela “abriu” caminhos dentro da mata para acesso; havia agrimensores trabalhando para medir e escrivães para registrar as terras;

⁶⁹ Teresa Birnfeld. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/05/2015.

⁷⁰ Livio Osvaldo Fester. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015.

planejou o espaço rural e algumas áreas para se tornarem centros urbanos; doou terrenos e material para escolas e igrejas; e facilitou a chegada dos primeiros religiosos e também primeiros serviços à região, como farmácia. Essas são algumas das ações da colonizadora citadas pelos migrantes, que mostram que essa empresa tinha liberdade total para tomar decisões e executar ações nesse espaço, sob tutela do governo paraguaio.

Nesse contexto, nos primeiros anos, após a chegada dos colonos nas terras adquiridas, o trabalho era desmatar as terras adquiridas, o que, segundo relatam, era feito aos poucos, manualmente e com motosserra. Primeiramente, os colonos cultivaram mantimentos de subsistência como milho, feijão, mandioca e, depois, soja, ainda no meio dos restos de madeira. Depois de alguns anos, começaram os trabalhos de destoca – limpeza da terra – para a implantação da agricultura mecanizada. Esse processo será detalhado adiante. Percebo que foi ampla a ação sobre o espaço da região, com uma reconfiguração da paisagem, das práticas, das relações, dos símbolos, o que considero como uma (re)territorialização (HAESBAERT, 1997, 2004).

Ainda sobre o processo de comercialização das terras, aponto a formas de pagamento executada, conforme diz Valtair:

Pagava a metade e a outra metade pagava em uma ou duas vezes. Daí a colonizadora dava a escritura. Quem tinha bastante, e não tinha condições de pagar, foi porque arriscaram, porque era barato. Então, em dois anos, não pagou a cota final para a escritura, era feito uma soma de quanto tinha sido pago e mandava o agrimensor tirar [desmembrar o equivalente de terra não paga], e vendia pelo triplo do preço pra outro. E se você não tinha como pagar, tinha que deixar. O contrato venceu, ia fazer o que? Aconteceu bastante por aqui. É que estava barato demais e a turma deu um passinho a mais, arriscou. [...] Os bancos não financiavam porque era mato, era terra fiscal, você não tinha documento pra dizer que era tua. Depois, sim, os bancos começaram a financiar. Mas antes não tinha como. (Valtair Vicchetti, 2015)

Lirio Vettorello afirma que esta era a forma de pagamento: 50% de entrada, mais uma ou duas parcelas anuais para os outros 50%. Caso o comprador não pudesse terminar de pagar, era feita a escritura apenas da área já paga. O restante da terra voltava para a colonizadora para comercialização. “Nós nunca executamos nem um pangaré de ninguém. Você me comprou 20 alqueires aqui... Você me pagou 15 alqueires. Então, vou tirar 5 alqueires aqui e tu não me deve mais nada. Depois, se você quiser me comprar o preço do dia, você me compra” (Lirio Vettorello, 2015). Sobre o valor das terras, Edio Rauber, que comprou sua propriedade em 1972, conta:

“Eu comprei 3 colônias, 30 alqueires, e o preço era doze mil guaranis cada colônia. Foi financiado para [ser pago em] dois anos, pela colonizadora.” O preço das terras – “muito baratas”, “de graça”, como dizem nos relatos – é uma marca do início da colonização.

Por isso, é importante destacar o trecho que diz “preço do dia”, pois este mostra que: o projeto de colonização deu certo, a venda das terras foi rápida e, com isso, o preço também subiu rápido. Os migrantes chegaram à região a partir de 1970 e, como mencionam, antes do final dos anos 1970: já não tinha mais terrenos disponíveis, e os preços subiram muito. Quem chegou depois precisou procurar em outras frentes de colonização mais para o interior do país. Isso pode ser visto no relato de Valeria Schneider: “Meu irmão veio, e ele já teve que comprar bem mais pra lá, porque vieram uns anos depois e aqui já não tinha mais nada”; e no de Livio Fester:

O pai demorou um pouco até vir, daí já tinham vendido essa parcela [ao lado dos familiares que migraram antes]. Chegamos aqui e já não tinha mais. Isso 4, 5 meses depois. E conseguimos, com o mesmo valor, o pai tinha 53 cruzeiros. Com isso, conseguimos só 4 chácaras, lá em *Cerro Largo*, o que aqui antes era [o valor de] duas colônias de terra. (Livio Fester, 2015)

Percebo assim, que o preço variou bastante com a demanda, e que isto também estimulou a abertura de novas áreas de colonização, visto que logo terminavam as áreas disponíveis, já começavam a comercializar outras áreas. Apesar de “barato”, não havia facilidade na forma de pagamento: era necessário ter dinheiro disponível para comprar e quitar a terra em pouco tempo. Nesse contexto, as áreas compradas não eram em larga escala, principalmente porque os primeiros a comprar terras na região eram pequenos produtores, não investidores, como relata Juacir Reossi: “Então, muita gente comprava pequenas áreas aqui na região de Santa Rita, áreas de no máximo 100 hectares. Depois veio gente com pretensão maior, depois que já entrou o pequeno, e daí comprou áreas de maior tamanho.”; e Herculano Cristaldo corrobora a ideia: “La gente que vino acá compraba por hectareas, la mayoría compraba de 25 hectareas, de 25 para riba. Había gente que tenía más condiciones económicas que compraban 50 o 100 hectáreas, o más, pero pocos.”

No início, portanto, as colônias foram distribuídas em lotes rurais medindo entre 20 e 50 alqueires em geral. Cada colônia dispunha do planejamento de uma área urbana, que chamavam de “patrimônio”. Por exemplo, o patrimônio da área de colonização que deu origem à Santa Rita era no local que se conhece hoje como *Cerro*

Largo, bairro de Santa Rita. Essa localidade teve planejamento de quadras, avenidas, área cívica e investimento em infraestrutura. Foram vendidos lotes urbanos e pequenas chácaras, e, durante algum tempo, esse foi o centro das atividades da região: com mercado, moinho, e até *comisaria*. Contudo, a região teve uma reorganização do espaço nos anos 1980, com a construção da “*supercarretera*”⁷¹ que cortou a região, a qual passou longe de *Cerro Largo* e redefiniu o crescimento do centro urbano para a comunidade Santa Rita.



Figura 13 – Imagem de satélite da região de Santa Rita.

Fonte: Imagem disponível em: <<http://pueblos20.net/paraguay/departamento-del-alto-parana/santa-rita/mapa1.html>> acesso em: 20/02/2018 – Com localizações das comunidades inseridas pela autora.

Apesar de ter um centro organizado pela colonizadora, de acordo com a ocupação dos espaços, os migrantes formaram pequenas comunidades por

⁷¹ Rodovia pavimentada. Atual *Ruta 6* – Dr. *Juan León Mallorquín*.

proximidade, o que deu origem à *Esquina Gaúcha*, *San José*, *Santa Rita*, *Kuimba'e*, *Panambi*, *Formosa*, dentre outras. Como não estavam previstos lotes pequenos nessas áreas, a formação de vilas ocorreu de acordo com a organização social dos espaços – ao redor de mercadinhos, bares, escolas comunitárias, igrejas e centros comunitários – e originaram muitos dos atuais bairros de Santa Rita.

Santa Rita não foi prevista como uma área urbana. O atual urbano de Santa Rita foi formado por loteamentos dos próprios colonos migrantes que, com a construção do asfalto na década de 1980, desmembraram e comercializaram suas terras e, assim, começaram a “formar a cidade”. Isso se comprova ao ver que os bairros atuais de Santa Rita se delimitam de acordo com as antigas propriedades rurais que abrangiam esses espaços. E, como a maioria desses primeiros loteamentos, não foram elaborados de forma conjunta, as ruas são desconectadas e não paralelas.

Essa realidade foi claramente percebida no trabalho de campo, quando visitava essas comunidades e examinava os núcleos sociais diversificados, que se unem em rede e formam o *distrito*. Constantes relatos citam os nomes das famílias e sujeitos que lideraram o processo de formação das comunidades, como por exemplo: “Esquina Gaúcha quem formou foram os Birnsfeldt” ou “Santa Rita, o início foi com o Shinaidão”, e assim por diante.

Com isso, ser pioneiro do distrito de Santa Rita – da área urbana, do *distrito* em si – se mistura com o ser pioneiro das antigas comunidades – *Santa Rita*, *Esquina Gaúcha*, *Cerro Largo* –, uma vez que cada comunidade reconhece seus pioneiros de forma separada e não necessariamente como parte do *distrito* como um todo, formado posteriormente.

É importante citar que, na região, houve áreas colonizadas pelo próprio IBR, que também fazem parte do município de Santa Rita na atualidade: São Miguel, Santa Luzia e Fulgêncio R. Moreno são algumas dessas colônias. Assim aponta, Francisco Mesomo: “Tavapy e Santa Luzia era uma colonização de paraguaios, eram terras do IBR. O IBR vendeu as terras...quer dizer, cada um com direito a uma propriedade, tinham direito a 10 hectares”. Sobre a presença de paraguaios na região, Teresa Birnsfeldt diz:

Não tinha nada, depois que foi colonizando, os paraguaios foram entrando. Daí o governo deu uns pedaços de terra pra eles trabalharem, e eles foram entrando. Alguns que tinham condição compraram uns pedaços, mas muito

pouco, muito pouco. Lá pra San Miguel, Km 20, e pra Fulgencio R. Moreno, a maioria é terra doada pelo governo. E hoje muitos venderam e foram pra cidade, pra outros lados. Pro lado de Tavapy também, tem muita gente que comprou, mas muita gente que ganhou terra do governo. Porque ficou uma reserva que era para colonização paraguaia. (Teresa Birnfeldt, 2015)

Essas colônias faziam parte, da Reforma Agrária empreendida pelo governo paraguaio que, segundo relatos, foram iniciadas no começo dos anos 1980. Elas estão afastadas do que hoje é o centro urbano de Santa Rita, nos limites do distrito, e não são relacionadas a – ou mencionadas como – formadoras da memória do espaço, haja vista os relatos que obtive dos interlocutores entrevistados no trabalho de campo. Ou seja, existe uma seleção de memórias sobre o território enquadrada nas memórias dos migrantes brasileiros.

Nesse sentido, de acordo com os relatos levantados, os primeiros migrantes – originários do Rio Grande do Sul, do Paraná e de outros estados brasileiros – foram ao Paraguai conhecer a região e, aos poucos, fizeram negócios com terras. Alguns compraram terras de imediato; outros retornaram ao Brasil para vender suas propriedades antes de comprar terras no Paraguai. Os homens – proprietários e peões – chegavam primeiro e demarcavam as terras, abriam picadas, montavam acampamento e ficavam algum tempo sem as famílias. Após preparar o mínimo possível de infraestrutura, ou deixar alguém para fazer isso, voltavam ao Brasil para buscá-las. A primeira ação era abrir uma picada⁷², para chegar até suas terras, plantar algo básico como feijão, milho e mandioca, e montar acampamento com barracos de lona.

O acesso à região era difícil e relatado como um dos principais problemas. Havia apenas o que chamam de “Carreadores”, caminhos abertos no meio da mata. Os carreadores da região, segundo os migrantes entrevistados, foram feitos por pessoas que cortavam madeira para vender⁷³, antes de eles entrarem no Paraguai, e também pelas colonizadoras para demarcar limites das terras. Esses carreadores definiram a entrada dos migrantes e os traçados das estradas, e a partir deles os migrantes abriam picadas para suas terras. Ainda hoje as estradas, principalmente as do interior, seguem os mesmos traçados dos antigos caminhos abertos. Um dos trajetos desses

⁷² Picada é um caminho na mata aberto por foice ou facão, para se chegar a um lugar, até então, inacessível.

⁷³ Fato que remete às empresas extrativistas que atuavam na região no início do século XX, como mostrei no capítulo 2.

antigos carregadores, por exemplo, permanece como a atual *Avenida dos Imigrantes* de Santa Rita, que segue pela *Avenida 14 de Mayo* e vai ao interior, sentido *Kuimba'e*.

O trajeto para se chegar à área da colonizadora de Adelino Vettorello era, primeiramente, por *Santa Rosa del Monday*, primeira área colonizada por ele, e, depois de alguns anos, também se abriu uma estrada pelo km 41, colônia dos japoneses. Ambas eram, e ainda são, estradas de terra que geram inúmeros relatos de “odisseias”, sobre como eram os seus percursos. Assim, na década de 1980, por determinação de Stroessner, o governo paraguaio construiu a *Ruta 6*, que atravessa o sul do país e liga *Ciudad del Este* com *Obligado* e *Encarnación*, o que não seguiu os traçados dos caminhos usados até então. A *supercarretera* cortou a antiga vila de Santa Rita, enquanto as outras comunidades ficaram mais distantes dela. A pavimentação dessa rodovia foi uma política de legitimação e reconhecimento da colonização da região, dando acesso do interior colonizado às fronteiras com o Brasil e com a Argentina, facilitando o escoamento da produção agrícola desejada.

“A construção do asfalto” – como dizem os interlocutores –, mudou a dinâmica da região e acelerou o processo de migração, bem como o de mecanização da agricultura, além de sanar parcialmente a dificuldade de acesso à região, facilitando o traslado. Isso refletiu diretamente nas comunidades, definindo *Santa Rita* como comunidade central, e os rumos de sua urbanização: em 1990, é emancipado o *distrito* de Santa Rita, que passa a incorporar as demais comunidades vizinhas.

Percebo, na organização coordenada por Adelino Vettorello na colonização de Santa Rita, a reprodução de modelos implantados anteriormente no Norte, Sudoeste e Oeste do estado do Paraná: subsídios, direcionamento na venda das terras e formação de uma colônia inicialmente constituída por pequenas propriedades, o que se insere no contexto da expansão das fronteiras regionais. A partir desse contexto, o empreendimento colonial se consolida por conta de uma rede de sociabilidade, envolvendo relações de parentesco e alianças políticas das mais diversas. Essa forma de organização marca as paisagens humanizadas no município a partir de experiências e expectativas vivenciadas e fixadas nas representações coletivas dos migrantes que participaram do processo.

3.3 A Chegada dos migrantes

A partir do contexto global da ação da colonizadora, apoiada pelo governo do Paraguai e estimulada pelo mercado transnacional de expansão do agronegócio, migrantes brasileiros chegaram ao Paraguai para a expansão da fronteira agrícola. A presença mínima da população nacional e as facilidades dadas pelo Estado paraguaio contribuíram para que os novos habitantes construíssem o espaço de acordo com seus referenciais. Mas esses migrantes, que muitas vezes são tratados como um coletivo homogêneo, estavam inseridos em realidades socioeconômicas diversas, provinham de origens espaciais distintas e compunham-se de inúmeros referenciais sociopolíticos, apesar de, no geral, terem a mesma motivação de “buscar um futuro melhor para a família”.

Do total de 53 interlocutores entrevistados, 33 tinham origem no Rio Grande do Sul, sendo que 10 destes migraram primeiro para o oeste do Paraná, nos anos 1960, e dali migraram para o Paraguai, e 23 migraram diretamente do Rio Grande do Sul. Também foram entrevistados: um sujeito que tinha origem em Minas Gerais e um que tinha origem na Bahia. Ambos migraram primeiramente para o norte do Paraná, nos anos 1960, e depois para o Paraguai. Dos demais, 4 provinham de Santa Catarina e 3 do Paraná, os quais migraram diretamente para o Paraguai. Esses têm, em sua maioria, origem germânica e italiana, descendentes do processo migratório intercontinental para a América dos séculos XIX e XX. E, dentre os 11 interlocutores paraguaios, as origens departamentais foram diversas, sendo um de *Ñeembucú*, um de *Cordillera*, um de *Itapúa*, um de *Caaguazú*, dois de *Paraguarí*, três de *Caazapá* e dois do Alto Paraná. Este panorama retrata a diversidade de migrantes que se fixaram na região, com o predomínio de sul-riograndenses.

Em resposta a como souberam que se estava colonizando a região oriental do Paraguai, quais foram suas motivações para a migração e como se fixaram nesse espaço, os interlocutores relembram as ações da colonizadora e as vivências nos primeiros anos no Paraguai. Conforme observado no relato de Alido Batista⁷⁴, migrante que chegou ao Paraguai com sua família em 1975:

Os colonizadores que colonizaram aqui eram a maioria brasileiros, então eles já estavam começando a recorrer e fazer propaganda para os colonos que

⁷⁴ Alido Schmidt Batista. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015.

queriam migrar. Porque na nossa região no Rio Grande do Sul já não tinha como se expandir mais, então meus pais e avós e parentes estavam procurando outra região que pudessem se expandir mais e os filhos terem possibilidade de comprarem alguma área de terra. A nossa família vem de uma família de agricultores. (Alido Batista, 2015)

De acordo com a memória dos migrantes entrevistados, eles souberam da colonização no Paraguai de diferentes formas. Uns buscavam um lugar para migrar e, no caminho para conhecer o antigo Mato Grosso (atuais estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) e Rondônia, ao passarem por Foz do Iguaçu, souberam da colonização no Paraguai e decidiram visitar a região. E, diante da constatação de que ali havia áreas de qualidade para agricultura, decidiram comprar terras no país vizinho. Outros souberam através de conhecidos que estavam fixados no Paraná, e também no Paraguai, os quais informaram que na região as terras eram boas e baratas. Houve ainda quem veio convidado a trabalhar como peão, sem escolher o destino. Ou como arrendatário, no fluxo da produção agrícola e comercialização de menta (*Mentha L.*).

Entre os interlocutores entrevistados, identifiquei diferentes realidades socioeconômicas⁷⁵. A maioria vendeu uma pequena parcela de terra no Brasil e comprou uma parcela maior no Paraguai. Alguns migraram de áreas do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), eram posseiros ou arrendatários – o que mostra que não tinham a propriedade da terra garantida no Brasil – e investiram suas economias em parcelas de terra no Paraguai. Outros não conseguiram comprar a terra naquele país. Muitos foram os relatos sobre essas diferentes realidades, como o de Nilsa Kunkel⁷⁶, migrante brasileira natural do Rio Grande do Sul, mas que já havia migrado para o Paraná nos anos 1960, e dali migrou com a família para a região em 1977, que disse,

Vimos para cá porque lá a terra já era muito cara [Brasil] e aqui [Paraguai] nós conseguimos comprar uma colônia de terra para começar a trabalhar. Daí nós lutamos, trabalhamos com machado, foice, enxada, fazendo roça nova, derrubando mato, cortando os paus e queimando, fazendo roça para poder plantar, colher e comer. (Nilsa Kunkel, 2015)

Como mostra esse relato, no geral, os migrantes não estavam satisfeitos com as condições vividas na área onde estavam fixados (terras pouco produtivas, falta de

⁷⁵ Essas diferentes realidades podem ser observadas com mais detalhes nos resumos biográficos temáticos disponíveis no Apêndice 3 dessa pesquisa.

⁷⁶ Nilsa Maria Kunkel. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 18/05/2015.

terras disponíveis, terras muito caras, falta de emprego na agricultura). E buscavam alternativas para migrar e continuar as práticas agrícolas que já realizavam. E, principalmente, buscavam a possibilidade de comprar terras ou expandir suas propriedades agrícolas. Assim, quem migrava, no primeiro momento de colonização, eram colonos, pequenos agricultores.

O que percebo é que a propaganda da colonização foi direcionada a partir do escritório da colonizadora em Foz do Iguaçu, tendo como foco principal pessoas do Rio Grande do Sul, e esses formaram uma rede de migração para a região. No entanto, também estiveram presentes migrantes vindos do Paraná, principalmente da região de colonização recente no extremo oeste e do norte do estado, sendo que os últimos vieram pelos fluxos da produção de menta, que é temporário devido a sua forma de produção. Uma dessas realidades pode ser observada na fala de Alido:

Meus pais e meus avós foram conhecer o Mato Grosso, daí passaram no Paraguai. Encontraram que aqui já se havia iniciado a colonização. Então, depois de voltar pro Brasil, resolveram voltar, comprar umas áreas de terra aqui no Paraguai mesmo. Eu, faz 40 anos que estou no Paraguai, mas meu pai comprou aqui no ano 1973. Aí, eles vieram de lá; era tudo mato. Entravam por *Ciudad del Este*, era tudo mato, tudo através de picadas; às vezes, levava dois três dias até chegar aqui. E aí, aqui começava se desenvolver no Paraguai a cultura da soja e da menta. A motivação de ter entrado no Paraguai foi pelo tipo de terra, terras férteis que temos aqui. (Alido Batista, 2015)

Os primeiros migrantes que chegaram à região de colonização, originários tanto do Rio Grande do Sul como do Paraná e também de outros estados, foram para o Paraguai conhecer e aos poucos fizeram negócios comprando terras. Essa informação é recorrente entre os interlocutores. Por exemplo, também se nota esse processo, no que disse Valtair, natural do Rio Grande do Sul, que conheceu a região em 1973: “Nós viemos em quatro de lá para ver, daí eu e meu cunhado voltamos buscar a mudança, e dois ficaram para montar acampamento” (Valtair Vicchetti, 2015). Outro migrante, Aloisio, também do Rio Grande do Sul, soube da colonização em visita aos familiares no oeste do Paraná:

Voltei ao Rio Grande e expliquei pra família que ia comprar terras no Paraguai. O pai aceitou, e então eu e meu irmão viemos e compramos, já no ano de 1973. Deixamos dois peões que trouxemos do Sul cuidando e trabalhando. E em 1975 vim com minha família. Esposa e seis filhos, o mais velho de doze anos e o mais novo com 04 meses. (Aloisio Rauber, 2015)

E, Altemir Santin⁷⁷, também migrante, partiu do Paraná com a família em 1974, aos 12 anos de idade. Conta que seu pai visitou a região um ano antes, “comprou, abriu e plantou”, e quando buscou sua família, duas outras famílias os acompanharam para trabalhar na região. Necessitava de mão-de-obra por se tratar de agricultura manual e possuir 100 hectares de terra. Esta situação atesta uma prática recorrente no processo de colonização: além de trazerem suas famílias do Brasil, alguns migrantes também contratavam outras famílias brasileiras para trabalhar na terra adquirida no Paraguai. Aloisio, por exemplo, que comprou terras no Paraguai em 1973 e migrou com a família para Santa Rita em 1975, diz o seguinte sobre o assunto:

Primeiro buscamos duas famílias em *Santa Rosa* [Paraguai], onde já tinha mais movimento e sempre chegava gente procurando emprego. Daí deixei recado que se tinha família procurando serviço era pra avisar. Alguns dias depois, mais três famílias vieram. Então, tivemos cinco agregados, todos com crianças, e não tinham nada de dinheiro, nada pra comer, e aqui pra comer tinham ovos e leite, dos animais que trouxemos. [...] Essas famílias eram do Rio Grande do Sul, mas já tinham passado por Santa Catarina e Paraná trabalhando. Vieram pro Paraguai sem rumo e com mudança nas malas. Dentro de um ano, fizemos casinhas boas pra eles com as toras tiradas do mato. [...] Também tive famílias paraguaias agregadas, isso mais tarde. (Aloisio Rauber, 2015)

Essa fala, além de mostrar como se organizavam os migrantes que compravam terra na região, também aponta para o fato de como famílias brasileiras migravam para o Paraguai sem condições financeiras para comprar terras, em busca de trabalho. Percebo como famílias sem condições econômicas também migravam da região Sul do Brasil, não só do Norte como é comumente citado. A partir dos relatos dos interlocutores, identifiquei que algumas dessas famílias conseguiram se estabelecer na agricultura em outras regiões do Paraguai, mas que a maioria seguiu como arrendatárias em outras regiões do país, ou se fixaram nas áreas urbanas, ou regressaram ao Brasil.

Foram entrevistados dois migrantes oriundos do Rio Grande do Sul que migraram como peões para a região de Santa Rita. Ambos relataram que, portando apenas uma mala de mão, chegaram com seus patrões – com quem moraram durante os primeiros anos de trabalho – para abrir a mata e iniciar com a agricultura. José Disconsi trabalhou com roçado, destoca, plantio e colheita para várias famílias e como auxiliar de agrimensor para a colonizadora, após alguns anos, comprou uma colônia

⁷⁷Altemir Santin. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015.

de terra, onde mora e produz até hoje. Clodomiro Ribas⁷⁸ trabalhou do roçado até a colheita durante alguns anos, “tudo a muque”, como narrou. Após a implantação da agricultura mecanizada, trabalhou com mercado, e, logo, abriu o seu comércio próprio. Mais tarde, foi trabalhar de agregado, e nunca comprou terras. Os dois migrantes se casaram com mulheres brasileiras que chegaram posteriormente em Santa Rita, e suas trajetórias mostram duas realidades distintas de fixação no espaço após a o início da agricultura mecanizada.

Percebo que as características da região, mata fechada e terras férteis, e as expectativas dos imigrantes de “desmatar para produzir”, fizeram com que fosse necessário um grande número de pessoas para trabalhar no campo. Esta situação ocorreu, principalmente, no momento da derrubada da mata e do plantio manual dos primeiros cultivos.

O relato de trabalhar para outros colonos naquele momento é frequente entre os entrevistados. Valdomiro Ribeiro⁷⁹, por exemplo, natural da Bahia, mas vindo do norte do Paraná, disse que nos primeiros tempos trabalhou como “peão por dia”, isto é, por dia de trabalho, para terminar de pagar sua colônia de terra. Já, Nilson Peter, que em fins em 1976 migrou para o Paraguai, sua família foi “[...] trazida do Paraná pelo patrão do Brasil”, e, como tinha vários irmãos, arrendaram terras e, posteriormente, também compraram as próprias. Maria Pater⁸⁰, que aos 15 anos chegou em Santa Rita com sua família, em 1978, relata que ela e seus irmãos, quando não tinham trabalho na terra da família, trabalhavam para os vizinhos. Trabalhavam basicamente carpindo, cortando soja ou como diarista para ajudar na renda familiar. Nesse contexto, Valdomiro Ribeiro, retrata sua trajetória:

Nasci e me criei na Terra Cacaueira. Aí eu vim pro Paraná quando eu tava chegando aos 18 anos, por aí. Eu não tinha pai, meu pai morreu enquanto minha mãe estava grávida, então com 8 anos eu já tinha que estar fazendo as coisas pra ganhar dinheiro. Eu catava café em uma lata de dois litros, com minha vó, ela com uma cesta. [...] Trabalhei 11 anos no Paraná plantando amendoim e algodão. Eu aprendi a plantar amendoim e algodão no Paraná. E eu era arrendatário, pagava renda pro patrão e plantava por porcentagem pro patrão. Foi a onze anos assim, e depois foi mais dois anos trabalhando em uma fazenda de café, e ali eu não pagava renda, era só pra cuidar do café, limpar cova, e como tinha cobra dentro das cova de café, tinha que cuidar muito. Ali eu tinha uma porcada, que o dono da fazenda me deu. Ele me deu uns porquinhos e eu criei muito porco. Então ali eu colhi 111 bolsa de arroz, 111 bolsa de feijão e 111 bolsa de soja, não sei como deu tão certinho.

⁷⁸ Clodomiro Ribas. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 09/07/2015.

⁷⁹ Valdomiro Ribeiro de Souza. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 20/05/2015.

⁸⁰ Maria Peter. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

Isso me sobrou do meu serviço que eu plantava entre o café. Foi o que me sobrou no ano, aí eu vendi aquilo e falei: vou comprar um pedacinho de terra. Falei pro meu irmão, que ia comprar uma terra. Tava anunciando terra pelo rádio lá em Londrina. Eu peguei um dinheiro e me mandei. Eles anunciavam Cedral, Mato Grosso, e eu cheguei lá e paguei 100 cruzeiros, pra ir lá. Se comprasse os 100 cruzeiros entrava na compra, e se não comprasse perdia. Foi aí que eu vim cair no Paraguai. Aí vem aqui em Cedral Paraguai. E quando eu cheguei ali da aduana eu vi, Paraguai. Então, entrei no país e se mandemo, e caímos em Cedral, Paraguai. A terra ruim, me deram um travessão de terra ruim, lá pra baixo, terra vermelha, boa, não vendia. Falei, não vou comprar banhado, não quero isso, não vou comprar não. Voltei pra Londrina de novo, eu ia bronquear com aqueles caras, eles mentiram. [De volta, em um bar em Londrina] Os corretores sabiam que eu tinha ido comprar terra. Se apresentaram, mostraram onde moravam, disseram que me levariam pra mostrar terras no Paraguai, sem cobrar nada, sem compromisso. Ele falou “é na Gleba Monday, o nome vai ser Santa Rosa, eu te levo lá”. Aí vim e comprei. [...] O escritório dessas terras aqui era lá em baixo do Hotel Itamaraty, lá em Foz. Depois com a tempo foi que veio pra cá, pra Santa Rosa. E aí era o sofrimento do povo, porque ele não dava chance não. O Vettorello não dava chance de um dia. (Valdomiro Ribeiro, 2015)

Valdomiro retrata memórias relacionadas à migração do Norte para o Sul do Brasil e depois para o Paraguai. Ele fez parte dessa outra frente pioneira que foi estimulada pela expansão da produção do café, na qual os sujeitos migraram como arrendatários ou peões para as fazendas cafeicultoras. Percebo como as frentes pioneiras de norte-sul e sul-norte se encontram no oeste paranaense e cruzam a fronteira para o Paraguai. No seu relato, também se mostra interessante a forma que chegou no Paraguai: através de uma propaganda na rádio que oferecia terras no Mato Grosso, estado brasileiro, e quando foi visitar a área com os corretores, era no Paraguai. – Não obtive mais nenhum outro relato semelhante durante a pesquisa de campo. – Ele então voltou a Londrina, Paraná, de onde tinha sido levado para o Paraguai. Ali outros corretores lhe ofereceram terras no Paraguai, mas em outro local, que era a colonização da área de *Santa Rosa del Monday*. Nessa área ele comprou terras e se tornou o primeiro morador a se fixar no que veio a ser a comunidade de Santa Rita, em 24 de setembro de 1973. Uma realidade socioeconômica bastante distinta da maioria dos entrevistados.

Percebo, nos relatos, que os brasileiros se fixaram imprimindo seus referenciais de produção agrícola. Sobre isso Oscar Dapieve diz: “Primeiro só derrubamos o mato e plantávamos tudo manual; só depois de alguns anos foi destocado e mecanizado”, o que retrata o processo gradual em que foi implantada a agricultura mecanizada na região, dez anos após a chegada dos primeiros migrantes. Fica em evidência que, em um primeiro momento, a preocupação era conseguir chegar ao espaço comprado e

se instalar. Como menciona Maria Lucia⁸¹, migrante brasileira que chegou com a família à região em 1975:

A gente veio pra baixo de uma lona, moramos igual índio por muito tempo. As estradas eram puro mato, picadas embaixo do mato. Na verdade, quando chegamos aqui em Santa Rita, tivemos que puxar as coisas nas costas pra chegar onde fomos morar. Puxamos uns 1500 metros as coisas nas costas, tudo por baixo do mato, na picada que meu pai fez, até chegar onde estavam armados os quatro paus pra jogar a lona em cima e nós se enfiar embaixo, foi muito sofrido. (Maria Lucia, 2015)

Também sobre a trajetória de chegada e fixação na região, Valtair Vicchetti diz:

No começo, quando viemos pra cá, era bastante difícil. As estradas eram bastante precárias; as vezes, quando eu pegava dias de chuva, ficava dois, três dias na estrada. Isso aqui era tudo sertão: de *Ciudad del Este* em diante, todo o Alto Paraná, Itapúa, era sertão. [...] Chegamos na *Esquina Gaúcha*, depois abrimos uma picada até onde hoje é São José, e aí, ficamos acampados e começamos a limpar pra fazer os ranchos⁸². Fizemos os ranchos no meio do mato; não tinha quase sol, só chovia; a gente ficou até amarelo aí dentro. E nós com as crianças pequenas, dormindo em cima de tarimba,⁸³ porque cama não tinha. As poucas coisas que tínhamos estavam meio encaixotadas tampadas, porque eu ia colocar aonde? E daí nós dormíamos, uns no chão, outros nos estaleiros. E fomos desmatando, fomos indo; não tinha motosserra, tudo no machado. Ainda bem que naquele tempo o dinheiro valia contra o guarani, nós trouxemos um pouco de dinheiro e fazíamos nossos ranchos⁸⁴. (Valtair Vicchetti, 2015)

Valtair ainda afirma que: “quando nós chegamos era puro mato, só tinha os carregadores”. E em análise à afirmação de Valtair: “Isso aqui era tudo sertão”, a expressão “sertão” é emblemática para compreender certas representações construídas coletivamente sobre a região colonizada. Está relacionada à construção de um mito de origem que ilustra a chegada dos “pioneiros” a um espaço vazio, uma selva repleta de perigos e desafios, onde migrantes brasileiros protagonizaram um processo heroico de desbravamento e construção da “civilização”. (SZEKUT; EREMITES DE OLIVEIRA, 2017)

⁸¹ Maria Lucia Soares Carriel Sauer. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/052015.

⁸² O termo “ranchos” é usado para se referir a moradias simples, feitas pelos colonos para o acampamento provisório.

⁸³ “Tarimba” é uma espécie de cama feita com quatro estacas e estrado de madeira.

⁸⁴ Neste contexto, “rancho” é um termo utilizado para se referir a compra de mantimentos para um longo período de tempo.



Figura 14 – Estrada aberta nos primeiros anos da colonização.
Fonte: Acervo particular de Mercedes Schimidt.

Horas e dias nas péssimas estradas também foram contabilizados por todos os sujeitos entrevistados. As dificuldades de deslocamento, acesso e comunicação são as memórias de maior pesar entre os migrantes brasileiros e também os paraguaios. Como mencionado nas falas acima, para chegar à região ou para ir à *Ciudad del Este* ou Foz do Iguaçu, em busca de algum produto ou serviço, era preciso passar por estradas de barro abertas no meio do mato, chamados de “carreadores” e “picadas”. Foram muitas histórias de dificuldades para transitar por essas estradas de terra da região. Por exemplo, o relato Teresa Brinfeldt: “Pra ir e voltar [de *Ciudad del Este*] levava 3, 4 dias, depende se não chovia, se chovia não podia entrar, por causa do barro.”; o de Valeria Schneider: “Algumas famílias nós socorremos nos matos, quando vinham de mudança e o caminhão encalhava nos atoleros.” E o de Herculano Cristaldo: “después de la lluvia habia que esperar 5, 6 dias para que se seque el camino.” Situações que mostram a falta de infraestrutura e o isolamento da região nos primeiros anos.

Nesse contexto, a vida no acampamento é relatada como um momento de dificuldades, mas também de criatividade e superações. Foram meses, e até anos, de acampamento, vivendo em habitações precárias feitas de lonas e telhas de zinco trazidas nas mudanças. Teresa Birnfeldt afirma que “Todo mundo morou em acampamento aqui. Quando chegamos ainda tinha onça, que vinha arranhar na porta da casa, que era uma folha de zinco.” Valtair ainda segue descrevendo a situação: “Nós entramos, limpamos e fizemos uma casinha de cartão, aquilo se chamava *Ondalite*; é tipo um papelão grosso, tipo *Brasilit*. E quando eu mudei de um barraco para outro, onde nós iríamos morar, eu achei 16 cascavéis”. Outros tantos relatos sobre o período foram registrados e descrevem, por exemplo, a ausência de portas e janelas nas habitações durante semanas a fio, destruição de casas por causa de tempestades, estabelecimentos infestados por animais peçonhentos etc.

Nas falas citadas aparecem discursos de sofrimento, mas ao mesmo tempo de luta e persistência. Discursos que são recorrentes na região e nos quais se percebe uma construção de merecimento ao local. Através das memórias selecionadas e narradas pelos sujeitos, são criados laços de pertencimento que remetem às experiências vividas naquele espaço, além de elos de continuidade a partir da constituição da família e construção do espaço ao longo do tempo.

Apesar dos relatos de sofrimento, todos demonstram que aquela era “uma vida muito boa”, “ali nós éramos felizes”. Como pode ser visto no que narrou José Disconsi:

Isso aqui era uma selva só. Anoitecia e você ouvia só passarinho cantando, não tinha barulho de nada. Silêncio completo. A água era cristalina, você via no fundo os peixes nadando no riozinho. Era coisa mais linda, hoje está tudo estragado. (José Disconsi, 2015)

Percebo, com isso, uma certa nostalgia sobre um passado idealizado, romantizado, de trabalho no campo em comunidade.

Na foto a seguir (Figura 12) é possível perceber a organização do espaço nos primeiros anos de colonização. Em primeiro plano, uma plantação de mandioca, seguida por milho e ao fundo uma plantação de menta que termina com uma área de mata ainda sem ser derrubada. Essa é uma foto dos primeiros anos, antes da destoca, por isso é possível ver troncos, que ainda não foram arrancados, em meio às plantações. Nesse período as plantações e colheitas eram manuais. Produzia-se, primeiramente, para atender as necessidades de alimentação da família, e depois

para o comércio. Além disso, na foto, é possível se ver crianças sobre um chiqueiro de porcos e mais ao fundo uma “patente”⁸⁵. Este era o espaço em torno da casa da família e representa a transformação territorial ocorrida na região.



Figura 15 – Área de colonização – Esquina Gaúcha.
Fonte: Acervo particular de Mercedes Schimidt.

Nos primeiros anos, o espaço onde hoje é Santa Rita pertencia ao distrito de *Domingo Martínez de Irala* e dependia diretamente da colônia de *Santa Rosa del Monday*, primeira área de colonização na região. Apenas após a emancipação do distrito de Santa Rita, em 1990, passou a haver administração pública local. Antes disso, de acordo com as falas dos interlocutores, a presença de autoridades era do exército paraguaio, durante a ditadura militar. Alguns poucos soldados estavam distribuídos pela região e havia *alcaldía*⁸⁶ ou *comisarias* em algumas comunidades, como Cerro Largo. Entretanto, os próprios colonos assumiam como representantes da polícia local, nos primeiros anos. Isso é afirmado através de documento por Aloisio Rauber, migrante brasileiro que foi presidente da *Comición de Cooperación Policial*

⁸⁵ Espécie de banheiro externo, usado para satisfazer as necessidades fisiológicas. É também conhecido como bacia, privada, trono, ou bojo.

⁸⁶ *Alcaldía* ou *comisaría* equivalem à delegacia.

por dois anos em Cerro Largo, indicado pelo *comisario* de *Santa Rosa del Monday*. E afirma ainda que o primeiro *comisario* paraguaio chegou em 1982.

O *comisario* de *Santa Rosa* disse que era melhor me indicar do que trazer alguém de fora que não saberia lidar com as pessoas daqui. Com isso, fizemos comissão e *alcaldía*, mas ninguém ficava lá. Se precisava de alguma coisa tinha que vir até aqui [sua casa]. (Aloisio Rauber, 2015)

Trago esses fatos como forma de mostrar como foi constituído o espaço a partir das referências brasileiras com poucas intervenções paraguaias nos primeiros anos de fixação. Conforme mencionado por interlocutores, durante a ditadura militar a região era “tranquila” e pouco influenciava a vida dos migrantes. A democratização do país em 1989 também foi o momento de emancipação do município e é percebida como o começo de mais exigências políticas, como a de regulamentação da documentação individual dos migrantes.



Figura 16 – Constancia a Aloisio Rauber como Presidente de la Comisión de Cooperación Policial de la comunidad de “Nuevo Cerro Largo”⁸⁷.

Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

⁸⁷ No documento se le: *Delegación de Gobierno de Alto Paraná – Alcaldía Policial de Santa Rosa del Monday - Certificado: que el señor Aloisio Rauber es Presidente de la Comisión Cooperadora Policial de la Colonia Nuevo Cerro Largo, dependiente de la Comisión Cooperadora Policial de Santa Rosa, les doy la presente constancia a los 26 días del mes de Febrero de 1976. – Selhado y firmado por el Alcalde Policial Ovidio Escobar A.*

Nesse contexto, sobre a presença de migrantes paraguaios nesses primeiros anos de fixação, os relatos indicam que eles eram poucos na região. O que pode ser visto na fala de Valtair Vicchetti sobre a presença de paraguaios na região:

Quando chegamos só tínhamos nós. Paraguaio não entrou antes, eles entraram depois. Nós entramos primeiro e fomos criando as comunidades. [...] Então, o que precisa: advogados, professores, tem que criar banco, e foram vindo os paraguaios pra assumir essas funções. Também conforme fomos abrindo o mato, têm alguns lugares que a terra é do governo, essas foram sendo ocupadas pelos campesinos. E assim fomos nos misturando. Os paraguaios começaram a chegar assim: um abriu uma empresa ali, outro botou um mercado, outro era professor, advogado, bancários, assessores jurídicos. (Valtair Vicchetti, 2015)

De acordo com os relatos, foram “peões” e professores os primeiros paraguaios a interagirem e se fixarem entre os brasileiros. Algumas narrativas mostram que os migrantes brasileiros buscavam trabalhadores paraguaios do “Franco” – *distrito de Presidente Franco* –, para ajudar a abrir a mata nos primeiros tempos. Com a chegada das primeiras famílias, estas se organizavam, construíam escolas e “traziam” professores paraguaios para ensinar aos seus filhos. As primeiras escolas foram criadas em 1975 e todas da região tiveram professores paraguaios. Esses paraguaios viviam, em um primeiro momento, na sua maioria, com os migrantes brasileiros, onde ocorreram as primeiras interações. “Morava um mês com cada família. Era um orgulho ter um professor em casa” (Leontina Deuner, 2015)⁸⁸; “Inclusive a primeira professora veio e morou na minha casa, e depois ela namorou e casou com meu cunhado”. (Teresa Birnfeldt, 2015). Muitas histórias foram contadas sobre esses professores, por exemplo, como era difícil entender a língua deles e como os hábitos eram diferentes. Mas, no geral, são citados e lembrados com bastante carinho pelos interlocutores, que relataram, ainda, como todos os professores se relacionaram, se casaram e se fixaram na região.

Esses professores são considerados pioneiros paraguaios na região e são lembrados e mencionados como sujeitos ativos na sociedade. No entanto, os “peões” são pouco mencionados. De acordo com as informações recolhidas, eles trabalhavam por temporadas e não se fixavam na região.

⁸⁸ Leontina Deuner Rosceti. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/05/2015.

Conversei com o primeiro professor de Santa Rita, com o primeiro comerciante de Cerro Largo e também com o farmacêutico do primeiro hospital da região, todos paraguaios, os quais confirmaram que não havia outros paraguaios na região, exceto eles. Narrativas assim mostram um consentimento e a continuidade do discurso dos brasileiros como pioneiros.

Com esse panorama, percebo que a migração e fixação de brasileiros na região de Santa Rita ocorreu como um fluxo de continuidade da migração que ocorria no Brasil daquele momento. Impulsionados pela expansão das fronteiras agrícolas, eles ultrapassam as fronteiras nacionais e reproduziram em território paraguaio referenciais e práticas semelhantes aos que desenvolviam no Brasil para a implantação da agricultura mecanizada. E essa ação de entrada na região de mata fechada, na qual foram responsáveis pela transformação, os levou a construir memórias compartilhadas de ligação e pertencimento com esse espaço.

Nesse apanhado, noto seleções de elementos evidenciados e outros silenciados nas narrativas, que compõem uma retórica coletiva sobre a construção desse espaço. Com estratégias memoriais, jogos de memórias, para definição dos papéis, da imagem, e legitimação da fixação na região. (PORTELLI, 1989; BOURDIEU; 1989; JELIN, 2001; CANDEAU; 2011)

3.4 Migrantes e suas formas de organização em redes

Muitas são as narrativas sobre o trabalho em conjunto durante os primeiros anos de colonização, o que entendo que gerou vínculos de sociabilidade e solidariedade entre os migrantes. De acordo com os relatos, cada colono comprava entre uma e quatro colônias de terra, cada qual equivalente a mais ou menos 25 hectares. Eram espaços grandes, considerando que derrubavam a mata e faziam o plantio e a colheita manualmente. Todo o processo gerou um movimento de trabalho em conjunto entre os migrantes, além da contratação de peões e arrendatários. Percebo nessas relações, não apenas a formação de uma solidariedade coletiva, mas também a constituição de uma historicidade particular cujo marco temporal na memória social dos interlocutores é a própria colonização da região.

A noção de rede foi percebida constantemente nos relatos de formação da região, como a formação de redes migratórias, redes familiares e redes de

sociabilidade. Narrativas descrevem a organização da migração e do trabalho em grupos familiares, como pode ser visto no que diz Alido:

A nossa família veio praticamente 80%. Vieram meus avós, meus tios, como umas 20 famílias de parentes, todos parentes, e todos compraram terras justamente onde estamos aqui: Santa Rita, Esquina Gaúcha, toda essa parte aqui. Vieram praticamente em dois anos, um atrás do outro. (Alido Batista, 2015)

Flavio Tengaten⁸⁹, que quando criança, em 1974, migrou para o Paraguai com os pais, quatro irmãos e alguns tios – que foram ajudar no trabalho – conta que, antes disso, um tio já havia se fixado na região e, nos anos seguintes, outros familiares, a maioria do Paraná, chegaram ali também.

Edio Rauber, Antero Bressan⁹⁰, Livio Fester, Darcila Borré⁹¹, Francisco Mesomo, são outros entrevistados que narraram uma migração organizada entre membros da família e amigos. Eles mostram que se estabeleciam redes quando alguns ficavam no Brasil enquanto outros preparavam o espaço, para assim, todos poderem migrar ao Paraguai. Por exemplo, a rede que se percebe no relato de Darcila Borré, que chegou com a família à região em 1973:

Meu irmão morava junto com nós, ele ficou mais um ano trabalhando no Paraná, pra poder trazer coisas pra nós. Daí ele trazia farinha, açúcar, trazia tudo para nós podermos passar aqui. Ele que sustentava nós. Depois ele veio pro Paraguai e ficou morando na nossa casa, então ele ajudava. Ele trabalhava na terra dele e ajudava nós também. (Darcila Borré, 2015)

Este relato exemplifica como as redes familiares eram fundamentais para a manutenção de famílias na região. Nesse mesmo contexto, mais três famílias de parentes de Darcila Borré migraram para a região. As redes serviam, dentre outras coisas, como fonte econômica nos primeiros anos de fixação no exterior. Nesse mesmo sentido, Francisco Mesomo relata que juntamente com seus 4 irmãos e seu pai, que viviam na região de Cascavel, no Paraná – mas que já haviam migrado do Rio Grande do Sul – estava procurando um lugar para comprar terras, e entre as alternativas de lugares escolheram o Paraguai.

⁸⁹ Flavio Tengaten. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 09/07/2015.

⁹⁰ Antero Bressan. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 10/07/2015.

⁹¹ Darcila Diel Borré. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015.

Compramos entre três irmãos, mais a ajuda do meu pai, 73 hectares cada um. Fica aqui na Gleba Jacaré que pertence a Santa Rosa. [...] Meu pai ficou em Cascavel, mas vinha nos visitar frequentemente, e nós íamos para lá. Ele chegou a ficar uns tempos. Ele ficava uns tempos para cá, depois voltava para lá. [...] As primeiras propriedades que compramos foi em 1976. Daí se começou a abrir picadas, teve que fazer as primeiras roçadas, já em 1977, construir umas casas precárias, mas ainda se conseguia umas madeiras serradas. Era madeira bruta, serradas na serraria de Santa Rosa. Depois que construímos os ranchos, como se fala. Em 1978, eu e mais um irmão viemos de mudança definitiva ao Paraguai. (Francisco Mesomo, 2015)

Os relatos desses sujeitos descrevem e exemplificam migrações realizadas por meio de redes familiares, em sua maioria de agricultores que compraram terras subjacentes e, por conseguinte, tornaram-se vizinhos. Esse tipo de organização também está presente no relato de Teresa Birnfeldt, que disse que seu esposo e familiares chegaram a Santa Rita em 1973, e começaram o acampamento onde hoje é a Esquina Gaúcha. Teresa narrou que:

Começou tudo com chácara, muito difícil. Tudo mato, então tinha que derrubar com motosserra. E tinha que ser a família porque peão não existia. Daí se reuniam os vizinhos: iam primeiro em um, depois em outro e, assim, faziam as roças. Quem podia ajustar um peão, trazer do *Franco* ou de *Ciudad del Este*, trazia. Mas a nossa lavoura aqui, eu descoivarei⁹² sozinha com motosserra, e os filhos de arrasto junto. (Teresa Birnfeldt, 2015)

Na fala de Teresa Birnfeldt, e em entrevistas com outras mulheres, pude observar o trabalho delas no processo de colonização, não apenas como base e amparo dentro de casa, mas também na agricultura. Sobretudo, enquanto o trabalho era realizado de forma manual. Entretanto, muitas vezes a presença e a ação das mulheres são invisibilizadas nos discursos dos entrevistados, inclusive por elas mesmas. Geralmente, preferem comentar as ações de seus maridos e familiares homens ao invés de relatarem suas próprias ações. Falarei especificamente sobre a presença das mulheres posteriormente.

Com a migração de parentes para o Paraguai, as famílias numerosas realizavam o trabalho em cooperação. Conjecturo que estas redes permitiram manter laços também com o Brasil e possibilitaram uma maior fixação de representações socioculturais desses migrantes no Paraguai. Pois, migraram em grupos organizados, o que lhes permitiu uma maior ação sobre o espaço. Lembrando que fixação e mobilidade não estão desassociadas e sim são complementares, conforme Glick

⁹² Descoivarei, do verbo descoivarar. De acordo com os entrevistados significa limpar os terrenos manualmente após destoca e queimada da vegetação derrubada.

Schiller e Salazar (2013), que indicam que o local e a identidade cultural formam parte da estratégia de mobilidade.

Além da organização em grupos familiares, percebi a formação de uma rede de migração a partir da amizade e do compadrio. Esse fato é observado nos relatos da primeira leva de migrantes que se organizaram em grupos compostos por amigos e conhecidos e que, após se instalarem no Paraguai, incentivaram outras pessoas a migrarem ao país também. Valeria Schneider, que chegou ao Paraguai em 1974 com seu esposo, cinco filhos e grávida do sexto, conta que “no começo não tinha ninguém, mas logo os vizinhos que tínhamos no Rio Grande do Sul foram vindo pra cá e nos vizinhamos tudo de novo”. A interlocutora aponta a importância da reconstituição das antigas relações de sociabilidade no novo lugar de moradia. Fato que, percebi, facilitou a territorialização de famílias brasileiras na região. Edio Rauber, por sua vez, que comprou terras em 1973, narrou que voltou ao Rio Grande do Sul e convenceu “muita gente” a se mudar para o Paraguai, amigos e familiares. Isso se destaca também na fala de Milton:

Não foi difícil, a gente já se conhecia. Porque, na verdade, sempre que alguém vinha de uma região, os outros todos vinham atrás. Então a gente já se conhecia lá do Rio Grande, já tinha algum vínculo, alguma amizade, que veio do Rio Grande do Sul pra cá. Entre vizinhos, a gente já se conhecia, na verdade. Não todos, mas a grande maioria. (Milton Johann, 2015)

Esses relatos mostram a formação de redes como estratégia dos migrantes, pois, isso ajudava no processo de compra e fixação no novo espaço. Com a migração organizada para a expansão da agricultura, formaram-se redes transnacionais fortalecidas, campos sociais transnacionais.

Há relatos de pessoas que chegaram ao Paraguai por convite de amigos e conhecidos após o primeiro momento de colonização, no fim dos anos 1980, quando já havia sido implantada a agricultura mecanizada em grande parte da região, quando a *carretera Ruta 6* já havia sido asfaltada e quando se iniciou a urbanização na região. Era um momento de êxodo rural, no qual retornaram ao Brasil peões, arrendatários e migrantes que não conseguiram manter suas propriedades no Paraguai. Assim, os convites feitos nessa época eram para pessoas atenderem as demandas de serviços. Vera Bazzo⁹³, por exemplo, deixou o Estado de Santa Catarina, em 1989, com

⁹³ Vera Bazzo Lottermann. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 30/06/2015.

proposta de trabalhar em um salão de beleza em Santa Rita. Nos anos seguintes, através de seu convite, seus irmãos também migraram para trabalhar na região. Regina Picoloto⁹⁴, em 1989, migrou do Rio Grande do Sul com sua mãe viúva, por convite do tio, já fixado na região, para trabalhar em seu mercado e em sua serraria. Leonel Vogel⁹⁵, em 1987, migrou do Rio Grande do Sul para trabalhar como frentista de posto de combustível. Esses migrantes se fixaram em Santa Rita quando a área urbana se constituía e, hoje, são empresários locais.

Redes de sociabilidade podem ser evidenciadas, ainda, nos nomes dados às primeiras comunidades, como já foi visto anteriormente, como, por exemplo, *Esquina Gaúcha*, que recebeu essa denominação pela presença de brasileiros oriundos do Rio Grande do Sul; e *Cerro Largo*, localidade constituída por migrantes, na maioria, oriundos da região de Cerro Largo, no mesmo estado brasileiro. Essas nomeações mostram uma busca de reconstrução do espaço de origem a partir da vinculação com o nome e, conseqüentemente, com os valores e a identidade que o representam.

De acordo com as narrativas ouvidas, depois de dois ou três anos, famílias majoritariamente apontadas como “nortistas”, chegaram à região para arrendar terras e plantar menta. No geral, menciona-se que a produção de menta estava em alta e facilitava o processo de abrir a mata. A maioria dos colonos que estavam fixados na região plantou e/ou arrendou suas terras para que os “novos” migrantes plantassem menta, conforme mencionado por Oscar Dapieve: “A cada pouco se via uma casinha de menteiro”. À época, era comum o arrendamento de terras de 4 a 6 anos, destinadas ao plantio de menta, realizado simultaneamente à derrubada da mata, o que facilitava o posterior processo de destoca. Ao final do período de produção da menta, geralmente as famílias de arrendatários partiam rumo a outra área onde havia esse plantio, cujo cultivo dependia de “terra virgem”.

As famílias de “nortistas” normalmente são lembradas como as de trabalhadores braçais da época, mas não são relacionadas com o pioneirismo da região, dado que estariam em situação social e economicamente inferior em relação aos colonos originários do Sul do Brasil.

A assimetria apontada está naturalizada na fala de vários interlocutores e também tem reflexos na construção de uma memória coletiva e, por extensão, na constituição de uma historicidade local. Tem a ver, ainda, com certa percepção

⁹⁴ Regina Picoloto. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/07/2015.

⁹⁵ Leonel Vogel. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015.

pejorativa sobre o Nordeste e os nordestinos, comumente verificada nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, que reflete na estratégia de incluí-los na condição de subordinados ou menos importantes na história local.

Os migrantes paraguaios também se inserem neste contexto de migração em rede. Edgar Feltes migrou para a região a convite de um tio para trabalhar. Pedro Valdez⁹⁶ e Rosalia Valdez⁹⁷ conheceram a região visitando familiares e se fixaram ali por conta de uma oferta de emprego. Eduardo Coronel tinha um irmão que já morava e trabalhava na região que o incentivou a migrar para o local. E Herculano Cristaldo foi convidado por um companheiro de formação para ministrar aulas na região. De diferentes regiões e através de diferentes redes migraram paraguaios, e também incentivaram à migração. Como pode ser visto no relato de Herculano Cristaldo:

Allá donde yo nací [Eusebio Ayala] es un lugar muy lindo para recrear-se pero para hacer futuro no es. Esa es la motivación de quedarme acá y a traer mucha gente, porque yo traje a varios profesores, varios profesionales, y ahora hay mucha gente, amigos míos, parientes que vinieron a trabajar acá y a quedarse. (Herculano Cristaldo, 2015)

Como já mostrado anteriormente, muitas narrativas descrevem o espaço de colonização como um lugar de mata fechada e sem infraestrutura. E percebi que essas características impulsionaram a solidariedade coletiva. Pois, apesar das dificuldades, os relatos indicam que os acampamentos estavam sempre preparados para receber as famílias que chegavam. Como pode ser visto no relato de Jaime Hammes, ao falar sobre a formação dos círculos de amizade na região:

Isso se deu de forma gradual porque nos primeiros anos vinha em média de 10,12,15,20 mudanças por mês. O cara comprou uma área de terra e vinha mora ali e todo mundo ia lá ansioso ajudar nos primeiros 3, 4 dias a desarmar a mudança, montar os barracos, fazer o poço para ter água. Os vizinhos se ajudavam porque era assim. A gente foi criando um círculo de amigo com gente que vinha de outras culturas e entendimento social, mas todo mundo começou a se associar em amizade. (Jaime Hammes, 2015)

Esse cenário atesta a construção de uma memória social pautada na solidariedade. Quanto a isso, Leontina expõe que “quando sabíamos que ia chegar gente nova, todos ficávamos animados, preparávamos janta e lugar para recebê-los”. E Valtair acrescenta:

⁹⁶ Pedro Gustavo Valdez Chinini. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 07/07/2015.

⁹⁷ Rosalia Gonzalez de Valdez. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 07/07/2015.

Daí, começamos a derrubar o mato e plantar feijão. E quando chegava gente nova nós nos ajudávamos. Aquele feijão, nós dávamos para quem chegava para comer. Porque você podia ter dinheiro, mas sair daqui do meio do mato, direto chovendo, era difícil. Então nós nos ajudávamos e fomos vivendo. (Valtair Vicchetti, 2015)

Notei ainda a solidariedade entre os migrantes, nas palavras de Teresa:

Depois de uma tormenta forte nós ficamos no limpo. Daí nós construímos essa casa, uns 38 anos atrás. E nessa casa, morou acho que mais de dez famílias. Porque as famílias chegavam de mudança e não conseguiam chegar até seus locais, por causa do barro. Então eles descarregavam a mudança para o caminhão ir embora e depois eles levavam de carroça de boi. Só tinha um senhor aqui que tinha carroça de boi, e ele que levava as mudanças. (Teresa Birnfeldt, 2015)

Infiro que essa solidariedade coletiva deu origem a uma memória coletiva sobre a migração na região baseada em experiências, expectativas, histórias de trabalho e superação. Com efeito, os colonos construíram um sentimento de pertencimento àquele espaço e o territorializaram. Isso se atribui, principalmente, ao fato de a maioria da população, no momento da colonização, ser constituída por migrantes oriundos do Brasil, que se organizaram em rede para a fixação no novo espaço. Essas redes unem sujeitos em diferentes espaços – sujeitos fixados e em mobilidade – formando um campo social transnacional, que atua por meio de interesses econômicos, políticos e socioculturais. E, ao mesmo tempo, noto (re)construções identitárias entre os migrantes, reorientando-se em diferentes e múltiplas identidades. Nesse seguimento, mais narrativas e observações serão analisadas adiante.

3.5 Pioneirismo: a agricultura mecanizada e o asfalto como progresso

A questão do pioneirismo⁹⁸ na região de Santa Rita se relaciona com o protagonismo que se teve no momento de fixação dos migrantes na região e sua permanência no tempo e no espaço – poder legitimado através de memória selecionada, enquadrada e reconhecida (POLLAK, 1989). Considero isso como uma questão de classificação, em alusão a Bourdieu (2001). A imagem do migrante brasileiro como pioneiro no Paraguai foi problematizada por Albuquerque (2009), que mostra que a classificação como pioneiro envolve questões capitalistas de expansão

⁹⁸ Pioneiro: entendo que existe uma construção sobre a figura do pioneiro como colono, desbravador. Destaco que essa referência exclui e invisibiliza ações anteriores naquele espaço.

do território, que excluem grupos que não se encaixam nessa perspectiva – como os indígenas e camponeses –, e produzem outras fronteiras.

Como já mencionado, as memórias compartilhadas na região se organizam a partir das primeiras comunidades formadas e da relação entre essas comunidades. Assim, quando os interlocutores falam em Santa Rita, estão falando da comunidade, da “vila”, que se formou em 1973, e não de todo o município que se formou posteriormente. Cada comunidade tem os seus pioneiros, e suas memórias se entrelaçam de acordo com a relação que se estabelece entre as comunidades. Dessa forma, ao falar sobre pioneiros, têm-se os pioneiros de Santa Rita, de *Santa Rosa del Monday*, de *San José*, de *Cerro Largo*, de *14 de Mayo*, de *Nueva Asunción*, de *Pacu cua II*, *Pacu cua I*, de *Kuimba’e*, e assim por diante. Os pioneiros se multiplicam assim como as comunidades.

O município de Santa Rita se emancipou em 1990 e, com isso, se reconfiguraram as memórias locais. Com a reorganização do espaço, o município passa a centralizar as atividades e, conseqüentemente, outras memórias sobre a localidade são formadas, uma vez que passa a incorporar as demais comunidades. Dessa forma se constituem as memórias da organização urbana, as quais relacionam antigos e novos atores, e entrelaçam as comunidades por proximidade. Sendo que, elas passam a se unir conforme o tramo urbano que avança. Por exemplo, *Esquina Gaúcha*, *San José*, e *14 de Mayo* já fazem parte da área urbana do município, e, por isso, compartilham essas memórias. *Cerro Largo* que está um pouco distante também já está perto de se ligar à área urbana. Enquanto comunidades mais distantes, como *Pacu cua II*, *Pacu cua I*, *Santa Lucia* e *Fulgencio R. Moreno* estão no interior e não fazem parte dessa trama de memórias compartilhadas da área urbana. Pois, como exemplo, sujeitos dessas localidades não foram indicados para serem entrevistados sobre a formação de Santa Rita, o que mostra que não fazem parte da rede de sociabilidade, política e simbólica estabelecida.

As trajetórias de chegada dos sujeitos à região são similares, com narrativas sobre a mata fechada, sobre as dificuldades vividas, sobre a forma de organização da comunidade, sobre como cada um se instalou na região etc. Percebo que o que diferenciou uns de outros, além do poder econômico, foi a atuação de liderança nas comunidades. E isso reflete ainda hoje em uma memória que reconhece alguns como pioneiros, e não outros.

Assim, poder econômico e poder simbólico se somam e definem o ser ou não pioneiro, uma vez que determinaram a ação sobre o espaço. Nesse contexto, alguns paraguaios também são considerados pioneiros, de acordo com suas atividades – o primeiro professor, o primeiro médico –, mas não estão relacionados com a questão da agricultura. O pioneirismo está mais relacionado, então, não apenas com a agricultura, mas também com a ação de organização do espaço urbano, como a participação em comissões, em instituições e na política.

Percebo nos discursos proferidos sistematicamente que poucos são reconhecidos individualmente como pioneiros na região. No geral, são mencionadas ações coletivas e não um sujeito isolado. E a palavra ‘pioneiro’, em si, foi pouquíssimo citada pelos interlocutores.

Osvino Schneider e José Dapieve, Albado Birnfeldt, todos já falecidos, são comumente lembrados como pioneiros. As demais menções dos interlocutores são às famílias, como a família Birnfeldt e a família Borré. E são poucas as menções sobre si próprios como pioneiros ou fundadores. Percebo mais referenciais que remetem ao pioneirismo como “nós construímos”, “nós formamos”, “nós fomos os primeiros”, “nós os pioneiros”, “os filhos dos pioneiros”.

Observo, também, que as famílias reconhecidas como pioneiras possuíam terras que posteriormente se transformaram no centro urbano de Santa Rita, fato que os destacou no processo de colonização, e que fixou seus nomes e seus atos nas memórias da coletividade. Assim, em Santa Rita, separa-se a ideia do pioneiro colono, produtor agrícola, com a do pioneiro da cidade. Mas é evidente que são as pessoas que detiveram algum tipo de poder que são reconhecidas como pioneiras.

Valeria Schneider, esposa de Osvino Schneider – falecido, porém sempre lembrado como pioneiro – disse logo no começo de sua entrevista: “Nós começamos Santa Rita”. Assim como Teresa Birnfeldt, que disse: “Esquina Gaúcha começou com os Birnfeldt”. Percebo que esses são discursos legitimados nesse espaço, pois são reconhecidos e repetidos constantemente pelos migrantes. E, dessa forma, se fixa uma memória sobre alguns sujeitos, enquadrando-a.

Com o passar do tempo, a mata e a agricultura manual foram praticamente extintas. Isso é exposto nos relatos de progresso com a agricultura mecanizada e a urbanização. Representações desse processo são apontadas repetidas vezes nos relatos dos primeiros colonos que chegaram à Santa Rita. Como, por exemplo, o que se pode constatar na fala de Alido Batista sobre sua trajetória de vida na região:

Sofrido, porque era tudo braçal, serviço pesado. Chegando aqui tinha que derrubar um pedaço de mato para construir, daí construía um galpão, ou algo assim, para morar e daí depois continuava derrubando o mato e plantando menta. No primeiro ano, depende a época que se preparava a terra, se plantava soja, mas tudo manual; e depois, a plantação de menta. A menta dura um período de cinco seis anos. E depois de uns dez anos que estávamos aqui, que começamos a mecanizar. Daí meu pai com meus tios compraram um trator de esteira pra ir destocando e ir fazendo a mecanização. Depois já compraram tratores e colheitadeiras em sociedade; formavam uma sociedade, um grupo, porque a gente veio de lá com escassos recursos. Vendeu as propriedades pequenas no Rio Grande do Sul daí veio pra cá, mas esse dinheiro deu mal apenas pra pagar as terras e construir casa e galpão pra moradia. (Alido Batista, 2015)

A família de Alido Batista é reconhecida como pioneira por sua participação constante no processo de formação da região, como na construção de espaços sociais, na destoca, no loteamento e na ação política. A respeito do processo de destoca, além dessa família que possuía trator de esteira, havia empresas particulares brasileiras e paraguaias que prestavam esse tipo de serviço na região. Só após alguns anos que as áreas foram destocadas, por ser uma atividade dispendiosa em termos de trabalho e investimento financeiro, demandando, inclusive, a contratação de mão-de-obra de fora do núcleo familiar. O que mostra que o poder econômico, mesmo sendo coletivo, possibilitou o investimento na região, e definiu os sujeitos relacionados com essa ação como pioneiros.

O dia-a-dia em Santa Rita, no tempo da colonização, girava em torno da derrubada da mata, dos primeiros plantios e das estratégias de sobrevivência das famílias de colonos que lá se fixaram. No relato de Valtair, pode-se observar como eram organizadas essas atividades:

Nós tínhamos um caminhão velho, depois meu cunhado foi para o Brasil e trouxe uma serraria velha, aí começamos serrar para fazer nossos barracos. Depois pra fazer uns trocados nós pegávamos o caminhão e ia levar tora, buscar tora nessas picadas. Aí que demorávamos. Caía e ficava uma semana na estrada. Até nós voltarmos, a família ficava aí. Meu Deus. Nunca pensamos em coisa pior. Se adoecia alguém grave, ou se picava uma cobra, não tinha o que fazer. Aí fomos passando os anos. Depois fizemos umas roças, plantamos menta e coisas pra sobreviver por uns quatro, cinco anos. Depois que apareceu o asfalto aí a gente viu o progresso, veio mais gente. Isso em 1988. Graças a Deus nós tivemos toda essa recompensa. O que está feito desde San Cristóbal, o que existe aqui fomos nós que fizemos. Não tinha uma árvore cortada, tinha que ver de avião por cima. (Valtair Vicchetti, 2015)

Essas falas mostram um pouco do vivido no passado, e também como é concebida e construída a percepção do vivido hoje. A ação coletiva é mencionada

como transformadora, pioneira, como explicitado na frase: “O que está feito desde San Cristóbal, o que existe aqui fomos nós que fizemos”. O que também pode ser visto na fala de José Disconsi: “Na Esquina Gaúcha quem fez as primeiras roçadas fui eu e os companheiros. Fui derrubar um alecrim de machado, levei duas horas e quarenta minutos. Rei de um pau. Tive que descansar porque alecrim é duro de cortar. E eu enfrentei tudo isso aí.” Estas citações mostram as representações construídas sobre si – enquanto indivíduo e como grupo – a partir da seleção de memórias sobre histórias de vida de migrantes brasileiros para uma região de colonização no Paraguai, legitimando-os como pioneiros.

Outros modos de organização e estratégias socioeconômicas podem ser somados a esse processo, cada um com sua peculiaridade de experiência, tais como começar um pequeno comércio, trabalhar para a empresa colonizadora, investir em piscicultura, desistir da agricultura e se dedicar à preservação ambiental, investir na produção de suínos, investir em indústria etc. Alguns migrantes estavam mais próximos uns dos outros, enquanto outros estavam tão afastados que não viam ninguém além dos membros familiares, durante dias.

Se contar do que nós saímos, o que passamos nas estradas, até água suja passando na sarjeta nós bebemos, quando entramos. Ia fazer o que? Era só mato e terra. [...] Hoje eu penso, como é que nós tínhamos tanta coragem? Não tinha pensamento ruim, éramos todos animados. Mas não tinha nada. Depois nós começamos criar as coisas. Nos finais de semana dos primeiros anos não tinha nem gente pra visitar nos domingos, então a gente ia caçar no mato, e ficar em casa, porque não tinha outra coisa. (Valtair Vicchetti, 2015)

Em uma perspectiva que considera os primeiros migrantes da região como pioneiros, Valtair Vicchetti argumenta que “tem poucos pioneiros aqui. Uns foram embora, outros já morreram. Eu estou há quarenta e dois anos aqui em Santa Rita. [...] Nós criamos o município, e entramos na política, e estou aí na política há mais de vinte anos.” Valtair migrou para a região em 1973, comprou uma colônia de terra, mas logo deixou de trabalhar na agricultura pois teve problemas de saúde. E, com isso, se dedicou a diferentes atividades. Até a emancipação do município, quando entrou como funcionário da prefeitura, chefe de obras, onde continuava trabalhando até o momento da pesquisa. Esse interlocutor cita diversos nomes das primeiras famílias que se fixaram na região e as relaciona como pioneiras. Em Santa Rita, entendo que Valtair Vicchetti é reconhecido como um guardião da memória local, pois ele é

indicado como porta voz do grupo, sendo recomendado constantemente como pioneiro representante. Assim, seus relatos fazem parte de uma memória legitimada na região.

A imagem de pioneirismo é também fomentada, constantemente, com referências às ações de construção do distrito de Santa Rita. A seguir, algumas das falas que se misturam com as práticas e fixam a memória coletiva de pioneirismo em Santa Rita: “Você sabe aquela árvore naquela esquina? Foi minha mãe que plantou quando chegamos no Paraguai.” (Marcelo, 2015)⁹⁹; “O primeiro professor morou com nós. Depois meu velho construiu uma escolinha. Ele era sempre presidente da escola e depois presidente da igreja. Era tudo em cima da nossa terra onde era a igreja e a escola, ele doou um pedaço pra fazer” (Valeria Schneider, 2015); “A madeira para o salão da igreja foi meu pai quem deu, e eu e meus irmãos construímos sem cobrar nada” (Altemir Santin, 2015); “Nós fizemos o primeiro bolão e tivemos a primeira ambulância” (Nilsa Kunkel, 2015); “Estrada cada um ia se fazendo” (Valtair Vicchetti, 2015); “Daí enfrentamos, porque no começo tinha que construir escolas, os professores eram trazidos e pagos pelos pais dos alunos. E também construíam nas comunidades um salão para fazer festas que também já servia de igreja” (Teresa Birnfeldt, 2015); “A princípio todos se conheciam aqui, tínhamos que trabalhar unidos. Tudo que foi construído tinha que partir do povo, na época vinha pouca verba. Se formavam comissões e essas saíam pedindo colaboração e administravam as construções” (Alido Batista, 2015); e “Quando tinha umas dez famílias a gente já fazia festas de comunidade. A gente doava as coisas e daí ia lá e comprava, pra ajudar a comunidade” (Altemir Santin, 2015). Essas narrativas mostram ainda o sentimento de união e trabalho conjunto entre os imigrantes, sobre o que discorro adiante.

Estes são apenas alguns exemplos dos inúmeros retratos da construção do espaço que amparam a constituição de memórias compartilhadas. Dessa maneira, os migrantes brasileiros construíram uma imagem de pioneirismo amparada em memórias de que eles foram os primeiros a chegar à região e que suas ações a desenvolveram. O discurso proferido naturalmente por esses sujeitos é o do “nós construímos”, baseado em memórias selecionadas sobre a construção do espaço. Com destaque para as ações dos colonos que chegaram e permaneceram na região e que transformaram o espaço a partir de suas concepções de desenvolvimento.

⁹⁹ Marcelo. **Conversa informal**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

Os discursos sobre o processo de formação da região estão diretamente associados à agricultura e, conseqüentemente, à transição da atividade manual para a mecanizada e os movimentos decorrentes disso, como o crescimento da área urbana. Dentre as várias comunidades criadas, Santa Rita não era a maior ou a mais estruturada. Aliás, a colonizadora e a população investiam em *Cerro Largo* para criar um *distrito* autônomo. E desde o princípio essa área teve planejamento urbano feito pela empresa. O que redefiniu essas configurações foi a construção da *carretera*, *Ruta 6*, a qual atravessou a região e transformou as relações de produção e de reprodução social estabelecidas.

Muitos relatos descrevem esse momento, como o de Alido Batista: “A construção do asfalto da *Ruta 6* a partir dos anos 1980 fez com que começasse [o distrito de] Santa Rita. Quando começou o asfalto, começou os loteamentos.” Além dessa fala, o episódio também aparece na de Valeria Schneider: “Se alguém naquela época falasse que em 10, 15 anos nós íamos ter asfalto, eu não ia acreditar. Eu ia dar uma baita de uma gargalhada. Mas não é que nós tivemos mesmo! Isso foi rápido, muito rápido”. À vista disso, o “asfalto” marca a memória dos primeiros migrantes da região como um evento de transformação. A via pavimentada resolve a maior dificuldade citada pelos migrantes que era o acesso à região, traz o urbano e também novos fluxos migratórios, não só de agricultores, mas também de “mão-de-obra especializada”, para atender a novas demandas da região, principalmente nos setores agrícola e financeiro.

Os migrantes que chegaram a Santa Rita antes da urbanização também descrevem as mudanças vivenciadas na região, o que pode ser analisado quando Valeria Schneider diz: “Foi chegando muita gente que hoje a gente nem conhece mais”. E na afirmativa de Altemir Santin: “Antigamente nós era mais unido que agora.” Esses fragmentos denotam nostalgia em relação ao passado rural, marcado pela convivência colaborativa entre os migrantes. Indicam que as transformações ali verificadas no tempo e espaço, desde uma época rural para outra mecanizada e urbana, modificaram as relações sociais no *distrito* e a dinâmica da vida na sociedade.

A formação da área urbana e a expansão do agronegócio redefinem os pioneiros. De desbravadores, os sujeitos passaram a estabelecer loteamentos, comércios, serviços, política, e também a expandir a agricultura mecanizada. Emancipa-se o *distrito* de Santa Rita, formam-se novas redes de reprodução social e comercial, e estabelecem-se novas dinâmicas memoriais e de representação no

espaço. As primeiras comunidades, antes distantes, com a expansão dos loteamentos, interligam-se. E com o passar dos anos, transformam-se em bairros da área urbana. Os terrenos antes baratos, agora são uns dos mais caros do país. E a atividade agrícola, agora em larga escala, continua sendo o centro das relações comerciais, com inúmeras empresas locais, regionais, nacionais e transnacionais fixadas no município e atuando nesse setor.

Percebo que os colonos vindos do Brasil construíram uma representação particular de pioneirismo, isto é, a ideia de que, na condição de migrantes, teriam sido os primeiros a chegarem à região para transformá-la de “sertão” à “civilização”. Quando inquiridos sobre a presença de paraguaios na zona de colonização, a resposta foi praticamente unânime: “Não havia paraguaios na região”. De acordo com os relatos dos interlocutores, os paraguaios teriam começado a se aproximar depois de algum tempo, como peões e professores. Esse contexto mostra que o discurso de pioneirismo da região está relacionado com a noção de desbravamento de uma área vazia, e que as suas ações foram de transformação do espaço e fixação de seus referenciais.

Com os relatos, percebo uma seleção de referências para a (re)construção de imagens e memórias compartilhadas de trabalho e ação coletivos entre os migrantes brasileiros que se fixaram na região. A que os classifica como pioneiros, frente aos não pioneiros – os que não se fixaram na região e não compartilham das mesmas referências de produção. Essa classificação ocorre com a seleção de valores entendidos pelo grupo como positivos para a transformação do espaço, para o progresso. Situação que permite inferir que o trabalho é uma das noções de ligação entre os migrantes. Sobre isso, reflito na sequência.

3.6 O trabalho e a construção do espaço

O trabalho e a construção do espaço foram temas centrais levantados pelos entrevistados através das memórias narradas sobre a fixação na região estudada. Ao descrever as atividades desenvolvidas ali, ao mencionar como se desenvolveu o município, ao falar sobre a vida em comunidade, e ao citar o que caracteriza Santa Rita, os interlocutores se referiram ao trabalho que, ali é compreendido como uma ação transformadora, de construção, de desenvolvimento e também um valor social associado à comunidade que se fixou. Com isso, a rememoração do trabalho

realizado é uma forma de fixação das referências do coletivo e uma definição da imagem que se quer sobre essa sociedade.

Nesse contexto, foram identificadas ações de enaltecimento do trabalho na região de Santa Rita como um referencial de valor social pela afirmação da sua ação positiva – apoiada em noções de desenvolvimento, de produtividade, de progresso. Contribuindo, assim, para a criação de um imaginário sobre si. Segundo Baczko (1985), os imaginários sociais são pontos de referência no sistema simbólico produzido por qualquer coletividade, que, por sua vez, reconhece a si mesma, se divide e elabora os seus próprios objetivos através dos imaginários sociais.

É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”, designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o do “chefe”, o “bom súbdito”, o “guerreiro corajoso”, etc. (BACZKO, 1985, p. 309)

O autor me leva a entender que o imaginário é uma das formas reguladoras da vida coletiva, e está constituído a partir dos sistemas simbólicos que, quando reconhecidos, unificam o grupo e regem as suas ações, intervindo em vários níveis da vida coletiva. Nessa perspectiva, observo que as questões de trabalho e formação do espaço estudado estão permeadas tanto pelo aspecto material quanto pelo simbólico. As ações que foram desenvolvidas a partir da colonização intervêm não só pela transformação do espaço, implantação da agricultura mecanizada e o desenvolvimento econômico e político, mas também na constituição das referências culturais da região. Com isso, os discursos legitimados sobre trabalho e progresso alcançado pelos migrantes em Santa Rita faz parte da constituição de uma identidade coletiva. Nesse sentido, evidenciam-se (re)construções memoriais que amparam esse imaginário constituído.



Figura 17 – Colheita de menta nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

O trabalho em comunidade é bastante referenciado pelos migrantes que se fixaram na região. Elas já citadas anteriormente remetem ao trabalho coletivo, entre famílias, vizinhos, conhecidos, e mostram que esse é um referencial que faz parte da (re)construção dos laços de pertencimento e coletividade. Alguns relatos remetem ao trabalho no campo, como o de José Disconsi, que diz: “Nós para colher soja se ajudava, nós trocávamos dias, e assim funcionava. Essa era a maior alegria que nós tínhamos, se juntava, tudo na brincadeira. Ensacava o soja nas bolsas e trazia.” Nos primeiros anos, para todo o processo de derrubada da mata e dos plantios manuais que se realizavam ainda entre os troncos de madeira, o trabalho coletivo foi bastante importante na região. Visto que, eram grandes áreas exploradas de forma manual, o que demandava um elevado número de pessoas trabalhando. Esse trabalho não era feito de forma gratuita: eram feitas trocas entre os migrantes, ou se cobrava por dia. Por exemplo, citam que foi através do trabalho para outros migrantes que conseguiram terminar de pagar suas terras. Mas, mesmo assim, os relatos indicam solidariedade e afinidade social reforçadas nessas práticas.



Figura 18 – Plantação de soja nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.

Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

Outros trabalhos realizados de forma coletiva foram as construções das infraestruturas e dos espaços sociais. Estradas, pontes, poços de água que não existiam quando chegaram os primeiros migrantes. E apesar da colonizadora ser responsável pelas primeiras estradas abertas e por alguma infraestrutura, os migrantes fizeram e mantiveram muitas dessas infraestruturas com trabalho comunitário. Conforme pode ser visto no relato de Juacir Repossi que diz,

Mas tenho uma história que eu também gosto de contar. Quando nos anos 1980, que a comunidade começou a crescer, nós tínhamos que limpar a estrada, essa famosa estrada que vai daqui ao km 41, que dá mais ou menos 60 km. Aí não tinha dinheiro, então fazia um torneio de futebol, se vendia churrasco, se vendia cerveja, daí formava uma comissão pra nós sair com 30, 40 homens roçando a estrada, limpando a estrada a muque, porque o mato ia invadindo a estrada. Isso nós fizemos várias vezes, fazia-se tipo mutirão e era engraçado que era todo mundo animado, todo mundo tinha boa vontade e não faltava gente pra fazer todo esse processo. Dentro disso, todas essas pequenas pontes do interior e estradas éramos nós que fazíamos, eu mesmo fiquei um construtor de ponte, nunca foi difícil reunir o pessoal pra fazer o trabalho [...] Porque quando você está em uma comunidade carente se você tiver boa vontade e o pessoal acreditar em você, pra você reunir 30, 40 pessoas e falar vamos trabalhar na estrada ou vamos fazer uma escola, uma igreja, isso é fácil, não é difícil. Lógico, tem que ter alguém que puxa a frente, então isso foi feito tudo por nós, todas essas comunidades aqui foram feitas assim. (Juacir Repossi, 2015)

Noto que se difundem memórias positivas das ações coletivas de formação do espaço, o que mostra um passado idealizado, harmonioso. Evidencio, também, que as memórias compartilhadas são de que os sujeitos trabalhavam em cooperação para a construção das estruturas necessárias e dos espaços de sociabilidade. São muitos os relatos que descrevem esse tipo de trabalho nas comunidades, e eles envolvem migrantes brasileiros e paraguaios. Por exemplo, Eduardo Coronel, Balbino Benitez, Pedro Valdez, Arício Rios, migrantes paraguaios, também fazem menção à criação de comissões de trabalho comunitário, entre todos os migrantes locais, para realizar as obras necessárias. Nesse mesmo sentido, Francisco Mesomo diz,

Nós mesmos construímos o poço. [...] Nós tivemos que fazer as picadas, as pontes, o rancho, escola, igreja, nós fizemos muita coisa aqui. Quando conseguimos energia tivemos que pagar, cada um se uniu, pagou a sua parte para conseguir energia. Então eu digo que, em cima disso, nós criamos resistência ao trabalho. Aqui nós não ganhamos nada de graça. Ganhamos, sim, a vontade de trabalhar, saúde, que nós tivemos para chegar nesse ponto. Ainda quando pega um grupo daquela época, o que precisar fazer, a gente se une: “vamos fazer”. Se precisar fazer uma ponte, a gente faz, precisava fazer uma unidade a gente fazia, arrumar a estrada era com nós mesmos, com enxada, pá ou mesmo com trator, com pequenas lâminas, nós tínhamos que dar conta de tudo. (Francisco Mesomo, 2015)

Evidencia-se assim, que esses sujeitos se colocam como responsáveis pela construção de tudo o que fosse preciso para as comunidades. “Aqui nós não ganhamos nada de graça”, reforça a ideia de que eles pagaram para estarem ali, pois além de comprarem as terras, construíram toda a infraestrutura do espaço. Isso ocorreu porque na região não se tinha infraestrutura e tampouco ação do Estado para a construção. Então, durante alguns anos foram os próprios moradores que construíram as infraestruturas locais.

Outras ações que redefiniram as representações do espaço foram as construções de escolas, igrejas e salões comunitários, pois além de materializar as práticas dos migrantes através dos espaços construídos, também estimulavam a convivência e a formação de vínculos entre eles. Sobre a forma de organização da comunidade nos primeiros anos, Darcila Borré indica que “a comunidade era unida, éramos poucos. Mandava serrar as madeiras e nós mesmos fazíamos o que precisava”. Nesse mesmo sentido, Oscar Dapieve diz:

Começaram na *Esquina Gaucha*, todos ajudavam. O pai ajudou a fazer a escola, a igreja, o campo. Cada um cedia um pouco de terra para fazer alguma coisa. Dai outro deu pedaço de terra pro cemitério. Depois a

comunidade São José. O pai ajudou ali daí, a fazer a escola, a igreja. Depois saiu a igreja a matriz Santa Rita, todos ajudaram a fazer. (Oscar Dapieve, 2015)

Ao narrar como foi construída a primeira escola da *Esquina Gaúcha*, Teresa diz que “foi muito rápido. Uns doaram a madeira, o José Dapieve serrou as madeiras. As telhas foram trazidas de *Ciudad del Este*, e quem doou as telhas foi o Vettorello, o colonizador, pra ter uma escola, porque cada um que vinha tinha três, quatro, cinco filhos.” Jaime Hammes diz que “nós fomos sempre atuantes na região. [...] Para construir uma escolinha, um dava madeira, outro prego, outro a mão de obra e fazia as coisas, contratava professor e botava a alunada pra estudar.” E sobre como conseguiram professor, Teresa diz, “através do ministério, [pessoas da comunidade] formaram uma diretoria e foram pra *Ciudad del Este* e lá conseguiram. Não foi difícil, foi fácil, só que os professores não queriam entrar, porque era muito fundo, muito longe.” Esses relatos mostram como os sujeitos se organizavam, doaram terrenos e materiais, além da força de trabalho, para formar os espaços de sociabilidade. E mostram, também, uma preocupação com a educação dos filhos, a partir da educação do Paraguai.



Figura 19 – Inauguração da primeira escola de Esquina Gaúcha – 1975.
Fonte: Acervo particular de Mercedes Schimidt.

São inúmeros os relatos sobre as construções das escolas nos primeiros anos de fixação na região, e sobre a contratação de professores paraguaios, pagos pelos pais. Esses professores vinham de outras localidades do país, como Presidente Franco e Eusébio Ayala, e se fixavam, primeiramente, nas casas dos migrantes. Esse foi o primeiro contado direto e contínuo dos migrantes brasileiros com a cultura paraguaia. E são lembrados como de estranhamento – pois, no começo, tanto professor quanto alunos e famílias não se entendiam, tanto pela diferença de língua, mas também pelos diferentes hábitos alimentares e culturais – e também como um momento de aprendizado, alegria, troca e até de “orgulho” de ter esses professores na região.

Alguns desses professores continuam na região, como aponta Airton Schmidt, que faz um longo relato sobre os primeiros professores da Esquina Gaúcha: a professora Graciela e o professor Ramón. E sobre esse último, diz que, “ele hoje administra um silo em San Miguelito, na Agrícola Colonial, região de paraguaios. O Professor Ramon foi meu professor e a filha dele foi professora do meu filho. Então a filha dele leciona aqui no Santa Cecília” (Airton Schmidt, 2015). Além disso, alguns professores que se casaram com migrantes. Como o primeiro professor de Santa Rita, o interlocutor Herculano Cristaldo, que se casou com Marlise Schneider, migrante brasileira. Percebo que os professores passaram a ser o primeiro vínculo com a cultura paraguaia entre os migrantes, através da educação dos filhos e do convívio em sociedade. Sobre a mesma temática, mas em outra comunidade local, Antero Bressan diz:

Em Nova Assunção, foi feita a escolinha primeiro. Tinha bastante criança pra começar a estudar. Trouxemos uma professora de fora, inclusive ela “parava” na minha casa. Depois as primeiras missas que eram rezadas aqui em Assunção era num bosquezinho de mato. Dentro do bosque fizemos festa, tudo, pra arrecadar dinheiro pra construir a igreja. As primeiras missas. Vinha o padre de fora e vinha rezar missa num bosque ali. (Antero Bressan, 2015)

Noto, nos relatos, que as menções a escolas estão associadas à igreja. Isso ocorre, principalmente, porque as primeiras escolas também serviam como igreja, e até como salão comunitário. Eram, assim, espaços de sociabilidade, e as religiões sempre estiveram presentes nessas relações locais. A religião católica era predominante entre os migrantes. Mas também estavam presentes outras religiões, principalmente protestantes, como a luterana. Entre os entrevistados 77% se

declararam católicos, 17% religiões protestantes, e 6% não declararam religião. As missas e cultos em baixo das árvores, durante os primeiros anos, eram bastante citados pelos interlocutores, mostrando ser uma atividade catalizadora. Por exemplo, Teresa Birnfeldt explicou que, sua família é luterana, mas como a primeira religião a chegar à região foi a católica eles participaram da católica e faziam parte da comunidade. Mas, quando chegou a igreja luterana, eles voltaram à sua religião original.



Figura 20 – Festa de comunidade na região de colonização, em 1976.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

O início das atividades religiosas na região é bastante lembrado e associado ao Padre Scalabriniano Fiorindo Ghiggi, que começou a celebrar missas para as comunidades em 1975 e foi uma liderança importante para a organização dos migrantes na região¹⁰⁰. São inúmeros os relatos sobre a atuação desse religioso, desde anedotas até referências políticas e de organização rural e urbana. É importante ressaltar que os scalabrinianos fazem parte da congregação dos Missionários de São Carlos, também conhecidos como Carlistas, têm como lema: “Eu

¹⁰⁰ Durante o trabalho de campo, Mirian de Herrera me forneceu um trabalho desenvolvido por ela e alguns colegas do curso de Psicologia da Universidad Nacional del Este – UNE, de Santa Rita em 2011. Este estudo tinha como objetivo “Investigar los orígenes y causas de los primeros pobladores que dieron inicio a la progresista ciudad de Santa Rita”. Para isso eles entrevistaram alguns dos primeiros imigrantes que chegaram a Santa Rita e também apresentam fotos da localidade.

era estrangeiro e me acolhestes”, e atuam, primordialmente, entre migrantes e estrangeiros¹⁰¹. Estes missionários acompanharam os brasileiros em suas trajetórias de migrações, desde o Rio Grande do Sul até o Paraguai, dando-lhes suporte espiritual e também político. A presença e ação dessa congregação no processo de colonização e fixação na região foi importante para a organização dos migrantes, com orientação das comunidades e formação de pastorais. Os relatos mostram que a religião era uma forma de sociabilidade que reunia grande parte dos migrantes, e através da qual estes se organizavam como coletivo.

Foi ideia do padre Florindo construir escola. Foi ele que formou as comunidades aqui no Paraguai. Ele vinha rezar missa nas casas, na minha casa, na casa dos meus irmãos. Ele disse: “Vocês têm que construir uma capela aqui. Uma capela que serve para escola e para igreja.” Então a gente partiu para cima, com a colaboração dos vizinhos e de uma serraria que tinha ao redor. (Fransisco Mesomo, 2015)

Os migrantes, com essa atuação, imprimiram seus referenciais na região com suas formas de reprodução social. As memórias de construção do espaço estão, assim, associadas ao coletivo, e principalmente ao “fazer” e ao “construir”. Como aponta Clodomiro Ribas, que, ao falar sobre como se formam as comissões de trabalho para as construções das comunidades, diz: “eu ajudei a fazer tudo por aqui, agora quando eu morrer não devo nada pra ninguém”. Reforçando o sentimento de pioneirismo já discutido anteriormente. No mesmo sentido, Jaime Hammes diz,

Na minha época foi o começo de tudo, organizamos várias coisas dentro do município. Tanto que a avenida dos Imigrantes nasceu da minha pessoa, que vai daqui da empresa para o centro e, a [avenida] lateral aqui é um dos pioneiros da região aqui, que era o Sr. Albano Birnfeldt, já finado, né?! Veio lá de Porto Xavier, Rio Grande do Sul. (Jaime Hammes, 2015)

A fala mostra que os nomes dados às avenidas, “avenida de los inmigrantes” e a “avenida Albano Birnfeldt”, que eram umas das poucas vias nomeadas no município até o momento da pesquisa, são em homenagem aos migrantes que se fixaram na região. A nomeação, como já mencionado, segundo Bourdieu (2001) é uma forma de definir e legitimar uma representação, fazer existir pelo enunciado. Então, entendo

¹⁰¹ Sobre a atuação Scalabriniana na região de colonização no Paraguai, ver: ZAMBERLAM, Jurandir; CORSO, Giovanni (orgs.). Emigrantes brasileiros no Paraguai – presença scalabriniana./ Porto Alegre: Solidus, 2007.

que também se fixa a memória dos migrantes nas referências do município através dessas nomeações. Sendo mais uma forma de afirmação de pertencimento ao local.



Figura 21 – Celebração de Missa nos primeiros anos da colonização de Santa Rita.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

Nesse contexto, Protásio Kosen, fala sobre o trabalho na região, refletindo sobre a política no país. E, ao relatar sobre o fim da ditadura, expressa que quando souberam, ficaram contentes, mas que com o passar dos anos, acha que não mudou muita coisa.

Por que nós os imigrantes o que nós queremos é trabalhar, ficar sossegado, e tentar progredir, a gente tem essa mentalidade de que nos deixem trabalhar, não tentem nos colocar muitos problemas, exigências. De vez em quando aparece algumas normas, algumas leis que a gente é obrigado a obedecer, mas vai fazer o que. Mas a nossa vida não mudou muito com o antes e depois. O que está acontecendo é que estamos pagando mais impostos, e bastante, mas enfim, um país também precisa recolher impostos, a gente não critica, a única coisa é que a gente pede, agora tem o tal do IVA em cima dos grãos, que esse dinheiro seja realmente investido em prol da agricultura, que seja a agricultura familiar, que se ajude ao que mais necessite, mas não que tenha corrupção e entre nos bolsos de quem não tem nada a ver com a agricultura, daí também a gente fica chateado. Não é que a gente não quer pagar o imposto, mas é que ele seja investido da maneira que tem que ser investido. (Protásio Kosen, 2015)

Esse relato reflete as discussões políticas e econômicas daquele momento, naquele espaço. No Paraguai a política de arrecadação do Estado estava sendo alterada, com cobrança e aumento de impostos sobre a produção e exportação de grãos. O que levou a alguns conflitos no decorrer dos anos¹⁰². Mas chamo a atenção para a fala: “nós os imigrantes o que nós queremos é trabalhar”, e sua sequência, que remete à liberdade, tranquilidade e progresso. Com isso, segundo essa fala, para o migrante, empresário e agricultor, o que lhes interessa é poder trabalhar e progredir, portanto o que faz diferença são as leis e os impostos que limitam a ação e produção. Nesse sentido, Protásio expressa que não existe problema em seguir as leis e pagar impostos, mas é preciso que o Estado também faça sua parte de investir no país, e em quem precisa, nos necessitados. Foram muitos os interlocutores que mencionaram frases como “os impostos estão nos matando”, “precisa ser justo”, “temos que pagar duas vezes”, fazendo referência ao Estado que não investe na região, e que os próprios moradores locais é que precisam fazer investimentos em infraestrutura e serviços básicos. Essas colocações mostram um contexto de conflitos sobre os processos de produção e exportação, que dissonam dos discursos de harmonia geralmente pregados.

No entanto, ao que se refere ao que foi tratado nesse tópico, mais uma vez se reafirma o migrante como trabalhador que busca o progresso da região. Assim, o “valor do trabalho”, também ampara representações regionais em conflitos políticos e econômicos, além dos socioculturais.

Com esse panorama se legitimou a imagem do migrante como trabalhador, E essa lógica se expandiu para a imagem da região, que o ambiente ali é de trabalho, e que ali se trabalha para o progresso. Ao ponto que, ao perguntar sobre o lazer na região, algumas respostas remeteram também ao trabalho. Como menciona Mercedes Schmidt¹⁰³, que disse que lazer “no começo não existia, a gente trabalhava que nem louco, não tinha essas coisas”; Eduardo Coronel, ao dizer: “todo el mundo trabajaba, casi no había tiempo para recreo, salir a disfrutar, casi no existía”; e também Balbino Benitez, que, ao relatar sobre o lazer na região, diz:

¹⁰²Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/opinion/iva-agropecuario-e-impuesto-parcial-a-la-exportacion-618057.html>>. acesso em 10/01/2018; também disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-imprensa/opinion/el-impuesto-a-la-soja-1605460.html>>. acesso em 10 jan de 2018; e também disponível em: <http://www.lanacion.com.py/politica_edicion_imprensa/2017/06/21/productores-inician-movilizacion-contra-impuesto-a-la-soja/>. acesso em 10/01/2018.

¹⁰³ Mercedes Birnfeldt Schmidt. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015.

Y yo tengo que decirte que posiblemente para la gente de la región, de tan trabajadores que son, su trabajo llega a ser su ocio. A veces se va trabajar a los domingos, no hay problema, es increíble (risos). Agarra y va pasearse con su tractor, y ahí hace su ocio y está feliz. A veces se va de vacaciones al Brasil. (Balbino Benitez, 2015)

Esse é um discurso repetido constantemente na região, que identifica e classifica os migrantes como trabalhadores. E, visto que a ação de classificação, de definição de identidade, é sempre relacional frente ao “outro”, entendo que essa é uma característica que se afirma frente ao que seria “não trabalhador”, ao que “não traz progresso”, ao “vazio”, ao “sem civilização”. E, considerando que é preciso analisar porque os discursos são construídos, e quais são suas intencionalidades, entendo que essa característica é reforçada por esses discursos para afirmar o merecimento e o zelo pelo local de fixação, frente aos discursos de que eles estariam invadindo e degradando o país.

Assim, trabalhar e trazer progresso justifica a colonização. E esta imagem, identidade, é considerada coletiva. E se expande aos os habitantes locais que compartilham dessas práticas. Como expressa Herculano Cristaldo, ao falar sobre região no tempo de colonização:

Pero antes era un solo [presidente], era dictadura, y acá el lema era trabajar, trabajar y trabajar. Y como se dice, como dice la historia, el gobierno decía que acá era paz y progreso. El presidente Strooesner decía: nosotros les garantimos la tranquilidad, paz y progreso. Pero eso era para la gente que quería trabajar, para la gente que no quería trabajar, acá en Paraguay tenía poco espacio. [...] Cuando vine acá e visto que la forma de vida, que la mentalidad, que el trabajo en sí era muy diferente que lo nuestro. Porque nosotros, cuando estudiábamos, cuando éramos jóvenes no teníamos objetivos muy grandes, no éramos muy ambiciosos en el sentido de tener algo, de adquirir algo, de alcanzar, de superar. Y acá cuando yo vine acá yo he visto que mucha gente que estaba muy bajo culturalmente que yo, pero estaba acima de mí encunto que la ambición de tener algo, de progresar, por ejemplo. Entonces yo compare eso, y estudie, y pensé, y ese lugar es un lugar de futuro, lugar de trabajo. Y la gente, la mayoría que está aquí es honesta, trabajadora: si les dice tienes que pagar tanto te paga, si pierdes algo te dan, es tuyo. (Herculano Cristaldo, 2015)

A noção de que Stroessner garantia tranquilidade e progresso para os trabalhadores na região de colonização foi levantada inúmeras vezes nas falas dos interlocutores. Como cita Herculano, nessa região, não teria espaço para quem não quisesse trabalhar e progredir. Criou-se, assim, uma legitimação da presença do migrante e do trabalho desenvolvido na região, e também um reconhecimento do

“progresso” trazido pela colonização, considerando que, na região, a colonização foi uma expansão que trouxe apenas benefícios para o país.

Essas colocações mostram um enquadramento da memória (POLLAK, 1989) desse processo, a partir da visão do governo impulsionador e do migrante beneficiado. Relembro aqui as memórias subterrâneas, citadas anteriormente, das comunidades que foram excluídas desse processo e que percebem a colonização de uma forma diferente.

Herculano ainda menciona que a forma de vida e a mentalidade do migrante brasileiro era diferente da dele, paraguaio. O migrante é descrito como trabalhador, honesto e com grandes pretensões, frente ao paraguaio que, apesar de ter mais educação, não teria a ambição de progredir como o brasileiro. Essa comparação é feita por paraguaios e brasileiros, no sentido de que o que o paraguaio faz, é pensando no agora, enquanto o brasileiro trabalha pensando no futuro. No entanto, é importante salientar que, muitas vezes, essas colocações são estigmatizadas e preconceituosas, evidenciando um conflito cultural. No caso, Herculano expõe que a região, com a ação dos migrantes brasileiros, seria “lugar de futuro, lugar de trabajo”, reafirmando essas representações sobre o coletivo.

Nesse mesmo sentido, Pedro Valdez fala que “Acá [Santa Rita], desde que llegamos trabajamos, hasta hoy día. Acá no hay tiempo para otra cosa, tenes que trabajar. Es trabajar, trabajar y trabajar.” E sua esposa, Rosalia Valdez, complementou “Y para eso vinimos (risos). Y grasas a Dios estamos aquí”. Ambos se referiam à vida na região, expressando que é um lugar de trabalho e que graças a isso conseguiram um futuro melhor para sua família. Nesse contexto, sobre as memórias da migração para a região, Alido Batista, diz

A tem muitas, porque aqui no Paraguai, vir pra cá, teve muitas oportunidades na vida. Que lá no Brasil talvez a gente não ia ter, porque muitos no Brasil se deram bem, mas já necessitam no Brasil de influências, de padrinhos, e aqui no Paraguai, eu graças a Deus, sempre a gente entrou com essa intenção de trabalhar. Então toda a luta que a gente teve e todas as dificuldades que enfrentamos e foram superadas é o fruto que se vê hoje esse progresso. Isso que me deixa orgulhoso de ter vindo e fazer parte da história dessa colônia aqui nesse país. (Alido Batista, 2015)

Ele aponta para o Paraguai como um lugar de oportunidades, onde pôde crescer através do trabalho. Pois, apesar da luta e do sofrimento, alcançou progresso. E compara com o Brasil, onde não sabe se teria esse resultado. Essa comparação foi

feita também por migrantes, que dizem que no Brasil não tiveram as mesmas oportunidades e não teriam crescido como no Paraguai. Alido ainda menciona o orgulho de fazer parte da história dessa colônia, se colocando como agente transformador desse espaço.

Assim como ele, alguns migrantes se afirmam como “formadores” do espaço e parte do progresso na região. Esse relato é um exemplo de discursos recorrentes, que através de memórias positivas, reafirmam uma imagem de progresso decorrente da colonização.

Progresso que é a marca do município, como pode ser visto em diversas matérias¹⁰⁴ e também como foi registrado em meu trabalho de campo. Mauro Leite, por exemplo, disse que “Dentro do Paraguai, Santa Rita hoje é vista e considerada a capital do progresso, a cidade que mais cresce no país”. Assim, como Marcio Pofirio¹⁰⁵ que, ao falar sobre as características do município, disse, “Cidade progressista. É o slogan: cidade do progresso.” Esse progresso está relacionado com a agricultura e com a pujança do agronegócio, que, segundo os discursos, desenvolveu e impulsionou a região. Como pode ser visto, também, na fala de Pedro Benitez, ao descrever a cidade:

Como dice el eslogan, el emblema de la ciudad es “La ciudad progresista”. Principalmente es una ciudad donde netamente se hace trabajo, todo el mundo trabaja y eso es lo que hace crecer a la ciudad, hace enaltecer como una ciudad progresista. Aparte del trabajo también hay lugares que se puede conocer, tenemos el emblemático túnel de árboles que es en la ciudad de Santa Rita, que todo el mundo conoce. Después tenemos la fiesta más grande de la ciudad que es la expo Santa Rita que se hace todo el año, viene gente prácticamente de todo el Paraguay, gente extranjera también, vienen a visitar, a conocer, y de paso Santa Rita se gana trabajo y remuneración con los turistas a través de esa fiesta. (Pedro Benitez, 2015)

Dessa forma, fica evidente como o trabalho se encontra no centro dos discursos que retratam Santa Rita e sua sociedade. O discurso do progresso é transversal e forma um imaginário progressista. Entendo que essas construções, as ações sobre o espaço narradas pelos interlocutores, criam sistemas de memórias (CERTEAU, 2011), dão origem a quadros sociais de memórias (HALBWACH, 1990), que faz com

¹⁰⁴ Disponível em: <<http://www.abc.com.py/edicion-impresa/suplementos/abc-revista/santa-rita-ciudad-progresista-632061.html>>. acesso em 17/12/2017; Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=V_XN66p2c0U>. acesso em 17/12/2017; Disponível em: <<http://www.lanacion.com.py/2016/11/03/santa-rita-capital-del-progreso-paraguay/>>. acesso em: 17/12/2017; e Disponível em: <<http://www.santarita.gov.py/Inicio/historia/>>. acesso em 17 dez 2017.

¹⁰⁵ Marcio Sampaio Pofirio. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/06/2015.

que esses sujeitos construam vínculos entre si e com o território, em uma ação de reterritorialização (HAESBAERT, 2004, 1997). Tem-se assim, a constituição do sentimento de pertencimento com o local e a base para o compartilhamento de memórias entre os migrantes, que constroem sua imagem, e a do espaço, a partir dessa característica. Portanto, esse é um elemento constituinte do sentimento de pertencimento ao coletivo que se fixa no local. Lembrando que, nesse contexto, o trabalho e o progresso estão relacionados com a expansão do agronegócio.

3.7 Mulheres na colonização

As mulheres migrantes na região, apesar de participarem ativamente no processo de colonização, compartilham memórias construídas a partir da afirmação das ações masculinas nesse espaço. Foram entrevistadas 18 mulheres, migrantes paraguaias e brasileiras. Dentre elas, 10 foram entrevistadas individualmente, 5 foram entrevistadas com o companheiro, uma foi entrevistada junto com o filho, e 2 foram entrevistadas juntas. E dentre essas, encontrei algumas mais de uma vez, em diferentes ocasiões, enquanto outras foram apenas uma vez. Suas narrativas revelam memórias que não são exibidas nos discursos oficiais do processo de migração, mas que mostra o íntimo das relações familiares no processo de fixação no Paraguai e de reprodução das referências nesse espaço.

Nilsa Kunkel se refere às mulheres no período de colonização de Santa Rita como “A turma de mães que comeu o pão que o diabo amassou”, apontando o trabalho árduo daquelas mulheres na criação dos filhos em uma região isolada. Leontina Deuner ilustra a importância do trabalho das mulheres, após ela ter adoecido – e não mais poder trabalhar no campo – foi um dos principais motivos que forçou sua família a vender a colônia de terra e migrar para a área urbana de Santa Rita. Relatos como estes, mostram as ações das mulheres no processo de migração e na fixação no novo espaço.

Na maioria dos relatos das mulheres, elas não escolheram migrar para o Paraguai. Parte delas conta que os pais ou os esposos foram conhecer e comprar terras e elas só migraram depois. Valeria Schneider migrou com 6 filhos, “pois vinha ou ficava sozinha com os filhos”; Leontina migrou com esposo e 5 filhos, segundo ela venderam-lhes uma ilusão de ficar ricos, esperança de mudar de vida; Maria Lucia

Sauer, Valmi Rauber¹⁰⁶, Terezinha Birnfeldt¹⁰⁷ e Maria Peter¹⁰⁸ migraram com os pais e irmãos ainda quando meninas, largaram os estudos, trabalharam e se casaram na região, todas com migrantes brasileiros; Clair Lottermann¹⁰⁹ não queria migrar para o Paraguai, mas quando chegou já tinha conhecidos e familiares morando na região, e uma pequena vila se formava, então ficou; Teresa era casada com o irmão de Mercedes Schmidt, que por sua vez era casada com o irmão de Teresa, e o que as motivou a migrar para o Paraguai foi “a Família”, que migrou quase toda para o país; Nilva Netsol¹¹⁰, “Eu vim passear e fiquei. Estou passeando até hoje”, indicou que tinha muitos parentes morando na região, que gostou e ficou; já Ivone Schmidt¹¹¹ disse, “Eu tinha vontade de vir, nós sofríamos muito naquelas pedreiras [Rio Grande do Sul], pra trabalhar na roça, e nós vivia só da roça”; e Rosalia Valdez e Bernarda Ortiz¹¹², duas migrantes paraguaias, acompanharam seus maridos para a região, a primeira para trabalhar em um negócio da família e a segunda deixou a docência para investir, com o esposo e filhos pequenos, em um comércio na nova região de colonização.

Por outro lado, Vera Bazzo e Regina Picoloto, migraram ao Paraguai por decisão própria, em 1989, noutro momento de migração. Foram convidadas para atender a demanda de mão de obra do mercado de trabalho que crescia na região. Vera migrou para trabalhar como cabeleireira, hoje é empresária do ramo da estética e fundadora da Fundação *Manos Solidárias* que beneficia famílias carentes com serviço de creche e asilo – na qual Regina também é colaboradora. Regina depois de trabalhar alguns anos nos negócios da família começou a trabalhar como secretária do Parque de Exposição do Centro de Tradições Gaúchas Índio José, e também participava de inúmeros projetos sociais. Tanto Vera quanto Regina, migraram com formação e voltaram a estudar no Paraguai, formando-se também no país, para se aperfeiçoar, mas também como forma de aprender a língua e se integrar com sociedade paraguaia.

¹⁰⁶ Valmi Adiange Rauber. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24/06/2015.

¹⁰⁷ Terezinha Birnfeldt dos Santos. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015.

¹⁰⁸ Maria. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015.

¹⁰⁹ Clair Tereza Lottermann. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 19/05/2015.

¹¹⁰ Nilva Amelia Netsol. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015

¹¹¹ Ivone Laci Schmidt. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015.

¹¹² Bernarda Ortiz de Rios. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015.



Figura 22 – Mulher e crianças em colheita de arroz na região de colonização.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

Maria Lucia, que migrou em 1975, quando criança com a família, relata que não queria migrar ao Paraguai, que queria ficar com a professora para estudar, para ser professora, mas que o pai não deixou: “não deixaria um filho pra traz”. Abandonou a escola no Brasil e não retomou os estudos no Paraguai: “Já tinha escolinha, mas nós não tivemos condições, o pai nunca achou que precisava estudar, precisava trabalhar. [...] e também era muito mato, precisava passar no meio do mato pra ir na escolinha.” Assim, ela e as irmãs só retomaram os estudos quando já eram jovens, quando se ofertou aula à noite para adultos:

Mas era só um experimento, e depois de meio ano acabou. Ninguém deu muito valor. O pai também achou que menina não podia andar de noite na estrada e já não deixou a gente ir. Então faltou aluno, porque já era pouco aluno, era pouca gente morando aqui. Eu voltei a estudar depois dos 40, mas também não cheguei a concluir, faltou o último ano, porque eu tinha meu trabalho e minha casa, daí faltou funcionária, e a prioridade é trabalhar, né? Mas eu vou voltar e terminar. (Maria Lucia, 2015)

Assim como Maria Lucia, Teresinha Birnfeldt também migrou criança, em 1975, e não continuou estudando quando chegou ao Paraguai. Ela diz que o pai não achou que fosse necessário, e assim ela se dedicou a ajudar a família na agricultura e em casa. Esses relatos mostram que apesar de que se construíram algumas escolas na

região, nem todas as crianças participavam das aulas, principalmente para trabalharem com os pais, realidade observada entre meninos e meninas, e não exclusiva feminina. Apesar disso, Teresinha relatou que foi a única filha que o pai ensinou a dirigir, ainda no Rio Grande do Sul, “eu já vim sabendo dirigir, daí eu dirigia por esses matos, por essas picadas (risos). Meu pai tinha uma camioneta e eu andava por tudo, mas era difícil o caminho, porque não secava nunca, sempre era húmido, não vencia secar até que chovia de novo.” E relatando sua atuação, continua,

Fazia de tudo, na roça ajudava juntar raiz. Depois que começamos a plantar nós juntávamos o soja, que era com a foicinha que se cortava. Ajuntava os montes de soja, trilhava na trilhadeira. Empurrava a trilhadeira, saía no balde pra nós ajuntar. Até horas da noite a gente ficava tirando, pra aproveitar que estava seco. Depois foi mudando, outros maquinários. Depois também se plantou menta, meu pai plantou muita menta nas roças. Daí já tinha mais peão, eu já era mais grande e ficava mais em casa fazendo o serviço com a minha mãe. (TERESINHA BIRNFELDT, 2015)

Exemplifica-se, assim, a atuação feminina na agricultura, nos primeiros anos de colonização. Que as mulheres, desde jovens, participavam ativamente no trabalho com a terra, nas preparações, plantios e colheitas e ainda eram responsáveis pelos serviços da casa. O mato, a chuva, o barro são elementos presentes em todos os relatos, pois estes determinavam o trabalho e a mobilidade em toda região. E como mencionado, as crianças colaboravam no trabalho do campo, como pode ser visto no relato de Mercedes Schmidt, que ao se referir sobre à vida nos primeiros anos, diz,

Eu trabalhava, descoivarava, ajudava a amontoar nas caieiras, pra queimada. As crianças voltavam pra casa só com os olhos brancos, o resto era tudo preto, porque eles trabalhavam também, desde pequeno trabalhavam. Chegava em casa e tinha só um poço de água que quatro famílias tiravam água, e daí a gente tinha que colocar a água em uma bacia grande e todo mundo tomava banho ali. É porque tinha que poupar água se não ia secar o poço. (Mercedes Schmidt, 2015)

Noto como toda a família participava do processo de derrubada da mata, que envolvia: roçar, queimar, derrubar, limpar, arrancar raízes, carregar as madeiras. E, depois, todos participavam das atividades do campo. Ao referir-se ao uso da água Mercedes mostra a realidade de restrições vividas e como as famílias cooperavam e compartilhavam as estruturas, além do trabalho em conjunto.

Teresa Birnfeldt relatou que “era tudo muito lindo” nos primeiros anos de colonização e destacou a importância do trabalho em família naquele tempo. Narrou

que, por conta dos bichos, das onças, nos primeiros anos, para ir lavar roupa no rio as mulheres se reuniam em 4 ou 5. Enquanto umas lavavam as roupas, outras cuidavam das crianças. Ela ri ao se lembrar que “cada uma tinha uma meia dúzia de filhos”. Teresa ainda conta que só trouxeram umas galinhas na mudança, e que,

Minha primeira vaca foi trazida de perto de *Ciudad del Este*. Aí potreiro não tinha, então tinha que manter na piola [corda] pra lá e pra cá. Mas essa vaquinha criou muitas crianças com o leite dela, eu tirava o meu, pras crianças, e o resto a gente distribuía, e nunca foi vendido um litro, tudo dado. (Teresa Birnfeldt, 2015)

Mostra-se, assim, a solidariedade entre as mulheres, entre as famílias, e suas formas de organização para a subsistência nos primeiros anos. A questão da alimentação foi bastante mencionada por elas, que descreveram como se organizavam para conseguir alimentos, quando os mercados eram distantes e de difícil acesso, e ainda não tinham produção própria suficiente. Alguns interlocutores relataram que ao migrarem levaram animais, como galinhas, porcos e vacas, para a alimentação familiar. Contudo, nem todos puderam entrar no país com animais, como foi o caso de Maria Peter, que diz,

Não pudemos passar os animais na fronteira, tinha peste do porco eu acho, daí tivemos que nos desfazer de todos os animais. Estava tudo arrumado, mas na última hora tivemos que vender tudo. Começamos aqui sem animal nenhum, sem uma vaca, uma galinha, nem nada, foi complicado. A maioria trouxe animais, justo aquele ano que nós viemos não podia trazer. Fomos comprando umas galinhas para ter o começo, uma novilha para ir criando. Ficamos muito tempo sem leite. Aquela época não era como hoje, era só pão e o que plantava, carne também não era tanto, porque até que nós tinha um começo de porco, e pra comprar era complicado também porque não tinha dinheiro. Até que tivemos umas galinhas, daí tinha ovo e galinha pra carnear, daí melhorou. (Maria Peter, 2015)

Mostra-se a dificuldade de migrar com animais, não só pelo trajeto e distância, mas também pelas barreiras alfandegárias, pois, apesar dos relatos mostrarem que a entrada no Paraguai foi relativamente tranquila, sem burocracia, as aduanas eram atuantes e cada país tinha suas regulamentações que limitavam os fluxos, como de animais e máquinas. Assim, os migrantes tiveram que atender as leis do país, o que influenciou na sua fixação no país. Mostra-se, também, a importância que a criação de animais tinha para as famílias que se fixaram na região, onde não havia recursos. Sem animais, a alimentação das famílias girava em torno da sua própria produção agrícola e da caça, então era preciso colher ou caçar para comer. Nesse sentido, ao

relatar sobre as memórias da migração, Darcila Borré, mostra estratégias de alimentação sem recursos, ao dizer,

A gente era louco, né? Mas o que que a gente ia fazer, se a gente não tinha nada, era pobre lá também. A gente não sabia o que ia acontecer. [Lembro] que a gente passou fome aqui. Não passou mais fome porque tinha caça, pão não tinha, farinha não tinha. Daí fazia com farinha de milho o pão. Com doce de cana, fazia doce, colocava na farinha de milho e fazia um pão. (Darcila Borré, 2015)

Nesse sentido, Maria Lucia fala que no início passaram necessidade porque para comprar qualquer coisa, como farinha e feijão, era preciso andar 10 ou 20 km a pé, “passar por baixo do mato, por dentro do rio”. E ainda diz que seus irmãos mais velhos logo foram trabalhar fora, e ela e duas irmãs ficaram com mais dois irmãos menores na casa: “Então nós tínhamos que fazer papel de homem: nós tínhamos que trabalhar igual homem, tinha que roçar, tinha que derrubar mato de machado, de motosserra, não foi nada fácil.” As narrativas de Maria Lucia mostram como, desde criança, os filhos e filhas dos imigrantes foram inseridos nos trabalhos do campo e enfrentaram dificuldade para frequentar a escola.

A gente foi morar a uns 100 metros da estrada, do que nós considerávamos uma estrada, mas não passava nada além de gente a pé, mas era uma estrada! Todo dia a gente via os bichos passar, veado, porco, os bichos do mato passavam na frente do nosso rancho porque nós estávamos no meio do mato, nós invadimos o território deles. Nós comíamos palmito; pegava erva, era raro, mas tinha pé de erva, nós arrancávamos as folhas e sapecávamos no fogo pra tomar chimarrão. A gente era criança, quase não tomava, mas meu pai fazia isso. Carne só se matasse um bicho, porque até que começamos a criar galinha, ter um porquinho, e plantar mandioca pra tratar esses bichos foi muitos anos assim, muito difícil. (Maria Lucia, 2015)

Nesse contexto, conjecturo que essas formas de organização da produção e do consumo direcionaram a formação do espaço e das relações socioculturais na região. As famílias, que se fixaram, estabeleceram métodos de produção para sua subsistência que permaneceram no tempo e espaço, como a produção, pelo menos parcial, do próprio alimento, o que é particular da vida no campo. E mesmo que muitos passaram a viver na cidade, ainda mantêm na área rural criação de animais e produção de verduras, legumes e frutas, e/ou fazem hortas nos seus terrenos na área urbana. Assim, como menciona Nillva Netsol, que diz que mantêm na propriedade rural uma área para o plantio de mandioca e milho para o consumo, e também uma horta e árvores frutíferas, e complementa: “Carne a gente não compra. Tem galinha,

tem porco, carneia criação mesmo. Daí você compra no mercado o que você não produz como açúcar, farinha, arroz. Antigamente a gente plantava arroz também, hoje já não planta mais.” O que evidencia, que apesar das transformações nos processos de produção, existe uma reprodução das práticas rurais desses migrantes na região.

Esses relatos mostram experiências vividas nos primeiros anos, como se organizavam os migrantes com relação à subsistência alimentícia. Eles dependiam, de mantimentos apenas disponíveis em mercados distantes, das plantações próprias, e do que se tinha na natureza. Os interlocutores relatam a necessidade de ir para *Santa Rosa del Monday, Ciudad del Este* ou Foz do Iguaçu para fazer compras, e as dificuldades de fazer isso com as estradas de terra e muitas vezes sem veículo. Nesse contexto, Teresa Birnfeldt narra como as mulheres se organizavam para irem juntas fazer compras, a pé ou de carona até a vila mais próxima.

Sobre a ausência de lugares que vendessem mantimentos perto das áreas de colonização, Valeria Schneider ainda acrescenta que, quando chegaram ao Paraguai, seu marido vendeu uma vaca e com o dinheiro encheu o carro de alimentos, que serviram de mantimento, para eles e os vizinhos, por muito tempo: “Os vizinhos vinham buscar de carrinho de mão”. Nas entrevistas percebeu-se a mulher como responsável por organizar os mantimentos e principalmente produzi-los. Na maioria das vezes, as mulheres que cuidavam dos animais como vacas, porcos e galinhas e de hortas de verduras e legumes para o consumo da família e em alguns casos, também para a comercialização. Como Leontina que cultivava horta para vender aos moradores locais e Ivone Schmidt que diz,

Eu fiz muito queijo também. Tinham uns que vinham de *Asunción* comprar. Eles passavam em toda parte, a cada semana, nas quintas-feiras eles vinham, podia esperar. E passavam nas vilas porque todo mundo fazia queijo naquela época. Eles tinham um caminhãozinho e levavam cheio. É porque eles fazem chipa em grande quantidade. (Leontina Deuner, 2015)

Noto que a produção local de queijo abasteceu o mercado regional e também nacional, com vendas para outras regiões, o que mostra outra faceta da produção, e não apenas a do agronegócio. Isso é percebido tanto no comércio de laticínios como de animais e carne, com granjas e pequenos frigoríficos que comercializam com outras regiões do país. Percebe-se assim, o trabalho da mulher e sua contribuição com os rendimentos da família. Sobre isso, Maria Peter diz, “Trabalhei sempre na roça, e de vez em quando trabalhava fora pra conseguir uns trocos pra comprar

mercadoria. Trabalhava na roça mesmo, nos vizinhos, ajudava a tirar leite, a cuidar da casa. E daí era por dia, duas vezes só trabalhei por mês.”

A vida nas comunidades, nos primeiros anos de colonização, é lembrada pelas mulheres que relatam a solidariedade praticada entre vizinhas, comadres, amigas. Maria Lucia narra: “a vida na comunidade era muito boa, saudade dessa época, me espelhei nas pessoas mais velhas, nas vizinhas, que ajudaram muito e aprendi muito com elas.” Os relatos mostram uma rede de apoio mútuo que se formou entre as mulheres, como é visto no que diz Maria Lucia,

Nós éramos quatro moças aqui em Santa Rita, então era aquele mundinho bem pequenininho o nosso. Poucas moças, mas muito unidas. [...] E a nossa diversão no domingo de tarde era vir pra vila, olhar a piazada [meninos] jogar bola na frente da escola, no chão, na terra. Era nossa diversão. [...] Depois de casadas nós nos reuníamos à noite com os vizinhos pra jantar, pra comer uma galinhada, ou até às vezes jogar baralho. Era muito lindo esse tempo. Mas aqui cresceu muito rápido, Santa Rita cresceu muito rápido. Então o povo, os que tinham condições, começou a comprar terras e se ocupar muito. E nós começamos a nos encontrar só nos domingos na missa ou em algum bailinho, festas. (Maria Lucia, 2015)

As comunidades eram pequenas, as relações eram mais fortes, essa é uma nostalgia das memórias compartilhadas sobre os primeiros anos de colonização. São muitos os relatos sobre as “galinhadas” nas casas dos vizinhos, das tardes de chimarrão quando chovia, dos domingos de visitas nas casas uns dos outros, o que dizem que foi diminuindo com o tempo, que não é mais assim. Nilsa Kunkel relata,

No domingo era muito gostoso na igreja. Ali todo mundo falava o que tinha trabalhado na semana pra daí já se preparar pra trabalhar a semana de novo. Muitas pessoas, uns ajudavam os outros, porque não era fácil, tinha que colher o soja com trilhadeira, cortar tudo com foice. (Nilsa Kunkel, 2015)

Trago novamente a questão do trabalho coletivo presente nas comunidades, mas chamo a atenção para como essa organização se dava, nos momentos de sociabilidade, aos domingos, na igreja, entre todos. Observo a constituição de vínculo entre os migrantes e a territorialização exercida por eles ao empreenderem suas formas de reprodução em todos os âmbitos naquele espaço. Como já referenciado, os migrantes construíram as primeiras escolas e esses espaços serviam também para celebrações religiosas e eventos sociais. Sobre isso Nilva Netsol menciona que, “Ali fazia missa de manhã, de tarde fazia festa e de noite dançava no mesmo lugar. [...] naqueles anos, quando fazia uma promoçõzinha, uma festa, o pessoal ia, porque era

aquele que tinha, se você não ia não tinha outra coisa.” E sobre o trabalho nesses eventos Nilsa Kunkel diz,

Na igreja nós estávamos sempre em 5 ou 6 mulheres, pra fazer as cucas, pra fazer as saladas. Nunca foi comprado nada, tudo era nós mesmo que fazíamos pras festas da igreja, pras festas de casamento. Era sempre assim, nós mulheres nos juntávamos e fazíamos. Só depois de um tempo que em Formosa já tinha padaria, mas nos primeiros anos não. (Nilsa Kunkel, 2015)

Conjecturo que, por meio dessas práticas, os migrantes formaram novos quadros sociais de memórias. Esses relatos mostram uma nostalgia com relação ao passado e, percebe-se que essa é uma (re)construção de memória amparada em um passado idealizado, como indica Candau (2011, p. 95-97). Nota-se que é feita uma seleção de memórias como forma de fixar referências positivas sobre a colonização do espaço, principalmente da vida em comunidade. Outros relatos descrevem adversidades, como conta Leontina, sobre suas memórias da região:

Era sertão, bicho e gente pobre. [...] Às vezes eu fecho os olhos e lembro daquela casinha verdinha que eu vi no começo. Aquele asfalto começando, cheio de buraco, muitos bugres trabalhando, muito gado solto, bastante bicho. Bicho atravessando o asfalto, cobra, veado, todo e qualquer tipo de bicho. E muitos ranchos, muita pobreza, e muito pouca coisa boa. Muito sertão, novidades que chegavam... [...] Aqui cada um que entrou nos anos 70, 80, passaram fome, passaram frio, não tinham nada pra comer. Eu perdi duas vezes meu rancho, “de ficar olhando pro céu”, no inverno, na chuva, à noite, com temporal de arrancar a casa inteira e eu dormindo em cima de tudo molhado, e os filhos nos outros ranchos onde não tinha chovido dentro. Eu vivi isso aí. (Leontina Deuner, 2015)

Aponto que nesse relato há um apanhado de vivências que são utilizadas para justificar ligação e continuidade na região. Compõe-se de nostalgia, com a descrição do espaço e suas mazelas, “sertão sem civilização”, e usa-se do sofrimento, a luta vivida, para justificar o pertencimento ao lugar. A frase “Eu vivi isso aí” evidencia a afirmação de pertencimento, continuidade e territorialização no novo espaço. Relatos como esse foram recorrentes entre os interlocutores, e Leontina conjuga suas memórias com as dos demais migrantes que, também viveram essa realidade nos primeiros anos de fixação na região, o que mostra uma construção de vínculo com o coletivo a partir do vivido, das experiências (JELIN, 2001). A menção como “bugre”, mostra a imagem de não civilização que se constrói sobre os indígenas na região, por suas diferenças socioculturais, o que também contribui para uma afirmação da identidade migrante como mais propensa a colonizar a região.

Nesse contexto, alguns são os relatos sobre as dificuldades de comunicação e transporte, pois não existia infraestrutura. A falta de comunicação com os familiares no Brasil é um pesar frequente entre os migrantes, que só após alguns anos tiveram acesso ao primeiro telefone, que foi instalado na comunidade de Cerro Largo. Sem comunicação, os migrantes não tinham notícias do ocorrido com os familiares e tampouco podiam comunicar ocorridos na região. Segundo as narrativas, houveram acidentes e até mortes que não puderam ser avisados prontamente aos familiares e amigos distantes. E, com isso, também narrou-se a saudade dos entes queridos e distantes. Pois apesar de alguns terem migrado entre famílias, deixaram toda uma rede de relações e também uma realidade de vida. Sobre isso, Clair Lottermann diz,

Choramos muitas vezes. Porque nem eu nem ele nunca tínhamos morado longe dos pais. E quando nós chegamos aqui não tinha nem telefone, nada. Tinha um telefone de manivela em Cerro Largo. E era difícil uma ligação, a cada dois ou três meses nós conseguíamos uma ligação pra lá (Brasil). O resto era carta. E funcionava porque vinha até Foz do Iguaçu e o padre trazia até na igreja pra nós, o correio era assim. (Clair Lottermann, 2015)

Bella Feldman-Biaco trata sobre esse tema, a saudade, baseada em outra realidade migrante, mas mostra como os migrantes passam a se organizar e reconstruir representações do local de origem no novo local de fixação, como forma de ligação. A saudade dos familiares, dos vizinhos, das paisagens, do modo de vida é transplantada na reimpressão das representações da origem no novo local. O que se percebeu em Santa Rita nas construções dos espaços, das comemorações, das celebrações, e também, posteriormente, na criação de eventos de afirmação local a partir desses referenciais. Como a formação do CTG Índio José e a realização de sua feira de exposições, a Expo Santa Rita, que servem como ponte de ligação entre a origem e o novo espaço de migração. Sobre o que discorro adiante.

Outro aspecto relatado como de dificuldade na região foi o da saúde, pois não se teve hospitais na região durante alguns anos. Assim como para comprar mercadorias, a farmácia mais próxima era em *Santa Rosa del Monday*, e hospitais eram em *Ciudad del Este* ou Foz do Iguaçu. Depois já havia farmácia e hospital na região, mas mesmo assim era de difícil acesso e com poucos recursos. Como pode ser visto no relato de Maria Peter, que diz,

Difícil da época era a saúde. Se precisava tinha que ir para Foz [do Iguaçu] ou *Ciudad del Este*. Quando nosso filho nasceu nós tivemos que ir lá pra fora.

Eu estava me tratando aqui com um farmacêutico que era parteiro, mas quando viu que não ia dar pra ser parto normal me levaram pra fora, no KM 16, hoje *Minga Guazú*. (Maria Peter, 2015)

E mesmo após a região ter farmácias e hospitais alguns migrantes preferem cuidar da saúde no Brasil. Por exemplo, Valmi Rauber, disse que se sente mais segura com relação à saúde no Brasil, enquanto Valeria Schneider diz que ela já se trata há muitos anos no Paraguai e não pensa em ir para o Brasil cuidar da saúde. Percebem-se diferentes posicionamentos nesse assunto, mas ressalto que a saúde ainda é um dos serviços que os migrantes buscam no Brasil. Além do sentimento de segurança também tem a questão dos custos, visto que no Brasil, alguns migrantes conseguem atendimento pelo Sistema Único de Saúde - SUS (SOARES, 2017).

Sobre a atuação política das mulheres, Regina Picoloto e Teresa Birnfeldt foram *consejales* no município – equivalente a vereadores no Brasil. As duas, cada uma de sua forma, manifestam que durante o período em que estavam na administração de Santa Rita buscaram trabalhar com cursos profissionalizantes para senhoras e jovens, e também que buscaram sensibilizar a questão da integração entre brasileiros e paraguaios. Entretanto Regina e Teresa lamentam não terem conseguido alcançar todos seus objetivos na política, por conta da burocracia e da falta de verba para projetos.

Teresa expressou: “nós já trabalhamos muito por Santa Rita, muito mesmo, [...] e tudo com união”. Além de participar da política no município, Teresa envolveu-se em diversas atividades de formação de espaços sociais como: a construção da primeira escola da *Esquina Gaúcha*; a construção da igreja católica e depois da igreja evangélica; a organização do grupo de *Damas da Igreja Evangélica* – o qual desenvolve atividades para arrecadar verba e contribuir para atividades sociais, como a construção de um clube social e de um colégio, e melhorias em espaços públicos do município. Teresa também é chefe da cozinha da Expo Santa Rita há alguns anos e participa do grupo da terceira idade do *distrito*. Assim, ela é exemplo de protagonismo e ação feminina na formação do espaço e na reprodução dos referenciais socioculturais. Como uma das primeiras moradoras da região, suas ações, simpatia e disposição são bastante lembrados pelos interlocutores.

Outro fator mencionado por Maria Lucia é o do casamento: “Quando eu tinha 16 anos comecei a namorar, muito nova. Quando tinha 17 já tinha um filho, e com 18 já tinha outro. Com 28 eu tive a terceira filha.” Essa descrição é acompanhada de uma

narrativa que descreve como era o namoro na época, o casamento com um vizinho também migrante, como moraram no sítio até as crianças precisarem ir para a escola, quando se mudaram para a área urbana. Com seu esposo, primeiro trabalhou na agricultura e depois, na área urbana foram sócios de um bar por um tempo. E na época da pesquisa Maria Lucia era costureira. Sem intenção de generalizar e padronizar o comportamento social local, o qual varia por diferentes fatores. Contudo, esta ação, com múltiplas variáveis, foi observada constantemente: jovens casam cedo, trabalham na agricultura, trabalham na cidade, criam seus filhos na região. Percebe-se como uma forma de reprodução sociocultural local.

Nesse contexto, um tema observado e discutido com as mulheres da região foi o divórcio, principalmente dos mais velhos, que migraram casados ao Paraguai. Essa é uma questão delicada, tratada em confidência durante o trabalho de campo, por isso, não discorro sobre o tema. Trago apenas para evidenciar a recorrência marcante de divórcios no *distrito*. Percebeu-se um sentimento de pesar nas mulheres por serem divorciadas, em relatos e práticas que mostram a intenção de invisibilizar essas memórias, mas que são expostas no sofrimento das mulheres. Esse tema pode ser abordado mais profundamente, mas não cabe no escopo desse trabalho.

As atividades desenvolvidas nos primeiros anos de fixação se estendem até os dias atuais, com variações, adaptações de acordo com as mudanças na sociedade. As celebrações religiosas continuam sendo catalizadoras, as quais reúnem e organizam a população local, com eventos e atividades. Por exemplo, Nilsa Kunkel, referindo-se à pastoral da oração da igreja católica, diz “Temos grupo de oração todas as terças feiras. Se reúne na casa de cada uma das mulheres do grupo de oração. Grupo bem forte.”; enquanto Terezinha Birnfeldt e Ivone Schmidt mencionam as atividades do grupo de damas da igreja luterana, como bazares beneficentes e venda de comidas para arrecadar fundos. Além disso, a igreja católica continua realizando festas comunitárias, nas quais a sociedade em geral participa na organização e na confraternização – mulheres se organizam para os serviços da cozinha e os homens para o churrasco e as bebidas.

Nesse contexto, também se tem o grupo da terceira idade no município, o qual não tem vínculo direto com a igreja. Neste grupo, a presença de mulheres é preponderante, sendo que são mais de 70% dos participantes. São feitas atividades e eles usam o salão da igreja católica como sede, porque contribuíram com dinheiro

para a construção do espaço. Alguns dos entrevistados mencionaram participar do grupo da terceira idade, assim como Clair Lottermann que diz,

Aqui nós temos um grupo muito forte da 3º idade. A gente se reúne bastante, se reúnem uma vez por mês no terceiro domingo. E nós saímos visitar os outros grupos, são 22 grupos. Tem em *Naranjal, Santa Rosa*, km 32, *Colonia Iguazú, Mingua Guazú*, lá pra baixo pra *Encarnación*, pra todos lados nós vamos. O nome do nosso grupo é Reviver. Tem cento e poucas pessoas que participam, muito gostoso. [...] Uma vez por ano nós temos festa do grupo da 3º idade. A nossa é em setembro, no terceiro final de semana. É nessas festas que nós vamos nos outros lugares, cada um tem a sua. Essas festas enchem, participam grupos de todos os lugares. A nossa última festa aqui nós vendemos 1200 almoços. É muito legal. (Clair Lotterma, 2017)

Com isso, noto uma nova organização social, na qual os mais velhos, já fixados na região há muitos anos, se apropriam do espaço e criam novos laços locais e novas redes entre os municípios da região. Nota-se que esses grupos reúnem migrante brasileiros e paraguaios em uma nova faze de vivência no território.

Sobre a relação entre as mulheres, brasileiras e paraguaias, as narrativas indicaram que ocorrem nas atividades sociais, como nas festas da comunidade, nas relações comerciais, nas aproximações familiares, com casamentos entre brasileiros e paraguaios. As interlocutoras citam trocas de receitas de comidas, e indicam que aprenderam umas com as outras. Também falam da relação dos filhos, que já são todos paraguaios, da aprendizagem da língua, e narram que, no geral, cada uma fala sua língua e assim se entendem. Por exemplo, Bernarda Ortiz de Rios menciona que viajava com as vizinhas “cada una hablaba su lengua y todas se entendian, buscaban entenderse, hablar castellano fácil, abierto, lento. No puede ser cerrado.” Dificuldades com a língua são citadas por Vera Bazzo, que diz,

No primeiro dia que eu comecei a trabalhar nesse salão de beleza que era dessa família, eu trabalhei até 10:30 da noite. E eu não entendia uma palavra em espanhol. Os clientes chegavam, me pediam eu quero o corte tal. Eu ia na vizinha, chamava a vizinha e falava “você pode me explicar o que eles estão pedindo?” A vizinha falava, em português, “é o corte tal.” Beleza, sabia o corte. (Vera Bazzo, 2015)

Vera, que chegou em Santa Rita em 1989 voltou a estudar no colégio local para aprender a língua e poder se comunicar. Ela cita que não foi difícil, foi só se acostumar, visto que nunca havia tido contato com o castelhano. Vera chegou na região em uma outra época, quando a via asphaltada já havia sido construída e Santa Rita tinha um início de área urbana. Vera cita as oportunidades na região nessa época, e menciona

a migração posterior de todos os membros da família para trabalhar na cidade. Com isso, ela ressalta o acolhimento da população local e o trabalho desenvolvido na região, como valor local, como já analisei anteriormente.

Inúmeras coisas aconteceram durante todos esses anos. A minha vinda pra Santa Rita, foi uma vinda muito abençoada porque não só eu, como toda a minha família, passava por inúmeras dificuldades em Santa Catarina. Nós passamos por muitas dificuldades aqui no Paraguai: financeira, acidentes, mortes na família, muitas coisas difíceis. Mas eu falo assim: que o Paraguai, e Santa Rita, para minha família, meus pais meus irmãos, foi uma benção na nossa vida. Porque aqui foi onde a gente conseguiu o nosso trabalho, as condições financeiras que nós temos hoje, tudo o que nós conquistamos, empresa, tudo que nós conquistamos por oportunidades que Santa Rita e o Paraguai nos deu. Porque você sabe que imigrante, não é muito fácil você chegar num país diferente e ter oportunidade de você crescer. E Santa Rita, sempre falo assim, é uma cidade muito acolhedora, porque todas as pessoas que moram aqui foram um dia acolhidas pelas pessoas que já moravam, porque nós tivemos oportunidade de trabalhar. (Vera Bazzo, 2015)

Observou-se mulheres ativas nas ações da região, como no trabalho no campo, nas igrejas, nas ações das escolas, na organização de uma fundação beneficente, em projetos sociais, na política, na organização do grupo da 3^o idade e também como empreendedoras de diversos negócios. As festividades das instituições sempre têm as “mães” ou as “damas” como organizadoras. As “donas de casa”, muitas vezes, fazem pão para vender, cultivam horta para vender verduras e legumes, fazem artesanato para vender, ou ainda, as que moram na área rural, cuidam dos animais, tiram leite, fazem queijo, vendem ovos, dentre outras coisas. E claro, elas estão presentes nos comércios, nos empreendimentos e na política.

Percebi que, principalmente, as “donas de casa”, visitam umas às outras durante as tardes. Reúnem-se para tomar chimarrão ou *tereré*, comer pipoca ou outras guloseimas feitas por elas, como pães, cucas, bolos. Algumas jogam baralho, e até me convidaram para uma rodada em uma tarde. Mostra-se, assim, uma ligação afetiva forte entre a vizinhança e a conservação de vínculos de parentesco e de compadrio. Nessas atividades, não se exclui a presença de mulheres paraguaias, mas dizem que são poucas que participam por terem “costumes diferentes”. As migrantes brasileiras e suas descendentes, formam, então, uma rede na qual são reproduzidas referências de origem, como o idioma do Brasil, e dos ascendentes europeus. Em algumas localidades, como em *Cerro Largo*, onde há moradores de descendência germânica, o alemão é recorrente nesses encontros. Também se reproduzem hábitos

alimentares ligados ao Brasil, e se percebe algumas incorporações dos hábitos do Paraguai, com comidas típicas como a *chipa*.

Dessa forma, as mulheres estão no centro das reproduções sociais na região, responsáveis, dentre outras coisas, pela (re)construção de práticas e espaços de sociabilidade e produção. Representações fixadas que remetem tanto ao vínculo com a origem, como ao vínculo com o novo espaço de fixação, em um “trabalho”, “jogo” de memórias. (CANDAU, 2011; JELIN, 2001)

3.8 Memórias de transformação

As narrativas dos migrantes brasileiros que se fixaram em Santa Rita refletem as transformações territoriais e os movimentos de migração que ocorreram em torno de suas redes de sociabilidade. Por exemplo, narram sobre como se modificou as práticas no espaço com o avanço da tecnologia, citam as pessoas que migraram por diferentes motivos como: porque venderem suas terras; porque eram arrendatários; porque tiveram problemas de saúde; porque não se acostumaram com a região; porque seguiram para outras frentes migratórias. Essas narrativas são repletas de significados, mostram a dinâmica sociopolítica e econômica da região. Mas também refletem o contexto global de mobilidade e produção, de acordo com os fluxos gerados com a expansão do agronegócio transnacional.

Juacir Repossi diz: “Eu vim para o Paraguai com meus pais e oito irmãos, para a região de Santa Teresa. [...] Em 1979 me mudei para *Kuimba’e* com esposa e filhos [...] depois eu trouxe meus irmãos”. Essa fala faz parte de um relato sobre a trajetória migratória da família de Juacir que mostra que seus pais migraram primeiro de Minas Gerais para o Paraná e depois para o Paraguai em busca de melhores condições de vida, e que os filhos repetiram a ação de migrar dos pais depois de adultos, já dentro do Paraguai. Como conseguiu prosperar economicamente em *Kuimba’e*, o migrante levou os irmãos para trabalharem juntos na agricultura e no negócio de cerealista, em uma sociedade que perdura até os dias atuais. uma migração em rede familiar que se mantém através da reprodução da atividade econômica. O agricultor e empresário conta que, ao longo dos anos, ele e seus irmãos compraram terras em outros lugares do Paraguai. Isso mostra como, ao se estabelecerem no país, alguns dos migrantes buscam expandir seus negócios. Juacir acrescenta que os descendentes da família são paraguaios, que alguns vão para o Brasil para estudar – em universidades do

Paraná ou do Rio Grande do Sul –, contudo, todos voltaram ao Paraguai. Desse modo, houve uma fixação de quatro gerações no país.

Nesse mesmo sentido, outros relatos expõem como os migrantes se expandem em rede seguindo o fluxo da modernização da agricultura. Francisco Mesomo, por exemplo, exemplifica que a princípio ele e seus irmãos compraram terras próximas umas das outras, mas que com o tempo eles foram comprando terras ao redor, dos vizinhos, e também terras em outras regiões do Paraguai. Que eles continuaram analisando as conjunturas, políticas e econômicas para continuar migrando ou se fixar. Com isso, percebe-se a rede transnacional do agronegócio, na qual as fronteiras nacionais são consideradas para análises políticas e econômicas da possibilidade de produção e expansão, mas, que segue um fluxo contínuo em um movimento de expansão da produção em toda região fronteira entre Paraguai, Brasil, Argentina, e até Bolívia. No que toca à experiência de Francisco, ele diz,

A minha intenção era vir ao Paraguai, ficar uns tempos, tentar construir algo melhor e voltar para o Brasil. Fiquei 10 anos com esta intenção: trabalhar, movimentar, formar um capitalzinho maior, vender aqui e voltar para o Brasil. E nesse tempo, eu viajei bastante. Tinha eu mais meu irmão a gente viajava, Mato Grosso, Belo Horizonte, Goiás, fomos acompanhando o desenvolvimento do Mato Grosso, nossos amigos, parentes que foram pra lá. Então a nossa intenção era voltar para o Brasil, talvez para o Mato Grosso. Mas como teve muita dificuldade em Mato Grosso na época, nós sempre víamos que aqui nós estávamos talvez num lugar melhor, para a nossa possibilidade, do que investir naquela região. E fomos acompanhando e vendo os prós e os contras analisando. E continuamos a investir aqui. [...] há mais de 20 anos que resolvi vir para Santa Rita, construir uma casa para vir morar para ficar mais perto para os meus filhos estudarem, foi daí que foi firmando mais para ficar mais definitivo, ficar aqui no Paraguai. Mas a intenção no início era voltar. (Francisco Mesomo, 2015)

Notam-se estratégias de acordo com as possibilidades e benefícios da migração. Nesse mesmo sentido, levantei outros relatos dos interlocutores. Como de Mercedes Schmidt e de seu filho Airton Schmidt, que falam sobre a mobilidade da família e mostram como se expandiu.

Eu que vim de lá com quatro filhos já tenho bisnetos. E a família tá tão espalhada, tem gente até no Mato Grosso. No total eramos em 9 irmãos. Todos entraram no Paraguai, mas alguns voltaram pro Rio Grande, outros pro Mato Grosso, outros pro Chaco. Mora aqui, mas tem terra no Chaco. (Mercedes Schmidt, 2015)

Airton Schmidt continua o relato da mãe dizendo: “Mas dos que vieram aqui a maioria ficou aqui e os filhos migraram depois para outros lados” (Airton Schmidt,

2015). Mostram, que dos membros da família que migraram para a região, poucos voltaram para o Rio Grande do Sul, a maioria se fixou em Santa Rita ou investiu ou migrou para outras regiões dentro do Paraguai, e ainda, alguns migraram para o Mato Grosso, no Brasil. A expansão da agricultura permeia essas trajetórias, direcionando-as, de acordo com os preços das terras, e possibilidades de mobilidade. O que denota é que os pais, que orientaram a migração para o Paraguai, se fixaram em Santa Rita, e os filhos, que participaram desse processo, migram para outras regiões, continuaram com o fluxo da rede de mobilidade.



Figura 23 – Família em Frente a casa nos primeiros anos de colonização.

Fonte: Acervo particular de Mercedes Schimidt.

Nota-se estratégias que se orientam de acordo com os regimes de mobilidade (GLICK SCHILLER; SALAZAR, 2013). Fica evidente a expansão do agronegócio a partir da mobilidade das redes familiares. E, ao mesmo tempo, se percebe que essa expansão tem diferentes facetas. Pois, enquanto alguns se mobilizam para expandir a agricultura mecanizada, outras redes têm diferentes realidades, como a dos colonos que vendem suas propriedades e vão para outras regiões, ou para a área urbana, muitas vezes deixando a agricultura. Também tem a realidade da rede de trabalhadores, agregados, que participam desse processo acompanhando o fluxo da

expansão da agricultura, como mão de obra. A realidade dos excluídos desse processo, por não compartilharem do mesmo modo de produção, como os indígenas e camponeses no Paraguai. Dentre inúmeras heterogeneidades possíveis entre grupos que se formam a partir do contexto vivido.

Outra família que se estabeleceu no Paraguai é a de José Dapieve, que migrou ao país em 1973, juntamente com familiares e amigos, e se fixou onde hoje é o bairro de San José em Santa Rita. Segundo seu filho Oscar Dapieve, “Depois que meu pai faleceu, dividimos as terras entre os irmãos, [...] eu comprei a parte das minhas irmãs e depois comprei terras mais pra frente, e começamos a destoca de novo”. Oscar diz que, tanto ele quanto suas irmãs se casaram, e continuaram, no Paraguai: ele na agricultura, e elas principalmente com empreendimentos na área urbana. Segundo ele, há alguns anos sua mãe voltou a morar no Brasil, em Santa Terezinha de Itaipu, mas mantém sua casa em Santa Rita, a qual sempre frequenta. Oscar ainda diz que,

Cada dia chegava um caminhão de mudança [referindo-se a diversas famílias que chegavam para se fixar na região, na sua maioria da região sul do Brasil]. E depois, caminhão com gente que vinha arrendar terra, plantar menta, ajudar nas derrubadas, essas pessoas eram do norte, todos arrendatários.[...] Depois disso começou a destoca. Daí foram indo embora. Agora, a maioria voltou para o Brasil. Os que conheci naquela época estão em Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu. (Oscar Dapieve, 2015)

Segundo Oscar essas famílias “lam se mudando, vencia um contrato e mudava pra outro”. Esses contratos duravam de 4 a 5 anos, e os arrendatários seguiam a rede, o fluxo da menta. Partiam do Brasil, seguindo o processo de produção da menta – para o qual é imprescindível a “terra virgem” – que ocorre após o desmatamento e precede a destoca. O fluxo dessas famílias arrendatárias foi grande e constante, e apesar da importância produtiva e econômica gerada em determinado momento, gerou pouca fixação na área agrícola na região. (VOLL, 2015; SCHALLENBERGER; SCHNEIDER, 2008).

Nesse segmento, Oscar diz que por volta de 2002 – em uma área de terra recém-comprada mais ao interior do país – havia aproximadamente 70 famílias arrendatárias plantando menta, mas com a desvalorização do produto, essas famílias não conseguiram mais se sustentar na atividade: “levei muitas embora, colocava no caminhão com suas mudanças e levava para os sem-terra [MST], no Mato Grosso, para ajudar.” Mostra-se assim como estão relacionadas às atividades agrícolas nos dois países: não só na implantação da mecanização, mas também nas atividades

invisibilizadas que permeiam o processo da agroindústria. Constatase que famílias brasileiras entram no Paraguai, sem condições econômicas, para trabalhos exploratórios. Essas famílias não se fixam, tampouco conseguem retornar ao país de origem com alguma recompensa econômica, o que as leva a buscar movimentos sociais para reivindicar direitos.



Figura 24 – Plantação de menta na região de colonização.
Fonte: Acervo particular de Marcia Mesomo.

Os arrendatários não são reconhecidos como pioneiros ou como migrantes na região: são os “arrendatários” ou “menteiros”, que fazem parte da memória como “outro” mesmo sendo também brasileiros. Oscar diz: “a cada pouco se via uma casinha de menteiro”, contudo, exceto por breves relatos, esses sujeitos quase passam invisíveis nas narrativas sobre a transformação da região. Isso mostra uma seleção de memórias – a qual silencia ações não reconhecidas como de “valor”, como a posse da terra e da agricultura mecanizada – e invisibiliza os menos favorecidos economicamente, além de indicar que não migraram ao Paraguai apenas brasileiros com condições econômicas. Havia os que migraram na qualidade de mão de obra que, com a mecanização da agricultura, regressaram ao Brasil ou se fixaram nas

áreas urbanas formadas no Paraguai; tema estudado amplamente por autores como Sprandel (1992, 2006); Cortês (1994); Costa (2009, 2013).



Figura 25 – Imagem aérea de Santa Rita em 1994.
Fonte: Acervo particular de Mirian de Herera.

José Dapieve loteou parte das terras próximas a carretera *Ruta 6* no fim dos anos 1980. Como diz Oscar, “vendemos terrenos para gente de todo lado [...], investimento. Todo mundo colocando lojas”. Exibe-se como os migrantes reorganizaram suas atividades produtivas a partir da rodovia que foi construída no meio do espaço ocupado. Os proprietários de colônias de terras, que foram “atravessadas” por essa via, “lotearam” e venderam terrenos nas laterais da via, e investiram em outras regiões para a agricultura. Conforme diz Antero Bressan, “ninguém foi indenizado, mas ninguém reclamou, pois, os benefícios foram muitos”. Os proprietários lucraram com a venda de seus terrenos e impulsionaram um novo fluxo migratório para a região: migrantes já estabelecidos em outras áreas do Paraguai; e migrantes brasileiros – e migrantes paraguaios – que chegam para investir e atender as necessidades de uma nova área urbana.

Tengo una anécdota que te voy a contar. Nosotros cuando comenzamos a lotear hemos traído vendedores profesionales de Brasil. Corretores de Inmuebles, como ustedes le dicen en Brasil, profesionales. Trajimos de São Paulo y un profesional y el trajo entre 6 y ocho vendedores profesionales. Se le pagaba una comisión por cada venta. Bueno, entonces ellos nos ilustraron, nos mostraron, nos presentaron un tipo de trabajo para que eso tenga sucesos. Se hacía un lanzamiento de un loteamiento, colgábamos nuestras carpas

dentro de los loteamientos y comenzábamos por zona a ofrecer. Por eso aquella gente que compraron, eran gente, la mayoría, eran colonos que tenían sus tierras en los alrededores y compraron y se instalaron en el centro de Santa Rita. Entonces nosotros hicimos una fuerte campaña publicitaria con promoción de venta y comenzamos a usar lenguajes, en algún momento dado mentirosas, pero que al final ahora tuvo su resultado, se ha convertido en realidad lo que nosotros decíamos. Nosotros hemos dicho que eso iba ser Cascavel del Alto Paraná y ya es. Nosotros hemos dicho que vamos construir asfaltado desde Santa Rita hasta *Naranja*, hasta *Santa Rosa* y prácticamente ya es todo un hecho. Entonces todo lo que nosotros decíamos “mentiras” hoy se está convirtiendo en realidad. Y eso fue el resultado del trabajo que hicieron esa gente profesional que vinieron. Ellos tenían un sistema de trabajo impresionante, que la gente le gustaba el tipo de trabajo y la forma de venta de los terrenos. [...] Porque ellos, los inmigrantes, si vos les ofreces en 50, 60 cuotas no te creen. Entonces nosotros hemos tomado la decisión de vender al contado y al máximo en cuotas hasta 12 meses. Entonces ellos creían que eso era serio y compraban. Y la mayoría compraba al contado, porque la mayoría, cuando la agricultura estaba comenzando, estaba bien la agricultura. Ahí fue que comenzó a poblarse Santa Rita. Y una vez que comenzó a poblarse ya vinieron las empresas y así fue creciendo. Y todo lo que ves actualmente es fruto de estos buenos trabajos que hicieron aquellos que vinieron primero y también esa gente que comenzó a vender terrenos. Después ya empezaron otros loteamientos, con otro loteadores, empezaron a vender. Creo que todo sin ningún inconveniente, legalmente. (Edgar Feltes, 2015)

Este relato de Edgar Feltes mostra estratégias de uma imobiliária que atuou na venda de terrenos no que hoje é a área urbana de Santa Rita. Foram algumas imobiliárias e também iniciativas particulares que atuaram nos primeiros anos de expansão da área urbana. Essa narrativa exemplifica como se organizaram as vendas, principalmente para colonos estabelecidos na região circundante a Santa Rita, a partir de um sistema que passava segurança para esses colonos – com pagamento à vista ou com poucas parcelas, assim como no momento da compra de terras da colonizadora em anos anteriores. A contratação de corretores do Brasil, mostra o público alvo bem definido, migrantes brasileiros. E as “mentiras” usadas como forma de enaltecimento da área fizeram referência a “Cascavel no Paraná”, que é reconhecido como o centro do agronegócio no Oeste daquele estado, e assim como Santa Rita, nos anos 1950 e 1960, foi uma área de colonização para a expansão da fronteira agrícola que recebeu colonos da região Sul do país. Verifica-se uma seleção de representações que se quer reproduzir na região e, identifica-se mais uma forma de continuidade, de vínculo com a identidade, do que se quer como imagem do território. O que remete, principalmente, ao progresso da expansão agrícola.

Dessa forma, o município é construído a partir de referenciais de afirmação da agricultura como progresso, e também em ligação com o Brasil através do agronegócio. As representações são fixadas na imagem, nos símbolos e na

materialidade em si da construção do espaço. Esse processo de formação da área urbana, como já mencionado, foi estimulado pela construção da Rodovia *Ruta 6*. Quando começa a centralização de produtos e serviço em Santa Rita. Assim, colonos que estavam estabelecidos nas áreas rurais, algumas vezes distantes da rodovia pavimentada, passam a comprar terrenos e se fixar nessa área urbana em formação. Por diferentes motivos, como para ter acesso à educação para os filhos, porque venderam suas propriedades rurais e investiram no comércio, para trabalhar na área urbana. “Aqui moram todos aqueles que vieram e moraram na colônia, que sofreram no passado, a maioria mora aqui dentro da cidade. Alguns com emprego, outros abriram alguma coisa, uma bodega, um mercadinho, uma veterinária” (Leontina Deuner, 2015).

Depois do asfalto foi um estouro. Os colonos, o pessoal veio. Tu viu os casarão por aí? Depois do asfalto foi criando a vila, a cidade. Tu vê que no centro tem casas mais feias que fora, nos bairros novos. Porque naquele tempo cada um fazia como podia. Hoje tem na colônia gente com muito dinheiro, daí que tem casa grande são os Magnata que vem de fora e deixa os peões, os filhos, na colônia e vem pra cidade. Então depois que surgiu o progresso e grana o pessoal veio. E assim se criou Santa Rita. (Valtair Vicchetti, 2015)

Valtair fala sobre Santa Rita na atualidade, grande, com bairros novos, com mansões, o que ele reflete que não existia nos primeiros anos da formação urbana. Ele mostra que no início se tinha colonos que estavam bem estabelecidos, e esses investiam na cidade, mas que com o tempo, com o advento da agricultura mecanizada, “o progresso”, alguns se sobressaíram e hoje são grandes produtores rurais – estes que seriam os “magnatas, citados por ele. Além dos colonos que já estavam na região outro fluxo de migrantes brasileiros e paraguaios também se fixaram na cidade, com investimentos em comércio, serviços ou como mão de obra especializada que começa a atender ao agronegócio. São inúmeras empresas de serviços, implementos e insumos agrícolas, bem como bancos e financeiras que se fixam na cidade. Assim como também cresceu a rede educacional, com escolas, colégios e universidades, públicos e privados. Tudo a partir dos anos 1990.



Figura 26 – Imagem aérea de Santa Rita.

Fonte: Disponível em: <<http://www.razera.com.py/inicio/#>> acesso em: 20/01/2018.

Ao mesmo tempo em que a rodovia pavimentada era construída, acelerava-se a implantação da mecanização agrícola na região. A mecanização foi um processo no qual nem todos os pequenos produtores – que se fixaram com 25 até 50 hectares de terras, conseguiram investir. Além de demandar dispendiosos investimentos para destocar, mecanizar e comprar insumos, não existia garantia de retorno, uma vez que a produção agrícola é determinada, entre outros fatores como a variação do preço, pelas condições climáticas. Assim, diversos pequenos produtores não conseguiram se inserir na agricultura mecanizada, tampouco se manter na agricultura familiar, o que os forçou a vender suas propriedades e voltar a migrar: ao país de origem ou para outras regiões do Paraguai.

As pessoas que chegaram na época em que a gente chegou e tinham condições de comprar terras e ter uma vida estável, hoje têm muito dinheiro, estão muito bem. Mas meu pai chegou, coitado, só tinha o dinheiro de pagar a mudança e chegar com os filhos aqui. Então ficou naquilo, na terra que ele comprou, e não teve condições de comprar mais e melhorar de vida. (Maria Lucia, 2015)

Nota-se neste relato a realidade de uma família que não se inseriu no processo de expansão da agricultura mecanizada, assim como o observado sobre muitas outras famílias, nas entrevistas realizadas durante o trabalho de campo. Algumas dessas famílias venderam as propriedades, outras mantem as propriedades arrendadas para

os grandes produtores, e buscam outras estratégias, como se inserir no comércio local. Nesse contexto, E Maria Lucia narra:

Um dos meus irmãos mora em Lucas de Rio Verde, porque as pessoas sempre ficam procurando melhores condições de vida. [...] Uns moram aqui no Paraguai ainda, três aqui em Santa Rita. Um em Curitiba, outro no Mato Grosso, outra em Portugal, outra em Rondônia, e assim por diante, todo mundo foi buscando melhor condição de vida [...]. E o pai está morando em Foz do Iguaçu, por causa da aposentadoria, porque ele ficou velho, fez 83 anos esse ano. (Maria Lucia, 2015)

Regressar ao Brasil, ir à outra região do Paraguai, ou até mesmo para outro país, é percebido como algo frequente nas redes de relações da região. Muitos migram, como diz Maria Lucia, “em busca de melhores condições de vida”, outros por não se acostumarem na região, ou por saúde, ou para estudar, ou para se aposentar no Brasil. O retorno ao Brasil, no geral, não ocorre em direção ao lugar de origem, e sim à outra frente de migração, ou a cidades da região de fronteira com o Paraguai, a fim de manter proximidade com os familiares que remanesceram nesse país. Constate-se que dessa forma se mantém a reprodução social a partir da migração, com o trabalho no campo sendo a força que motiva o movimento, não importando as fronteiras políticas ou socioculturais que são transpassadas. Evidencia-se, que os imigrantes que se fixaram por um tempo no Paraguai criam um vínculo com o país, a partir dos descendentes e do pertencimento gerado pela participação na construção do espaço.

Sobre a expansão da agricultura na região, Airton Schmidt diz que “A agricultura mecanizada foi sufocando o pequeno produtor. Vendiam aqui e iam para a colonização mais no interior”. E refletindo sobre esse processo Airton fala que muitos não conseguiram acompanhar o *desarollo*, o desenvolvimento,

Eu vejo por mim. Logo quando casei, eu, com vinte hectares de terra já conseguia sobreviver. Depois de um tempinho, precisava trinta; depois, cinquenta hectares, se eu queria acompanhar; depois setenta. E hoje, se alguém quiser acompanhar, ter uma máquina mais ou menos: se tiver menos de 100 hectares, não consegue manter as máquinas e o equipo [equipamento em castelhano] pra lavoura. [...] Porque por exemplo, uma pessoa com 20 hectares não consegue comprar seu próprio trator, sua plantadeira, sua colheitadeira. Então depois surgiu uma nova oportunidade, teve uma nova colonização ali para a região de *Caazapá*. Aqui houve uma migração muito grande pra aquele lado, de quem tinha terra aqui e vendia aqui 35 hectares e comprava lá 50 ou 80 hectares, e sobrava dinheiro pra ele começar a vida lá denovo. Assim foi que houve uma migração, e acabou ficando menos produtores, só os mais grandes que conseguiram ficar. (Airton Schmidt, 2015)

Nesse contexto de “acompanhar” a mecanização, o preço das máquinas e insumos, a realidade de colônia, de comunidades de pequenos produtores, que existiu durante alguns anos, se transformou. Muitos que haviam migrando em busca de melhores condições, terras para o trabalho no campo, vendem suas pequenas propriedades e migraram novamente. Percebe-se nesse processo uma transformação da produção agrícola e também das relações sociais e produtivas, pois os sujeitos passam a se inserir em uma nova ordem de relação de produção e consumo. Uma nova ordem de reprodução social. As comunidades constituídas durante o processo de colonização se transformam, com a partida dos colonos das áreas mais distantes, e também com a chegada de novos migrantes nas áreas próximas a rodovia, à área urbana. E ainda, se tem a continuação da expansão dentro do Paraguai, com a migração para outro *departamento*.

O interior era maior antigamente e hoje é quase nada. Todo mundo veio pra cidade devido aos colégios, faculdades, acesso aos comércios. No interior só ficou a lavoura e um outro empregado na residência antiga, né. Tem muita escola que está fechada, porque vieram do interior pra cidade. Antigamente tinha no máximo 10 colônias de terra, hoje tem muita quantidade de terra e poucos donos já. Os pequenos foram vendendo pros grandes. (Jaime Hammes, 2015)

Altemir Santin acrescenta: “Quando surgiu Santa Rita, com o asfalto, os colonos pequenos venderam tudo e vieram pra cidade. E agora por causa de assalto e roubo os colonos grandes também abandonaram as casas e construíram na cidade. Estão quase todos na cidade”. Falas desse tipo confirmam a imagem que se estabeleceu sobre o *distrito* de que o asfalto foi o elemento mais importante para o desenvolvimento da região, ao passo que o êxodo rural, motivado pela mecanização da agricultura, teve sua principal causa ofuscada pela “oportunidade” de viver no espaço urbanizado.



Figura 27 – Colheita de soja em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Renata Rodrigues, 2017.

É evidente o êxodo rural existente na região. “Antigamente precisava muita gente no campo. A gente levava uma montoeira de gente carpir e trabalhar, agora não precisa mais ninguém. Um trator e um em cima já fez tudo. Diminui os empregos, vem a tecnologia. (Clair Lottermann, 2015). Nesse mesmo sentido, outros efeitos são trazidos por Marcio Porfírio, que aponta que, quando trabalhava no comércio, nos anos 1990, as colônias movimentavam o setor. Eram “muito fortes”, tinham muitos moradores, pequenos produtores, mas, com o tempo, “os grandes foram comprando dos pequenos e estes foram indo embora”. Isso

Arrebentou com a cidade, porque não tem mais o movimento de compra da colônia. [...] Os colonos foram embora para o Brasil ou mais para o interior do Paraguai. [...] Hoje, nas colônias não tem mais nada, apenas duas, três casas e um armazém. O salão da comunidade e postos fecharam. Virou tudo plantio. (Marcio Pofirio, 2015)

Mostra-se como se transformou o espaço: a agricultura familiar substituída pela mecanizada; o êxodo rural; a mudança nas relações sociais e de produção. Tem-se

uma nova territorialidade, formada a partir dessas práticas, representações e memórias. A mecanização da agricultura é vista como forma de se manter no campo e também como motivadora das transformações das relações no espaço. E se demonstra como a agricultura determina o movimento e fixação de pessoas entre as fronteiras, em uma rede gerada por sua expansão. A mudança do rural para o urbano é observada nas palavras de Alido Batista:

Depois que tinha asfalto começou a entrar muita gente não pra agricultura mais para o comércio. [...] Depois que foi crescendo a cidade, as famílias da colônia vinham morar em Santa Rita pra dar estudo pros filhos. [...] Com o tempo pessoas do Brasil, pessoas que não eram dedicadas à agricultura e sim ao comércio, e de outras regiões começaram a visitar a cidade e viram que aqui tinha muito campo para colocar comércio, o que quisesse colocar ia ter sucesso. [...] Tudo um processo, que foi muito rápido, Santa Rita está com 25 anos de “emancipación”. De 80 pra cá que se formou Santa Rita. Hoje você vê o potencial que tem, com tantas empresas, principalmente na parte agrícola, tanto brasileiras como paraguaias. O setor financeiro como banco, financeiras, casas de cambio, aqui temos entorno de 8 a 10 bancos. (Alido Batista, 2015)

Evidencia-se que a construção dessa rodovia é vista como o início do distrito de Santa Rita, o que mostra o reconhecimento de um segundo marco histórico, o urbano. O crescimento da área urbana, com a chegada de novos migrantes e a reorganização da área rural geram novas configurações para o território. A região, que era de mata fechada passa a ser de grandes plantações mecanizadas, com a atuação de empresas transnacionais, pois estas se instalam em Santa Rita e contribuem para expansão do agronegócio. Esse processo também é relacionado com a criação da Feira agrícola “Expo Santa Rita”. Pois esta começa a ser organizada logo após a emancipação do município e a principal ação desenvolvida era convidar empresas agrícolas que estavam sediadas em *Asunción*, *Encarnación*, *Ciudad del Este*, Foz do Iguaçu, para expor nesse evento. E, segundo alguns interlocutores, esse movimento fez com que, com o tempo, empresas comesçassem a se fixar no município.

Eu sempre falo que Santa Rita. Eu vim pra cá em 1989, como era em 89 e depois quando começou a expo, Santa Rita mudou muito, porque daí ficou conhecida. Paraguaio tinha muito pouco aqui, comércio paraguaio, inclusive tinha muitos que vinham e iam embora porque não se adaptaram, porque o sistema era diferente, era muito brasileiro que tinha aqui. E depois da exposição começaram a vir essas empresas e essas empresas começaram se instalar aqui. Através da exposição houve esse entrosamento. então foi depois da expo que Santa Rita realmente deu o “boom”. (Regina Picoloto, 2015)

Nesse processo, Santa Rita passa a ser “*La ciudad progressista*”, ligada a imagem do agronegócio. Ali se instalam filiais de grandes multinacionais (Por exemplo: BUNGE, BAYER, MONSANTO, ADM, SYNGENTA, JHON DEERE); empresas revendedoras de sementes, máquinas e insumos; empresas, com silos por toda a região estimulando a produção e exportação de grãos; bancos e financeiras. “O Potencial comercial que tem Santa Rita, grandes cidades do Rio Grande do Sul não tem. O Potencial comercial que ela tem ultrapassa longe cidades do Brasil. Aqui você consegue máquinas e peças de qualquer lugar do mundo” (Miguel Petter, 2015). Na extensão da região trinacional, entra Brasil, Argentina e Paraguai, Santa Rita se destaca, em tecnologia e produtividade da agricultura, como um centro do agronegócio.

Nesse contexto, o comércio na cidade, em geral, trabalha de acordo com o calendário da produção agrícola e também com a moeda desse mercado, o dólar. Pois, ali o dólar, assim como o guarani, moeda nacional, pode ser sacado nos caixas eletrônicos. Ele é a moeda do comércio agrícola (toda as vendas e compras relacionadas a agricultura, como de sementes e máquinas, são realizadas em dólares) e também é aceito em todos os lugares como mercados e postos de combustível (estes têm preço em guarani, mas o câmbio é feito nos caixas dos estabelecimentos que aceitam a moeda). Santa Rita centraliza serviços e produtos, o que a faz ser reconhecida a nível nacional e internacional. Dessa forma, se percebe uma reterritorialização desse espaço, com novas configurações políticas, econômicas, sociais e culturais. As quais se orientam de acordo com as forças do mercado transnacional, pois as relações se estabelecem em torno da produção de grãos e sua comercialização para o exterior.

4 Reflexões sobre o espaço e suas praticas

4.1 La Parada

Passar pelo centro de Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai, foi algo recorrente em minha vida durante alguns anos, contudo, parar e observar foi algo novo. Nesse processo, um dos lugares de observação foi “La Parada”, o terminal rodoviário do município. A *Parada* está localizada bem no centro da área urbana de Santa Rita, na confluência da *Ruta Dr. Juan León Mallorquín, Ruta 6*, com a avenida *14 de Mayo*, e ali se concentra o fluxo local. A estrutura da *Parada* se divide dos dois lados da *Ruta 6*; em um lado os ônibus chegam da região de *Encarnación* e vão em direção a *Ciudad del Este*, e do outro o contrário. Ao redor da *Parada* encontram-se comércios de vários produtos, farmácias, hospitais, mercado, posto de combustível, casa de câmbio e era também onde ficava a antiga sede da *municipalidad* e ainda fica uma das coordenações regionais de educação. E a poucas quadras estão outros serviços como a polícia, cartórios, bancos.

Considero a *Parada*, com a observação, como o coração de Santa Rita. Este lugar é “vivo” 24 horas, 7 dias da semana. A cada momento do dia, e com algumas convergências, vários e diferentes grupos se apropriam desse espaço. Durante o dia ela é utilizada por vendedores, viajantes, pessoas que passam por ali e param por diferentes motivos. Durante a noite o comércio diminui, mas não termina, alguns vendem comidas e bebidas, e jovens se espalham pelo espaço, formando alguns grupos, com motos, sentam nos bancos, tomam *tereré*, cerveja, sorvete, conversam, riem, namoram, observam o movimento. A *Parada* se transforma em um ambiente de lazer, barato e disponível. Nesse contexto, o local não tinha boa iluminação noturna e também pouca segurança, o que percebi que facilitava também práticas ilícitas como venda de drogas e prostituição.

Nos primeiros dias de trabalho de campo em Santa Rita, todas as manhãs, eu caminhava pelas ruas da cidade. Era fevereiro, em pleno verão, o calor era forte e a escassez de chuva fazia com que a terra vermelha levantasse um pó denso que ia cobrindo tudo, criando um aspecto envelhecido e sujo sobre os objetos. As casas e comércios mantinham as portas fechadas, poucas pessoas caminhavam pelas ruas, mas o movimento de veículos como carros e motos era constante. Nestes dias, passava horas na *Parada*, pois tinha sombra e o seu movimento chamava a atenção.

Sentava em um de seus bancos e ficava observando. No começo todos os vendedores da *Parada* me ofereciam seus produtos e eu agradecia, e com o passar dos dias, não tentavam mais vender para mim. O lugar era bem cheio de gente, não muito grande, a infraestrutura que existia era de alguns bancos, e apenas em um dos lados havia uma estrutura construída para os comerciantes e do outro haviam bancadas improvisadas. Em um dos lados da via, na extensão da *Parada* se tinha bandeiras nacionais hasteadas, e em alguns momentos eram intercaladas bandeiras nacionais com a bandeira do município. O que caracterizava e marcava o espaço com os símbolos nacionais.



Figura 28 – La Parada de Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

O comércio que se praticava era de alimentos como “chipa” e “milanesa”, que são comidas típicas paraguaias, além de sanduíches, sorvetes, bebidas e guloseimas. Os vendedores, todos paraguaios, homens, mulheres e crianças, andam com suas bandejas oferecendo seus produtos nos dois lados da *Parada*, e além de venderem seus produtos nas janelas dos carros e dos ônibus, também entravam nos ônibus com passageiros enquanto esses estavam estacionados. Ademais desse comércio, existem alguns vendedores de utensílios variados, como óculos, CD’s, pendrives, carregadores, e até celulares, dentre outras inúmeras coisas. Quando alguém

chegava no Terminal era abordado por vários desses vendedores simultaneamente. E estes vendedores conhecem o espaço e seus fluxos, sabem identificar os viajantes e a mobilidade do cotidiano.

Ali também se vende “remédio” para o *tereré* e o próprio *tereré*. O *Tereré* é uma bebida fria de erva-mate, (*Ilex paraguariensis*), de origem guarani, tomado por sucção, tradicional no Paraguai e nas suas regiões fronteiriças. Seus similares são o Mate Argentino e Uruguaio e o Chimarrão brasileiro, contudo esses são todos tomados quentes. Na *Parada* de Santa Rita se tem banquinhas de comércio de *Tereré*, a maioria delas estão abertas durante a manhã e no início da tarde, momentos em que se tem o hábito de tomar essa bebida. As banquinhas são caixotes de madeira ou de metal, ou apenas mesas, algo pequeno de não mais de um metro quadrado, nas quais se dispõem em cima, além da erva-mate de diferentes marcas, diferentes ervas frescas que ao serem compradas, são socadas no pilão e misturadas com água e gelo, para compor a bebida. A água e o gelo também são fornecidos pelas bancas, as quais têm baldes de água e isopores para conservar o gelo. Algumas bancas também têm jarras, copos e bombas nos quais vendem o *tereré* completamente preparado. Você pode comprar o “preparo” do *tereré*, tomar ali mesmo e depois devolver os utensílios.

O comércio das bancas de *tereré* se dá, na sua maioria, pela marginal da Ruta 6º, ou seja, por traz do Terminal de ônibus. É por ali que carros, motos e pessoas a pé passam para comprar o preparo de ervas. Esse comércio não atende somente quem está de passagem, mas também atende aos moradores locais.

Em um dos dias fiquei observando por um longo tempo a banca de uma mulher paraguaia acompanhada de seu filho. Uma criança pequena que, enquanto a mãe preparava e vendia suas ervas, estava brincando entre as jarras, copos e baldes atrás da banca. Quando eu cheguei na *Parada* ela já estava com sua banca montada, bastante sorridente me cumprimentou, e eu fiquei sentada a alguns metros. Desde então passaram várias pessoas em busca de suas ervas, alguns levaram apenas as ervas em uma sacolinha, outros trouxeram sua garrafa térmica para que ela colocasse as ervas, água e gelo, e também presenciei a venda de um preparo completo de *tereré*, para dois rapazes que estavam vendendo chip de uma operadora de telefonia ali mesmo na *Parada*. As pessoas que chegaram na banca para comprar os remédios escoliam as ervas, ou ainda pediam por ervas para os nervos ou para o estômago, por exemplo. Na sua maioria tratando a vendedora como conhecida, como clientes

frequentes. Observei que tanto paraguaios quanto migrantes brasileiros e seus descendentes passam por ali buscar suas ervas. Em dado momento chegou uma senhora brasileira e a vendedora estabeleceu um longo diálogo com ela, falando sobre como se conheciam há muitos anos. Nesta interação via-se com clareza a vivência compartilhada naquele espaço, a integração pela vida compartilhada, pelas memórias. A senhora falando em português, com sotaque alemão, e a vendedora falando em castelhano com algumas palavras em português, sem problemas para se comunicar.

Na região, no geral, brasileiros e paraguaios usam cada um seu idioma, o português ou o castelhano, e se entendem. Os mais jovens ou quem cresceu nesse ambiente sociocultural, principalmente quem trabalha em contato com o público, domina a fala dos dois idiomas. O Guarani, no entanto, é falado majoritariamente pelos paraguaios, e pouco falado e entendido pelos brasileiros. A língua não costuma ser uma barreira entre brasileiros e paraguaios, percebe-se na maioria das relações uma grande “mistura” dos termos do castelhano e do português. Sendo que tanto brasileiros quanto paraguaios passam a incorporar alguns termos do outro idioma falado. Além disso, a alfabetização nas escolas é feita em castelhano e guarani, o que garante que todos indivíduos alfabetizados ali dominem a língua do país - ademais da língua materna de muitos ser o português. Mas além dessas línguas predominantes também se ouve, na região, pessoas falando em alemão e italiano. Tem-se assim, uma multiplicidade linguística.

Ao chegar um ônibus na *Parada*, os vendedores em alvoroço se aproximam do veículo e buscam vender seus produtos. Aos gritos alguns oferecem pela janela enquanto outros entram no ônibus de passageiros. E esse movimento acontece dos dois lados da *Ruta 6*, com vendedores atravessando a via para vender seus produtos quando chega um ônibus do lado oposto. Percebi que as relações entre os vendedores na *Parada* são de companheirismo, todos se conhecem, brincam entre si, fazem trocas entre seus produtos, ajudando a conseguir troco. Os homens se reúnem e contam piadas, na sua maioria em guarani. As crianças, entre os momentos de vendas, ficam correndo e brincando entre as pessoas. E as pessoas que passam por ali por motivo de viagem, no geral, compram e interagem com os vendedores.



Figura 29 – Terminal de ônibus de Santa Rita e suas bancas de Tereré.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

Observei na *Parada* o trabalho de pessoas com menos condições econômicas. Nessas práticas, nota-se uma solidariedade social de classe bastante forte, através da qual todos se apoiam nas vendas, mesmo estando vendendo os mesmos produtos. O “outro”, que afeta suas vendas, são as lojas padronizadas e as lanchonetes do outro lado da rua. Na *Parada* existe uma coletividade em trabalho conjunto, os quais aproveitam do fluxo constante de pessoas para seu comércio.

O número de ônibus que passam por ali diariamente não é elevado. São apenas alguns ônibus por hora, durante o dia, e um número menor durante a noite. Alguns ficam um longo tempo parados esperando passageiros, e outros fazem passagens rápidas, na sua maioria são ônibus velhos. Mas na *Parada* vive-se também o fluxo da *Ruta 6*, o qual é intenso e mostra as características da região. Os carros, na sua maioria, são grandes, camionetes 4x4, adequados para as estradas de terra e também para as práticas rurais. Passam também carretas e caminhões que fazem o transporte de produtos e insumos agrícolas. Além disso muitas motos circulam de um lado para o outro. E sempre tem alguém estacionando na *Parada* para comprar comida e bebida, e seguir viagem sem sair do veículo.

Outro fato que chamou atenção na movimentação da *Parada*, foi a presença de alguns indígenas, jovens e crianças. Quando estavam ali, ficavam retirados do

movimento, no extremo do terminal onde tem uma pequena praça, e só se aproximavam do movimento quando chegava algum ônibus, para pedir dinheiro aos viajantes, depois se retiravam novamente. Não estavam ali todos os dias, mas via-se diariamente indígenas pelas ruas das cidades, pedindo dinheiro e comida nas casas ou nos semáforos, por exemplo. Estes, no geral, eram da comunidade indígena que existia na área urbana de Santa Rita, conforme já foi mencionado e analisado anteriormente.

Em 2014, foram instalados semáforos em alguns pontos da *Ruta 6*, os quais estão ao redor do perímetro da *Parada*, para controlar o tráfego bastante intenso. Pois esse é a principal caminho de chegada e saída da cidade, além de ser a única via pavimentada de acesso para *Ciudad del Este*, *Encarnación* e todas as demais cidades vizinhas. Santa Rita é movimentada, suas ruas têm sempre gente de toda a região. E o terminal é um dos lugares por onde essas pessoas circulam. Ali eu observei pessoas de origens culturais diversas interagindo. Conversei com algumas, elas perguntam para aonde eu vou, eu contava sobre minha pesquisa e todos se interessam pelo tema. Uma senhora começa a contar que vive há muitos anos no Paraguai, que mora na roça, que criou seus filhos aqui, que já são todos paraguaios, casados com paraguaias, e nossa conversa é interrompida pela chegada do ônibus. E assim, diálogos se estabeleceram e pude perceber como esses sujeitos se apropriaram do espaço a partir de suas experiências, interações, trocas.

Outro exemplo sobre o fluxo na *Parada* vem do relato de Pedro Benitez, sobre como seu pai decidiu migrar com a família de *Coronel Bogado*, departamento de *Itapúa* para Santa Rita. Ele relata que, onde moravam, a família vivia da venda de alimentos elaborados com soja, os quais seu pai vendia pela localidade com uma caixa conservadora. Mas que estava difícil, quase não vendia, pois na localidade havia escassez de recursos. Então um dia conhecidos lhes disseram para ir para Santa Rita, que era um lugar em que as pessoas tinham poder aquisitivo, e seu pai foi conhecer a cidade:

Vino acá, llego y en un lugar vendió todo ya, de una. Entonces medio que se sorprendió. La persona que le compró fue así como sí nada, siendo que en otros lugares él no podía vender. Entonces ahí el empezó, porque mi papá tiene una visión así un poco futurista, entonces agarró y empezó a investigar el movimiento de la ciudad. Dice que se quedó en la parada [de ómnibus] durante dos horas más o menos, como que vendió temprano, esperando el colectivo para volver a Coronel Bogado. El dice que se quedó observando el movimiento, analizando el movimiento de los vehículos. Dice que empezó a

calcular un promedio, como si a cada 10 vehículos que pasen uno pare a comprar chipa, y empezó a contar cuantos vehículos pasaban. Y empezó a pesquisar si tenía chapería, y en esa época casi no tenía, solo ambulantes, y con productos de baja calidad. [...] Entonces se fue con esa idea de irse y hacer chipa, probar. Nosotros le decíamos: no estás loco, nunca nos vamos de acá. (Pedro Benitez, 2015)

Esse relato refere-se a meados dos anos 2000, e após alguns meses a família migrou para a região, e na época da pesquisa tinham uma grande *chiperia*, na qual comercializavam diversos produtos da culinária paraguaia. E sobre essa narrativa, eu chamo atenção para a descrição do movimento na *Parada*, para como se concentram ali os fluxos da região e como ela faz parte da história não só dessa família, mas do espaço. A *Parada* é o ponto de referência da área urbana, e ali pode-se perceber o grande fluxo econômico e de produção do município.



Figura 30 – Carreatas na Parada em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

A área onde está localizada a *Parada* é também onde acontecem os eventos cívicos, como o desfile de 14 e 15 de maio, sobre o qual explanarei em outro tópico. E também manifestações públicas em geral, como quando se fazem protestos, passeatas, ou comemorações, como a que se pode ver na foto acima de uma carreata em comemoração à vitória do Cerro Porteño, um time nacional Paraguaio. Nesses eventos, pode-se ver interação espontânea entre os sujeitos que conformam o espaço. Assim, nesse local, em diferentes momentos e eventos a sociedade local

compartilha práticas e símbolos, reconfigurando o espaço e suas identidades e uma nova territorialidade.

A *Parada* mostra a relação de proximidade entre a população local, que apesar de ter origens diferentes (brasileiros, paraguaios e outros) compartilham referências em suas trocas diárias. Percebe-se ali a existência de um fluxo de toda a região que depende dos produtos e serviços oferecidos em Santa Rita, como hospitais, bancos e alguns comércios. Vê-se representações brasileiras e paraguaias interligando-se e compondo um espaço plural, e único.

4.2 “Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos”

Discursos integracionistas e que justificam a migração foram frequentemente narrados pelos interlocutores entrevistados. Esses discursos se mesclam em afirmações de que Santa Rita é um espaço novo, construído por migrantes, e que tanto brasileiros quanto paraguaios, e demais nacionalidades presentes na região, são migrantes. Inclusive, houve, também, declarações da descendência europeia, principalmente germânica e italiana, em afirmação a categoria de migrante. Nesse contexto se constroem memórias compartilhadas e se estabelecem novas territorialidades, novas representações, a partir da relação entre esses sujeitos.

“Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos”, foi uma frase mencionada por Edgar Feltes, em minha primeira visita a *municipalidad* de Santa Rita em 2014. Percebi nessa narrativa uma intencionalidade de construção de imagem de um povo novo, com pessoas de diferentes origens que vivem em harmonia. E esse discurso vinha de um migrante paraguaio, representante da instituição pública local, como secretário geral da *municipalidad*, o que denotou o reconhecimento e legitimação dessa imagem sobre aquele espaço.

Em resposta à pergunta sobre a relação entre brasileiros e paraguaios na região, inúmeras foram as declarações de que Santa Rita é um lugar construído por migrantes em que todos interagem. Já mostrei anteriormente que em resposta a essa pergunta também houveram menções a conflitos, o que já foi analisado no capítulo 2. Contudo, a maioria das narrativas mencionam a integração e a transformação das relações sociais e territoriais. Sobre a relação entre brasileiros e paraguaios, Francisco Mesomo, diz,

Eu acho que continua bem, porque nós sempre trabalhamos em cima da integração. Eu não vejo diferença de raça porque Santa Rita é uma cidade que cresceu com várias nacionalidades, aqui são todos migrantes. Desde o paraguaio, o alemão, o argentino, migrou para Santa Rita. Então, com ideias diferentes, vai captando a ideia de um, a ideia do outro e eu não vejo tanta diferença, não. Eu vejo pessoas de ambas nacionalidades capazes de trabalhar, conversar, trocar ideias, trabalhar junto em função do crescimento da cidade e da região. (Francisco Mesomo, 2015)

Esta fala remete à ruptura de fronteiras identitária, por meio da convivência, do trabalho, da “construção da região” em conjunto. Noto uma afirmação de que ali existe diversidade e ao mesmo tempo diálogo, harmonia entre os diferentes, como se as alteridades se complementassem para a formação do espaço, em um discurso integracionista (GRIMSON, s/d). Como, o que também pode se observar na seguinte fala: “Só que hoje ninguém estranha mais nada. Chega onde tem uma família de paraguaio no comércio, ele já vem falando português. E a gente chega falando em espanhol com ele. Então já tá tudo, como diz o gaúcho, tudo entreverado” (Antero Bressan, 2015). No que percebo uma (re)construção de representações a partir da intencionalidade de definição da imagem da região.

Lembro que as imagens e representações são construídas de acordo com as experiências vividas, mas também a partir dos interesses dos sujeitos e dos campos sociais em que estes estão inseridos (CHARTIER, 1990; BOURDIEU, 1989, 2001; BACZKO, 1985; PORTELLI, 1989). Essas narrativas citadas indicam que houve percepção de diferenças entre os sujeitos, mas que, com o tempo e as relações, estes não percebem mais barreiras identitárias: “não vejo tanta diferença”, “ninguém estranha mais nada”, “tudo entreverado”. Assim, noto a naturalização da ideia de uma boa relação, uma relação de troca entre os sujeitos de diferentes origens, e a construção de uma memória compartilhada de harmonia desse processo. Um trabalho de memória, enquadramento, que privilegia a boa relação e os benefícios para a região enquanto silencia os conflitos vivenciados.

Nesse contexto, falar a língua do “outro” faz parte da reterritorialização que ocorre na região. Brasileiros e paraguaios, de acordo com suas interações, falam o castelhano e o português. Isso é reiteradamente afirmado por todos, e também percebido nos diversos espaços frequentados no município. Sobre isso, também se nota uma questão geracional, pois a migração para a região ocorre há mais de 40 anos, e já vivem no país mais de três gerações de descendentes de migrantes

brasileiros. Esses nasceram e cresceram no Paraguai, formando-se a partir das referências vividas nesse espaço. Assim, os migrantes, principalmente os mais velhos, que tiveram menos interação com a língua do país, não dominam a fala do castelhano, mas compreendem. Já os mais jovens, que frequentaram escolas e tem atividade profissional e/ou política no município dominam ambas as línguas. E esse processo também é percebido entre os migrantes paraguaios, que aprendem o português na convivência com os brasileiros.

Portanto, uma característica que se destaca na região é de que, apesar do longo tempo de fixação no Paraguai, o português continua sendo utilizado por migrantes e seus descendentes e também é incorporado por paraguaios. Apesar do castelhano ser a língua oficial do país, o português se ouve nas ruas nas conversas entre as pessoas, nos programas de rádios locais, e nas televisões que transmitem canais brasileiros. Por exemplo, Mercedes Schmidt diz, “[castelhano] Eu falo se eu quero, (risos) mas a gente não treina, é porque a igreja é em português, na escola é em português, aqui todo mundo fala em português.” Ao que Airton Schimidt, seu filho, complementa “Justo o círculo de convivência da mãe são brasileiros. Eu já tenho mais... estou um pouco na política, então são paraguaios, professores, engenheiros. Ali a gente está todo dia junto com os paraguaios e aí, então, tem que falar bem o castelhano.” O que mostra além da presença de referenciais dos migrantes brasileiros nesse espaço, também as diferentes redes de relações estabelecidas, com diversos níveis de interação entre os migrantes.

Nesse contexto, o castelhano e o português se mesclam nas falas dos interlocutores, em incorporações linguísticas que não são percebidas por eles: Como pôde ser visto em muitas das citações já mostradas anteriormente, nas quais os interlocutores misturam palavras dos dois idiomas em suas falas. Por exemplo, no uso, pelos migrantes brasileiros de termos como: “entonces” (então); “mira” (olha); “desarrollo” (desenvolvimento); sugerencia (sugestão); necesita (precisa); “qualquiera” (qualquer); “cuaderno” (caderno); entre outros.

Já o Guarani, que também é uma língua oficial do país foi menos incorporado pelos migrantes brasileiros e descendentes. Muitos citam a dificuldade de aprender a língua “muito diferente”. Como menciona Antero Bressan: “Eu tenho uma filha paraguaia, mas nem ela não fala o guarani. Estudou no Paraguai tudo. Aqui, se ela conversar com um paraguaio e puxar o guarani com ela, ela se atrapalha. O espanhol pra mim, que sou de origem italiana, não foi difícil.” O Guarani é ensinado nas escolas

do país como segunda língua, contudo, são poucos os brasileiros e seus descendentes que dominam essa língua. Piadas e gírias em guarani se ouve comumente entre os migrantes, mas no geral, nas ruas, se ouve falar o guarani apenas entre paraguaios, sendo um elemento diferenciador entre os coletivos.

A relação entre os migrantes brasileiros e paraguaios e seus descendentes é relatada como harmoniosa pelos interlocutores. “Muito boa”, “Tudo tranquilo”, “Sem problemas”, “tenho muitos amigos paraguaios”, são referências feitas sobre essas relações. Edgar Feltes, ao se referir sobre a relação com os migrantes brasileiros na região, diz,

Eso fue muy rápido, yo hablaba medio mal el portugués porque trabajé en Foz de Iguazú, traía mercadería de Foz de Iguazú a Mallorquin, entonces conocía un poco de portugués. Fue muy rápido, porque gracias a Dios la gente me tenía cariño y tenían confianza, que hasta ahora no le he deflagrado a esa gente. Y en ese aspecto debo reconocer a una familia que le debo mucho, que prácticamente terminé mi crecimiento con ellos que es la familia del señor Alido Batista. Con él trabajé ocho años y aprendí mucho con ellos, con su papá, con su mamá, yo considero mi segunda familia. (Edgar Feltes, 2015)

Relações profissionais, familiares, de companheirismo, de vizinhança de afinidade religiosa, dentre tantas outras, foram mencionadas para afirmar a integração entre os migrantes na região. No geral, foram feitos relatos de aproximações afetivas e de acolhimento entre os sujeitos. Nesse contexto, se tem os casamentos entre os migrantes e seus descendentes. São muitas as referências a relacionamentos que indicam a aproximação entre brasileiros e paraguaios. Como o evidenciado no relato de Edgar Feltes,

En realidad no soy casado todavía, pero hace aproximadamente 21 años que estamos juntos. Ella se llama Rosmeri Herpich, vino de 3 de Mayo, Rio Grande do Sul. El lugar donde nació se llama manchinha, un barrio. Hace 37 años que está en Paraguay, es la tercera hermana de cuatro hermanas. Tenemos 2 hijos, una nena que va cumplir 18, se llama Bruna, y un varón que va cumplir 16, se llama Jordi, y una está en camino, vá ser nena. [...] Eso también ayudó muchísimo para que yo esté más a gusto con los inmigrantes, porque mi señora es inmigrante. No tengo ningún inconveniente, ningún preconceito, soy alguien que siempre ha respaldado a los inmigrantes, con el intendente actual, Rodriguiño, siempre les hemos defendido de cualquier inconveniente, y vamos seguir haciendo. Porque Santa Rita le debe mucho a los inmigrantes, Santa Rita tal vez no existía si los inmigrantes no venían en esa región. Y estoy muy bien con mi señora, conozco mucho Rio Grande [do Sul], vários lugares em Brasil. (Edgar Feltes, 2015)

Noto que os vínculos entre os migrantes não se limitam à vida familiar, eles se conjugam nas práticas e símbolos do município, que buscam reafirmar a integração e a fixação dos migrantes na região. Como pode-se perceber na fala a cima, “[...] soy alguien que siempre ha respaldado a los inmigrantes, con el intendente actual, Rodriguiño, siempre les hemos defendido de cualquier inconveniente, y vamos seguir haciendo”, que exhibe uma relação política de apoio aos migrantes brasileiros na região. E logo, com “Porque Santa Rita le debe mucho a los inmigrantes”, que afirma a imagem de ação positiva desses sujeitos sobre o espaço. Percebo que os diferentes vínculos geram redes de relações e formam um campo social de poder, uma nova territorialidade em uma reconfiguração dos sentidos de pertencimento e continuidade.

Somam-se à narrativa de Edgar, outras, como: “Nossa convivência com os paraguaios é muito boa aqui. É difícil uma pessoa que seja inimizada com paraguaio, são tudo unidos. Inclusive meu único genro é paraguaio. E assim fomos vivendo a vida, uma vida bem boa que temos aqui” (Teresa Birnfeldt, 2015); “Para mi, por suerte, una de mis hijas se casó con un brasileño, [...] para mí, la integración fue lo mejor” (Balbino Benitez, 2015); “Eu tenho filha e netas casadas com paraguaios” (Valeria Schneider, 2015); “Mi señora es brasilera” (Herculano Cristaldo, 2015); “Meu esposo é paraguaio, [...] A gente se dá super bem. Claro que a cultura é um pouquinho diferente, mas a gente é inteligente o suficiente para conseguir conciliar. E a família dele, mãe e irmã, me tratam assim como uma *reina*” (Regina Picoloto, 2015); “Mas assim, não faz diferença. Os brasileiros já se misturaram, eu tenho cunhada paraguaia, casada com meu irmão mais novo, primas paraguaias casadas com os primos, a gente convive bem” (Irani Ludwig, 2015)¹¹³. Estes relatos, em conjunto com a observação de campo, permitem inferir a aproximação por laço familiar como uma das principais formas de relação de proximidade, de vínculo, entre os migrantes e seus descendentes na região.

E junto com esse discurso de integração por meio de laços familiares ainda tem a afirmativa de que os filhos dos migrantes, todos já são paraguaios. Pois, os mais jovens, na sua maioria, segundo os interlocutores, nasceram e cresceram na região, e estabelecem outras relações, sem fronteiras identitárias. Por exemplo: Valmir Rauber, relata uma relação boa entre brasileiros e paraguaios, “Porque na verdade todos já são paraguaios, nossos filhos já são todos paraguaios”; Nilva Netsol, diz que

¹¹³ Irani Ludwig. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/05/2015.

sobrinho é filho de brasileiro com paraguaia, e por isso fala guarani, castelhano e português; E Herculano Cristaldo que narra:

Hoy no hay casi diferencia para los jóvenes, te hablo de 30 años para bajo, ellos se integran. En cuanto a deporte juegan juntos, en cuanto a baile van juntos, festejan juntos. Hombres y mujeres van a tener relaciones. No se lleva mucho en cuenta la raza, la nacionalidad, se lleva la familia. Algunos que otros si, hay algunas diferencias de grupos en el deporte, por ejemplo, pero no porque no se entienden, pero por las condiciones económicas. (Herculano Cristaldo, 2015)

Descendentes de migrantes, os mais jovens, ou os “jovens”, como foram citados em Santa Rita, vivenciam a noção de fronteira de forma peculiar. São nascidos na região e sua noção de pertencimento é diferente das dos seus pais. Os descendentes dos migrantes brasileiros compartilham de referenciais do país de origem dos pais, mas não os viveram, suas experiências foram no Paraguai. Os paraguaios vivem no país de origem dos seus pais, mas rodeados por referenciais dos migrantes brasileiros. Estes jovens cresceram em um intercâmbio de referências constantes, compartilham experiências e expectativas, e reterritorialização a região.

As narrativas nesse espaço afirmam que os jovens são todos paraguaios, que cresceram “misturados” e não percebem diferenças culturais. A partir do trabalho de campo percebi que as fronteiras culturais são menos definidas entre os jovens – o que não significa que elas não existam. Os laços foram criados desde a infância nas escolas, nas vizinhanças, nas igrejas, nos eventos diversos – com amizades, namoros e casamentos – por meio do compartilhamento de vivências comuns. E, como observou Herculano, também notei que grupos se diferenciam mais por condições financeiras e menos por identidades culturais distintas.

Ainda sobre a relação entre brasileiros e paraguaios nessa sociedade:

Eu acho que dentro do distrito de Santa Rita, eu acredito que está muito boa. Não vejo assim problemas maiores. Eu acho que o problema de aceitar ou não está mais lá para a capital. Quando a gente lê alguns diários e coisas, sempre tem aqueles comentários meio grosseiros. Mas hoje já não existe, praticamente uma diferença entre brasileiros e paraguaios. Primeiro por que nós brasileiros que chegamos, estamos ficando velho, já estamos começando a dar adeus, (risos) e os que vieram depois a maioria já é paraguaio, são filhos de brasileiros, mas são paraguaios que nasceram aqui. Eu acredito que não tenha nenhum problema de convívio. (Protásio Konzen, 2015)

Percebo que os conflitos são relatados como distantes, relegados a sujeitos da capital, que não convivem no espaço de interação, em uma (re)construção estratégica

das memórias das relações estabelecidas (PORTELLI, 1989; BOURDIEU, 1989). Espaço composto por migrantes, mas no qual os jovens, os descendentes, são paraguaios, independentemente dos seus referenciais socioculturais. Essa noção de que sujeitos de outras localidades do país, que não conhecem a realidade local, é que têm problemas com a presença de migrantes brasileiros, é frequentemente mencionada nesse espaço, e refutadas com discursos e representações de boas relações na sociedade local.

Não fiz entrevistas com jovens em Santa Rita, não fazia parte do escopo da pesquisa. Contudo, durante o trabalho de campo, tive uma vivência de proximidade com amigos de infância que moravam na localidade. Morei durante os seis meses com Renata Rodrigues, e convivi com Rodrigo Vendruscolo, Keila Scherner, Norma Morel, Roberto Beckhauser e outras pessoas dos seus meios sociais. Estes são filhos de migrantes brasileiros e também de migrantes brasileiros e paraguaios, fixados em diferentes localidades do interior do país. A partir desses meios sociais, percebi algumas características e relações vivenciadas na região.

Na sua maioria os jovens migram do interior da região para Santa Rita ou para outras cidades no Paraguai, e também para o Brasil – com menos incidência – para estudarem. Santa Rita, por centralizar empresas de produtos e serviços, é um local onde se empregam muitos desses jovens durante e após a conclusão do ensino superior ou técnico. Ali estão universidades e também se concentram atividades de lazer, como boates e bares, o que não se tem no interior da região, e também estimula o fluxo. Em Santa Rita alguns se fixam pela facilidade de locomoção, visto que no interior da região, no geral, os caminhos são de terra e de difícil acesso. Notei entre os jovens uma forte apropriação sobre o espaço, com afirmação de pertencimento ao lugar, e ao Paraguai, por meio de discursos e práticas. E, apesar de perceber barreiras, fronteiras, entre descendentes de migrante brasileiros e paraguaios, estas são sutis, e se revelam em poucos aspectos. Estas são generalizações, que dão conta apenas de traços gerais e não de pormenores das relações locais. Contudo, nessa sociedade, os sujeitos, apesar de talvez não terem ligação direta com o agronegócio, vivem nesse contexto. Com práticas, símbolos, educação, moradia, trabalho, renda e política direcionados por essa atividade.

Nesse contexto, identifico que os sujeitos constroem uma imagem de integração entre brasileiros e paraguaios por meio de narrativas e ações. Como pode ser visto na fala de Balbino, que diz:

En Santa Rita tenemos alto espíritu comunitario, nacionalista, patriota, sentido de pertenencia, comunidad. Luchamos para erradicar la xenofobia. Hoy ya no existe más. [...] El éxito de Santa Rita viene del trabajo y de la integración. [...] No hay más fronteras entre los pueblos. La integración es lo mejor. (Balbino Benitez, 2015)

Balbino é um empresário paraguaio que migrou para a região de Santa Rita no início dos anos 1980. Nessa fala, mostra uma construção de imagem positiva sobre a relação entre brasileiros e paraguaios nesse espaço. Esse interlocutor fez referências à relação de amizade e de troca entre as populações de origens distintas e ressaltou que aprenderam uns com os outros, e que é a integração que fortalece e faz crescer o distrito de Santa Rita. Pois, segundo ele, um precisa do outro. Nesse mesmo sentido, Rosalia Valdez diz, “No hay problemas, aprendemos uno del otro. Viste que son dos culturas diferentes, pero uno aprende rápido.” (No fundo, em seu estabelecimento comercial, a TV estava ligada em uma rede de televisão brasileira).

Balbino reafirma a integração ao dizer ser padrinho de mais de 40 pessoas, entre elas, filhos de migrantes brasileiros. Contudo, Balbino também diz que, durante alguns anos, estabeleceu-se estratégias para acabar com a xenofobia na região, com reuniões de comunidade, para garantir o respeito mútuo e integração das diferenças entre migrantes brasileiros, paraguaios, e seus descendentes. Essas ações, segundo ele, foram desenvolvidas a partir da comunidade em eventos coletivos locais, como por exemplo, buscar utilizar língua, música, dança e gastronomia de ambas as culturas na Expo Santa Rita e nas festas das paróquias. Outro exemplo citado por Balbino foi sua organização, junto a amigos, a fim de evitar conflitos durante as carreatas em comemoração às vitórias de Brasil ou Paraguai, em uma das copas do mundo: um paraguaio puxaria a carreata em caso de vitória brasileira e vice-versa. Essas ações mostram fricções, adaptações e construções das relações que formam esse território com o passar dos anos.

“Existe integração, claro. Mas eu aprendi que ela vai até certo ponto. Amigos, mas sem excesso de generosidade. Existe sempre a desconfiança de ambos os lados. Mas aparentemente se vive bem, se vive em harmonia” (Miguel Petter, 2015). Apesar de haver ações de integração espontâneas, percebo um esforço para integrar a comunidade “multicultural” do município através do estabelecimento de “políticas de boa vizinhança”, visando alcançar uma harmonia. Essas “políticas” legitimam a

presença dos brasileiros na região, incorporando seus hábitos e suas práticas no cotidiano como representativos do território.

A questão de afirmação de “ser” brasileiro ou “ser” paraguaio é uma dialética complexa para os migrantes brasileiros e seus descendentes. Tanto nas falas quanto nas práticas desses sujeitos, percebe-se um jogo de interesses nas questões de identificação, com uma ou outra nacionalidade. Por exemplo, a maioria dos filhos dos migrantes brasileiros tem documentação de identificação nos dois países, o que lhes permite transitar livremente entre as nações. E, no geral, percebo que essa “dupla nacionalidade” é acionada para afirmar uma dupla ligação: de continuidade com os demais familiares que se mantiveram no país de origem, e de pertencimento ao espaço de fixação. O uso intencional, situacional, destas identidades formam parte da constituição de campos sociais transnacionais (LEVITT; GLICK SCHILLER, 2004). O que se evidencia nas relações sociais locais, quando os sujeitos se remetem a uma ou outra identidade, segundo a intenção do momento. E também nas redes de migração que se expandem para outras regiões do Paraguai, ou para o Brasil e outros países, e que se entrelaçam a partir da fixação e da mobilidade, concomitantes, nas quais as identidades múltiplas são acionadas de acordo com a situação vivenciada.

Nesse contexto, durante o Trabalho de campo vivenciei o período de disputa eleitoral para a administração pública do *distrito*. Participei de comícios e reuniões, e conversei sobre essa temática com inúmeros sujeitos. Foi perceptível nas narrativas dos interlocutores seu envolvimento, ou não, com as disputas eleitorais, principalmente com o enaltecimento dos seus candidatos. E observei nesse processo o envolvimento e ação de migrantes brasileiros e seus descendentes. Estes, que desde que se fixaram na região, foram ativos para a emancipação do município e sempre estão presentes no quadro de eleitos para a gestão pública.

Antes de ser município nos reunimos uns quantos líderes daqui os cabeças, um grupo de gente. E fomos questionando para o município, foram na capital *Asunción*, se reuniram lá com os senadores e o presidente da república, e foram vendo como podiam formar o município de Santa Rita. Foram vendo o mapa, vendo tudo. Daí quando foi decretado o município foi nomeado o primeiro prefeito pelo governo. Depois disso então apareceu os partidos políticos. E quando nós entramos, nós formamos uma lista *independiente*, sem partido, a maioria era imigrante, e como a maioria aqui era imigrante, então nós ganhamos a eleição. Isso foi em 1991. Aí entrou o Roberto Duarte [paraguaio] pelo movimento independente. Ele ficou 4 anos, e passado os 4 anos, nós nos filiamos ao partido colorado, que é o partido maior aqui aí *entonces* ganhamos outra vez. (Valtair Vicchetti, 2015)

Percebe-se uma participação bastante ativa dos migrantes para a formação do município e depois em sua gestão pública. De acordo com a legislação paraguaia, imigrantes não podem assumir o cargo de *intendente* (prefeito) municipal e tampouco de presidente do país, mas podem assumir os demais cargos de administração pública como o de *consejal* (vereador). No município desde a emancipação, migrantes brasileiros sempre fazem parte do quadro de *consejales* eleitos, por exemplo, alguns dos interlocutores entrevistados foram *consejales*.

Na disputa eleitoral de Santa Rita em 2015 migrantes brasileiros – e descendentes – e paraguaios concorreram aos cargos de *consejal*. Nos discursos proferidos nas campanhas, notavam-se principalmente tentativas de alcançar tanto a brasileiros como a paraguaios com as propostas feitas, sempre valorizando o vínculo ao local. Por exemplo, mencionava-se a um candidato a *consejal* como: “hijo de pioneiro que construyó la ciudad” e ao mesmo tempo se afirma que este era “paraguayo que lucha por los paraguayos”. Esses discursos mostram a utilização da identidade de forma intencional, e a utilização da memória para legitimar a eleição do candidato, vinculando-o ao território.

A formação da sociedade local influência nas campanhas de todos os candidatos, que buscam atender as características específicas desses sujeitos. Pois, percebi que as ligações dos candidatos com as diferentes nacionalidades que formam o espaço interferem nas decisões dos eleitores. Ser “brasileiros” não atende a maioria dos eleitores e ser “paraguaio” tampouco. Com isso, noto a intenção de ligação com ambas as origens, com propostas que atendem ao coletivo fruto dessa interação. Assim, a categoria de “migrante” é utilizada como forma de homogeneizar o coletivo que compõem esse espaço.

Mas além da ação política direta, com a concorrência e cumprimento de cargo público, percebi o envolvimento de alguns migrantes na política de forma indireta, com o apoio a alguns candidatos. Isso foi visto de forma individual, mas também através de empresas que, apesar de não se vincularem ao partido ou ao candidato diretamente, patrocinam campanhas e também direcionam ações do poder público. Principalmente, como forma de garantir a estabilidade e segurança tanto para os migrantes como para o agronegócio.

Com isso, percebi a categoria migrante como uma forma de construção de ligação entre os sujeitos de diferentes origens que se fixaram em Santa Rita. As interações, as trocas, os laços que se constituem formam o espaço, e redefinem

representações a partir de memórias selecionadas. Se nota, assim, a formação de um campo social que atua a partir dos interesses de manutenção das formas de reprodução sociocultural e de produção econômica estabelecidas a partir da colonização da região.

4.3 14 e 15 de maio em Santa Rita

Desfiles em comemoração à independência nacional são uma tradição no Paraguai, assim como em outros países. Nos dias 14 e 15 de maio eles são realizados pelas escolas e colégios em todo o país de forma ritualística. Esses desfiles se encaixam no que aponta Andersen (2008) – ao falar da construção da nação – e também Hobsbawn (1997) – ao falar sobre a invenção das tradições. Durante o trabalho de campo em Santa Rita participei do desfile realizado no *distrito*, além de ter vivenciado os dias anteriores em que as instituições ensaiaram para o ato.

Um mês antes da data de independência, escolas e colégios começam os ensaios de suas *bandalizas* (Bateria ou Fanfarra) e *Chiloleras* (comissão de frente). Manhã, tarde e noite, se ouvem tambores retumbando em diferentes lugares da cidade, nas ruas, escolas e colégios. Segundo o professor Santiago¹¹⁴, da Escuela Básica 1.933 “Santa Rita”, os ensaios nessa instituição ocorrem com um remanejamento nos horários das disciplinas. Utilizam 5 min de cada disciplina e mais o horário da disciplina de Educação Artística, para os ensaios diários, e quando se aproxima a data do evento fazem alguns ensaios fora de hora de aula. Nesta escola, segundo Santiago, são 40 integrantes da *bandaliza* e 80 *Chiloleras*. Acrescento que esta é uma escola pública, a primeira escola formada em Santa Rita, no ano de 1974, e que tinha no momento da pesquisa, aproximadamente 950 alunos entre os diferentes anos letivos, sendo uma das escolas com maior número de alunos do município. Este é um exemplo de como se dedicam professores e alunos para a organização do desfile do dia de independência do país. E com ele pode-se visualizar como o ritual é incorporado nesse espaço, com o reconhecimento dele como tradição, o que busca a fixação e incorporação dos símbolos nacionais paraguaios. Noto um rito aos moldes do que Anderson (2008) chama de construção de uma “comunidade imaginada”, com definição e ritualização de elementos que se entende como nacionais

¹¹⁴ Conversa realizada em visita a essa escola no município em 24/04/2015.

para que através deles a comunidade, que é diversa, constitua laços de coletividade e reconheça a soberania nacional.

Os dias 14 e 15 de maio são de *asuetto* (feriado) municipal em Santa Rita. O desfile ocorreu na manhã do dia 14 de maio de 2015, na *Ruta* 6, “Juan León Mallorquín”, no centro da área urbana do município, em frente à *Parada* de ônibus. O dia estava nublado e frio, as lojas e os comércios em geral estavam fechados. Antes do desfile, nas ruas, apenas algumas crianças uniformadas acompanhadas de seus responsáveis passavam nas escolas para retirar os equipamentos para o ato. A *Ruta* 6 estava interditada para o desfile, funcionários da prefeitura, responsáveis pela organização, se espalhavam finalizando os preparativos. A polícia nacional dava apoio para que a área interditada fosse respeitada. Com o começo da atividade haviam algumas barraquinhas de comidas típicas e vendedores ambulantes em volta do evento. Lugar onde já existe um palco fixo para a mesa de honra, a qual esteve composta pelo *intendente*, pelo pároco católico, por autoridades locais e por representantes das entidades educacionais do município.



Figura 31 – Palco composto por autoridades participantes do desfile em comemoração a Independência nacional em Santa Rita, 2015.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

As 08:00 a.m., pontualmente, iniciou-se a cerimônia de comemoração ao dia da independência nacional paraguaia. O evento iniciou com o *intendente* e uma representante da supervisão da educação içando a bandeira nacional paraguaia ao

som do hino nacional. Logo, o locutor faz uma breve referência a que o dia é de homenagem aos *próceres de 1811*, em referências aos heróis nacionais, e chamou o pároco municipal para fazer uma benção ao evento. Depois houve um discurso do intendente municipal, e também de um representante dos alunos e de um representante dos professores. Esses em seus discursos além de ressaltarem a importância da independência nacional, e o orgulho da pátria, relembram que comemoram também o dia das mães. Ainda, antes de iniciar o desfile, o ballet municipal faz uma apresentação de danças tradicionais paraguaias. Percebe-se em todo o rito inicial uma supervalorização dos símbolos e referências nacionais paraguaios. O espaço decorado com as cores da nação, muitas bandeiras içadas por toda volta, e bastante formalidade para a comemoração do dia da pátria. A presença de um representante da igreja católica, e sua benção sobre o evento, é marcante e merece especial atenção, pois explicita o poder dessa instituição reconhecido pelo poder público local. Mostra-se assim que poder público e instituição religiosa trabalhando em conjunto na região, o que pode ser visto em diferentes eventos locais.



Figura 32 – Ballet municipal de Santa Rita em apresentação no desfile de independência do Paraguai.

Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

O desfile começou com um público pequeno, mas ao longo da manhã teve ampla participação da comunidade, que se espalhou pelas laterais da avenida interditada para o ato. Este foi organizado em conjunto entre *municipalidad* e a supervisão de educação regional. Dois locutores revezaram a narração do desfile, segundo eles 25 instituições, dentre escolas públicas, privadas e de administração

mista, além dos bombeiros e clube de escoteiros de Santa Rita e uma escola convidada de outro município, participaram do evento. Repórteres locais acompanharam o desfile, tirando fotos e fazendo entrevistas com os participantes.



Figura 33 – Desfile de independência em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

Via-se nos rostos das crianças e jovens, e também no público presente, a “mistura” fenotípica da região, com vários traços físicos diferentes, que mostravam a diversidade de origens dos moradores locais. Característica que foi retratada por uma das narrativas das escolas, lida durante o desfile,

La Escuela Básica Nº 1.933 “Santa Rita” está compuesta por diferentes tipos de familias desde un nivel económico alto como así también médio y bajo, com culturas diferentes como alemanes, polacos, brasileiros, argentinos, bolivianos, peruanos y paraguayos. El idioma que predomina em la zona es el português. (Escuela Básica Nº 1.933, 2015)

Este relato aponta para a diversidade local, exibindo com clareza as diferentes classes sociais e origens culturais do município, e ainda afirma que a língua predominante é o português. Bastante contraditório para um dia em que se comemorava a independência e soberania nacional, que tem como pressuposto a homogeneidade de sua sociedade. Nota-se um reconhecimento da diversidade como formadora da nação, pelo menos por esta instituição, o que é fomentado pela realidade local. Pois a diversidade é explícita nas práticas do espaço diariamente, e como exemplo disso, apesar do desfile ser narrado em castelhano, e professores e

alunos no desfile falarem o castelhano, no geral, ouvia-se o público conversar em português. Enquanto os uniformes, as roupas típicas, os símbolos nacionais, com toda sua simbologia, faziam a função de tornar os diversos em iguais, uma coletividade. Em homenagem a uma mesma bandeira, cantando o mesmo hino nacional.



Figura 34 – Desfile de independência em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.



Figura 35 – Chiróleras, bandaliza e pelotão de uma das instituições em apresentação no desfile de independência em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

As *Bandalizas* e *Chiróleras* utilizavam uniformes diferentes dos demais membros da escola, que utilizavam o uniforme diário da instituição. Algumas escolas

tinham *Bandalizas* e *Chiroleras* com roupas mais “tradicionais”, como roupas típicas paraguaias, enquanto outras utilizaram uniformes mais modernos, com tecidos como renda e cetim e cores diversas como rosa, preto, lilás, laranja, amarelo. Nas *Chiroleras* de algumas escolas, principalmente das instituições particulares, bastante produção, maquiagem, penteados, salto alto.



Figura 36 – *Chiroleras* e *bandaliza* de uma das instituições participantes do desfile durante apresentação.

Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.



Figura 37 – *Chiroleras* de uma das instituições participantes do desfile durante apresentação.

Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

As escolas desfilaram em sequência, algumas com mais e outras com menos membros. Cada uma com alguns alunos segurando brasões e bandeiras em frente, seguidos pela *bandaliza* e essa pelas *chiroleras* e logo acompanhavam os pelotões

de demais alunos da instituição, acompanhados de professores. Os alunos mais novos, no geral, vêm no final da apresentação da instituição, com alguma formação diferenciada e acompanhados pelas mães.

Algumas das instituições trouxeram temáticas, como meio ambiente, cores da bandeira, tradições nacionais, amor à pátria, heróis da pátria, a também mensagens pela vinda do Papa ao Paraguai (o que aconteceria próximo a essa data).



Figura 38 – Mensagem ao Papa Francisco, no desfile de independência em Santa Rita.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

Enquanto as instituições desfilavam na avenida os locutores narravam suas características e históricos. No fim do desfile entrei em contato com Melva, supervisora de educação da região, quem me disponibilizou os textos produzidos pelas escolas, e explicou que estes haviam sido pedidos pela supervisão para as instituições, para serem lidos durante o desfile. Com estes textos, alguns com mais e outros com menos informações, pude trazer alguns detalhes sobre a criação das escolas e de suas narrativas memoriais.

A partir dos textos disponibilizados, seguem, os nomes das escolas que participaram do desfile, acompanhados do ano de início de atividades e localização. Busquei organizar a lista por ordem de ano de fundação das instituições, e também deixar próximas as instituições que tem ligação. Pois, por exemplo, escolas e colégios são instituições diferentes, sendo criadas primeiro as escolas e depois os colégios para dar continuidade na formação. Assim os colégios, geralmente foram constituídos a partir das escolas e usam o mesmo espaço físico.

Instituições que participaram do desfile de independência nacional em Santa Rita no ano de 2015:

- Escuela Básica Nº 1.933 “Santa Rita”, criada na comunidade de Santa Rita em 1974, e na época da pesquisa incluía mais sete escolas e dois colégios associados.
- Colegio Nacional Santa Rita de Caccia, criado em 2004, em Santa Rita, que é um dos associados a escola básica Nº 1.933.
- Escuela Básica Nº 1.934 “San Pedro”, criada em 1975/1976 na então colônia General Patricio Colman, atualmente bairro de Cerro Largo.
- Escuela Básica Nº 3.824 “Silvio Pettirossi”, fundada em 1978, na comunidade de San José.
- Colegio San José, iniciou atividades em 2003, para atender, principalmente, aos alunos formados na escola Nº 3.824.
- Escuela Básica Nº 3.827 “Fulgencio R. Moreno”, que iniciou atividades em 1978, na colônia Fulgêncio R. Moreno.
- Escuela Básica Nº 3.812 “São Carlos”, do bairro 14 de Mayo, começou atividades em 1978.
- Colegio Nacional 14 de Mayo, iniciou atividades em 1992, no bairro de mesmo nome.
- Liceo Nacional Santa Rita. Criado em 1988, na comunidade de Santa Rita.
- Escuela Básica Nº 2.703 “Santa Teresa”, foi criada em 1989, na comunidade de Santa Rita.
- Escuela Básica Nº 4.391 “Paz” do bairro Sinuelo, começou atividades em 1995.
- Escuela Básica Nº 3.810 “Instituto Privado Paraguay Brasil”, fundado 1995 no bairro Unión.
- Escuela Básica Nº 4.393 “San Lorenzo”, do bairro Campiña Verde, Foi criada em 1996.
- Escuela Básica Nº 3.972 “General Andrés Rodríguez”, criada em 1996 no bairro de Nova Esperanza.
- Colégio Nacional General Andrés Rodríguez iniciou atividade em 2012, no bairro de Nova Esperanza.
- Escuela Básica Nº 6.782 “Buen Jesus”, fundada em 1998, na comunidade de Buen Jesus.
- Escuela Básica Nº 4.774, Instituto Privado Santa Cecília, de Santa Rita, foi fundado em 1999.

- Centro educativo Integral Alemán Staufenberg, iniciou atividades em 2002, no centro de Santa Rita.
- Colegio Integral Privado Crecer, criado em 2012, está localizado no bairro Sinuelo.
- Escuela Básica N° 4.402 “Santa Catalina”, que iniciou funcionamento no ano de 1996, na comunidade de Santa Catalina, do município de Naranjal. Escola convidada do desfile
- Club de Conquistadores y Aventureros, Club G.A.R.R.A., criado em Santa Rita em 2011, mas com vínculo a Associação Geral de Adventista do Sétimo Dia, que tem seu primeiro clube criado em 1950.

De acordo com a supervisora Melva, nem todas as escolas do município participaram do desfile. Algumas escolas são pequenas e com poucas condições econômicas e, outras, por terem dificuldade de locomoção, por localizarem-se distantes da área urbana, onde se realiza o desfile.

Com esta listagem, percebo que os nomes das escolas são predominantemente de referenciais religiosos, com vínculo com o catolicismo, sendo, inclusive, algumas instituições privadas de cunho religioso. Isto mostra uma busca predominante por vincular-se a valores religiosos. O que se reafirma com a presença de representantes da igreja em atos públicos como neste desfile.

As datas de início de funcionamento das instituições, 1974, 1976, 1978, são reflexo da formação das comunidades na região. Que nos primeiros anos, após a fixação dos migrantes, começaram a se mobilizar para a organização e construção das escolas. Evidencia-se também nas várias instituições, públicas e privadas, que iniciaram atividades a partir de 1995 e anos 2000, o momento de crescimento populacional do município de Santa Rita, principalmente da área urbana.

Nas narrativas históricas constatee (re)construções memoriais, que selecionam e legitimam memórias sobre a região, ressaltando a colaboração dos pais e professores para a formação e manutenção das escolas. O que é explicitado em frases como: “gracias al esfuerzo de los pobladores”; “surgió con un grupo de 13 padres de familia”; “construida por los pobladores con el terreno donado por la colonizadora”; “Gracias al apoyo de los padres de familia y vecinos del lugar esta casa de estudios pudo contar con un local propio”; “se reunieron los vecinos a fin de conversar sobre la posibilidad de crear dicha escuela y ya quedo constituida”; “inició

sus actividades en la capilla del barrio en forma privada”; “con la contribución de los padres se construyó dos aulas de materiales y un baño de madera”. Essas, referências de diversas instituições, mostram os membros da sociedade, pais e vizinhos, como principais responsáveis pela constituição das instituições de ensino da localidade. O que reafirma e reconhece memórias coletivas de construção do espaço pelos migrantes que ali se fixaram.

Sobre os colégios, nas narrativas, aponta-se a continuidade de trabalhos comunitários, como pode ser visto nas referências “Um grupo de Padres preocupado por la continuación de la educación de sus hijos/as acudieron al Ministerio de Educación y Culto de la época solicitando la apertura de la educación media.” e “por iniciativa de la directora y el apoyo incondicional de los padres”. Nessas narrativas, também se citam nomes dos primeiros professores e professoras das instituições criadas, evidenciando que foram trazidos e pagos pelos pais. E, referências ao Estado paraguaio, através do Ministerio de Educación y Culto – MEC, são feitas para afirmar que este reconheceu as escolas e colégios construídos, e que após os anos 2000, de diferentes formas, fez investimentos nessas instituições de ensino.

Assim, estas escolas e colégios, no geral, principalmente nos primeiros anos, foram criadas pelos migrantes para suprir a necessidade de educação dos filhos. Os terrenos foram doados pelos migrantes e alguns também pela colonizadora. As primeiras construções foram feitas por uma associação de pais, muitas das quais serviram por um tempo também de salão comunitário e igreja. E, inclusive, algumas escolas funcionaram, durante um período, em propriedades particulares. As narrativas históricas dessas instituições, descritas durante o desfile, citam o trabalho dos pais para construir não apenas o espaço físico da escola, mas também para trazer e pagar de forma particular professores, fazer um trabalho junto ao MEC nacional para que as escolas fossem reconhecidas e logo para que estas passassem a ser instituições públicas. Assim, o Estado vem em segundo lugar como promotor da educação na região, que tem a ação da comunidade reconhecida como primeira impulsionadora da área.

Em resumo, grupos de pais se reuniam de acordo com a proximidade espacial, formavam comissões para arrecadar fundos e pedir doações para construção da escola. Após se conseguir o terreno, normalmente por doação, faziam mutirões para construir o primeiro espaço, que foi normalmente de madeira e com uma ou duas salas, onde um professor dava aulas para discentes de diferentes níveis de formação

no mesmo espaço, o que chamam de “plurigrado”. Esses professores eram trazidos e pagos pelos próprios pais até os anos 1980, quando se iniciou o processo de incorporação das escolas pelo MEC, e essas passaram a serem públicas ou de administração mista, e na sua maioria continuam recebendo apoio financeiro das associações de pais. E essa é a memória reconhecida e difundida na região.

O Desfile em homenagem à independência da nação é um ritual político, tem suas funções de reafirmar a soberania nacional junto à sociedade que a compõem. Um evento cívico, que serve ao interesse de manutenção e difusão dos símbolos nacionais. Mas percebi que é um ato que incorpora a realidade e os discursos do espaço onde se reproduz. Assim, o desfile em Santa Rita compõe-se de referências múltiplas, além dos símbolos nacionais, como as narrativas históricas das escolas que reafirmam a memória coletiva de construção do espaço a partir dos migrantes que se fixaram na região.

O desfile terminou as 13:30h, logo a avenida estava vazia, e rapidamente foi aberta ao trânsito de veículos. Mas apesar do fim do ato, olho ao redor e vejo que a simbologia do dia da independência continua presente, com bandeiras nas varandas das casas, nas fachadas dos negócios, em carros, e no peito das pessoas, que andavam com broches. Os estabelecimentos estavam todos fechados, havia pouco movimento nas ruas, o silêncio predominava, e assim continuou por todo feriado.

Observo que a participação nesse evento, como membro das instituições ou público, é uma ação de coletividade que não só rememora, mas também (re)constrói as memórias do local, reforçando laços de coletividade e com a nação paraguaia. Nesse evento se reafirma a soberania nacional, apesar da reterritorialização desse espaço. Nele, integram-se todos os sujeitos que conformam o lugar, e por meio do ato se reafirma o discurso de que “nossos filhos são todos paraguaios”.

4.4 O CTG Índio José

Ao abordar memórias de migrantes no espaço de fixação, busquei identificar formas de organizações coletivas que estes praticaram e praticam em Santa Rita. Com isso me aproximei do Centro de Tradições Gaúchas Índio José – O CTG Índio José, em busca de identificar como se constituiu e como ocorre o processo de (re)construção memorial e de fixação de representações a partir dessa instituição. Tendo em vista os paradigmas de formação de redes transnacionais, translocais.

Reflexões sobre o tradicionalismo gaúcho foram desenvolvidas em estudos, por autores como Ruben Oliven (1992, 1998) e Luiz Felipe Falcão (2000). E em documentos oriundos do próprio movimento, com livros publicados por tradicionalistas, por exemplo, Salvador Lamberty (2004), Paixão Côrtes e Barbosa Lessa (1975)¹¹⁵. Estes materiais me serviram de base para que durante a graduação e também o mestrado desenvolvesse diversas análises sobre estes grupos e suas representações no oeste do Paraná. Com foco em sua organização a partir do Movimento Tradicionalista Gaúcho, percebi que o grupo se articula por meio de bens materiais e simbólicos relacionados a vida do campo e a valores socioculturais (SZEKUT, 2014). Esta articulação é desenvolvida a partir da regulamentação dos CTGs, que são espaços destinados a reuniões de sujeitos que, por meio de símbolos, ritualizações e comemorações, reconstroem memórias e representações em simultaneidade e sincronia entre as entidades. O que pode ser entendido, de acordo com Eric Hobsbawn (1997) como uma invenção das tradições, por seu sentido disciplinar e de preservação de valores. Percebido, por exemplo, nas edificações dos espaços de forma rústica e sua denominação de Galpão, nas nomeações dos Centros e de seus membros, nas vestimentas dos membros, nas danças e nas músicas que são ensinadas e ritualizadas, e ainda na comemoração da Semana Farroupilha, com (re)construções e rememoração em homenagem aos heróis da Revolução Farroupilha.

Os CTGs começaram a se difundir no Brasil a partir de 1948 e hoje estão presentes por todo seu território, e ainda no exterior como no Paraguai, nos Estados Unidos, no Japão, entre outros países. As unidades se organizam em redes de sociabilidade e suas (re)construções são baseadas em um passado idealizado sobre o gaúcho da região dos pampas do Rio Grande do Sul e da região de fronteira com Uruguai e Argentina. Estes Centros compõem uma estrutura hierárquica formada por Confederação Internacional de Tradições Gaúchas – CITG, entre Brasil, Argentina e

¹¹⁵ Além de sites das instituições que contém, por exemplo o Regulamento Geral do Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha – CBTG Art 146 “O sítio www.cbtg.com.br é reconhecido como órgão oficial de divulgação da CBTG” Disponível em: <<http://www.cbtg.com.br/>> acesso em: 10/08/2016; Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná – MTG-PR. Disponível em: <<http://www.mtgparana.org.br/>> acesso em: 10/08/2016; Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul – MTG-RS. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/seja+bem+vindo>> Acesso em: 10/08/2016. Entendo este material partindo da perspectiva de que ele é reconhecido pelo grupo como um discurso performativo. Sobre este, Bourdieu diz: “A eficácia do discurso performativo que pretende fazer sobreviver o que ele enuncia no próprio acto de o enunciar é proporcional à autoridade daquele que o enuncia” (2001, p. 116).

Uruguai; Confederação Brasileira de Tradições Gaúchas – CBTG, que engloba o Estado Nacional; e o Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG que está presente nos estados brasileiros, mas que também regulam atividades de CTGs que estão no exterior, se estes se filiaram por proximidade ou afinidade.

Os MTGs são dotados de poder regulamentador sobre os CTGs – que seguem seu Estatuto e Carta de Princípio –, fazem intermédio entre estes Centros e normatizando as atividades. Assim, cria-se uma estrutura regulamentada de representações gaúchas através dos CTGs, com valores, nomeações, rituais, e práticas predefinidos. A partir dos MTGs os estados passam a ser organizados por Regiões Tradicionalistas, e estas são compostas pelos CTGs daquele espaço, conforme demonstrado na Figura 36. Toda esta estrutura de organização permite uma ligação entre os Centros que se filiam aos MTGs por meio da participação em reuniões e eventos que ocorrem na rede. Neste contexto, o CTG Índio José compõe o MTG do Paraná, sendo filiado a 12ª Região Tradicionalista deste estado.

Somos filiados na 12ª região. Desde o início que surgiu a patronagem já somos filiados ao MTG. Então é onde nós participamos com o elenco artístico em Foz do Iguaçu, Medianeira, em toda região da 12ª. E inclusive participava do rodeio de Vacaria, também em Flores da Cunha, Antônio Prado, Caxias. (Regina Picoloto, 2015)

Este relato mostra como a institucionalização do CTG, a partir da filiação ao MTG, formaliza a participação em um circuito de eventos reconhecido como tradicionalista. Dessa forma, se mantém uma ligação formal com a cultura gaúcha em uma rede legitimada. Assim, as Regiões Tradicionalistas transpassam as fronteiras do Estado Nação formando uma regionalização cultural. A constituição de um Centro de Tradições Gaúchas compõe a institucionalização de uma rede translocal através da reprodução sistemática de práticas, rituais e simbologias reconhecidas pelo grupo.

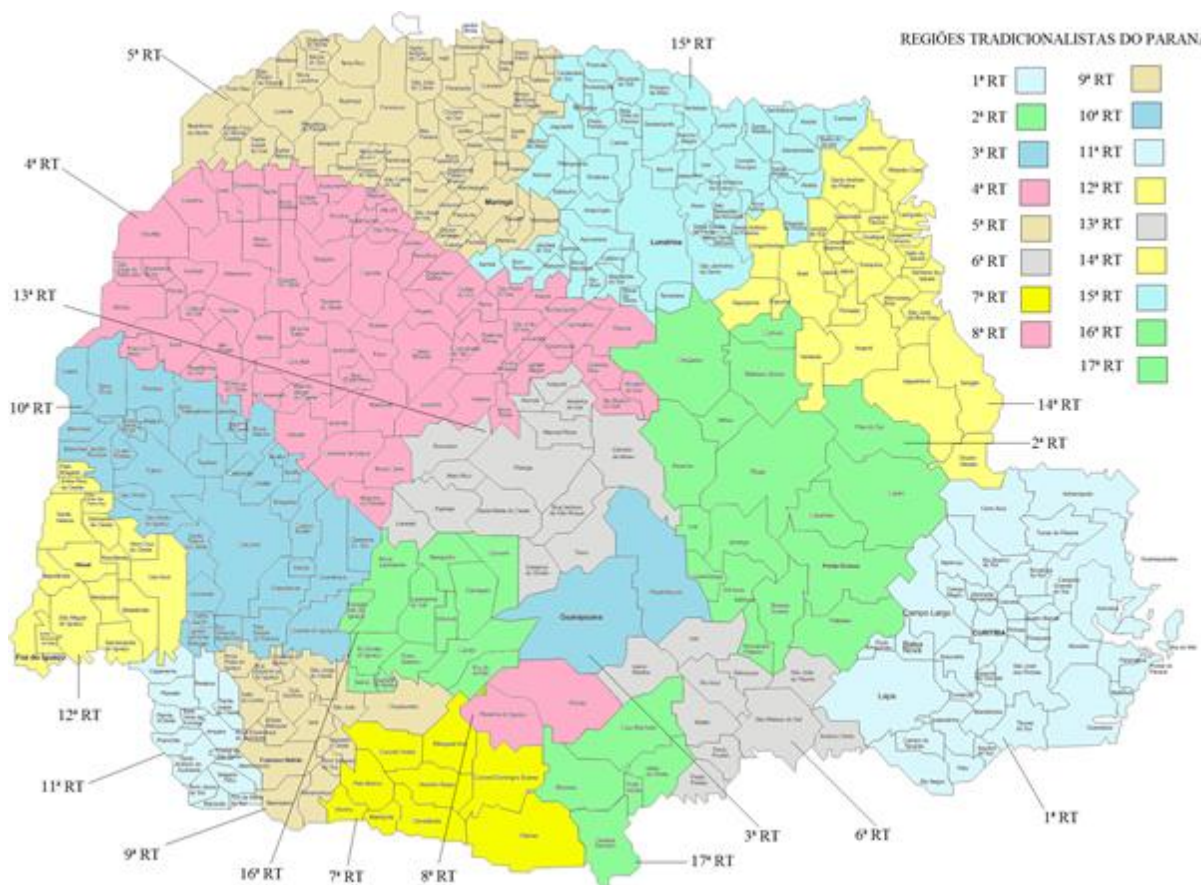


Figura 39 – Mapa das Regiões Tradicionalistas do estado do Paraná, Brasil.
Fonte:(SZEKUT, 2014, p. 97)

Tomando estas considerações como base, me aproximo ao CTG Índio José e percebo uma organização cultural entre migrantes em âmbito regional, mas que transcende seu espaço físico através de seu simbolismo, e mantém vínculos com o país de origem, o Brasil, e vínculo aos valores associados ao “ser gaúcho”, como o da família, do trabalho, das práticas do campo. Entendo, a partir de Oliven (1998), que o “ser gaúcho”, principalmente dentro do movimento tradicionalista, se desvincula de sua origem histórica e constitui uma ideia romantizada e idealizada.

Através de estudos sobre o sujeito histórico, gaúcho, percebi que este tem sua identidade (re)construída a partir do século XIX em um processo de valorização e definição de valores e elementos que o constituem, transformando sua imagem de andarilho dos pampas na de um sujeito idealizado. Ações pontuais pró-cultura gaúcha se consolidam com a formação do primeiro CTG em 1948, e são responsáveis pela seleção e difusão das características deste sujeito histórico. E as principais referências do *ser gaúcho*, foram definidas como as práticas rurais e valores associados ao território. Assim, o gaúcho é uma construção que tem como base um

apanhado de histórias e elementos selecionados que fazem referência à vida do campo do Rio Grande do Sul, em uma junção das diferentes influências socioculturais e políticas que compõem o estado. Neste processo, o gaúcho passa a ser sinônimo de sul-rio-grandense. (SZEKUT, 2014)

A criação dos CTGs é entendida como a materialização dos símbolos e valores que se pretende preservar, constituindo-se em um território, por seu poder de apropriação e disciplina sobre seus praticantes. O CTG Índio José foi fundado no ano de 1991. De acordo com os depoimentos encontrados no material Expo Santa Rita – El universo del Agronegocio¹¹⁶, na fundação desse CTG o município acabava de ser emancipado, no ano de 1990, e as ações deste Centro passaram a ser representativas para o desenvolvimento deste espaço, e também para a definição do grupo como gaúchos.

Durante o trabalho de campo visitei inúmeras vezes o CTG Índio José, em diferentes atividades, como festas particulares de casamento e aniversários, eventos empresariais como reuniões e palestras, eventos culturais como apresentações artísticas, e a própria expo Santa Rita que compõem um conjunto de atividades, sobre as quais explanarei no próximo tópico. E além de ter relatos sobre o CTG presentes nas entrevistas realizadas com diversos interlocutores, também fiz entrevistas específicas sobre o CTG e a Expo Santa Rita com Francisco Mesomo, que foi “Patrão” (diretor) do CTG e conseqüentemente da Expo, por muitos anos; Luiz Carlos Ribeiro¹¹⁷, “Patrão” no momento da realização da pesquisa e há anos parte da diretoria da instituição; Regina Picoloto, Secretária Geral do CTG no momento da pesquisa, e há muitos anos parte do quadro e da diretoria da instituição; e a Elton Carlos Lopes¹¹⁸ dos Anjos o “Tio Carlinhos” que no momento da pesquisa era o professor de dança da instituição a mais de 18 anos.

A história do CTG Índio José e da Expo Santa Rita estão interligadas. Os relatos sobre como surgiu a ideia de formar um CTG mostram, em geral, que se formou a partir de um evento que também deu origem a Expo. Conforme segue relato de Francisco Mesomo:

¹¹⁶ Este material foi desenvolvido pela revista Zapping em homenagem a Expo Santa Rita, que completou sua vigésima edição no ano de 2012. O material contém fotos e depoimentos de fundadores do CTG Índio José e também relata sobre a evolução da desta feira que é de responsabilidade do Centro.

¹¹⁷ Luiz Carlos Ribeiro. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2013 e 28/07/2015.

¹¹⁸ Elton Carlos Lopes dos Anjos. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/07/2015.

Em 1991 se promoveu um rodeio cowboy na região próxima, no *Sinuelo*. Que era para arrecadar fundos para construção de uma comissária, por que naquela época nós tínhamos que colaborar em tudo. Então, por iniciativa do José Reinaldo Picoloto se promoveu esse rodeio beneficente para a construção. Daí teve um grupo de gaúchos e não gaúchos que tiveram a ideia de erguer também um símbolo, de como se fosse um CTG. Um símbolo do que seria um CTG, e eles achavam que o nome seria Cruzando Fronteiras. Eles ergueram uns paus fincados, com umas rodas de carroça e uma placa, “Cruzando Fronteiras”. Seria esse o começo. Uma demonstração do que seria um CTG. (Francisco Mesomo, 2015)

Esta fala mostra como um evento da comunidade, um evento para arrecadar fundos para a comunidade, no qual havia uma ligação com a vida rural, o rodeio, deu início a idealização do CTG Índio José. Sua primeira nomeação é bastante simbólica, “Cruzando Fronteiras”, o que representava o movimento dos sujeitos de migrar de uma nação a outra, e mostra, que em sua idealização, houve na nomeação uma afirmação de um símbolo que une ao grupo, o “migrar”. Nesse primeiro momento foi nomeado de “CTI”, Centro de Tracições Imigrantes, e não como CTG, como passa a ser nomeado quando se institucionaliza a entidade. Circunstancia que evidencia a ligação da imagem do migrante com a do gaúcho, sendo que já era pensado como um espaço de tradições gaúchas. Ainda, chamo atenção para o fato do nome indicar movimento, “Cruzando Fronteiras”, pois remete a algo que não terminou, que não parou de “cruzar”, “atravessar”, “transpor”, e com “fronteiras” no plural. Esta é uma característica bastante presente nas representações do grupo que se vincula ao paradigma de “migrar para desbravar”, o “pioneirismo”. E ainda, ao citar gaúchos e não gaúchos, Francisco ressalta que não apenas sul-rio-grandenses participaram do movimento, pois indica que pessoas de outras regiões do Brasil e também paraguaios fizeram parte do processo de formação do CTG. O CTG nasce como um símbolo, uma ideia que se formaliza com o passar dos anos. Sobre a mesma temática Jaime Hammes expressa:

O CTG nasceu entre brincadeira de amigo. Na época teve, famoso no norte do Paraná, era o tal de Rodeio Crioulo, onde os peões montavam cavalo xucro, boi xucro. Um belo tempo veio um pessoal fazer um show dessa natureza, daí despertou na mão do chamado José Picoloto, que veio lá de Santa Catarina pra cá, era dono de uma serraria aqui e fundou o CTG Índio José. Primeiro o nome era pra ser “Cruzando Fronteiras”, depois ficou Índio José, na verdade. Nasceu ali, daí um pessoal já doou um terreno, uma ½ hectare de terra, foi indo e quando viu já construiu um clube, galpão crioulo, daí foi fazendo fandango, festa, almoço, arrecadando para poder pagar as contas e assim foi. (Jaime Hammes, 2015)

Jaime traz em seu relato que o CTG nasceu de uma “brincadeira”, o que reafirma que não foi pensado como uma instituição formal desde seu início. Assim como na fala de Francisco, Jaime também relembra que quem foi o idealizador do CTG foi o José Picoloto, este foi citado e reconhecido por todos como o fundador deste CTG. Apesar de vir de Santa Catarina, José Picoloto tinha origem no Rio Grande do Sul, e no momento da pesquisa (2015) estava morando no estado brasileiro do Pará, onde continuava seu negócio com serraria. Ressalto que José Picoloto apesar de distante, continua em contato com a região através do CTG e de alguns familiares, como a interlocutora Regina Picoloto, sua sobrinha, estabelecendo-se assim redes de conexões diversas. A fala de Jaime, mostra a ligação social entre as pessoas para formar o clube, e seu trabalho contínuo com os termos “indo”, “fazendo”, “construindo”.



Figura 40 – Cruzando Fronteiras – A primeira ideia de CTG.

Fonte: El Universo del Agronegocio, 2012.

No mesmo sentido, Alido Batista e Leonel Vogel lembram que uma outra pessoa teve a iniciativa de fazer uma exposição em anos anteriores ao início da Expo Santa Rita, mas que essa teve apenas uma edição e não teve continuidade. E, com isso, já sobre a Expo Santa Rita, complementam que:

Aqui, a três quadras, era um potreiro, e um grupo, inclusive eu estava junto, resolveram fazer, não diretamente uma Expo, mas assim organizar por uma semana: quem que quisesse expor algo, que viesse. E aí durante esses dias que surgiu a ideia de formar uma diretoria para fundar um CTG em Santa Rita. Aí se formou uma comissão e essa comissão já comprou uma área, onde está hoje o CTG, uma área pequena, na época. Daí começaram a construir, e já fazendo as festas tradicionais. Eu não acompanhei muito esse processo. E daí também, atrás disso aí o tema de fazer uma Expo. Foi destinado uma parte para o parque de Exposição e assim começou. Com muito sacrifício. (Alido Batista, 2015)

Depois disso foi feita uma pequena exposição num potreiro, 1, 2 anos depois. Eu participei com um pé de pato na exposição. Naquela exposição foi montado um galpão crioulo lá, só para aqueles 5 dias. A partir daí começou. Vamos fundar um CTG. Aí o CTG foi fundado onde está hoje. Um cara cedeu um pedacinho de terra lá, daí foi. Foi feito do nada quase, que ninguém tinha dinheiro para fazer muita coisa. E começamos a fazer a Expo Santa Rita e até hoje continuamos. (Leonel Vogel, 2015)

Estes relatos mostram memórias compartilhadas de uma construção coletiva não só da entidade do CTG, mas também do evento que se consolidou como Expo Santa Rita. Assim como nestas falas, no trabalho de campo, CTG e Expo se confundem e se fundem em um só. Isso se dá, porque o CTG organiza a Expo e sua diretoria é a mesma para o evento, como se percebe na fala de Francisco Mesomo quando diz: “A *patronagem* do CTG é que organiza a Expo Santa Rita. O patrão do CTG é o presidente da Expo. A *patronagem* sempre trabalhou por amor à camisa, sem remuneração, mas claro que se contratava pessoas para ajudar. Porque se não ficava inviável.” Entidade e evento tem a mesma diretoria, compartilham o mesmo espaço e se conjugam nas atividades. E além disso, mostra o trabalho “voluntário” da diretoria, que o faz por “amor” a entidade, demonstrando a ligação afetiva, moral, e de responsabilidade dos membros com o centro.

Continuando sobre como se constituiu o CTG, Francisco diz, que a princípio ninguém queria assumir a diretoria, até que José Picoloto assumiu e deram início as atividades,

Foi trabalhado em cima do estatuto e já começamos a construir o Clube, que era um clube mais rústico, a possibilidade de investimento não era muita. Daí foi contratado instrutor de dança, gaitero, e nós tínhamos elenco artístico, então já tínhamos grupo de trabalho. E nisso tínhamos pouca arrecadação, não tinha como manter o CTG com atividades do dia a dia e fim de semana. Então surgiu a ideia de promover uma expo pra pagar um pouco as dívidas do CTG, porque na época nós estávamos bem endividados por causa de compra do terreno. Então se iniciou a primeira Expo Santa Rita, que foi em 1993. (Francisco Mesomo, 2015)

Para a formação do CTG, de acordo com Francisco Mesomo, a compra de um terreno e a construção de um galpão se complementam com a contratação de um instrutor de dança, um gaiteiro e a formação de um grupo artístico. O que mostra os aspectos materiais e simbólicos que constituem as representações da entidade. Esta composição do Centro de Tradições Gaúchas por meio do elenco artístico, música e dança, foi percebida durante a observação participante e as entrevistas realizadas, nas quais os interlocutores citaram, além da Expo, as atividades culturais realizadas pelo CTG como marca de atuação da entidade no município. A ritualização através da música e da dança fixam a simbologia gaúcha na materialidade do espaço do Centro de Tradições.

Nos primeiros anos de realização da Expo Santa Rita os associados do CTG trabalhavam na realização do evento. Francisco Mesomo disse que na atualidade já fugiu do controle, precisam de funcionários, mas que “Nas primeiras, todos os sócios eram convocados para trabalhar, ou na portaria, ou na secretaria, no estacionamento, então se revezava e a gente não pagava funcionários no início.”; como disse Darcila Borré: “Do CTG somos sócios desde o começo. Sempre tinha que trabalhar nos primeiros anos, agora já não precisa mais. Era bonito, sempre tinha dança, a gente dançava bastante de gaúcho, e nós participava.”; e Oscar Dapieve relatou que: “Do CTG eu sou sócio-fundador do Índio José, só que hoje eu não participo muito. No começo eu trabalhei quase 9 anos direto lá, portaria, festa e coisa, mas agora só vou lá mesmo para baile.” Com os relatos é possível perceber como a atividade cultural e a realização do evento se misturam nas práticas do CTG. Também, se percebe que com a necessidade de trabalhar nos eventos, os sócios participavam mais das atividades da entidade. E com o trecho “dançava bastante de gaúcho” se evidencia a ritualização, com a caracterização e representação de algo que não era uma prática do cotidiano dos sujeitos.

Ao responder sobre de onde eram os sócios do CTG Índio José, Francisco Mesomo mencionou que, “Tem de toda região, de Santa Rita, *San Cristóbal*, *Raul Peña*, *San Roque*, quando a gente montou o CTG foi visitada toda a região. Porque se fosse só o pessoal de Santa Rita não tinha como, era pouca gente.” Com isso, destaca que a abrangência da constituição e ação do CTG é maior do que o espaço de Santa Rita, expandindo-se em sócios por toda região circundante. No total Regina menciona que: “Tem em torno de 85, 90 sócios fundadores. Bem no início era em

torno de 60. Porque o sócio que ajudou na construção pegou o título de Sócio Fundador.” mas também explica que existem outras categorias de sócios, que no total somam aproximadamente 150. Complemento que em outros municípios da região também houveram iniciativas de constituição de CTGs em anos posteriores, mas não se consolidaram. O que se tem na região são ranchos e piquetes, que também fazem parte do Movimento Tradicionalista, mas tem menos participantes e atividades específicas, como atividades com animais.

Sobre como se deu a organização do CTG, Jaime Hammes disse:

Temos aqui um CTG que foi fundado, que eu tenho o privilégio de ser o terceiro sócio da época, sócio fundador. Na época era tantos sacos de soja para se associar. Eu lembro que dei 300 sacos de soja. Assim criamos o CTG, que hoje é um parque muito grande de exposições. (Jaime Hammes, 2015)

E, nesse sentido, Francisco Mesomo expressou que,

E como vamos organizar e comprar o terreno? Nós não tínhamos terreno próprio, só tinha a boa vontade de construir um clube. Porque na época que nós migramos para a região não tinha clube aonde a gente se reunir com a família. Então se decidiu tentar erguer um clube, um CTG, para nós divulgar nossas tradições e ter onde se reunir com as famílias. Então foi decidido comprar esse terreno, esse local onde está o CTG agora no momento. Mas como se não tinha poder aquisitivo? Então foi feita uma festa em prol, para arrecadar fundos e cada um doou, no livro ouro consta que foram doando o que podiam, que não fizesse falta, claro. Por exemplo, bolsas de soja, madeira, material de construção, dinheiro. E esses ficaram como sócios fundadores. (Francisco Mesomo, 2015)

Estes relatos indicam de que forma se estabeleceram os sócios fundadores do CTG, com doações e colaboração para a construção do espaço em si do Centro. Indicam que este nasce também como um clube de lazer, além da motivação cultural. As falas demonstram que não se tinha opção de atividades recreativas na localidade, e dessa forma a constituição do CTG passa a reunir pessoas que tinham afinidade social, e também disponibilidade econômica, pois era necessário pagar, de alguma forma, para participar como sócio. Nele constituíram um lugar onde podiam “reproduzir” e “divulgar” a cultura gaúcha. E, como mencionam, passam a desenvolver eventos para custear as despesas do Clube, com o que se formaliza a realização da Expo Santa Rita.

Sobre o início das atividades do CTG, Antero Bresan diz que, “Começou tipo reunião de amigos e, lógico, foi começado com a tradição gaúcha e o pessoal gostou. A maioria que mora aqui em Santa Rita são descendentes de gaúcho. Mesmo os que

vieram aqui do Paraná. Então foi animando.” Esta fala nos remete à origem dos migrantes, do Rio Grande do Sul, estado brasileiro ao qual se vincula a cultura gaúcha. Nesse sentido, os sul-rio-grandenses e seus descendentes, que se identificam com a cultura gaúcha, passaram a ter um espaço de reprodução das práticas e representações consideradas gaúchas. Mas ressalto que não apenas esses migrantes participam das atividades do CTG, mas também migrantes de outras regiões do Brasil e paraguaios fazem parte desse centro. Neste ponto, lembro o que foi levantado por Ruben Oliven (1992) e Felipe Falcão (2000), que dizem que a formação do movimento tradicionalista gaúcho está atrelada ao sentimento de saudade de um passado idealizado, e também ao sentimento de angústia causado pela modernidade da atualidade. E a estas colocações indico que se soma a questão da mobilidade dos migrantes e distanciamento do território de origem. Assim o CTG serve como espaço de aproximação e vínculo com o que não se quer perder no passado e na distância. E nessa perspectiva, uma das formas de ligação se faz através das vestimentas gaúchas, sobre elas Antero Bressan diz,

O pessoal comprava lá [no Brasil]... alguns usavam bombacha no começo, outros nem usavam porque não tinha ali [em Santa Rita]. Hoje tem tudo ali, se quiser comprar em Santa Rita ou manda fazer. Eu uso bombacha quando vou num baile desses aí. Tem gente que usa direto. Meu pai usava bombacha direto, nunca usou calça. É aquele costume do gaúcho. Mas eu, se vou num baile gauchesco, coloca a bombacha, a bota. (Antero Bressan, 2015)

Esta fala reforça a questão da ligação com o passado e uma imagem/representação que se busca manter no novo espaço e realidade sociocultural. Como evidencia-se no que disse Antero, no início das atividades do CTG não se tinha roupas gaúchas para comprar na região, e nem todos usavam as roupas. E Antero Bressan ainda complementa que seu pai sempre usou bombacha “É aquele costume do gaúcho”, e que ele usa nos bailes. O que permite perceber como o uso da bombacha (o que se pode entender como a roupa tradicional gaúcha no geral) é uma forma de ligação com o passado, com uma origem, e com a simbologia do “ser gaúcho”. Na atualidade já se tem a roupa para comprar na região, se fomentou o uso dessas peças tradicionais. Mas ao mesmo tempo, essas roupas não são utilizadas diariamente pelos indivíduos da região (a não ser por alguns como o professor de Dança do CTG Índio José que usava bombacha diariamente) elas fazem parte da

ritualização das práticas do Centro de Tradições Gaúchas. São peças de identificação entre os sujeitos que as usam.

Em uma acepção a Chartier (1990), reconheço que a indumentária gaúcha é uma representação simbólica. Sabe-se que o profissional se ampara em uma carga de valores associados à sua vestimenta, por exemplo, o médico com o seu jaleco é reconhecido como capaz, a vestimenta lhe dá o poder sobre o outro, enquanto este mesmo médico, ao apresentar-se com outra roupa, que não o seu jaleco, não inspira confiança sobre o outro. Neste sentido, infiro que o gaúcho se sustenta em um apanhado histórico que lhe confere reconhecimento de seus valores, a partir da pilcha.

Nesse sentido, fazer parte do CTG, vincular-se a suas representações, é estar ligado aos valores associados a essa instituição. A moral, a honra, a família, e o trabalho são os principais valores citados pelos sujeitos entrevistados. O CTG, com suas invernadas¹¹⁹, cumpre uma função disciplinadora, formadora, e muitos participam da entidade como forma de se ligar a esses valores que são associados ela. Como pode-se observar no que fala Juacir Repossi¹²⁰, quando diz,

Também nasceu o CTG, a gente sempre fez parte, minha família, todos meus filhos passaram por ali, dançando, dançando chula. Que é uma coisa muito interessante que aconteça isso com as crianças, porque é uma faculdade no sentido de educação, de formação das crianças e dos jovens. [...] Tem Professor de dança há mais de 15 anos. Todos meus filhos participaram. Vão competir no Brasil. Disciplina, professor disciplinado, profissional, respeitoso. Com a dança, aprendem ordem, disciplina, carinho com as pessoas. O CTG ajuda muito na criação da família, da comunidade. Tem ônibus sem custo, participa toda comunidade, não precisa ser sócio. Os paraguaios também participam. A Expo nasceu por isso, pra dar vida a esse custo do CTG. Então todos trabalham pra isso. Custear as crianças e manter o CTG. (Juacir Repossi, 2015)

Esta fala exemplifica relatos observados durante o trabalho de campo. Os quais mencionam o CTG como um espaço importante para a família, para a formação dos filhos. O que é materializado nos cursos de dança e outras atividades culturais que

¹¹⁹ O nome evoca as grandes extensões de terra cercadas que existem nas estâncias e que são destinadas à engorda do gado. (OLIVEN, 1992, p. 88). Os CTGs utilizam o termo invernada para denominar seus diferentes departamentos, tais como: Campeiro (desenvolvimento de práticas com o gado, como o laço e a tosa); Artístico (atividades como a dança e a música); Esportivo (destinados a práticas como a bocha e o baralho); e o Cultural (o qual está relacionado com a organização das disputas, comemorações e ritualizações). Estes departamentos desenvolvem atividades de reprodução como cursos e concursos e cada CTG tem autonomia para organizar suas próprias invernadas de acordo com seus recursos.

¹²⁰ Relembro que Juacir Repossi tem origem em Minas Gerais, e assim é um exemplo de migrante sem descendência sul-riograndense, gaúcha, que se vinculou ao CTG no Paraguai, sempre fazendo parte da diretoria da entidade.

são patrocinadas pelo Centro. Sobre como se deu a formação desses referenciais, Francisco Mesomo expressa que “Então, sempre trazíamos historiadores, que pesquisaram as tradições, as danças, os costumes. Sempre trabalhamos em cima para fortalecer na parte da cultura.” Nesse sentido, Regina Picoloto e Elton Carlos também complementam, afirmando que o CTG investe bastante em cursos e atividades culturais.

O professor de dança deste Centro, Elton Carlos, retratou que soube do CTG Índio José no ano de 1997, através de Paixão Côrtes, seu mestre da tradição gaúcha há anos. Ele ministrava aula de dança em municípios no estado de Santa Catarina quando recebeu uma ligação de Paixão Côrtes convidando-o para participar de um festival que ocorreria neste CTG no Paraguai. Segundo ele, Paixão Côrtes lhe disse: “Vamos lá pra dar força pro pessoal que está começando. Eles criaram um CTG, um centro de tradição, vamos lá pra dar força.” Com alguns companheiros, Elton participou do festival e durante o evento recebeu o convite da diretoria do CTG Índio José para ser seu professor de dança. Segundo Elton,

Meu pensamento era ser só 2 anos, e esses dois anos já se estenderam pra 18 anos. E também, me trouxeram pra cá pra continuar um trabalho que eles já tinham começado, com as crianças, o trabalho com as danças, e eu admiro muito eles por terem a preocupação de – como eles estão fora do país – divulgar as nossas tradições, as raízes do sul, do garrão do Rio Grande, do sul do Brasil, de forma corretíssima. Buscando o Paixão Côrtes, que é a fonte de tudo, de onde começou todo esse movimento, voltando às vivências dos povos quase que primitivos, os nossos abuelos. Então, na preocupação do trabalho do Paixão Côrtes, em cima dos conhecimentos do Paixão Côrtes, hoje eles fazem esses trabalhos aqui. Então, meus parabéns à patronagem do Índio José por essa preocupação. Porque eles queriam ensinar pros filhos deles que os avós vieram do Rio Grande, que os pais deles vieram do Rio Grande, mas os filhos já paraguaios, mas já ensinar de forma correta, de forma autêntica. E por isso que eu vim pra cá e acabamos ficando aí. (Elton Carlos, 2015)

Elton traz elementos que permitem compreender o processo de legitimação do CTG como entidade tradicionalista com a ligação que se estabeleceu com o tradicionalismo, principalmente através da participação na entidade de Paixão Côrtes, que é um dos mentores do movimento tradicionalista. Na fala, afirma que os ensinamentos da tradição, a partir de Paixão Cortes são “corretíssimos” “autênticos”, e que é através deles que se ensina às crianças sobre suas origens nesse CTG. O que mostra a disciplinarização a partir da ritualização das práticas tradicionalistas específicas, legitimadas. Dessa forma, se estabelece uma “comunidade imaginada”, com um sentimento de ligação com os demais gaúchos, independente da distância

espacial que os separa, pois, as práticas e os símbolos os unem. Nesse sentido, Elton Carlos ainda fala sobre a preocupação com a integração na cultura Paraguaia,

E uma preocupação é a de integração com os paraguaios, com os povos do Paraguai. Um intercâmbio de cultura com os paraguaios. Do qual, dançou junto com a gente paraguaios, brasileiros, filhos de paraguaios, aliás, paraguaios filhos de brasileiros e alemães, então muitas raças se misturaram e dançam as danças do Brasil como se estivesse lá. [...] Fico feliz de saber que hoje a gente tem mais de 150 crianças, temos alunos que dançam ali há mais de 15 anos – começaram pequeninhos e já estão fazendo faculdade e continuam dançando -, e nosso objetivo não é só as danças. É também a parte educativa, cultural e social. Desde o comportamento deles dentro da sociedade. A gente tem algumas coisas que a gente cobra para que realmente as crianças tenham um porquê de estar ali. (Elton Carlos, 2015)

Percebo que se entende por integração, segundo a fala, o ato de todos dançarem juntos o que aprenderam, reproduzindo o ritual tradicionalista como se estivesse no Brasil. Evidencia-se a territorialização no espaço do CTG aos moldes de um território tradicional idealizado, que ultrapassa a ideia de Rio Grande do Sul, em um regionalismo que passa a representar uma nação, o Brasil. O que pode ser visto na frase “então muitas raças se misturaram e dançam as danças do Brasil como se estivesse lá”. Dessa forma, percebe-se que o CTG além de ser uma ligação com o tradicionalismo gaúcho é também uma ligação com o Brasil. E através dos cursos de dança disponibilizados para sócios e não sócios, de forma gratuita, faz com que essa ligação com o “ser gaúcho” e o “ser brasileiro” se difunda de forma ampla nesta sociedade. E ainda, Elton Carlos, afirma que o curso vai além da dança, pois ele também trabalha a educação cultural e social, buscando formar o comportamento desses indivíduos na sociedade. O que reforça a função disciplinadora da entidade neste espaço, na fixação de valores e representações. Sobre as práticas tradicionais desenvolvidas na entidade, Regina Complementa,

Foram feitos dois rodeios da regional. e uma vez nós trouxemos o Paixão Côrtes. Ele já veio várias vezes aqui. A gente tinha que sim ou sim fazer uma atividade oficial no ano. Ou fazer aqui ou participar fora. [...] também se fazia o sarau da prenda jovem. Que seria um baile de debutante. Também se escolhia a primeira prenda e o primeiro peão do CTG. Hoje já não tem, mas estamos conversando para retomar. (Regina Picoloto, 2015)

Neste relato se percebem as atividades desenvolvidas “sim ou sim”, para atender as exigências do MTG, e com isso vê-se como se retroalimenta a ritualização das práticas gaúchas e os vínculos entre os sujeitos que participam das atividades.

Também se menciona que não se está realizando esses eventos no momento, mas mesmo assim, são constantes as menções da participação do elenco artístico do CTG em eventos locais, regionais e também nacionais e internacionais, para apresentações e também competições. Segundo Elton Carlos,

Levamos também a gurizada nossa daqui pra Vacaria. No sábado ficamos em primeiro, no domingo ficamos em segundo. Mas dançamos em Antônio Prado, ganhamos, Flores da Cunha, São Marcos. E o nosso pensamento não era ganhar. Era sair daqui, ir lá divulgar que o povo aqui fora estava também dançando as danças do sul. E se vestindo como se vestiam lá. De forma que **abrasileirando querências fora do país**. De forma que os gaúchos vieram de lá e, sem querer, espontaneamente, fizeram um pedacinho do rio Grande. (Elton Carlos, 2015) (grifo da autora)

Elton relata a participação em eventos no Brasil como forma de divulgar como se preserva e se mantém a tradição fora do país. Estes eventos citados são grandes eventos promovidos pelos movimentos tradicionalistas, e as vitórias nas competições legitimam as representações produzidas pelo grupo como autênticas, legítimas, e interpretadas de melhor forma. Nesta fala foram reproduzidos vários elementos de reprodução, (re)construção do espaço, práticas e símbolos através do CTG, como “dançando as danças do sul”, “se vestindo como se vestiam lá”, “fizeram um pedacinho do rio Grande”, e a principal que diz “abrasileirando querências fora do país”. Estas evidenciam uma reterritorialização através do espaço, práticas e símbolos do CTG Índio José. A entidade passa a ser o vínculo direto com o “ser gaúcho” e também com o Brasil. Nesse sentido, todas as práticas relacionadas ao CTG se relacionam não só com o “ser gaúcho”, mas também com o Brasil.

Outro ponto observado no CTG foram as nomeações. Como já mencionei anteriormente, o diretor da entidade é nomeado de patrão, e dessa mesma forma segue a nomeação dos demais integrantes. A Diretoria, o Conselho e os Departamentos são designados, respectivamente, por: Patronagem, Conselho de Vaqueanos e Invernadas. Os membros da Patronagem (Diretoria) denominam-se: Patrão (Presidente), Capataz (Vice-Presidente), Sota-Capataz (Secretário), Agregado das Pilchas (Tesoureiro), Agregado das Falas (Orador). Além disso, os diretores das Invernadas são chamados Posteiros e os conselheiros chamam-se Vaqueanos (SZEKUT, 2014). Estas nomeações fazem referência à vida no campo, ao ser gaúcho, assim, e ação de nomeação pode ser entendida como uma busca de rememoração constante, visto que o ato de nomear remete a uma intencionalidade, através da qual

se pode manter vínculos de pertencimento com o espaço e o tempo, sobre o qual se afirma o grupo. A partir de Bourdieu, a nomeação é um ato de força simbólica que,

É na medida e só na medida em que os atos simbólicos de nomeação propõem princípios de visão e de divisão objetivamente ajustados às divisões preexistentes de que são produtos, que tais atos têm toda sua eficácia de enunciação criadora que, ao consagrar aquilo que enuncia, o coloca num grau de existência superior, plenamente realizado, que é o da instituição instituída. (BOURDIEU, 2001, p. 238)

A partir deste conceito, podemos entender como as ações de nomeação são formadoras e formadas no espaço social, são enunciações criadoras a partir do seu poder de representação. Estas estão diretamente vinculadas à questão de reconhecimento do grupo, de valorização e difusão de uma história, personagens e mitos; suas junções e formas são ações simbólicas formadoras do espaço.

A questão de nomeação está presente em diversos momentos, espaços e atividade dos CTGs, assim como na nomeação dos sócios, utilizando “peão” para denominar os homens e “prenda” para as mulheres, como outros termos utilizados como galpão para referir-se ao espaço do Centro. Situação semelhante se encontra na nomeação dos próprios CTGs e dos espaços que o compõem, fazendo uma constante referência aos símbolos e valores envoltos na história e tradição do grupo. A nomeação do CTG de Santa Rita como Índio José foi definida, de acordo com as falas, justamente com uma intencionalidade,

Formando essa patronagem se decidiu pôr o nome oficial do CTG como Índio José, porque esse nome? Porque geralmente os CTG da nossa região memorializam algo do lugar, como um índio, um fundador, um batalhador. E surgiu a ideia de um paraguaio que estava na patronagem na época, que é o Osvaldo Calonga, de que em memória da Virgem de Caacupé, porque o índio José foi quem esculpiu a imagem de Nossa Senhora de Caacupe, que é a padroeira do Paraguai, se colocasse o nome de Índio José. Então, se começou a elaborar o estatuto do CTG com esse nome. E outra coisa, teve mais força ainda o nome com as autoridades, porque foi em memória de um líder indígena do Paraguai. (Francisco Mesomo, 2015)

Sobre esta mesma temática Luiz Carlos, diz,

Ai um paraguaio que integrou, gostou da tradição, porque aqui a região missioneira que tem aqui pra baixo, em misiones, eles também usam bombacha, eles também usam lenço, então ele se integrou com nós, veio participar, e queria participar ele e a família. E aí ele fez uma sugestão pra nós: olha porque vocês não mudam, pegam da cultura do Paraguai um nome mais... Aí surgiu o Índio José. Índio José é a figura de um índio da lenda da virgem de Caacupe que é a padroeira do Paraguai, tem um índio que foi salvo

por um milagre e esculpiu ela na madeira. Se você vai na basílica de Caacupe hoje você tem um vitral lá com um índio esculpindo, índio José. E na história do Rio Grande do Sul nós temos o Sepé Tiaraju, que o nome de batismo dele era índio José, era José também. Então aí, através de pesquisa: índio José na cultura paraguaia, índio José na cultura brasileira, então ficou índio José, essa união dos dois. No Brasil o Sepé Tiaraju que era nome de batismo dele, José, e aqui no Paraguai o índio que esculpiu a virgem de Caacupe na madeira. (Luiz Carlos, 2013)

Estas falas mostram a nomeação do CTG Índio José como uma construção complexa entre traços que ligam a cultura gaúcha com a cultura paraguaia através do indígena. Percebe-se em seus discursos justificativas de adesão ao novo território. Fazem uma (re)construção memorial estratégica que conjuga dois personagens com intenção de formação de um vínculo ao novo espaço habitado e aos paraguaios, e ao mesmo tempo manutenção de vínculo com o Brasil, em um hibridismo simbólico. Percebo isso como uma seleção com intuito de formar uma visão de mundo de harmonia entre a população heterogênea dessa localidade. O indígena aparece então como o laço imemorial e simbólico entre os migrantes, pois a questão indígena transpassa as memórias herdadas dos diferentes coletivos e é utilizada nos discursos de integração de forma intencional. Usam de personagens, lendas e fatos de forma estratégica, para a constituição de uma retórica memorial integracionista. (PORTELLI, 1989; BOURDIEU; 1989; CANDEAUS, 2011; JELIN; 2001)



Figura 41 – Portões do CTG Índio José.

Fonte: Disponível em: <<http://kafer2010.blogspot.com.br/p/mapa.html>> acesso em: 20/10/2017.

Percebe-se que a nomeação faz parte das ações que constroem e reafirmam memórias compartilhadas, que recorrem às histórias, personagens, mitos como base para identidade coletiva. São elementos selecionados como formadores do espaço a partir do próprio espaço, o que leva a entender que os sujeitos participantes desse CTG buscam definir o espaço como compartilhado entre essas culturas. Esta nomeação também é materializada no desenho do símbolo do CTG, que une os dois personagens em uma só figura, como pode ser visto na imagem do portão de entrada do CTG Índio José e também na capa do seu Estatuto Social.

Apesar de ser uma entidade voltada a práticas e valores culturais específicos, nos discursos e nas atividades o CTG Índio José, através de seus membros, busca reafirmar a intenção de uma integração entre diferentes culturas. Sobre integração Francisco Mesomo diz, “Aqui sempre se trabalhou em prol da integração, inclusive no estatuto do CTG. Não tem religião, não tem raça, nem cor, o que manda são as pessoas de bem e a integração dos povos.” Nesse sentido lembro que o CTG tem sócios de diferentes origens, dentre elas paraguaios, um deles, Balbino Benitez disse: “Fui uno de los primeros paraguayos que se asoció al CTG de Santa Rita” como forma de ressaltar sua integração aos migrantes brasileiros na região.

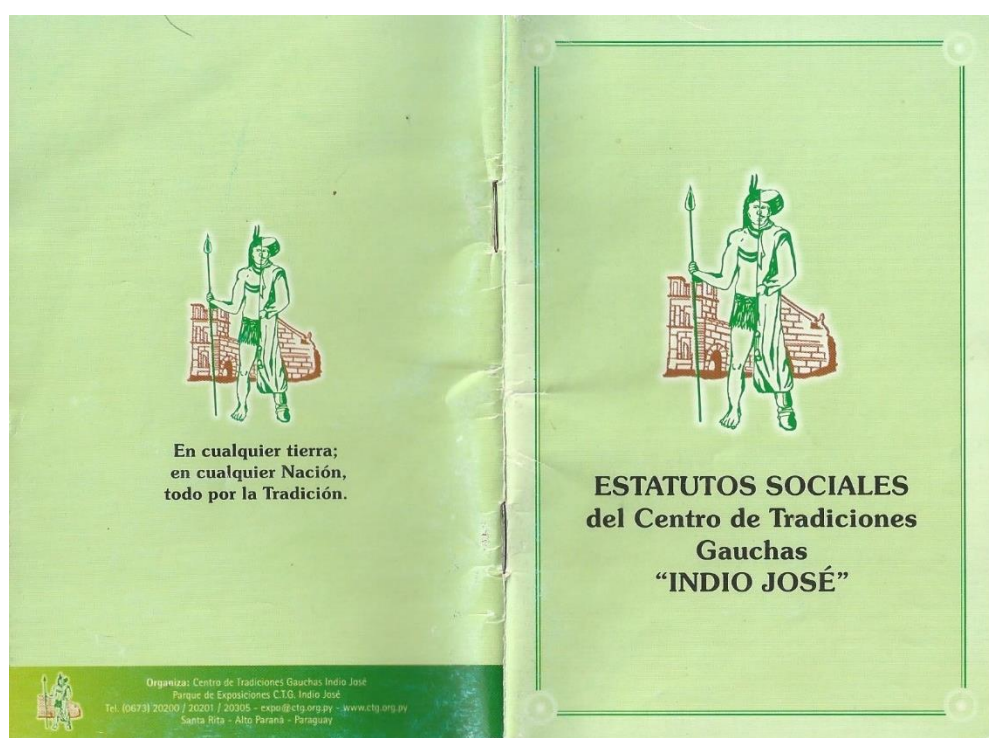


Figura 42 – Capa do Estatuto Social do CTG Índio José.
Fonte: Acervo particular de Andress Szekut.

No sentido de integração, legalização e disciplinarização, o estatuto Social do CTG Índio José foi escrito em castelhano e é registrado no Paraguai. A entidade segue este documento, que tem em sua capa o lema “En cualquier tierra; em cualquier nación, todo por la tradición.”, o que remete ao rompimento, transposição, de fronteiras nacionais, para a manutenção da tradição gaúcha. Percebo adaptações à realidade sociopolítica e cultural nacional paraguaia, com incorporações e redefinições, mas ao mesmo tempo observo a busca por manter os valores centrais relacionados ao tradicionalismo gaúcho.

Além dos discursos e símbolos, as práticas desenvolvidas no espaço, observadas durante o trabalho de campo, mostraram laços vividos a partir desta entidade. Por exemplo, participei de um dos ensaios semanais do elenco artístico do CTG Índio José, a convite do Professor Elton Carlos. No ensaio, que é o curso de dança promovido pelo CTG, estavam integrantes da banda contratada pelo Centro, com gaita, violão e cantor, o professor e as crianças de dois grupos diferentes, um que ensaiou às 18h e outro as 19h. Fiquei ali sentada, observando, e as crianças a partir das instruções do professor repetiam os passos, com detalhes.

O ensaio acontecia em um espaço exclusivo para as atividades artísticas, um salão dentro do terreno do CTG. Os músicos não paravam de tocar, o professor insistia na perfeição dos movimentos, no sorriso no rosto e na boa postura, com repetições do mesmo passo. As crianças tinham um comportamento respeitoso e de carinho com o professor. O português era predominante, mas com bastante mistura com o castelhano, ali estavam descendentes de migrantes brasileiros e paraguaios, mas como expressou o professor “todos de documentação paraguaia”.

Durante o ensaio os participantes não utilizavam toda a indumentária típica gaúcha, alguns meninos estavam de bota, e as meninas usavam saias longas por cima de suas roupas, porque essas peças são partes fundamentais para dançar algumas músicas. E o que mais me chamou atenção foi que muitas das saias das meninas eram saias da dança paraguaia. As meninas geralmente utilizam vestidos na dança gaúcha, mas o comprimento dos vestidos gaúchos e das saias paraguaias são similares, as cores e o formato é que são diferentes¹²¹. Sem entrar em extensas

¹²¹ O uso da saia típica paraguaia provavelmente ocorre por uma questão de economia e facilidade, já que as crianças praticam dança paraguaia nas escolas e conseqüentemente tenham essas roupas.

descrições, me atendo ao fato da utilização de uma saia que representa uma cultura para dançar a dança de outra. O que retrata as complexas e múltiplas interações de práticas e símbolos vividas neste espaço, e principalmente pelas crianças, as quais crescem vivenciando referenciais diversos de forma naturalizada.

Se conjectura, assim, que a formação do CTG Índio José está relacionada com a (re)construção de memórias coletivas, através da fixação de representações, tais como os espaços construídos, os valores exercidos, os símbolos fixados, e as práticas desenvolvidas pelo grupo. Dentre as suas ações mais pontuais estão a construção do galpão, as práticas artísticas e campeiras alcançadas através das invernadas, e também a comemoração da Semana Farroupilha, com a ritualização do fogo crioulo e uma semana de comemorações com comidas e danças tradicionais. Estas atividades agem nessa sociedade não só por sua materialidade, mas também pelo seu valor simbólico de constituição de identidade, laços e fronteiras. Pois percebo que por meio da criação de um CTG tem-se a criação do vínculo em rede com o país de origem, especificamente com a identidade regionalista gaúcha.

Esta análise contribui para entender as relações socioculturais e político-econômicas que se estabelecem além dos limites de fronteiras nacionais. Refiro-me ao CTG Índio José como forma de exemplificar como os migrantes estabeleceram ações representativas na constituição das representações da região. Pois, ao observar este Centro percebi que tem grande influência no município, devido à inúmeras atividades que desenvolve, tanto culturais como políticas e econômicas, como a organização da Expo Santa Rita – que é considerada a segunda maior exposição agropecuária do Paraguai. E observo nessa instituição uma forma de manutenção de vínculo com o Brasil e, ao mesmo tempo, de construção de vínculo com o Paraguai.

Assim, conjecturo que o CTG Índio José serviu de respaldo para ações destes migrantes na sociedade e também como suporte para criação e manutenção de uma rede de relações transnacionais. O Índio José exerce representação além de cultural também, política, econômica e social na região, influenciando na formação do espaço a partir de características específicas de um regionalismo brasileiro, o gaúcho, com reproduções ritualística e simultaneidades. Se observa nas ações dessa instituição a formação de um campo social de poder transnacional, tanto pela ligação com o Brasil, como por sua ligação com o agronegócio, por meio da Expo Santa Rita. O que é analisado a seguir.

4.5 A Expo Santa Rita

A Expo Santa Rita é um evento que mobiliza a região e conforma a imagem do município. Nessa parte do texto mostro a trajetória do evento, e dou ênfase para a organização e realização da Expo Santa Rita de 2015, que ocorreu entre 01 e 10 de maio. Durante o trabalho de campo, observei parte de sua montagem e também participei de grande parte do Evento. Na Expo além de conversar com inúmeras pessoas, apliquei questionários, de forma aleatória, com 40 empresas de diversos ramos que participavam com stand, para me aproximar e conhecer a dinâmica do evento. Também observei as diversas atividades como shows e reuniões que se desenvolveram dentro da feira. Com isso, analiso como a Expo Santa Rita se relaciona com a dinâmica da região e quais são as representações reproduzidas no evento.



Figura 43 – Parque de Exposição da Expo Santa Rita em 1994.
Fonte: Expo Santa Rita - El universo del Agronegocio, 2012, p. 9.

Como já mostrei no tópico anterior a Expo Santa Rita é um evento organizado pelo CTG Índio José, que teve início no ano de 1992. Este evento começou como uma feira agrícola que buscava trazer para a região empresas deste ramo para expor seus produtos, na qual também se realizavam atividades culturais e de lazer, como shows e apresentações artísticas. Naquele momento, assim como na atualidade, eram os representantes e sócios do CTG Índio José que se dedicavam para a organização e realização da feira,

Partimos para a exposição de corpo a corpo. A gente saía fazer contato com as empresas para convidar a ser expositor, em *Ciudad del Este, Asunción,*

no Brasil, porque em Santa Rita tinha muito pouco. Na parte do gado também contratamos um veterinário para fazer agrícola e ganadera. E começamos, e não fomos de sorte na primeira exposição porque choveu todos os dias. Então os barracos uma parte o vento levou, inundou, caiu. Daí a dívida ficou maior. E o que aconteceu: partimos pra segunda exposição. A segunda foi um pouco melhor, a terceira melhor, e assim foi até chegar na sexta exposição que pudemos respirar um pouco mais, mas sempre com a obrigação, se esforçando pra melhorar a expo. O CTG promovia a expo, promovia os fandangos, promovia costelão, jantar dançante, o elenco, porco no rolete. Foi criado bastante atividades para manter o CTG. [...] Daí cada ano precisávamos comprar mais terreno. Porque o nosso terreno era pequeno na época, e fomos aumentando conforme a possibilidade do parque da Expo. (Francisco Mesomo, 2015)

Francisco mostra o esforço dos membros da organização para a realização do evento, e o processo pelo qual este passou até dar retorno econômico para a entidade. Ressalta a busca por empresas expositoras em outras localidades, já que na região ainda não haviam empresas instaladas. Nessa perspectiva, Balbino Benitez também narrou como os membros da organização faziam visitas a várias localidades, muitas vezes com o próprio dinheiro, para conseguir apoio e expositores para o evento. Nesse mesmo contexto, Francisco acrescenta que sempre tiveram apoio das autoridades para a realização do evento. Segundo ele,

[...] na época nós fazíamos visitas ao presidente, pedia segurança direto de *Asunción* e sempre tivemos total apoio das autoridades. Então o lema era trabalhar unido, com o apoio das autoridades, com segurança, para mostrar o que é o Paraguai do outro lado da ponte. [...] Nós era muito bem atendido através do presidente da república, ele já autorizava as forças armadas, como exército como polícia nacional, para dar segurança durante a expo tanto em Santa Rita como na região, desde a aduana. Então eles colaboraram bastante e deixaram organizar. (Francisco Mesomo, 2015)

Percebo, que para a realização da Expo Santa Rita os membros do CTG fizeram uma grande mobilização, nacional e internacional, política e econômica. As visitas e o apoio do presidente da república mostram a relevância do evento para a região e uma consonância de interesses. A menção em “mostras o que é o Paraguai do outro lado da ponte” remete ao progresso alcançado por meio da agricultura, que segundo os interlocutores, ainda era desconhecido. Dessa forma, com apoio do poder público esses sujeitos mobilizam empresas do agronegócio para ingressar na região.

Na atualidade a Expo Santa Rita já está consolidada como a segunda maior Feira de agronegócio do país, e a maior em volume de negócios. Segundo os organizadores, muitas das empresas que eles angariaram nos primeiros anos para participarem como expositoras no evento se instalaram na região. E a área do evento

Nas semanas que precederam a Expo Santa Rita em 2015 o movimento da cidade mudou, os mercados e restaurantes ficaram cada dia mais cheios e as ruas movimentadas. Além de mobilizar o mercado de serviços local, empresas de outras localidades chegam a Santa Rita, como de *Asunción*, *Encarnación*, Foz do Iguaçu, Cascavel e até empresas Argentinas. Estas empresas montam os stands para as empresas que participam da exposição, e fazem desde a construção até a decoração dos espaços. Sobre esse processo Luiz Carlos diz

Vira uma cidade aqui dentro. Um desespero de construção, reforma, pintura e cada empresa traz seu serviço. Nós já chegamos a contar mais de 500 pessoas trabalhando aqui dentro, mão de obra que veio trabalhar para montar os stands das empresas. (Luiz Carlos, 2015)



Figura 45 – Expo Santa Rita 2016.

Fonte: Disponível em: <https://scontent.fbfh2-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/13238895_1094793497233883_4714639025787998014_n.jpg?oh=c12aa60d1bc756f87627e43feaf2f8e1&oe=5B0C6759> acesso em: 15/11/2017

A instalação dos stands é um investimento feito por cada empresa participante. São áreas diversas que cada uma ocupa dentro da Exposição. Geralmente, os representantes das empresas dizem que “compraram” o espaço, mas em conversa com Luiz Carlos ele explica que:

É um comodado que a gente faz com as empresas. Eles têm o aluguel por 10 dias, os dez dias do evento. Se constrói, faz uma construção permanente, todo ano tem direito, é dele, tem direito garantido da renovação desse

aluguel. Se não for usar ele é obrigado a avisar com 90 dias de antecedência e é repassado o terreno para uma outra empresa. E se eles não querem mais participar, se quiserem, podem tirar a melhoria que fizeram em cima. É bem claro um aluguel, por 10 dias, com normas. Pagam anualmente, pagam por 10 dias uma taxa definida. E não pode sublocar o local, isso é uma questão bem clara. Se não vai usar o espaço volta para a entidade, se reincorpora ao patrimônio da Expo e ela administra. (Luiz Carlos, 2015)

Noto que as empresas, em geral, mantem participação anual, com instalações fixas e investimentos no parque de exposição. Algumas tem grandes estruturas para a exposição de seus produtos e também para a recepção dos clientes. O valor arrecadado com comodatos, segundo Luiz Carlos, é para a manutenção e expansão do parque de exposição e também para as atividades desenvolvidas pelo CTG.

Durante a Expo, realizei observação participante: caminhei pelo parque de exposição, encontrei e entrevistei pessoas, assisti atividades, tirei fotos, fiz anotações sobre tudo, e isso deu base para as considerações que seguem.

Para aceder ao parque da Expo Santa Rita existe uma cobrança de ingresso, na maioria dos dias e horários. Então, antes de começar o evento, como já tinha contato com os organizadores eu consegui uma credencial de imprensa, que me dava acesso livre à Exposição. Essa credencial eu peguei no primeiro dia do evento.

dia	horário	evento
viernes 1/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	10:00 Hs.	Show Pírotécnico
	11:00 Hs.	Show Folklórico con "Elenco Artístico del C.T.G. Indio José"
	12:00 Hs.	Show Folklórico de "Capotea"
sábado 2/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	20:00 Hs.	Show Musical con "Grupo Nostaldy"
	21:00 Hs.	Show Musical con "Toni Gaitanes"
	23:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Banda Mil"
domingo 3/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	13:00 Hs.	Show Musical con "Grupo Verbeña"
	14:00 Hs.	Show Musical con "Grupo Genesato"
	23:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Banda Mil"
viernes 4/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	14:00 Hs.	Concurso UNICOOP
	18:00 Hs.	Noche Gospel
	22:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Banda Mil"
martes 5/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	13:00 Hs.	Especial Músico
	18:00 Hs.	Show Infantil con "Mundo Fantástico"
	22:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Grupo Manía Musical"
miércoles 6/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	10:00 Hs.	Noche Argentina
	11:00 Hs.	Show Musical con "Duduca & Dalvan"
	12:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Grupo Manía Musical"
jueves 7/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	09:30 Hs.	Presentación País - REDEX - MIC
	14:00 Hs.	Tarde Especial de la 3ra. Edad
	23:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Grupo Manía Musical"
viernes 8/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	09:30 Hs.	Inauguración Oficial de la Expo Santa Rita - 2015
	10:00 Hs.	Acto Cultural
	23:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Estilo Musical"
sábado 9/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	11:00 Hs.	Exhibición de Motos "Harley-Davidson"
	21:00 Hs.	Show Musical con "Michel Telo"
	23:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Estilo Musical"
domingo 10/05	09:00 Hs.	Habilitación de la Expo Santa Rita al Público
	12:00 Hs.	Show Musical con "Cero Gigante de A.M.P."
	14:00 Hs.	Show Musical con "Pampa Gaucho"
	18:00 Hs.	Show Musical Balletale con "Grupo Manía Musical"

Figura 46 – Programação da Expo Santa Rita – 2015.
Fonte: Acervo particular de Andressa Szkut

Os portões do parque de exposições abriram-se para visitação a partir do meio dia de 01 de maio. Nessa data, durante o dia, as empresas ainda estavam trabalhando

para terminar de montar os stands. As 18h os portões fecharam para entrada livre e começaram a cobrar ingresso, com isso muita gente se aglomerou nos portões de acessos ainda buscando a entrada livre, o que não foi mais permitido. Entrei com a credencial de imprensa, fiz um registro de digital, sistema biométrico, para entrar nos próximos dias do evento. Nesse registro, havia uma pequena fila de expositores, servidores, imprensa, artistas, todos que tem entrada livre para o Exposição estavam se registrando. O que mostra a organização e a forma de controle do fluxo.

Após as 18h a maioria dos stands estavam abertos ao público, alguns com modelos nas portas, aguardando os visitantes. Recorri todo o espaço, tirei fotos, não havia movimento. No palco principal, começaram apresentações artísticas, a primeira apresentação foi do elenco artístico do CTG Índio José, acompanhado do professor Elton Carlos, “Tio Carlinhos”, que direcionou as danças e no fim fez uma fala agradecendo a oportunidade e sobre a importância da tradição gaúcha, de preservá-la. Logo teve apresentação de capoeira com um grupo local que se chama “Guerreros del Palmal”. Eles estavam todos de branco, homens e mulheres, adultos e crianças, brasileiros e paraguaios. Em algumas calças estavam estampadas as bandeiras do Brasil e do Paraguai, uma em cada perna. Foi uma longa apresentação. As pessoas se aproximavam para assistir, as crianças do elenco artístico do CTG acompanhavam o ritmo com palmas, buscando interagir com a roda de capoeira.

Logo, teve apresentações de uma banda local de música paraguaia e depois do Ballet municipal de Santa Rita. A apresentação do Ballet foi bastante elaborada, como uma peça de teatro. Se intercalaram grupos e danças com diferentes coreografias que representavam o cotidiano paraguaio (essa foi a descrição que deu a diretora do Ballet, Gloria). As integrantes do Ballet estavam vestindo as roupas tradicionais paraguaias, com penteados e maquiagens bem característicos. Esta apresentação teve um grande público. E por último teve uma apresentação de um grupo paraguaio que interpretava músicas tradicionais nacionais, com arpa, voz e violão. Nesse momento as pessoas começaram a se espalhar pelo evento.

Essas apresentações mostram a diversidade que existe na região e também reafirma a fala de Francisco Mesomo sobre a Expo, que diz, “Durante a Expo, sempre a apresentação da Expo, é feita com a cultura local e com o elenco artístico do CTG”. Tanto na narrativa quanto na atividade vê-se uma busca de integração da diversidade, e, ao mesmo tempo, reconhecimento dessa diversidade. As apresentações deste ano

trouxeram mais do que apenas a dança gauchesca e a paraguaia, mas também a capoeira, que demonstrou que outras culturas também estão presentes na região.

Antes de ir embora da Expo, procurei um lugar para comer, não havia opções e os preços eram elevados. Comi um *Yakisoba* em um restaurante de comida oriental, que é originalmente de *Ciudad del Este*. Saindo desse restaurante passei no restaurante em frente, Malagueta, onde estava um garçom conhecido de Foz do Iguaçu. Este é um restaurante de Santa Rita, e tem três espaços dentro da Expo, e para isso traz mão de obra de fora da cidade. O garçom que era de Foz do Iguaçu explicou que trabalhava com uma equipe na Expo, essa era a sua terceira participação, mas disse que haviam colegas que já participavam há mais de 10 anos, “precisam de gente para trabalhar e pagam bem, dão hospedagem e cobrem todos os gastos”. Nessas interações percebo as redes que se formam nos diferentes setores da Exposição. Noto a relação com o Brasil para atender aos serviços, e com a fronteira de forma geral, como com o restaurante oriental de *Ciudad del Este*.

Nesse primeiro dia não houve expressivo movimento de visitantes na Expo. Ao ir embora do parque de exposição, tarde da noite, percebi carrinhos de comidas se organizando do lado de fora, nos arredores da Feira, para aproveitar o movimento de visitantes dos próximos dias. Ao redor das ruas de acesso ao parque enfileiravam-se bandeiras de empresas. Do centro da cidade se via a área da Expo, que normalmente era escura e silenciosa, iluminada e ruidosa. Tudo na região gira em torno da Expo Santa Rita durante esses dias.

No segundo dia, percebi estacionamentos improvisados em terrenos e casas ao redor da exposição. Os espaços de estacionamento nas ruas logo ficavam lotados e então a alternativa eram os estacionamentos ao redor ou o estacionamento oficial da expo, todos esses cobrados. O que mostra mais uma forma das pessoas aproveitarem para arrecadar com o evento.

Passeando pelo parque de exposição logo encontrei um pavilhão aberto, com stands onde se vendiam diversos artesanatos, com couro, prata, lã, linha, madeira, palha, barro, entre outros. Ali comprei um lindo bordado de *aopo'í*¹²², de uma cooperativa de artesões. Nesse espaço haviam térmicas de água quente e fria com decorações em couro, que vão desde desenhos tradicionais como da bandeira paraguaia até a imagens de *minions*; também haviam roupas de *aopo'í*; roupas e

¹²² Bordado com linha e tecido de algodão, tradicional da cultura paraguaia.

peças de couro; cuias de *tereré*, mate e chimarrão; peças de barro; peças de prata; entre outras coisas. As pessoas dos stands estavam bastante caladas, pouco comunicativas. Sobre esse espaço, Luiz Carlos explica que,

Existem várias cooperativas de artesanato no país, então a gente procura sempre contatar as cooperativas. Tem em *Asunción, Ypané, Misiones, San Miguel*, são várias. Umas é com lã, outros é com guampa, outros é prata, outros é com linha, o *ñanduti*, também tem com madeira, então são várias atividades. Então a gente faz uma visita a elas e convida para a Expo e o aluguel é subsidiado pela entidade, tem um valor menor, diferenciado, para o artesão, para a associação. Para mostrar o trabalho da terra e incentivar o comércio local. São pequenos produtores, nada industrial, é manual o trabalho deles. (Luiz Carlos, 2015)

Esse espaço está identificado no Mapa da Expo como *Galería de Artesanos*. Percebo assim, mais uma atividade que ocorre dentro da Expo que não está diretamente relacionada com agricultura ou agronegócio, diversificando as atividades. Além dessa área de *artesanias* também haviam indígenas vendendo seus artesanatos dentro da Expo. Eles ficavam espalhados por vários lugares, com um pano estendido no chão, vendendo artesanatos diversos como brincos, colares, pulseiras, bolsas. Os indígenas ficavam em volta das praças, nas saídas dos banheiros, na lateral do palco, perto do parque de diversões ou do parque de exposição de animais, mudavam de lugar de acordo com o movimento. Sobre os indígenas dentro da Expo Luiz Carlos explica:

Indígenas tem acesso livre. Inclusive teve um ano, que nós tentamos fazer um pavilhão para os índios, e foi um fracasso, porque eles não ficam (risos). Eles pegam as toalhas deles, colocam no chão e ali eles colocam o produto. Até tem gente que vem e diz: porque que o índio tá lá no chão? Por que é o costume dele. Então o que que a gente faz? A gente faz um cadastro, vem o cacique uns dias antes, geralmente é uma tribo de *Ciudad del Este*, uma de *Itakyry*, e uma tribo de *Encarnación* que vem. Eles são organizados, é o cacique que vem e diz: esse ano eu preciso de 50 lugares, daí temos limites, podem vir tantos, e então damos credenciais para eles e só eles podem estar sentados aqui dentro vendendo. Porque se você deixa eles encham todas as ruas. [...] Então não tem custo para eles, e eles tem acesso livre, não é restringido o acesso, só organizado. E eles ficam aqui dentro, a gente tem estacionamento dos expositores no fundo, e tem uma área que faz o pasto da parte *ganadera*, e lá temos uma casa que a gente habilita para eles, então eles vão lá e dormem lá, mas não tem nada de conforto, é índio mesmo, eles trazem as carpas deles, montam lá e ficam lá. Teve anos que ficaram aqui dentro, não conseguimos tirar eles, mas depois em acordo com o cacique conseguimos organizar. Também habilitamos um portão específico para eles entrarem, porque tem que ter um controle, senão dá briga entre eles. O cacique diz na tribo: “você 10 vão trabalhar” porque é meio um conjunto, de repente já tem 11 aqui, e eles mesmo denunciam, “ele não pode, tem que sair”. (Luiz Carlos, 2015)

Com essa narrativa do presidente da exposição, entende-se como é organizada a participação do indígena na Feira. Mostra as diferenças culturais explicitadas na tentativa dos organizadores de estabelecer um lugar fixo para os indígenas, e a persistência desses em manterem-se espalhados pela exposição com suas toalhas no chão. Também mostra que são mais de uma comunidade que participa do evento, e que todas são distantes, nenhuma da região. Apesar de dizer que não restringe a participação dos indígenas, limita sim sua participação como vendedores através do registro com o Cacique. Se não estiver registrado pode entrar na Expo, mas não pode comercializar seus produtos. O indígena permanece, então, como exótico, diferente, “é índio mesmo”.

Em um dos dias do Evento procurei conversar com alguns indígenas que estavam vendendo seus artesanatos dentro do parque de exposição. Não tive sucesso no primeiro grupo que me aproximei, fiz várias perguntas, comprei uma pulseira, tentando um diálogo, mas as mulheres apenas me olhavam e riam, sem me responderem nada além do preço das coisas. Não me pareceu um problema de linguagem, pois falei em castelhano e elas entendiam, acredito que eu não soube me aproximar do grupo, não consegui obter a confiança dessas mulheres.

Na segunda tentativa, em um outro grupo, que estava sentado em outro lugar, tive mais sucesso, mas porque ali havia um homem, o cacique, e foi ele quem conversou comigo. Pois ao perceber que eu tentava conversar com as mulheres, e elas apenas sorriam para mim, ele se aproximou e chamou a conversa para si. Explicou que são do povo Maka, que as mulheres que o acompanhavam eram sua esposa, cunhadas e sobrinhas; que vinham de Assunção, mas depois disse serem do Chaco, e que participam da Expo há 15 anos. Contou que neste ano tiveram dificuldade para participar da Expo, porque a organização não quer que eles fiquem pedindo coisas para as empresas e para os visitantes, mas que como é amigo da Regina, secretária da Expo, conseguiram acordo para poderem trabalhar dentro da Exposição. Segundo ele todos tem crachá de serviço e livre acesso à exposição. Ele também explicou que as mulheres com quem tentei conversar no outro lugar da exposição eram de outro grupo e que não conversavam entre os grupos. Para finalizar o cacique disse que trabalhava há muitos anos com os brasileiros, que são bons patrões, e que no próximo ano vão voltar para participar da Expo novamente, porque vendem bem. Fiquei um bom tempo sentada com eles, buscando conversar, mas

foram poucas as informações que consegui. Foi um contato curto, em um lugar não favorável, para estabelecer uma relação de confiança com o grupo. Entre os seus artesanatos percebo que também oferecem objetos variados, industrializados, como flautas de bambu e bijuterias, tudo organizado em cima de um tecido no chão. Agradei a atenção, comprei algo de seus artesanatos, o cacique e as mulheres agradeceram sorridentes.

A participação indígena neste evento, que é uma expressão do agronegócio transnacional no Paraguai, chama atenção. Sobre esse tema, o posicionamento político tanto do presidente da Expo quanto do Cacique é evidente, e mostra as relações de poder existentes. Os indígenas, apesar de terem acesso ao evento, e estarem inseridos no comércio a partir de seus artesanatos, continuam com o status de não civilizados, por não compartilharem da cultura e das mesmas formas de organização capitalista predominante. Pois, para garantir o direito de participarem no evento, precisam se encaixar minimamente nos padrões de comportamento exigidos.

Dentro da Expo existe, também, um parque de diversões, com vários brinquedos e jogos de azar. Esse parque é terceirizado. Ao visitar o lugar no início da tarde, notei uma estrutura velha, bastante precária, mas ao passar no mesmo lugar a noite, o cenário estava bem diferente, com bastante música, luzes, movimento e pessoas se divertindo para todos os lados. Nesse lugar também tem várias barraquinhas de venda de brinquedos, de bordado em bonés e camisetas, e até de tatuagem temporária. Ali se reuniam crianças, adolescentes, jovens e adultos para um momento de lazer.

Pelos corredores pouco movimentados cheguei à tenda de *remate ganadero* (leilão de gado). Este ocorria em um lugar um pouco escondido, no fundo do parque, atrás dos pavilhões de exposição de animais. Ali haviam duas promotoras na entrada que me deram bótons com a imagem de “50 anos Nelore”. Ao olhar em volta vi um “piquete” de exposição de animais bem no centro da tenda, em volta mesas e cadeiras com decoração em preto e dourado, Assim como os Banners da empresa patrocinadora do evento a “GOYA S.A.”. Em uma das mesas estava Juacir Repossi, um interlocutor que eu já havia entrevistado, que era o patrão da *ganadera* do CTG índio José, ou seja, é responsável por essa área da exposição. Ele me chamou e convidou para sentar em sua mesa com sua esposa, filhas e mais algumas mulheres. Sentei com eles e participei de todo o *remate*.

Serviram cerveja, chopp, vinho, whisky 12 anos escocês, champagne, água e refrigerante. Pratos com sopa paraguaia, carne, mandioca, e chips, tudo picadinho para comer com palitos. Durante o evento Juacir explicou que o *remate* acontece desde as primeiras edições da Expo Santa Rita, mas que com os anos foi diminuindo o espaço da atividade, já que ele não *disponía* (dispunha) mais do espaço que antes era usado para o *remate* (que era feito em sua propriedade, que fazia divisa com o parque de exposição). Assim, a Expo, segundo ele, não tinha espaço e nem dinheiro para investir nos *remates*, com isso foi feita uma parceria com a GOYA S.A e com a Maracaju S.A., as quais preparam o espaço e organizam o *remate*. E por explorar essa atividade pagam para a exposição 10.000 U\$.

O espaço da Tenda onde ocorria o *remate* encheu de pessoas. Juacir se preocupava em acomodar cada um que entrava. Como presidente da *Ganadera* fez a abertura do evento juntamente com um representante da GOYA S.A. Nessa noite foram leiloados 47 animais, sendo 6 novilhas e 41 bezerros (Garrotes, Touros novos para reprodução). Foram vários os compradores, como Estância Luna Nueva, Estância Treme Terra, Estância Barudi, dentre outros. Essa era a primeira de três noites de *remate*, o qual foi narrado todo em português, mesmo tendo um público bastante diversificado de brasileiros, paraguaios e argentinos. Sobre isso, Juacir aponta que, apesar da narração em português por conta da equipe profissional contratada, toda documentação do evento está em castelhano, para atender a regulamentação da SENASA (Servicio Nacional de Saneamiento Ambiental). Noto, com isso, as complexas relações que conformam a atividade.

Os participantes, em geral, se conheciam e interagiam entre as mesas, fazendo piadas e estimulando a compra, alguns bastante animados e outros mais atentos ao leilão. Alguns comparavam preços dos animais com leilões anteriores e mencionando próximos leilões. No final do *remate* o ambiente era de festa entre amigos, todos levantados e conversando alto e com risadas em torno da saída do evento. Esta era uma atividade direcionada a produtores de gado, e apesar de ter participante de vários lugares não mais de 100 pessoas estavam presentes, e um número menor arrematou o gado exposto. Noto, com isso, a configuração desse mercado.

O fim do *remate* ocorreu perto da meia noite, os corredores do parque de exposição estavam vazios. No palco principal, já havia terminado o show que era a atração da noite, com “Tchê Garotos”, mas ainda continuava a “Banda Mil” – que foi a banda fixa do evento, e tocou todas as noites após os shows principais. Nessa noite,

a banda principal teve um apelo gauchesco, de baile, e a segunda banda, que é a fixa, também, assim, destaco a influência de referenciais brasileiros na programação do evento. Ao contrário do restante da feira a pista do palco estava cheia de pessoas, muitos jovens, aglomerados em grupos. Esse é um dos públicos da expo, que participa do evento como uma atividade social, “sair com os amigos”, para “beber, dançar e festejar”, impulsionados pelos shows e também pelo movimento de pessoas da Feira. Os shows e atividades variadas acontecem todas as 10 noites do evento. Nessa noite, todos dançavam, em um público bastante variado.

Todas as noites na Expo havia um elevado número de jovens, os quais claramente não estão ali pelos stands de agronegócio, mas sim para encontrarem-se com amigos, “curtir” o evento. A Feira é um grande ponto de encontro para os jovens de toda a região, que não tem muitas opções de lazer. Assim, durante o evento, os jovens se vestem para “balada”, ficam passeando pelos corredores de pedrinhas do parque de exposição, se reúnem em frente ao palco principal, quando ocorrem shows e também em frente aos bares como o “Esquentá” e o “Mare Mansa”. Estes são bares tradicionais dentro da Expo, onde se vendem diversos drinks e se reproduz, na maior parte do tempo, música eletrônica ou música sertaneja.

O terceiro dia de Expo Santa Rita foi um domingo bastante chuvoso. Fui apenas a tarde para o evento, e lá soube que a maioria dos stands, pela chuva, não abriram pela manhã. O movimento começou apenas no meio da tarde, quando a chuva diminuiu. Pela falta de infraestrutura na região, ou seja, a maioria das estradas da região, principalmente no interior serem de terra, muitas pessoas desistem de ir ao evento quando chove e tem barro. Além disso, os corredores e estacionamentos da Expo não são cobertos, apenas os stands e palco principal tem estrutura coberta, então a chuva dificulta a circulação de pessoas.

Aos poucos foi chegando bastante gente e ficando bastante frio. Nesse dia tinha show de Zezé di Camargo e Luciano, uma dupla sertaneja brasileira. As pessoas chegavam à exposição e logo começavam a se aglomerar em volta do palco principal, um público diverso e variado com jovens, idosos, famílias com crianças pequenas. A rádio oficial da Expo, tocando nas caixas de som espalhadas pelos corredores, anunciava a chegada de pessoas de várias localidades do Paraguai e também do Brasil e da Argentina. Vendedores ambulantes se misturavam com a multidão oferecendo bebidas, adereços da dupla sertaneja, balões, algodão doce, dentre outras coisas. Faltando mais de uma hora para o show a pista coberta e seus arredores já

estavam cheios. As senhoras indígenas que estavam vendendo seus artesanatos em volta da praça que fica em frente ao palco recolheram suas coisas e ficaram ali, assistindo ao show e cantando junto as músicas da dupla.

Antes e durante o show de Zezé di Camargo e Luciano, apesar da multidão em volta do palco principal, os corredores da Expo também estavam bastante movimentados. Muitas pessoas nos stands, restaurantes e bares. O que leva a perceber a Expo como um “Shopping Center temporário” para a região que tem poucas opções de lazer. As pessoas visitam a Feira por diferentes motivos: é a festa do final de semana, o show do artista que gosta, o negócio para a plantação de soja, o parque para as crianças, a compra de gado no leilão, os bares, o trabalho, inúmeras variáveis, que movimenta toda a região.

Me perguntaram em um stand que visitei se eu era do agronegócio, “porque esse é um evento de agronegócio”. E essa pergunta e afirmativa me faz refletir, olhar para o público da Expo. Esse é um evento de agronegócio com certeza, mas o evento não se resume aos stands e negociações de máquinas e produtos para as plantações agrícolas. A Expo tem um leque de atividades e é nítido no seu público que nem todos estão interessados, ou tem condições ou qualquer ligação com o agronegócio. Isso se evidencia com o aumento de empresas prestadoras de serviços variados e até de corretoras de imóveis como expositores na Feira. Sem contar o apelativo cunho de lazer e recreativo que tem a exposição com os diversos shows que realiza todos os anos. O principal foco é o agronegócio, assim como Santa Rita é conhecida pelo agronegócio, mas o público do evento, assim como a população da cidade, é variado, tem diversos interesses, diferentes ocupações e condições econômicas. Assim, o evento reflete a realidade local – composta por diversas realidades e relações – que gira em torno do agronegócio, mas não se limita a ele.

O Show de Zezé di Camargo e Luciano, começou às 20:30, os cantores foram bastante diplomáticos, pedindo desculpas por falar em português, falando algumas frases em espanhol e cantando com uma bandeira do Paraguai. Na apresentação, ao chamarem aos Argentinos um grupo considerável gritou como resposta, ao chamarem aos paraguaios uma grande parte da multidão gritou como resposta, e ao chamarem aos brasileiros uma parte maior ainda da multidão gritou como resposta. E durante o show todos cantaram juntos, com bastante alvoroço, quando a dupla cantou a música *Galopeira*, que tem em sua letra referências ao Paraguai, o que mostrou um vínculo forte com o país, o reconhecimento de suas referências.

No quarto dia de evento, uma segunda-feira ensolarada, cheguei na Expo no início da tarde. Fui até o palco principal, onde ocorria a atividade “*Reutiliza por um dia Mejor*”, organizado pela “*Red de Jóvenes*” das cooperativas da região. Que consistia em um concurso de projetos de reciclagem. Alunos de colégios de diferentes localidades da região participavam com diversos projetos. Todos com o uniforme de suas respectivas instituições, apresentaram de um a um seus projetos, explicando seus objetivos. Os jurados eram representantes de cooperativa da região. Todos falavam em espanhol, alguns com poucas misturas com português. Inclusive os jurados, que na sua maioria eram migrantes brasileiros, falavam em espanhol no microfone, ao fazer suas considerações, e ao conversarem entre si falavam em português. Algumas pessoas assistiam atentas, outras passavam sem dar atenção. Os ganhadores foram os mais articulados nas apresentações e com projetos úteis. Concurso promovia a reutilização, a integração entre alunos, a interação entre escolas, o cooperativismo, o empreendedorismo, e a preservação do meio ambiente.

Nesse dia comecei a aplicar um curto questionário de pesquisa em alguns stands de empresas participantes da Expo Santa Rita. Preparei esse questionário para facilitar o acesso às empresas e possibilitar uma análise das relações estabelecidas na região. O questionário era composto pelas seguintes perguntas: Empresa/Entidade?; Local da sede da Empresa/Entidade?; Interlocutor?; Empresa/Entidade participa desde que ano da Expo Santa Rita?; quais as mudanças na estrutura da exposição? Qual a importância da Expo para a empresa? Expectativas para a Exposição? A seleção dos stands que responderiam ao questionário foi aleatória. Caminhei pelos corredores da feira e entrei nos stands de acordo com o movimento de público e a presença de algum representante para responder as perguntas. Algumas limitações foram: se haviam visitantes nos stands eu não era recebida, pois os representantes estavam atendendo aos visitantes; em outros casos o representante não se encontrava; alguns stands estavam fechados; e também alguns representantes se recusaram a responder. No total foram 40 questionários aplicados no decorrer do evento com empresas e entidades bastante diversas. Trago os resultados nas reflexões a seguir.

No primeiro stand em que fui recebida as empresas Pulvipar S.A. e Retamozo Hermanos, compartilhavam o espaço, empresas locais, com sede em Santa Rita. O interlocutor Lídio Kunz, filho de migrantes brasileiros, relatou que a empresa Pulvipar S.A participa da Expo desde o início, mas oficialmente, com stand, desde 1998. Que

primeiramente participavam com pré-moldado, mas que agora toda a estrutura é fixa, no mesmo local do início, mas ampliada. Lídio estava tomando chimarrão e me ofereceu, durante nossa conversa contou que as expectativas para esse ano eram baixas, que no ano anterior começaram a Exposição com 14 máquinas vendidas, e neste com 1 máquina vendida. Diz que “Tudo tem a ver com o preço do soja”, e que os anos anteriores, 2013 e 2014 foram muito bons, e 2015 estava pior. Mas, complementou apontando que apesar desse panorama negativo a Expo continua sendo a melhor forma de divulgação dos seus produtos, pois mostram em 10 dias o que levariam 6 meses para divulgar indo de um a um aos produtores. Pois, segundo ele, toda a região visita a Expo. Assim, a importância da Expo para a empresa é para mostrar as novidades, tecnologias aos clientes de forma mais rápida. Dentre outras coisas, esse relato mostra a realidade do mercado do agronegócio naquele momento, e exibe a forma de atuação das empresas na região.

Outra empresa visitada foi a SETAC SRL, uma empresa de equipamentos agrícolas, representante no Paraguai da marca alemã Fankhauser. Tem sua central em *Encarnación, departamento de Itapúa*, e filiais em Santa Rita e Fernando de la Mora. O Interlocutor foi Alcides Maldonado, paraguaio, que contou que a empresa participa da Expo há aproximadamente 20 anos, e nos últimos 5 anos está com edifício próprio e com ampliações. Segundo Alcides, a Expo serve para divulgação e lançamento de produtos e para venda com ofertas e descontos. Sendo que a importância da Expo é o fluxo de clientes, o que permite a grande divulgação.

Logo visitei na empresa ADM Paraguay SRL, que tem sede em *Ciudad del Este*, e suas principais atividades são financiamentos na agricultura, e compra e venda de grão, com silos e escritórios em vários lugares do país. O representante que me recebeu foi Diogenes Zanchett, filho de migrantes brasileiros. Ele diz que a empresa participa desde o ano 2000 da Expo Santa Rita, no mesmo local, mas com o dobro de tamanho. Sobre a Expo, diz que a importância para a empresa é a de divulgação do nome e a recepção de clientes, assim, as principais ações desenvolvidas na feira são assistência ao produtor e confraternizações. Diogenes disse que as expectativas para este ano não eram boas, pois o mercado estava “sem preço”. Com isso, explicou ligeiramente o que determina os custos e os preços da produção agrícola, mencionando que na região todos os valores estão relacionados com o porto de Paranaguá, no Paraná, Brasil, mesmo tendo parte da produção escoada pelos rios Paraná e Paraguai, pois passa pela Argentina e também tem custo. Com essa

conversa foi possível perceber quanto é dependente a agricultura local do mercado internacional, pois tudo ocorre com base aos Estado Unidos, a bolsa de Chicago.

O próximo Stand era dividido entre 4 empresas: SCA, Sierra, Magnus Monteiro e Marmores Kunkel. Estas trabalhavam com arquiteturas, móveis, revestimentos e decorações, sendo apenas a Marmores Kunkel de Santa Rita, e as demais do Brasil, principalmente de Foz do Iguaçu. Segundo as interlocutoras Patricia, Bianca e Carolaine, esta é a primeira participação das empresas na Expo Santa Rita. Estas se juntaram para poder participar da Feira e alcançar maior visibilidade, promovendo e divulgando as marcas. Um Stand que não tem ligação direta com o agronegócio, oferecem serviços e produtos para residências e empreendimentos. O que permite inferir que estas empresas veem o público da Expo como um potencial comprador, e mostra a diversificação do evento.

Outro stand foi o da empresa Oro Verde, fundada em Santa Rita, fabrica e comercializa equipamentos agrícolas. O representante dessa empresa, Osmar Pereira, disse que esta participa desde a primeira Exposição organizada no município, em 1992, mesmo antes de se chamar Expo Santa Rita. Segundo ele a empresa ampliou bastante o espaço de participação. “A empresa pode falir, mas continuará participando da Expo” foi uma frase dita para expressar a importância da Expo para a empresa. Assim, Osmar relatou que a data da Expo é a data de fechamento da soja, então é a data que os produtores têm dinheiro e as empresas aproveitam para fazer divulgação e promoções. E encerrou mencionando que este era um ano em que “estão todos sem dinheiro”, e que por isso as vendas estavam “devagar”. Este stand era bastante grande, com vendedores espalhados e máquinas expostas.

A próxima stand foi da Tractopar Repuestos, que vende peças agrícolas e para veículos. Tem sede em *Ciudad del Este* e filiais em Santa Rita, *San Alberto* e *Asunción*. O representante que me recebeu foi Glicerio Steffens, ele estava tomando chimarrão com clientes, mas logo me encaminhou para o escritório do stand para responder às perguntas. Este, disse que a empresa participa da Expo desde a primeira Edição, sempre no mesmo lugar, com melhorias de estrutura todo ano e sempre da mesma forma, com almoço e jantar todos os dias para os clientes e duas festas durante a Expo. Com foco em receber o cliente, diz não focar na venda e sim e demonstrar, divulgar as bandeiras, marcas, que a empresa oferece e também as novas peças. E finalizou dizendo que a Expo é bastante importante para a cidade. Este é um stand pequeno, em comparação com os demais, com poucas peças em

exposição, mas acolhedor, com churrasqueira e mesas servidas com carne e bebidas todo o tempo.

Depois fui até ao stand da Secretaria Nacional de Turismo - SENATUR. Este era um stand pequeno, feito com container, compartilhado entre a SENATUR e a ITAIPU Binacional. Quem me recebeu foi Gabriela Ecurra e Liz Ramirez, estas disseram que a SENATUR participa da Expo Santa Rita desde 2010, sempre em parceria com ITAIPU. Segundo elas a SENATUR tem sede em Assunção, na capital do país, e também tem escritórios em *Ciudad del Este*, *Encarnación*, *Villa Rica* e *Pedro Juan Caballero*. Dizem que a entidade participa da Expo “Para dar a conocer a los residentes y empresarios que existe más allá de los negocios en Paraguay, mostrando el turismo interno y receptivo del país.” Receptivas, tinham apenas um balcão com bastante material promocional do Paraguai, como de atrativos por *departamento*, ou de atrativos de Turismo de aventura/experiência.

Continuando no mesmo stand aproveitei para falar com o representante da hidroelétrica de ITAIPU Binacional, Arnaldo Cabrera. Este disse que a entidade participa da Expo desde a primeira edição, a convite da organização. Que sua participação na Expo é para divulgar o trabalho realizado na área da tecnologia e da biologia e também o turismo em ITAIPU; e nos últimos anos o turismo nacional com a SENATUR. No stand apresentam resultados de projetos patrocinados pela ITAIPU, como projetos de painéis solares, de energia eólica, de plantas medicinais, de energias renováveis como o biogás, dentre outros. Relatou que em anos anteriores foram feitas capacitações com palestras de educação ambiental e que neste ano estavam fazendo uma campanha de reflorestamento com doação de plantas nativas para áreas degradadas. Assim, eles tinham plantas no stand que eram doadas aos visitantes, e também materiais de incentivo à biodiversidade.

Depois fui até o galpão “Fogo de Chão” a convite da “Tia Elisa” que é a companheira do “Tio Carlinhos” ambos instrutores do elenco artístico do CTG Índio José. Este local está entre os stands, um galpão rústico, como se fosse o stand do CTG. Ali o elenco artístico se apresentou todas as noites e também foram feitas outras atividades da entidade. Nesta noite houve a apresentação do grupo mirim, as crianças. Tomando chimarrão e assistindo às danças apresentadas estavam pais e conhecidos em volta do “Galpão”. Nesta noite também fizeram jantar em comemoração ao aniversário do “Tio Carlinhos. Ambiente “tradicionalista”, é nessas atividades que o CTG se faz sentir na expo, com músicas “gauchescas”, pessoas

“pilchadas”, marcando o espaço com suas representações. A Expo estava bastante movimentada, muitas famílias passeando pelos corredores, pois este era o dia de entrada livre, e as pessoas aproveitavam para passear na feira. No palco principal estavam acontecendo shows Gospel, os quais contavam com um público pequeno.



Figura 47 – Apresentação do elenco artístico do CTG Índo José durante a Expo Santa Rita 2015.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015

Na terça-feira, quinto dia de Expo Santa Rita, cheguei ao evento com bastante movimento. Carretas com animais para o leilão que ocorreria a noite trancavam parte da entrada da Feira. Aproveitei e visitei os pavilhões de exposição de animais. Eram três pavilhões, e áreas abertas. Dois deles com bovinos, equinos, caprinos e outros quadrúpedes e o terceiro com aves. Os animais estavam identificados com placas de origem, peso e prêmios. Estes participavam de competições que ocorreram durante a Expo. O que mostra a parte *ganadeira* da exposição.

Este era o dia da criança na Expo de 2015, com entrada livre e programação dedicadas a elas. Algumas crianças estavam com os pais, mas a maioria visitava a feira com as escolas. No palco ocorreram apresentações com música infantil e palhaços, e na pista as crianças corriam e brincavam. Em alguns pontos repartiam-se pipoca, salgadinhos, leite achocolatado, sucos e algodão doce.

Ali eu conversei com um representante da Lactolanda, Cooperativa La Holanda Ltda. Ele explicou que a Lactolanda, assim como outras empresas, participa todo ano

deste evento dedicado às crianças por convite da organização da Expo. Neste dia a Lactolanda distribuiu mais de 800 caixas de leite achocolatado. Ele explicou que esta é uma Cooperativa de menonitas canadenses, localizada em *Campo 9, distrito de Doctor Juan Eulogio Estigarribia, departamento de Caaguazú*. Que todos os 1600 sócios da cooperativa são dessa origem. Segundo ele, produzem 600.000 litros de laticínios por dia, sendo a maior empresa de laticínios do país, com tecnologia de ponta. Com forte sotaque, diz que tem comunidade organizada e unida. Vejo menonitas andando pela Expo, eles se diferenciam por características fenotípicas, como cabelos e olhos claros, e também por sua forma de vestir-se. Apresenta-se assim outra faceta da diversidade sociocultural e também produtiva do Paraguai. Nos arredores de Santa Rita não tem comunidades grandes de menonitas, o que denota que vêm de longe para visitar a exposição.

Depois disso, comecei a visitar stands para aplicar minha pesquisa. Primeira empresa visitada foi Record Electric Saeca, que tem sede em *Asunción* e 17 filiais pelo país, sendo uma delas em Santa Rita. Carlos Aguilera e Luiz Aguilar foram os interlocutores e disseram que a empresa participa da Expo desde 1997, no mesmo local, mas com uma área maior nos últimos anos. Tomando *tereré* conversaram e disseram que participam de quase todas as exposições que acontecem no país, que elas são importantes para se projetarem, para que as pessoas conheçam a empresa, os produtos, promoções e ofertas. Comentam que a Expo depende de economia do país, e que por isso acredita que irão alcançar apenas 60% da meta esperada para o evento. Tem um grande stand com peças e máquinas elétricas em exposição.

Depois visitei o stand da Agrícola Colonial SAIC, um espaço grande, com dois pisos, ao lado do palco principal. O gerente Robison Ceron explicou que a empresa tinha 11 anos, que se dedicava à venda de grãos, insumos, máquinas, combustível e também à crédito, financiamento para produtores, ou seja, busca atender a toda demanda do produtor rural. Segundo ele a empresa participa da Expo desde 2011, com objetivo de estreitar o relacionamento com os clientes, sendo a programação mais importante do ano da empresa, fazem palestras e jantares para os clientes. Participam da expo para negócios, buscando 100% de aproveitamento, e indica que têm um crescimento bom de negócios nas participações anteriores, de 8 para 16 e de 16 para 23 milhões de dólares em negócios nos últimos anos, mas que a expectativa deste ano não era de superar os números do ano anterior, por consequência crise na agricultura do país.

Logo, visitei o stand da Importadora Alemana S.A., empresa de insumos agrícolas que tem sua matriz em *Asunción*, e uma de suas filiais em Santa Rita. O representante foi Enrique Neukirchinger, que relatou que a empresa participou nos primeiros anos de Expo Santa Rita, mas entre 2000 e 2010 não participou, por conta da crise na agricultura e por uma decisão de Marketing. Segundo ele voltaram a participar porque foram convidados pela organização, a qual lhes ofereceu um terreno bem localizado na feira, e diz que se não fosse bem localizado provavelmente não iriam participar. Segundo ele a Expo Santa Rita é referência no Paraguai, vem gente de todo o país visitar. Assim, participam para estar presentes, mostrar a empresa, fazer contato com o cliente. A Expo é para “Gastar un poco para el cliente”, passar um tempo de lazer com eles. E finaliza apontando que com a crise vivida no momento os clientes visitam o stand para se lamentar, então eles estão ali para ouvir.

Outro local visitado foi o da empresa de comunicação Agropecuária Artemac S.A., que edita a revista *Actualidades del Campo Agropecuario* e a revista *Pecuária & Negocios*, dentre outras edições especiais. Fui recebida pela diretora da revista Nilda Teresita Riquelme, que explicou que a sede da editora é em *Asunción*, mas que tem escritórios e correspondentes em todo país, pois acompanham a grande maioria dos eventos do agronegócio no Paraguai. Ela diz que desde que a editora existe, anos 2000, cobre realização da Expo Santa Rita, e que nos últimos anos têm stand próprio. Nilda indica que no ano de 2014 foi feita uma edição especial sobre a feira¹²³, aponta que “La evolución tecnológica que tuvo el agronegócio em Paraguay se refleja en la Expo Santa Rita”, e acrescenta que o Evento cresceu muito, e como meio de comunicação eles participam para acompanhar e transmitir o que acontece no setor do agronegócio.

No stand da empresa de insumos agrícolas, Caltech, fui recebida por Kauã Nagel. Ele disse que a empresa, que tem sede em *Hernandárias*, foi lançada em 2014 na Expo Santa Rita e nesse segundo ano estava com uma infraestrutura melhor, com mais investimento em Marketing. Comentou que o movimento do ano anterior foi

¹²³ Edição da revista *Actualidades del Campo Agropecuario* que traz matéria especial sobre Expo Santa Rita de 2014 Disponível em: <https://es.scribd.com/doc/245190826/CAMPO-ANO-13-NUMERO-155-MAYO-2014-PARAGUAY-PORTALGUARANI#fullscreen&from_embed> acesso em: 20/10/2017.

Edição da revista *Actualidades del Campo Agropecuario* que traz matéria especial sobre Expo Santa Rita de 2015 Disponível em: <https://es.scribd.com/doc/268163480/CAMPO-ANO-14-NUMERO-167-MAYO-2015-PARAGUAY-PORTALGUARANI#fullscreen&from_embed> acesso em: 20/10/2017.

Edição da revista *Actualidades del Campo Agropecuario* que traz matéria especial sobre Expo Santa Rita de 2016 Disponível em: <https://es.scribd.com/document/316644168/Campo-Ano-15-Numero-179-Mayo-2016-Paraguay-Portalguarani#fullscreen&from_embed> acesso em: 20/10/2017.

maior, comparado com o ano corrente e que participavam da Expo para alcançar um número grande de clientes em uma semana, sem precisar se locomover por toda região. Explicou que a Expo é um polo que reúne agricultores de todo Paraguai, sendo assim é um bom lugar para ganhar visibilidade e divulgar a marca da empresa.

Outro stand em que fui recebida foi o da Cotripar, empresa de equipamentos agrícolas, que tem lojas em Santa Rita, Troncal 4 e *Hernandarias*. Quem me recebeu foi Alberto Holler¹²⁴, que era um familiar do proprietário, e não funcionário regular da empresa, mas disse participar todos os anos da Expo para colaborar na recepção dos clientes. Indicou que a empresa participa desde o início da Expo Santa Rita, e que estava em dois lugares dentro da feira neste ano, pois no seu local fixo não havia espaço suficiente para expor muitas máquinas, principalmente as grandes, então alugaram mais um terreno. Neste terreno estão expostas máquinas da China, Alemanha, França, Holanda, Argentina e também do Brasil. Segundo ele, a Expo é tudo para a empresa, que ela serve para divulgar as marcas com as quais trabalham, e os serviços que disponibilizam, por exemplo, entrega em todo o país.

Na empresa de pneus Hermanos Cassol S.A, fui recebida por Orlando Machado Soares. Ele disse que a empresa participava da Expo a aproximadamente 12 anos, com estrutura própria e para a exposição de pneus. Segundo Orlando, participam da Expo para divulgar produtos e dar visibilidade para a empresa, mas que neste ano as expectativas estão baixas, pois a agricultura estava em crise.

Outro stand visitado foi da empresa Lider Sistemas de Alarmes, que trabalhava com sistemas de segurança. Clovis Diehl, disse que a empresa está há 8 anos em Santa Rita e que a 5 anos participam da Expo, primeiramente em um lugar alugado, mas nos últimos 3 anos com infraestrutura própria, em um terreno grande. Diz que o objetivo na expo é de divulgação dos produtos e serviços oferecidos pela empresa, como estratégia de marketing. Acrescentando que a cada ano o fluxo de visitantes da Expo aumenta e isso é um incentivo à participação.

O stand da Kuroso & CIA, foi o próximo visitado. Esta é uma empresa representante da John Deer, voltada para agricultura, e da Deere, voltada para a área de construção. Tem sua matriz em *Encarnación, departamento de Itapúa*, e em Santa Rita está localizada uma de suas 10 filiais do país. Quem me recebeu foi Mercedes Ojeda, representante do departamento de marketing da empresa. Ela contou que a

¹²⁴ Alberto Holler, morador Foz do Iguaçu, emocionado ao lembrar histórias da região, conta que participou da primeira edição da Expo, comentando que naquela ocasião o show foi de Tónico e Tinoco.

empresa participa desde o início da Expo, e que atualmente tem um grande espaço de exposição com estrutura fixa. Mercedes complementou que utilizam essa estrutura durante o ano para capacitações de funcionários e recepções a clientes. Segundo ela, a Expo Santa Rita é a mais importante do país para a empresa, pelo volume de negócios que se concretizam. Durante a feira expõem máquinas, capacitam vendedores e clientes, fazem demonstrações dos produtos, e também aproveitam para conhecer a experiência do cliente para buscar atender suas necessidades.

Já noite, caminhei pelo parque de exposições. No Fogo de Chão novamente ocorriam apresentações do elenco artístico do CTG, ali muitos passavam e paravam para assistir e tirar fotos. No palco principal acontecia um show de humor com um grupo paraguaio, com muita gente assistindo em cadeiras espalhadas pela pista. Em alguns stands estavam ocorrendo eventos para os clientes, como jantares, palestras, recepções com shows ao vivo de duplas sertanejas, e até com torneio de truco. E na tenda da área *ganadera*, acontecia o segundo dia de leilão de gado, reunindo ainda mais público do que no primeiro dia. Uma noite bastante movimentada da Expo Santa Rita de 2015.

No sexto dia de Expo, uma quarta-feira, grande parte da programação estava voltada para uma ação de integração com a Argentina. No prédio do CTG chamado “Casa do Sócio” aconteceu uma conferência com palestras sobre agricultura com representantes de entidades públicas e empresas privadas Argentinas. Depois da conferência que também teve almoço para os participantes, o grupo de argentinos acompanhados de produtores locais e promotores da Expo visitaram a feira. E todas as apresentações artísticas do palco principal do dia eram argentinas ou em homenagem à Argentina. Ação de aproximação das empresas internacionais e promoção de interação entre os produtores dos dois países, os quais tem regiões de confluência de produção agrícola e também *ganadeira*.

A primeira empresa que me recebeu foi a Castello Indústria Metalúrgica. O representante, Paulo Giacomini, explicou que a empresa tinha sede em *Hernandarias*, e que participavam desde a 2ª edição da Expo. Ele diz que anteriormente também tinham restaurante dentro do parque de exposição, em um espaço maior, mas que continuam apenas com a metalúrgica. Segundo Paulo, a Expo é importante para a empresa, que fez muitos clientes com a exposição, que sempre vendeu na feira, e assim divulgou sua marca. Contou que no começo da Expo foi mais difícil, que havia menos movimento, e que hoje existe muito movimento, mas que é menos divertido,

outras músicas, outros tempos. Expressa que na atualidade já tem clientela formada e que participam da Expo como sinal de que a firma está em atividade.

Outro stand visitado foi da empresa de adubo organomineral, fizio estimulante e azeite natural Tiróleo - Agromicroplant S.A. Roberto Gris foi o representante que me recebeu, ele ofereceu *tereré* enquanto respondia às perguntas. Este explicou que a empresa tem sede em Tirol, *departamento* de Itapúa, e que participa da Expo desde 2009, mas que neste período modificaram a imagem e as atividades da empresa, pois antes também trabalhavam com biocombustível. Diz que a Expo melhorou, que tem mais investimentos das empresas e maior comodidade para os clientes. E que participam porque “tem que ser visto para ser lembrado” e “estar presentes para o cliente saber que a empresa está no mercado”. Segundo ele, as edições da Expo Santa Rita contribuíram para o crescimento da cidade, que é conhecida internacionalmente devido à Expo.

Logo, em outro extremo da feira, visitei o stand da Aero Centro S.A. Quem me recebeu foi Antonela Gonzales e David Gonzales. Eles explicaram que a empresa tem sede em *Luque*, *departamento* Central, e oferece serviços para aviação, como venda de aviões, manutenção, garagem e curso de piloto aviador civil. Segundo eles a empresa já participou em edições anteriores, há alguns anos, e que voltou a participar na edição de 2014 e agora em 2015. Dizem que estão na Expo para divulgar que abriram a primeira turma de curso de voo em Santa Rita em julho de 2015, configurando-se como a primeira escola de aviação de Santa Rita e região. O que evidencia o potencial econômico da região.

Faço uma caminhada pelos corredores da Expo e uma parada no stand da rádio local, Progreso 93.9 FM, onde me recebem todos os dias que preciso de banheiro, água e um lugar para sentar e descansar. Este era o stand de um dos interlocutores entrevistados na pesquisa de campo, Balbino Benitez. Quem desde a entrevista, alguns dias antes do início Expo, me ofereceu o espaço para o que eu precisasse durante a evento. No local sempre está uma secretária e alguns dos locutores, todos simpáticos e solícitos. Outras rádios também têm stand no evento, estas fazem entrevistas e cobertura das atividades da Feira. Ressalto que as rádios são um importante meio de comunicação na região e essa cobertura *in loco* mostra a expressão que tem o evento para a realidade regional.

Depois, fui até o stand do Grupo Reimpex, que fabrica e distribui Leopard (Motos), Prestige (eletrodomésticos), Royal em Paraguay (motos), LG

(eletrodomésticos), Jac (veículos), entre outras marcas. Quem me recebeu foi Waldir Franco, o qual explicou que a matriz da empresa está em *Luque, departamento Central*, e que tem 112 filiais no país. Ele disse que a empresa participa desde o ano 2000 da Expo Santa Rita, mas que não tem estrutura própria. Segundo Waldir, a empresa participa todos os anos para exibir novos produtos, fazendo ofertas, expondo novas marcas. Também explicou que antes não fabricavam no país, mas que agora fabricam e estão com maior diversidade de produtos. Neste ano, estavam expondo, principalmente, os caminhões JAC. Não expõem todos os produtos, pois são muitos, e dão prioridade para as novidades.

Logo, visitei o stand da El Comercio Consultora SRL, que é uma empresa de serviço de contabilidade. Quem me recebeu foi Maria Liz Igarzabal, e explicou que era o primeiro ano da empresa como expositora e que a proposta era prestar serviços contábeis para todos dentro da Expo, facilitando a gestão para quem vende. Por exemplo, faziam todo tipo de documentos contábeis para realizar uma compra por crédito. Assim, diz que participam da Expo para mostrar e divulgar os serviços oferecidos pela empresa para muita gente. No stand ao lado, visitei a empresa Palo Santo Ingenieria, onde quem me recebeu foi Pedro Travain. Esta empresa era local, com sede em Santa Rita e era o segundo ano que participava da Expo Santa Rita como expositora. Segundo Pedro o foco era fazer propaganda institucional, e mostrar um pouco do produto. Participavam para mostrar que a empresa existe, fazer contatos e convidar para conhecer o empreendimento. Empresas que mostram a diversidade de produtos e serviços oferecida na Expo.

Na Ortec S.A., representante de máquinas agrícolas Stara, quem me recebeu foi Reges Frohlich, que explicou que a empresa tinha sede em Santa Rita e que era nova no mercado, atuava desde 2012 e que participa da Expo desde 2013. Com stand grande, e estrutura fixa própria, Reges diz que a empresa participa da feira para divulgação da própria marca e do produto. Segundo ele, trazem novidades todos os anos para atrair os clientes, mas que diminuiu o movimento e os negócios neste ano. Ele, também, expressou que o produtor não espera mais a Expo para comprar o que precisa e ver as promoções, que na atualidade a feira é para mostrar as máquinas e depois procurar negócio com os clientes e não mais para fechar negócios.

Outra empresa visitada foi a Agrofertil, que trabalha com armazenamento de grãos e venda de insumos agrícolas. Quem me recebeu foi o gerente Fabiano de Jesus, e explicou que a empresa participava desde a primeira edição da Expo, e que

no início a exposição eram barraquinhas, tendas montadas, e que com o tempo construíram estrutura fixa e também fizeram ampliações. A empresa tem sede em *Ciudad del Este*, 13 filiais e 11 silos pelo país. Segundo ele a Expo é importante para a relação com o cliente, a empresa lança campanhas promocionais e exhibe novos produtos, buscando fidelização e novos clientes. Cada noite convida um grupo de clientes, por região, para jantares, palestras e lançamentos de produtos. Fabiano expõe que nos 10 primeiros anos de Expo Santa Rita eram poucas as empresas que participavam, que a partir dos anos 2000 que aumentou o fluxo, e que a partir de 2010 que houve um crescimento no número de expositores e também de visitação na exposição.

Visitei também o stand da New Farming, uma empresa de insumos agrícolas, nova no mercado, e nela quem me recebeu foi Jheizon Carríssimo. Ele contou que a matriz da empresa está localizada em *Bella Vista, departamento de Itapúa*, mas que tem vendedores em toda a região, e este era o primeiro ano de participação na Expo Santa Rita. Tinham como proposta a promoção de soluções inovadoras para o campo. E disse que a Expo é importante para a área comercial da empresa, reunir clientes e fechar negócios. Para isso oferecem jantares com programações especiais em alguns dias da Expo.

Outra empresa que apliquei a pesquisa foi a ACE Automotores S.A.C., que é representante da Land Rover no Paraguai. Victor Ortiz me recebeu e respondeu que a empresa é de Assunção, mas que tem lojas na região. Segundo ele é o segundo ano de participação na Expo Santa Rita, e que a exposição é importante para divulgação da marca, pois estão expandindo os negócios para o interior do país. Durante a Expo fazem exposições e testes dos veículos que têm em exposição. Segundo Victor, a participação na Expo é para captação de clientes da região, pois tem público “pudiente” (que pode comprar, tem dinheiro). Nota-se diversos mercados buscando captar clientes na região.

Quinta-Feira 07 de maio de 2015, sétimo dia de Expo Santa Rita, dia da 3ª idade. Cheguei na Expo no meio da tarde e fui direto para o palco principal. Lá estava tocando uma banda local, músicas variadas, na sua maioria brasileiras, (como “marchinhas”, “vaneiras”, “valsas”, “xotes”) fazendo um baile. Muitos grupos de terceira idade interagem e dançavam na pista. Era possível identificar diferentes grupos pelas camisetas personalizadas que alguns usavam, com o nome e a localidade. No geral, o número de mulheres era maior do que de homens, e nas

músicas de dançar em par, normalmente entre homem e mulher, elas também dançavam entre mulheres, convidando umas às outras para dançar. Notei que, de maneira geral, a maioria dos participantes eram migrantes brasileiros, falavam majoritariamente o português, interagindo e se divertindo.

Na pista encontrei uma amiga de minha mãe e essa me direcionou para conversar com uma senhora que é considerada de família pioneira da região. Esta senhora disse que migrou depois, que seus tios migraram antes e citou alguns nomes para eu conversar. Além disso, contou que seus filhos nasceram no Paraguai e foram cursar a universidade no Brasil, e que com isso sofreram bastante preconceito no país, onde eram chamados de “falsificados”, porque eram paraguaios que falavam português. Comentou que eles eram discriminados por colegas e professores que diziam que eles moravam no fim do mundo, em um país precário, que não tem nada. Finalizou comentando que, por conta disso, a filha fez o seu trabalho de final de curso buscando valorizar a cultura do Paraguai, para mostrar as coisas boas do país. Segundo ela, ambos voltaram para o Paraguai após se formarem e moram e trabalham em Santa Rita. Este relato rápido, em uma conversa coloquial, mostra as relações conflituosas vividas pelos migrantes e seus descendentes no Brasil, o que expõem conflitos socioculturais e identitários complexos.

Também neste dia aconteceu a competição entre os animais na área da *ganaderia*. Imprensa, jurados, proprietários, funcionários e alguns curiosos que passavam era o público das avaliações dos animais. O julgamento aconteceu em uma área externa, os jurados avaliaram os animais, que entravam acompanhados por cuidadores, e logo já eram premiados. Processo rápido, e mesmo assim levaram o dia todo para a competição de todas as categorias participantes. No fim do julgamento os jurados mencionaram as qualidades observadas no animal. Atividade bastante específica da agropecuária.

O primeiro stand visitado do dia foi da empresa Pulvifar S.A., que é uma empresa de produtos e serviços para veículos. Raul Zarza me recebeu e explanou sobre a empresa, explicando que a sua matriz é em *Asunción* e que tem 13 filiais no Paraguai, uma delas em Santa Rita, a qual existe há mais de 10 anos. Diz que participam da Expo desde 2010 e, para ele, o evento é importante para mostrar a variedade de produtos da empresa.

Outra empresa visitada foi a Construtora JN, que é uma empresa de Foz do Iguaçu. Fernando Muraro me recebeu no stand e explicou que a proposta da empresa

era oferecer os empreendimentos imobiliários na região, em virtude da variação do dólar. É a primeira participação da empresa na Expo Santa Rita, em um stand alugado, todo de vidro, no qual estão expondo maquetes de dois prédios em construção em Foz do Iguaçu. Fernando disse que a estratégia era oferecer uma sede no Brasil para os colonos, pois estes vão muito a Foz do Iguaçu. Para ele, a Expo é importante para trazer vários contatos, potenciais compradores, e assim uma porta para entrar e expandir no mercado do Paraguai.

No stand da Max Solus Paraguay quem me recebeu foi Miguel Angelo Duarte, e explicou que é o primeiro ano de participação da empresa na Expo, é uma empresa nova, vende agroquímicos e equipamentos para trabalho com o solo. Segundo ele estão participando da Expo para divulgar o novo produto, que é um produto brasileiro e estavam vendendo bem. Estavam em local alugado, com estrutura provisória, para conhecer as necessidades do produtor.

Também visitei o stand da Rieder & CIA, que oferece as marcas Volvo e Renault. De acordo com Javier Vazquez, representante da área de automóveis da empresa, (que também tem a área de máquinas agrícolas) esta tem sede em *Asunción* e 6 filiais no país, sendo uma delas em Santa Rita. Segundo ele, a Rieder participa da Expo desde as primeiras edições, e que agora está com um grande espaço para exposição dos veículos e das máquinas. Para ele a Expo cresceu e ganhou visibilidade internacional, principalmente no Mercosul. E disse que a empresa participa para mostrar que está presente, e não apenas para vender, mas também para escutar as reclamações dos clientes e criar vínculo, principalmente em anos de crise como este. Segundo Javier, muitas empresas têm prejuízo econômico, mas não deixam de participar da Expo, pois é importante para a marca.

Na Expo Santa Rita também estava presente, com um stand, a Embaixada do Brasil. Lá fui recebida por Cristina Santana, quem cuida do setor de turismo do Brasil na embaixada, em parceria com a EMBRATUR, em *Asunción*. Segundo ela a embaixada participa da Expo há mais de 5 anos, junto com o consulado brasileiro de *Ciudad del Este*, e desenvolvem, principalmente, ações para regulamentação de documentação dos imigrantes da região. Essa ação do “Consulado Itinerante” aconteceria no dia seguinte no stand da embaixada. No stand distribuem materiais informativos e estavam disponíveis para dar informações turísticas, informações referentes a investimentos e também informações sobre documentação. Cristina diz ser importante a participação da embaixada e do consulado no evento, pois tem um

grande número de imigrantes na região que ainda precisam de suporte do governo brasileiro para diferentes questões.

Essa fala de Cristina se reafirma no dia seguinte, dia em que o consulado estava trabalhando com regulamentação de documentação, e uma longa fila de migrantes se manteve em frente ao stand para serem atendidos, durante todo o dia. Nesse segundo dia que visitei o stand, para ver o trabalho do consulado, o embaixador José Eduardo Martins Felicio passou pelo local, ele visitou a Expo para participar da inauguração oficial do evento, e Cristina nos apresentou. O embaixador Eduardo, solícito, se interessou pelo meu trabalho e disse “Essa cidade é interessante, as pessoas falam em português na rua”. Esta frase é bastante significativa, pois, estando em outro país, com outra língua, o castelhano, o português falado nas ruas é uma marca singular da região. A língua falada majoritariamente em Santa Rita e cidades vizinhas é o português, e isso é normalmente naturalizado na região. E configura-se em uma das principais marcas da presença migrante e da fixação de seus referenciais nesse espaço.

Outra empresa visitada foi A Glimax Paraguay S.A., que tem matriz em *Hernandarias* e 8 filiais no país, sendo uma delas em Santa Rita. Segundo Edson Scolaro, a empresa que comercializa insumos agrícolas, foi fundada em 2001 e desde este ano começou a participar da Expo Santa Rita. Para ele, a participação na expo é importante para se fazer presente, pois têm a responsabilidade de confraternizar e se apresentar para os clientes no evento, sendo um ponto de referência de negócios. Segundo Edson, a expo é importante para a parte comercial da empresa, para fazer promoções aos clientes e fechar negócios.

Ao sair da Glimax encontro Juacir Repossi, que me convida para participar do lançamento da candidatura de Rodriguiño para as eleições à *intendente* municipal, que ocorreria no dia seguinte. Juacir estava com a filha de Rodriguiño, que era o então intendente de Santa Rita e lançaria campanha de reeleição no dia seguinte. Eles estavam passando em várias empresas pedindo colaboração para a campanha desse candidato. Noto assim as redes de relações que se formam na região. Onde se conjugam os interesses do poder público e do agronegócio.

Este foi mais um dia de eventos nos stands, alguns estavam realizando jantares e shows. Na área *ganadera* era dia de jantar de confraternização entre as equipes de trabalho, e a tenda onde se realizavam as atividades com os animais estava cheia e animada, com bastante comida, bebida e música. E também passei no prédio onde

fica a cozinha dos servidores da Expo, pois me haviam indicado que lá eu encontraria uma senhora para entrevistar, dona Teresa Birnfeldt. Lá fui bem recebida por dona Teresa e várias mulheres que estavam sentadas com ela, e que também trabalhavam na cozinha. Teresa diz que cheguei em bom momento, que já haviam terminado de servir o jantar, porque antes disso a cozinha estava uma loucura. Conta que desde sempre é a chefe da cozinha dos servidores do CTG e alegre e comunicativa confirma que é uma das primeiras moradoras de Santa Rita, morando em Esquina Gaúcha. Com isso, marcamos para que eu a visite na próxima semana. Ela teceu alguns comentários, como: que toda sua cozinha estava sendo utilizada na Expo; que até sua máquina de lavar estava na Expo esse ano; que nos anos anteriores trabalhavam só durante a exposição, mas que nesse ano começaram a trabalhar 10 dias antes da Expo começar; que espera que a remuneração seja equivalente ao trabalho, diz isso dando muita risada. Seus comentários e toda ação no espaço, com vizinhas, amigas, familiares e até algumas crianças correndo entre as mesas, mostram um trabalho de confiança e uma relação de proximidade e vínculo com a equipe do CTG.

Neste dia também ocorreu o desfile de Miss Expo Santa Rita. Este é organizado todos os anos, e quem participa são jovens da região. Neste ano a maioria das jovens eram de Santa Rita e algumas de cidades vizinhas, como *Santa Rosa del Monday* e *San Cristóbal*, no total foram 10 participantes. Antes do desfile para eleger a Miss Expo, teve um show de Rock, e um desfile de lojas patrocinadoras com modelos de uma agência local. A mesa de jurados foi bem diversa, com representante do poder público local, escritã, juíza, cirurgião plástico e dermatologistas (de Foz do Iguaçu), entre outros. Também participaram algumas Misses do país como a Miss Alto Paraná. Durante o desfile teve apresentação de ballet de uma escola de dança local. E as mães das jovens que desfilavam foram convidadas para uma homenagem ao dia das mães. Os oradores anunciaram que profissionais locais foram responsáveis pela produção das misses e também de toda a estrutura e organização do evento. O desfile foi acompanhado por um grande público, muitos se reuniram para assistir e da plateia gritavam coisas positivas como “linda”, “já ganhou”, mas também teciam críticas como “anda mal”, “muita celulite”, “vestido feio”. As jovens, todas paraguaias, algumas descendentes de migrantes brasileiros, se esforçaram para fazer um bom desfile, todas bem maquiadas, com penteados e roupas imponentes. A realização do desfile nesse formato e características, como um ritual que acontece todos os anos, mostra paradigmas e representações locais, com a ideia de status pela beleza.

Após o desfile a noite de festa continuou na Expo, como todas as noites, até de madrugada. Com muita bebida, conversas, risadas e música. Sobre esse assunto, um expositor apontou que “se bebe muito na Expo”, que esse é um problema, pois todas as noites saem ambulâncias do parque de exposição com pessoas em coma alcoólico. Essa questão é bastante citada por expositores, pessoal da organização e até público da expo, os quais dizem que já se cogitou a proibição de bebidas alcoólicas dentro do parque de exposição, mas que isso seria inviável, e diminuiria o público do evento. Além dos bares, restaurantes e até vendedores ambulantes que vendem bebida no local, algumas empresas têm bebidas livres em seus stands, como cerveja, *whisky*, *vodka*, vinho e outras. Assim, muitos levam para áreas de shows, até em caixas térmicas, grande quantidade de bebidas alcoólicas. Essa é uma das formas das empresas de “cativar” clientes.

Sexta-feira, 08 de maio de 2015, dia de inauguração oficial da 23^o edição da Expo Santa Rita. No palco principal pessoas se aglomeravam, nas cadeiras preparadas para o público e também nos arredores do palco. Representantes da imprensa de todo país faziam entrevistas com autoridades presentes. Os grupos de dança do CTG e também o Ballet municipal se preparavam para apresentações. Na lateral do palco também se enfileiram os animais ganhadores do concurso realizado na *ganadeira*.

Iniciou-se a cerimônia, narrada em castelhano, e autoridades foram convidadas a subir ao palco (Figura 44). Depois da execução do hino nacional, que todos acompanharam cantando, algumas dessas autoridades foram chamadas a discursar, na seguinte ordem¹²⁵: Jaime Hammes, representante da organização da Expo Santa Rita; Concepción Rodríguez, intendente de Santa Rita; Germán Ruíz Aveiro, presidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP); Simone Cavazutti, presidente do Instituto Nacional de Cooperativismo (INCOP) da Federación de Cooperativistas del Paraguay (FECOP); Justo Zacarías Irún, Governador del Alto Paraná. Os discursos foram todos na mesma direção, apontando que é um ano difícil para a agricultura do país, e que estão se esforçando para superar as dificuldades; relembram a luta pela segurança social e jurídica dos imigrantes, todos apoiando sua permanência no país e exaltando a importância do seu trabalho; Todos, também,

¹²⁵ Matéria sobre a inauguração da Expo Santa Rita: Disponível em: <http://www.paraguaybio.com.py/noticias_inauguracion_expo_santa_rita.html> acesso em: 22/10/2017.

apontaram que Santa Rita é uma “Tierra progresista”; mencionaram a importância da Expo para o agronegócio da região; citaram os avanços e necessidades da região, como melhorias de infraestrutura; e elogiaram o trabalho feito pelos colonos da região. O Presidente da república não esteve presente, como de costume, mas enviou representante, e estavam presentes vários ministros e deputados. Para encerramento de cerimônia foram apresentadas danças paraguaias e gaúchas, e também teve o desfile dos animais campeões do setor ganadeiro 2015.



Figura 48 – Inauguração oficial da 23ª edição da Expo Santa Rita – 2015.
Fonte: Fotografia de Andressa Szekut, 2015.

Todo o ato durou aproximadamente 2 horas. No final o público aplaudiu e se espalhou pelos corredores da exposição. As autoridades depois de atender a repórteres andaram pela exposição e foram recepcionadas com almoço no stand da Matrisoja. Empresa de insumos agrícolas com um grande stand, serviu churrasco e saladas para o almoço, com uma numerosa equipe trabalhando. Em uma mesa de honra estavam sentadas as principais autoridades. Poucas pessoas participaram desse almoço, e no fim, grupos políticos se reuniam para fotos e discussões acaloradas, mas logo o espaço estava vazio, todos foram embora. Todo o ato, com a presença de inúmeras autoridades políticas nacionais e até internacionais, mostra a importância do evento para o país. É bastante estratégico ter contato direto com

autoridades dentro do município, dentro de uma empresa agrícola, o que propicia a discussão dos interesses e as necessidades da região pontualmente.

A tarde encontrei meu pai, ele estava na Expo desde cedo, foi convidado para uma palestra e almoço no stand Agrotec. Andei um pouco com ele, que estava acompanhado de seus colegas de trabalho. Meu pai trabalha como agrônomo na Cooperativa Pindo Ltda. em *San Cristóbal*, por sua função é convidado para vários eventos como esse dentro da Expo Santa Rita. Trago esse relato como exemplo de como as empresas atuam, convidando agrônomos e outros profissionais da área, além de convidar aos produtores, clientes, para palestras técnicas com fim de promover seus produtos e assim estimular a venda.

O primeiro stand que visitei foi o da Central Nacional de Cooperativas - UNICOOP, ali quem me recebeu foi o gerente Anicleto Maron. O stand é amplo, todo fechado, com espaço para exposição das Cooperativas associadas. Segundo ele, a entidade participa da Expo há mais ou menos 17 anos, e tem os objetivos de reunir as cooperativas, receber delegações, comitivas políticas, e fazer um apanhado com instituições de outros locais do país. A Expo é importante para a entidade fazer contato e fazer parte das discussões do agronegócio. Durante a exposição fazem reuniões de negócio, promovem palestras e jantares, e as cooperativas associadas usam o espaço para promover seus produtos. Falando um pouco sobre a empresa, Anicleto explicou que a UNICOOP nasceu para reunir as cooperativas e assim ter mais poder de compra e também poder político. Disse, que eram 8 as cooperativas associadas e que juntas representavam 12% da produção do Paraguai. Desta forma a UNICOOP promove parcerias para industrialização, desenvolvimento comercial e criação de rede de jovens cooperativistas, dentre vários projetos.

Depois fui até o stand da Cooperativa Colonias Unidas, onde fui recebida por Raul Casellas, quem explicou que a instituição participa desde as primeiras edições da Expo. Esta cooperativa tem matriz em *Obligado, departamento de Itapúa*. Segundo ele, a participação na expo é importante para fazer presente a marca, fomentar o cooperativismo, e expor os produtos e a forma de trabalho da Cooperativa. No stand vendiam alguns de seus produtos como ervas de *tereré* e iogurtes. Simpático, explicou sobre a instituição, expondo que trabalham com diversidade de produção e também de culturas, promovendo ações de sustentabilidade. Segundo ele, contam com aproximadamente 3800 associados, dentre os quais existem 22 nacionalidades diferentes, e que 80% deles tem propriedades com menos de 80 hectares. Explicou

que tem porto próprio, e que exportam mais de 700.000 toneladas de grãos por ano. Além disso desenvolvem projetos sociais e de desenvolvimento regional. Para finalizar me apresentou um material que relata a história da cooperativa que em 2015 completava 61 anos de funcionamento. Esta é reconhecida como a maior cooperativa do país.

Logo visitei o stand da empresa CAISA, representante de máquinas agrícolas CASE. Ali quem me recebeu foi Geovane A. Déssio, o qual disse que a empresa participa da Expo desde o ano de 2004. Segundo ele, participam para divulgar os produtos e fazer negócios. Sobre a importância da Expo para a empresa, diz que “é um pulmão de vendas muito importante para nós”, e complementa que a Expo “traz números, o retorno existe”, apontando que muitos produtores rurais participam do evento para comprar. Mas, Geovane reclama da falta de melhorias na estrutura da Expo, dizendo que só expandiu, mas não melhorou a estrutura, e que por isso, e pelo preço que pagam os expositores, estavam se organizando para pedir melhorias.

Outro stand visitado neste dia foi o das empresas Ferreteria Agro Verde, empresa local, e a Fapasisa, de *Asunción*, importadora das marcas Stihl e Kärcher. Quem me recebeu foi Loir Taparo, e explicou que como Ferreteria participavam há 5 anos da Expo, mas que a Fapasisa participa desde as primeiras edições. Segundo ele a Ferreteria revende os produtos da Fapasisa e participam em conjunto na Expo para divulgar e vender os produtos. Disse que participam porque conhecem o pessoal da região e fazem clientes durante a Expo. Assim, para ele, participar da feira é importante para divulgar os produtos porque vem gente de muitos lugares.

Sábado, 09 de maio de 2015, penúltimo dia de Expo Santa Rita. O primeiro stand que visitei foi o da Blascor, indústria de tintas, que tem sede em *Hernandarias*, e que recentemente abriu filial em Santa Terezinha de Itaipu, Paraná, Brasil. Empresa especializada em tintas, participava há 6 anos da Expo Santa Rita para promover seus produtos. Segundo representante da empresa, começaram na Expo com linha imobiliária e que já expandiram a produção, e que a Expo é ponto de lançamento de novos produtos. Com isso, neste ano estavam fazendo lançamento de linha de tintas automotiva. Para ela, a Expo é importante para divulgar a marca e traz retorno a médio e longo prazo.

No stand da Encimeg SRL, que trabalha com linha de equipamentos para armazenamento, como instalação de silos, e venda de peças e máquinas, o representante, Armando, me convida para tomar chimarrão e fez um relato sobre a

empresa. Explicou que a empresa participava há 10 anos da Expo Santa Rita, mas que ampliou o local, para poder expor equipamentos agroindustriais. Para ele, a participação na Expo é importante para divulgação e lançamento de novos produtos, sendo essa a principal Expo do Paraguai no setor do agronegócio. Trazem máquinas para mostrar a qualidade do produto e novas tecnologias.

Caminhando pela Expo passei por um grupo de músicos Equatorianos que estavam se apresentando atrás do Palco Principal, em direção ao Parque de diversões. Eles estavam “caracterizados” com plumas e adereços da cultura andina, e vendiam vários produtos como flautas e CD’s. Tocavam diversos instrumentos e diferentes músicas, desde tradicionais nativas até a “Oração da Família” e “Beatles”. As pessoas que passavam se reuniam em volta deles, aplaudiam suas músicas e compravam alguma coisa. Ficaram o dia todo naquele local tocando e vendendo.

O último stand que visitei foi da empresa A Fortaleza do Sul S.A. - FortSul, que importa e comercializa equipamentos agrícolas de diferentes marcas. Quem me recebeu foi Celso Luiz Silveira, que também estava tomando chimarrão e me ofereceu. Ele explicou que era o terceiro ano de participação da empresa da Expo Santa Rita, e que a empresa tem sede em *Ciudad del Este*. Também disse que distribuem para todo o país, pois oferecem produtos diferenciados como tombadores de caminhão e sugadores de limpeza para silos. Segundo ele, a feira em si não é fundamental para venda, que não fazem venda na Expo, mas que participam “por respeito aos clientes”, pois estes querem ver a empresa e serem recebidos. Assim a Expo serve para o social da empresa, por responsabilidade com os clientes.

Este foi o dia de show de Michel Teló, e a expo no fim da tarde já estava cheia, mesmo com chuva forte. Eu fiquei parada um longo tempo esperando a chuva passar. Quando a chuva diminuiu caminhei pela exposição, muita gente se aglomerava nas áreas cobertas, principalmente em frente ao palco principal. Nos stands jantares acontecendo, com bastante visitantes. Mas a chuva logo começou novamente, muito forte, e todos buscavam um lugar para se proteger. Eu parei ao lado do palco e assisti ao show junto com alguns conhecidos. O Show foi bastante animado, Michel Teló é popular na região, ele falou em português e em espanhol, e também cantou em espanhol. Após ao show, apesar da chuva parte do público ficou na pista, para assistir a outra banda que continuou tocando o mesmo estilo musical que o show anterior, o sertanejo. Pareceu a noite mais cheia e movimentada da Expo.

No último dia de Expo Santa Rita de 2015, domingo 10 de maio, choveu muito. Fui até a exposição à tarde, mas estava difícil de caminhar. Apesar da chuva e do barro, bastante gente chegava na feira, e os stands estavam cheios, servindo almoço aos visitantes. Passei em alguns stands para agradecer a boa acolhida, como na Rádio Progresso, que foi o lugar onde pude descansar durante os dias de Expo. Também passei na Casa de Câmbio que havia dentro da Expo, para cambiar real para guarani e comprar um bingo. Pois, o último dia de Expo, tradicionalmente, é o dia do bingo. Vendedores se espalhavam pela feira e ofereciam cartelas. O valor da cartela era de 80 mil guaranis, o que na época equivalia a aproximadamente 50 reais. Os prêmios eram: um trator, dois carros e 50 milhões de guarani (na época, aproximadamente 35 mil reais). Apesar do sorteio ter acompanhamento computadorizado e o ganhador não precisar estar presente, pois tem seu nome registrado na cartela, muitos vão à expo para acompanhar o bingo. Este se realizou durante a tarde e foi a última atividade da Expo. O sorteio foi feito no palco principal e as pessoas acompanham por toda a feira, pois era transmitido nos alto falantes.

Durante a Expo encontrei algumas pessoas que conheci na infância, todos da minha geração, paraguaios, filhos de migrantes brasileiros. Um deles diretor de uma das empresas com stand na Expo, cursou agronomia em *Hohenau, departamento de Itapúa*; ele trabalhava nesse ramo e morava na região onde estudou. Outra conhecida cursou administração em Santa Rita, casou-se e morava na cidade; ela administrava as terras e empreendimentos do pai que, nos últimos anos, começou a investir no Sul do Paraguai. Um terceiro amigo de infância estudou engenharia florestal em *Ciudad del Este*, e depois de trabalhar alguns anos em uma empresa de equipamentos agrícolas estava trabalhando em uma empresa de insumos agrícolas; este morava na região e contou como era difícil cumprir as metas de venda e se manter no mercado do agronegócio, que segundo ele é muito flutuante. Uma quarta conhecida, cursou a universidade em Santa Rita, trabalhou vários anos em um banco nessa cidade e depois em *San Cristóbal*, mas nesse tempo os pais venderam as terras no Paraguai e migraram para Feliz Natal, Mato Grosso, e ela, depois de algum tempo foi morar com eles no Brasil para ajudar nos negócios da família. Esses são alguns exemplos de trajetórias das gerações de descendentes de migrantes brasileiros. Suas narrativas, em geral mostram arraigo ao Paraguai, principalmente da jovem que voltou para o Brasil, pois esta exalta os pontos positivos do Paraguai apontando que se sente paraguaia e não brasileira.

Algumas empresas que visitei e não responderam ao questionário, por diferentes motivos, mas em geral por não ter um representante disponível que pudesse me receber, foram: Ciabay, Agrotec, Cargil, Monday, entre outras. Segundo a organização do evento, devido ao cenário econômico nacional, de crise na agricultura, essa edição da Expo Santa Rita não superaria a geração de negócios de 2014, que ficou em torno de 500 milhões de dólares. E o número aproximado de visitantes que teve o evento em 2015 foi de 150 mil pessoas. Ressalto que apesar do exaustivo trabalho de campo realizado, muitas atividades desenvolvidas dentro da feira não foram retratadas, como visitas de comitivas internacionais, e diversos eventos correlatos.

Trago essa extensa narrativa sobre a Expo Santa Rita como forma de retratar não apenas o evento, mas as relações que o compõem. Com esse trabalho, foi possível me aproximar da realidade do agronegócio da região e compreender as redes que se formam para atender a esse mercado. A grande diversidade de empresas e entidades que expõem dentro da Expo Santa Rita mostra: a presença de muitas transnacionais no país e sua atuação na região; o alcance nacional e internacional do evento e sua representatividade para o agronegócio; o poder aquisitivo dos produtores regionais; a atuação dos migrantes brasileiros na região, mas também a diversidade de migrantes atuantes na agricultura do Paraguai. Assim, a organização do evento evidencia as redes que ultrapassam as fronteiras nacionais e seguem os fluxos do agronegócio, principalmente no Brasil, na Argentina e no Uruguai, mas que ligam a todo o mundo através das transnacionais do setor.

Saliento que a relação entre poder público e iniciativa privada foi evidenciada em inúmeras circunstâncias, com apoio mútuo entre ambos. As atividades culturais diversificadas, evidenciam o trabalho de construção de uma imagem de harmonia entre a diversidade sociocultural vivenciada. As diferentes posições de migrantes, como: líderes públicos e de iniciativas privadas, grandes e pequenos produtores rurais, comerciantes, empresários, e funcionários de diferentes escalões, mostram as diferentes formas de fixação desses sujeitos na região. E, no geral, o agronegócio perpassa todas as relações, desde as políticas e econômicas, até as sociais e culturais.

Lembro, então, que a Expo Santa Rita é organizada pelo CTG Índio José, e isso leva a compreender como a imagem do migrante na região está relacionada com o agronegócio. Pois, além de serem produtores agrícolas, estes – por meio desse

CTG e desse evento – também são promotores do agronegócio na região. A posição de protagonismo e a relação de poder que estes sujeitos estabelecem, através desse evento, faz parte da formação das representações dos migrantes na região. Apesar de que essa realidade de poder político e econômico não é compartilhada por todos essa é a marca da região e configura o campo social de poder.

4.6 O Paraguai como nova casa e o vínculo com o Brasil.

O contexto de migração e fixação de brasileiros no Paraguai, e as configurações de suas reproduções – socioculturais, políticas e econômicas – mostram como estes sujeitos estabelecem complexas relações de pertencimento e continuidade com o país de origem e o país de fixação. A proximidade com a fronteira do Brasil, os laços familiares mantidos nesse país, a fixação de representações socioculturais no país de fixação, e as práticas agrárias reproduzidas se somam para manter vínculos com o Brasil. Já as experiências vivenciadas no Paraguai, com o compartilhamento de símbolos do país, a reprodução familiar e de redes de sociabilidade, e a construção de capital (econômico, político e simbólico), se somam para constituir o vínculo com o Paraguai.

Nesse sentido, a relação passado-presente, enquanto característica de rememoração em uma perspectiva de fronteira, torna-se uma vivência antagônica. No caso dos brasileiros, temos os fronteiriços que deixam o País de origem, por sentirem necessidade de migrar; ao chegarem ao local de destino, incorporam antigas formas de vida do local de saída, dão antigos nomes a lugares novos, praticam formas de relações sociais que faziam parte de seu local de vida anterior. Muitas vezes são incapazes, ou resistem a novas produções de relacionamentos com as pessoas que vivem no novo local de destino. Tais apreensões dão início a um complexo e difícil processo de adaptação, pois grande parte daquilo que se tentou deixar para trás é vivenciado cotidianamente no novo local. Quando existe proximidade territorial entre os diferentes países, como é o caso de Brasil e Paraguai, a questão ainda é mais visível, posto que os subsídios materiais acompanham as práticas sociais, a partir disso são construídos, no novo local, dentro de outro país, prolongamentos da vida que antes era vivida no Brasil. (BALLER, 2014, p. 262)

Como já mostrei no decorrer do trabalho, Baller (2014) que estudou a área fronteira entre Brasil e Paraguai, também cita as complexas relações dos migrantes brasileiros com o país de origem e o país de fixação. As questões de fronteiras e as (re)construções memoriais são aspectos centrais nas reorganizações identitárias dos migrantes no novo lugar de fixação. Estes não mantêm suas identidades intactas, e

tampouco as transformam completamente. Noto constantes processos de incorporações e adaptações de referenciais do novo local e, ao mesmo tempo, afirmações de representações do local de origem. Como já analisei, por exemplo, na construção material e simbólica do CTG Índio José em Santa Rita.

Devido à localização de Santa Rita, a 70 km da fronteira com o Brasil, o limite fronteiriço com o país de origem não é imediato, mas tampouco é distante o suficiente para se vivenciar uma realidade socioeconômica completamente distinta, principalmente, com infraestrutura de transporte e comunicação avançada, e em uma realidade de agronegócio transnacional. Sobre os aspectos de ligação com o Brasil na região, Miguel Petter diz,

No começo a moeda que era usada aqui era o cruzeiro. Na comunidade aqui de Esquina Gaúcha até hoje a ata é escrita em português, ela não é válida para reconhecer uma diretoria, daí tem que traduzir para o castelhano. Mas o português ficou como um idioma muito falado aqui dentro, porque a gente está morando na fronteira e desde o começo para você divulgar uma festa, uma promoção, você ia na rádio de Foz, aqui não havia rádios. Quando você precisava comprar qualquer coisa, uma enxada, um facão, uma motosserra, você tinha que se dirigir a Foz do Iguaçu. Hospital, você tinha que recorrer a Foz do Iguaçu. Então esse laço ficou. A gente não conseguiu se desprender do Brasil, da pátria mãe. (MIGUEL PETTER, 2015)

A relação e dependência com o Brasil no início da fixação dos migrantes na região de colonização – que era motivada pela falta de infraestrutura e comércio local – mostra uma das formas de manutenção do vínculo com a “pátria mãe”, conforme relata Miguel. O uso da moeda brasileira era feito, principalmente, através da colonizadora, que a princípio vendia os terrenos nessa moeda, mas logo, com o crescimento do comércio local, a moeda nacional foi incorporada na região. O comércio e os cuidados com a saúde são atividades realizadas, na atualidade, nos dois países. Muitos usam os serviços médicos nacionais, enquanto outros ainda buscam esses serviços no Brasil, por diferentes motivos. Já a relação com o comércio é situacional, pois toda a população regional utiliza-se das variações cambiais e das facilidades de ofertas de produtos e serviços dos diferentes países. Dessa forma, há um fluxo constante entre Paraguai e Brasil. Por exemplo, algumas clínicas médicas nas cidades fronteiriças brasileiras têm telefone com linha paraguaia para atender ao público estrangeiro, e até *outdoors* de promoções em algumas cidades do Paraguai. Outro exemplo é a educação, pois muitos moradores da região, migrantes e descendentes, em geral, buscam cursos técnicos, universitários e de capacitação em

idades brasileiras. Contudo, apesar de ocasionalmente buscarem produtos e serviços no Brasil, os sujeitos continuam com sua residência e atividades cotidianas no Paraguai.

Outro aspecto importante nas práticas fronteiriças é o da política. Com uma grande população migrante no país vizinho, durante períodos eleitorais, candidatos brasileiros fazem campanha no Paraguai. Com pôsteres, reuniões com migrantes e até incentivos econômicos e de transporte – com carros disponíveis para levar eleitores pela fronteira. Fatos recorrentemente citados pelos interlocutores. Por exemplo, em Foz do Iguaçu, e em outras cidades da fronteira brasileira, frequentemente algum candidato é eleito, com auxílio dos votos de migrantes residentes no Paraguai. As demandas desses eleitores são geralmente de saúde e segurança social, bem como garantias para manter um trânsito seguro na fronteira, o que aponta as relações de poder transnacionais. Contudo, esta é uma atividade que vem diminuindo, com a regulamentação das documentações dos migrantes e controle dos colegiados eleitorais. De qualquer forma, percebi que os migrantes brasileiros no Paraguai acompanham e são ativos na vida política dos dois países.

Nesse contexto, os meios de comunicação na região contribuem para a transposição das fronteiras. Pois nas rádios de Santa Rita, apesar de que cada uma tem suas características particulares, todas têm programas nos três idiomas: português, castelhano e guarani. Estas programações são bastante diversificadas, com músicas nacionais e internacionais, principalmente brasileiras. E nesse mesmo sentido, em toda região, usa-se assistir às redes de televisão brasileiras. É recorrente nas residências e comércios de Santa Rita ouvir televisão ou rádio com programações em português, o que mostra uma ligação constante com o Brasil. Assim como, o frequente uso do português, de forma naturalizada, conforme já citado anteriormente.

Nesse contato com a fronteira, algumas famílias mantêm residência em ambos os países, ou têm um parente próximo no país vizinho. Dentre os interlocutores entrevistados, três migrantes possuíam residência no Paraguai e no Brasil. E por exemplo, muitos migrantes brasileiros que retornaram do Paraguai para o Brasil estão estabelecidos na região fronteiriça para manter contato fácil com o Paraguai. Esse é o caso de familiares dos interlocutores entrevistados, que regressaram para o Brasil, mas não para a cidade de origem, e sim para: Foz do Iguaçu, Santa Terezinha de Itaipu, Marechal Cândido Rondon, Toledo, Itaipulândia, entre outras cidades próximas à fronteira. Por exemplo, Leontina Deuner disse, “Metade de Santa Terezinha é gente

daqui que voltou, por causa de doenças e velhice.” Os motivos de regresso ao Brasil são diversos, mas na sua maioria por doença de algum membro da família ou velhice, pois no Brasil, têm acesso a atendimento pelo Sistema Único de Saúde - SUS e a aposentadoria.

Assim, o vínculo dos migrantes com o Brasil é reafirmado e mantido, conforme vê-se na fala: “Nós temos relações com nossos familiares no Sul, onde eles moram, e usamos também algumas influências comerciais que a gente tem lá que possam servir” (Jaime Hammes, 2015). Como este, outros interlocutores relataram fazer visitas esporádicas aos familiares no Brasil. Nesse contexto, percebi que o vínculo familiar ainda é o principal vínculo estabelecido com o país de origem. Ele une a fixidez e a mobilidade da família, dos parentes que se espalham por meio da migração. Este vínculo não se limita a uma relação bilateral, entre local de fixação e local de origem, mas segue a rede de migração dos familiares: entre os que se fixaram em diferentes localidades e os que continuam a mobilidade, o que forma um campo social transnacional.

“Cada vez que eu vou para o Rio Grande eu tenho que ir lá na casa onde nós morávamos, mas o pai vendeu tudo lá. [...] Tem que ir lá ver e matar a saudade, mas voltar para lá não.” (risos) (Terezinha Birnfeldt). Este relato, mostra a nostalgia da lembrança do lugar vivido e a afirmação do vínculo familiar naquele espaço, como forma de afirmar uma continuidade, mas ao mesmo tempo, há um pertencimento com outro lugar, no caso o Paraguai. Há a saudade – como a retratada por Feldman-Bianco, 1996 – e também há a mobilidade – como a retratada por Jardim, 2000. A saudade do vivido mostra-se nas (re)construções de representações da origem no novo espaço de fixação, com uma reconfiguração identitária. E a mobilidade se afirma nas redes de migração, na continuidade apesar da mudança sociocultural.

Eu formei uma família, formei amigos, tenho minhas propriedades, me sinto bem aqui no meio do nosso povo, porque agora é o nosso povo aqui. Se eu voltar para o Brasil, vou ter que fazer novas amizades. E a adaptação, talvez tarda mais. É esse motivo. Claro, gosto de visitar meu país, gosto de visitar o Brasil, foi minha terra, onde eu nasci, onde eu me criei, onde eu ganhei experiência de vida, mas, no momento, agora a gente tem que abraçar essa pátria que é o Paraguai. (Francisco Mesomo, 2015)

Assim, noto um processo no qual memórias são instrumentos de construções de vínculos de pertencimentos a múltiplos espaços e pessoas. Todas as experiências vividas compõem o quadro de memórias individuais e também compartilhadas. E os

migrantes fazem, dessa forma, a complexa costura entre referenciais do passado e do presente, com memórias, enquadramentos e silenciamentos. Para isso, elementos de construção de imagem são ressaltados nas narrativas. Percebido, por exemplo, na parte da fala acima em que Francisco diz “[...] me sinto bem aqui no meio do nosso povo, porque agora é o nosso povo aqui [...]”, pois é um discurso de pertencimento a essa sociedade a partir da experiência vivida ali.

Assim, notei discursos de apropriação ao território paraguaio, que foram relatados pela maioria dos migrantes entrevistados. As narrativas, os referenciais no espaço e suas atividades mostram uma nova territorialidade. O que pode ser visto, por exemplo, na fala de Protásio quando se refere ao não querer sair do Paraguai:

Eu acho que depois que a gente viveu quase 40 anos em um lugar. E que a gente sempre gostou, sempre foi bem acolhido, se deu bem na vida social, econômica. Eu acho que não tem nenhum motivo pra gente pensar em sair daqui. Meus filhos estão todos vivendo aqui, meus netos, meus amigos, meus melhores amigos estão aqui. Minha esposa também. De manhã ela faz o seu serviço e de tarde joga seu baralho. Isso eu acho bom, quando você chega a uma idade que você tenha e faça aquilo que você gosta. Então não existe motivos pra sair daqui. Eu gosto de sair daqui pra ficar dois, três dias fora e voltar pra casa. (Protásio Konzen, 2015)

São vários elementos utilizados na afirmação de vínculo com o local. A família representa o ponto principal, pois, a menção a filhos, netos, esposa remete a uma fixação geracional nesse espaço. Isso, juntamente com a menção a “voltar pra casa” referindo-se a voltar ao Paraguai, e ao falar dos amigos e das atividades da esposa, mostra que suas práticas cotidianas estão arraigadas nesse espaço. Percebe-se uma apropriação do território no espaço e no tempo que redefine a percepção de fronteiras políticas e socioculturais. Essa fala de Protásio é individual, mas é unívoca às dos interlocutores migrantes brasileiros da região. Cada um com sua experiência particular soma experiências e expectativas comuns que formam um discurso coletivo e simbólico sobre a territorialização de migrantes brasileiros na região.

As menções a pertencimento ao espaço são inúmeras como pode ser visto nas falas: “Santa Rita é a minha Vida”, e “Aqui está a minha vida”. Os migrantes dizem estar “enraizados” na região. Nesse sentido, Jaime Hammes afirma que foi fácil se adaptar e que não tiveram obstáculos, que nos finais de semana se reuniam e: “Fazíamos culto, futebol, fazíamos as tradições que trazíamos do sul, depois fomos nos adaptando à cultura Paraguaia e hoje é tudo misturado” (Jaime Hammes, 2015). Esta fala mostra as diferentes atividades desenvolvidas no espaço – de reprodução

de representações ligadas ao país de origem – e indica uma processual interação e integração com a cultura paraguaia, o que evidencia (re)construções de memórias compartilhadas entre os migrantes locais, com afirmação de pertencimento.

Percebo que as experiências dos migrantes brasileiros dão base para as (re)construções memoriais de vínculo com o Paraguai, e ao mesmo tempo lhes afastam do Brasil. Se mantem referenciais trazidos do país de origem, mas aos poucos se incorporam novas referências, seus descendentes já são paraguaios, e o vínculo com o país se materializa. Como é visto na fala de Leontina,

Eu gosto muito daqui. Eu fui pro Brasil esses dias e passei quase um mês. Eu não via a hora de passar a ponte. Porque eu tenho uma vida quase inteira aqui. Meus filhos se criaram aqui. Eles casaram aqui, os quatro são casados. Meus netos nasceram todos aqui. Então tu puxa pro lado da família, né. Não é tanto por gostar ou não gostar. Mas tu passa a gostar de verdade de onde tu convive com a família. Porque lá [Brasil] é a família de meus pais, e aqui é nossa família, a família que eu criei. E eles estão aqui. Eles viveram, eles choraram, eles passaram fome aqui, então eu acho que aqui é o meu lugar. Eu sempre falo: eu só iria morar no Brasil se eu ganhasse um aposento. (Leontina Deuner, 2015)

Ou ainda quando Teresa diz: “Os filhos dos meus filhos já são todos paraguaios, de imigrantes ainda só restam nós e meus filhos”. Percebe-se nas falas acima que o Brasil é algo cada vez mais distante da realidade dos migrantes e a herança familiar no Paraguai é um dos principais motivos.

A menção à aposentadoria também merece atenção, pois, muitos dos migrantes com idade para se aposentar buscaram esse direito no Brasil. Sendo que não têm acesso à aposentadoria no Paraguai, o que foi uma das reclamações sobre o país. Situação que também ocorre com serviço público de saúde, que alguns buscam no Brasil. Estes foram os principais motivos de retorno ao país, citados pelos interlocutores entrevistados. E notei que essas são práticas que ocorrem por meio das redes de relações estabelecidas entre as fronteiras. Pois, a garantia desses direitos está relacionada com a vida (contribuição, residência, etc.) no Brasil, o que o migrante nem sempre tem como comprovar. Assim, muitos não conseguem se aposentar ou optam por retornar ao Brasil para garantir o direito, mas na sua maioria, mantem laço com o Paraguai. No caso da saúde é mais simples, os migrantes têm direitos garantidos, mas de qualquer forma, precisam passar por um processo burocrático para conseguir sua carteira do SUS. Fatos que mostram uma dependência do Brasil, principalmente, dos sujeitos sem condições econômicas.

Contudo, algumas transformações das relações com o Brasil foram observadas: A princípio os imigrantes dependiam do Brasil porque não se tinha infraestrutura e comércio fortalecidos na região, mas com essas necessidades atendidas o vínculo com o Brasil vai enfraquecendo; As visitas a familiares no Brasil acontecem com frequência, mas quando os familiares dos migrantes morrem o vínculo quase se quebra, as visitas ao país diminuem; Os filhos de migrantes brasileiros estão, cada vez mais, optando por fazer seus estudos universitários no Paraguai, em vez de fazer ao Brasil; E os migrantes ao falarem de regresso ao Brasil, nunca é para o local de origem e sim para alguma cidade de fronteira, como Santa Teresinha de Itaipu, São Miguel do Iguazu e Itaipulândia, as quais são consideradas tranquilas e estão próximas no Paraguai, o que lhes permite visitar sempre o país. Como ecoam as falas “nossa vida está aqui”, o que entendo como: nossas memórias, nossas heranças, nosso pertencimento e continuidade estão no Paraguai.

A gente gosta também do Brasil, porque somos brasileiros, nascemos lá. No começo era difícil mudar de país, imagina ser brasileiro e trocar de país. Mas para mim agora parece que no Paraguai eu estou em casa, agora já estamos muito tempo aqui, a gente se acostumou muito. Agora a gente vai para lá e é mais estranho. (Maria Peter, 2015)

Ao exemplo desta em cima, algumas narrativas são geradas para reafirmar o vínculo com o Paraguai e ao mesmo tempo relativizar o vínculo com o Brasil. Como a de Alido Batista “Como imigrante me sinto mais paraguaio que brasileiro”; a de Altemir Santin “Santa Rita é quase minha vida”; a de Mauro Leite “Brasil pra mim é exterior. [...] Me sinto Paraguaio”; a de Clair Lottermann “Eu amo meu Brasil, mas adoro meu Paraguai”; a de Leontina Deuner “Aqui é um Brasil”; a de Valeria Schneider “Não quero nem saber de voltar para o Brasil”; a de Nilson Peter, “Amo o Paraguai. É sofrido mais é divertido. Eu penso assim, se eu tivesse ficado no Brasil o que seria de nós? Nós teríamos o que temos?”; e a de Oscar Dapieve “Eu também sou paraguaio porque vim com sete anos, não vivi nada lá no Brasil. Aqui tô em casa, sei tudo as leis, as coisas.” Entendo que essas falas são intencionais, são seleções que buscam passar uma imagem, e conformam um discurso coletivo nessa sociedade (PORTELLI, 1989; BOURDIEU, 1989; CANDEAU, 2011; JELIN, 2001). Assim, noto, a partir dos discursos memoriais coletivos dos migrantes brasileiros nessa região, um sentimento de pertencimento ao Paraguai.

Essas transformações dos sentimentos de pertencimento e continuidade podem ser exemplificadas com a relação que se estabelece com a Ponte da Amizade. Pois essa, em um primeiro momento da migração é relatada como a fronteira de chegada ao país, sendo o Paraguai o exterior, e agora depois de anos de fixação nesse país ela é percebida como a fronteira com o Brasil. Em uma transformação identitária, que é percebida de forma individual e coletiva ao mesmo tempo, pois é moldada pelas memórias a partir das experiências e expectativas compartilhadas. Como pode ser visto na fala de Miguel Petter, que diz,

Eu te falo sinceramente que quando eu falo que vou pra Cascavel pra ficar 15 dias no terceiro dia já quero vir embora, então eu não me acostumo mais do lado de lá. Você voltando, passou a ponte, parece que é uma sensação de que você está em casa. (Miguel Petter, 2015)

Percebo que essa ponte além de representar o limite entre esses países é vista como a fronteira do antigo e do novo território ao qual pertencem. A “ponte”, bastante mencionada pelos interlocutores, como é visto na fala de Leontina e Miguel acima, é um marco físico da fronteira e é também o marco simbólico da travessia, da adesão a outra realidade. Os interlocutores dizem que atualmente ao passar a ponte e chegar ao Paraguai, sentem-se “em casa”, “tranquilos”. A ponte mostra-se como uma ligação a uma outra identidade, que não exclui a brasileira, mas soma a paraguaia¹²⁶.

Apesar das atividades que os migrantes ainda realizam no Brasil, como cuidados com a saúde, estudo, lazer, compras, visitas familiares. A ligação com o país de origem passa a ser cada vez mais retórica, memorial, do que de experiência. Santa Rita está próxima à fronteira o que permite acesso ao Brasil com facilidade, contudo o que percebi foi que cada vez menos se depende do país vizinho. É evidente sim, um múltiplo sentimento de pertencimento, um fomentado pela experiência presente e outro pela experiência passada, herdada.

Dessa forma, os migrantes brasileiros no Paraguai vivem uma transformação identitária complexa, com reordenamento das referências políticas, espaciais e históricas de acordo com suas experiências vividas. E nessa transformação a origem no Brasil e a nova adesão territorial no Paraguai estão em constante relação. Como pode ser visto, por exemplo, na fala de Protásio Konzen: “Não tem mais como

¹²⁶ Processo de transformação/reconfiguração inerente da identidade, pois esta se molda a partir do vivido (BARTH, 2000; HALL, 2006; TILLEY, 2006).

abandonar o vínculo com aqui [Paraguai]. A nossa vida é aqui. Brasil é só por uma emergência de saúde. [...] Me sinto realmente como um paraguaio. Única coisa que não consigo é o futebol, no futebol sou mais brasileiro.” Esta narrativa mostra as identidades sendo utilizadas de forma situacionais, evidenciando o múltiplo sentimento de pertencimento. Esta e as demais narrativas já citadas mostram a construção de uma nova territorialidade – uma reterritorialização (HAESBAERT, 2004) – a partir da associação de referências dos territórios brasileiro e paraguaio.

CONCLUSÕES

Memórias individuais, coletivas ou sociais estão em constante construção. Experiências passadas e herdadas somadas a realidades vividas e a expectativas futuras compõem as estratégias memoriais, os trabalhos ou jogos de memórias, que selecionam e definem as representações do *ser* – individual e coletivo. Essas seleções operam enquadramentos de memórias, pois, assim como geram memórias reconhecidas também geram esquecimentos, memórias subterrâneas, silenciadas. Dessa forma, as narrativas memoriais sempre são construções, elaboradas por meio de esquecimentos, silenciamentos e do que se quer lembrar. Nesse sentido, memórias são elementos constituintes de sentimento de pertencimento e continuidade em um processo de definições de imagens e representações de si e do outro, ou seja, definição de identidade.

Com o trabalho de campo – em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai – realizado por meio de observação participante e entrevistas semiestruturadas com migrantes brasileiros e paraguaios que se fixaram nessa região, percebi que os migrantes brasileiros que se inseriram em um processo de migração e fixação, com alterações materiais e simbólicas das realidades vividas, reorientaram as representações de si e do espaço ocupado em busca de manter uma continuidade de sua identidade e, ao mesmo tempo, gerar vínculo com o novo local de fixação. Processo que ocorre a partir do contexto vivenciado, das memórias compartilhadas, e das representações e imagens constituídas.

Na segunda metade do século XX, devido a contextos sociopolíticos e sua localização espacial, a região oriental paraguaia foi inserida em um processo de colonização que a marcou física e simbolicamente. A partir de políticas de Reforma Agrária e de expansão das fronteiras agrícolas aplicadas pelo governo de Alfredo Stroessner, essa região passou a ser explorada e ocupada por migrantes. A região foi inserida em um contexto de colonização para o desenvolvimento do agronegócio por meio do incentivo do Estado, da influência do mercado internacional, e da ação de colonizadoras particulares. Estas ações foram direcionadas: seleciona-se a forma e os sujeitos para ocupar este espaço, o que o transforma a partir de seus referenciais.

Essa colonização está inserida no contexto histórico da região central da América do Sul, um espaço ocupado de forma imemorial por indígenas, hoje composto pelas fronteiras nacionais do Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia. Com a

colonização ultramarina ocorrida a partir dos Séculos XV e XVI, se iniciou nessa região um processo de completa transformação das práticas. Nela, teve ação, principalmente, as coroas espanhola e portuguesa até o século XIX, quando ocorreram os movimentos independentistas. Apesar de ocorrerem processos de colonização diferentes em toda a América Latina, a lógica colonial de dominação foi exercida por todos os colonizadores, os quais utilizavam-se das populações nativas como mão de obra, ou as exterminavam, excluindo-as dos seus territórios.

Os Estados nacionais, instaurados no século XIX e liderados pelas elites locais, não alteraram a lógica do colonialismo, passando a exercer um colonialismo interno. Nesse processo, indígenas continuam sendo excluídos e não considerados cidadãos de direitos, com políticas indigenistas de assimilação, para construir uma cidadania culturalmente homogênea. São inúmeros exemplos de exclusão dessas populações como formadoras das nações criadas na América do Sul. No Paraguai, ainda que traços da cultura indígena tenham sido utilizados para forjar os símbolos de definição da nação, a “nação Guarani”, as populações indígenas e suas práticas seguem relegadas ao passado, ao incivilizado.

Processos conflituosos definiram as fronteiras entre os Estados nacionais da região platina. Com interesses diversos, as nações em construção entraram em disputas, principalmente, territoriais. O maior e mais marcante conflito entre esses países foi a Guerra da Tríplice Aliança (1864 – 1870), que redefiniu as fronteiras entre Paraguai, Brasil, Argentina e Uruguai. O Paraguai, além de perder a guerra para os três aliados, perdeu a maior parte de sua população, parte de seu território e patrimônio e ainda passou a sofrer influência política e econômica direta das nações vencedoras. Este conflito marca física e simbolicamente as fronteiras das nações envolvidas, uma vez que, além de redefinir territorialmente, marcou a memória dos países, em especial a do Paraguai, cuja memória nacional está arraigada às consequências.

Após a Guerra, formaram-se grandes latifúndios extrativistas, as obrages, que utilizaram, majoritariamente, a mão de obra forçada dos nativos, os mensus, e que regularam política e economicamente as atividades da região fronteira. A exploração extrativista – de Erva Mate e Madeira na região platina, principalmente na área que compreende as atuais fronteiras entre Paraguai, Argentina e Brasil – ocorreu com a ação de empresas internacionais e das elites nacionais dos países envolvidos.

A partir do início de meados do século XX, o extrativismo da Erva Mate e da Madeira entra em decadência, e se inicia um processo de expansão das fronteiras agrícolas naqueles países. As fronteiras entre Paraguai, Brasil e Argentina, até então eram áreas de mata fechada com comunidades indígenas remanescentes, as quais foram expulsas para a expansão da agricultura. Isso ocorreu por meio de políticas dos Estados nacionais sob a justificativa do “desenvolvimento”, do progresso: passaram, um país após o outro, a incorporar as políticas de expansionismo do agronegócio.

No lugar dos latifúndios extrativistas, empresas colonizadoras passaram a operar a fim de implantar a agricultura. Nesse período, ocorreu uma expansão do mercado agroexportador no mundo, que estimulava a produção agrícola mecanizada para a exportação. Esse período é conhecido como o “*Boom da soja*” ou “*Tsunami da soja*”. Com isso, os Estados nacionais da região estudada, influenciados por políticas e estímulos internacionais à agroindústria, começaram a desenvolver políticas de colonização interna. O processo se inicia no Brasil com a política de “Marcha para o Oeste” no Rio Grande do Sul, onde os colonos eram incentivados a migrar, a fim de se expandir as fronteiras agrícolas a partir de 1930. No Paraguai, o processo iniciou nos anos 1960, com a criação do *Estatuto Agrário* e do *Instituto de Bienestar Rural* – IBR, que previam a Reforma Agrária e a colonização do interior do país. O Paraguai estimulou primeiramente colonos da região central do país a migrarem ao interior, para as fronteiras, a fim de alcançar o mesmo objetivo: a expansão da agricultura. Logo depois, o país passou a estimular a migração de colonos brasileiros para região fronteira oriental paraguaia.

Este processo ocorreu devido ao contexto político e econômico vivido no momento. O Paraguai, que não possui costa marítima, tinha uma dependência histórica com a Argentina, da qual dependia para o escoamento de sua produção e também para importações. Em meados do século XX, ocorreu uma aproximação entre o Paraguai e o Brasil a partir dos governos ditatoriais vigentes nos dois países. Foram desenvolvidas políticas de integração com a assinatura de tratados e a construção de infraestruturas entre essas nações – construção da Ponte da Amizade, da Hidroelétrica de Itaipu, das rodovias que integram *Asunción* ao Brasil (*Ruta 7* e BR 277), o que deu acesso para o Paraguai ao Porto brasileiro de Paranaguá – PR. Nesse contexto, o Estado paraguaio revoga a lei que proibia estrangeiros de comprar terras a um raio de 150 km de suas fronteiras. Esse conjunto de políticas fortaleceu as relações com o Brasil e deu abertura para a migração de brasileiros ao país.

Neste sentido, dou ênfase para o elemento humano como forma de compreender as relações sociais estabelecidas na região de colonização recente do Paraguai. Migrantes paraguaios estavam em fluxo de interiorização desde 1950, e migrantes brasileiros passam a entrar no país a partir de 1960, mas com maior fluxo a partir de 1970. Ambos se encontraram na região oriental do Paraguai, com formações sociopolíticas distintas, com referenciais culturais e de produção diferentes, e também com poderes econômicos diversos. Esse processo que ocorre por meio de ações do Estado paraguaio, através do IBR, e de companhias colonizadoras particulares, principalmente brasileiras. Portanto, existem milhares de sujeitos que migram para a implantação da agricultura e, por conseguinte, transformam o espaço na região.

Este processo leva à interação esses sujeitos de origens nacionais diversas e gera fricções e adaptações, conflitos e integrações. O contexto histórico, as memórias sociais herdadas a partir de suas nações de origem formam de modos diferentes os referenciais desses sujeitos. Assim, brasileiros e paraguaios têm representações de *si* e concepções de representação do *outro* formadas, dentre outros, por suas relações históricas – pelas memórias selecionadas por cada uma das nações para a formação da identidade nacional. Dentre essas relações, a Guerra da Tríplice Aliança compõe memórias traumáticas para os paraguaios, o que leva a um sentimento negativo contra o Brasil, um dos vencedores. Com isso, as relações entre esses sujeitos até os dias atuais, são pautadas a partir das memórias dessa Guerra, gerando conflitos. Percebo que, com o tempo, somam-se a essas memórias nacionais as memórias das experiências vividas, de interação entre migrantes brasileiros e paraguaios, e se redefinem as relações e as representações sobre o vivido. Contudo, ambas identidades nacionais permanecem.

Os brasileiros – já estavam inseridos no processo de expansão agrícola em seu país, e em busca de terras para migrarem – encontraram no Paraguai uma espécie de extensão da área de colonização, com disponibilidade de terras férteis e baratas, o que possibilitou a um grande número de colonos adquirir propriedades rurais, e levou à formação de redes de migração entre os dois países. Esse processo ocorreu por intermédio de colonizadoras brasileiras que já haviam participado da expansão agrícola no Brasil, e implantaram no Paraguai os mesmos modelos de atuação: formação de colônias agrícolas; apoio para a construção de uma infraestrutura mínima; e propagandas feitas, preferencialmente a sujeitos da região sul do Brasil.

Com o trabalho de campo, percebi que se estabelecem discursos que legitimam como pioneiros na região aos migrantes brasileiros, por meio da (re)construção e compartilhamento de memórias. Em Santa Rita, os migrantes brasileiros tiveram pouco contato com a cultura paraguaia nos primeiros anos de colonização. Esse contexto possibilitou a (re)construção dos espaços a partir de suas práticas e representações. Os momentos vividos para a chegada na região de mata fechada e desabitada, a vida na região isolada que os tornou dependentes do próprio esforço, a derrubada da mata e a implantação e expansão da agricultura formam um conjunto de memórias compartilhadas utilizadas para a construção da imagem de pioneirismo.

Com esta afirmação dos migrantes brasileiros como pioneiros em Santa Rita tem-se o enquadramento das memórias da região. Relembro que esta havia sido habitada de forma imemorial por indígenas, já havia sido explorada antes da ação das colonizadoras, e também que teve ação de fluxos populacionais paraguaios. E estes são, então, invisibilizados como formadores deste espaço pelas memórias coletivas legitimadas na região, como pôde ser percebido através das fontes. Assim, foi construído em torno dos migrantes brasileiros um imaginário positivo que lhes confere poder simbólico naquele espaço.

Os migrantes que vivem em Santa Rita – oriundos de diferentes regiões do Brasil, mas na sua maioria do Sul, com valores associados ao trabalho com a terra – não compõem uma homogeneidade social, cultural ou econômica. São, na sua maioria, descendentes de imigrantes europeus que colonizaram os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX. Percebo que estes, ao compartilharem da experiência de migração para o Paraguai, constituem laços de pertencimento referentes a uma mesma realidade vivida, e também a uma mesma origem, o Brasil, e dessa forma constroem uma coletividade na região.

Os migrantes brasileiros que se fixaram em Santa Rita legitimam seu pertencimento e sua continuidade nesse espaço a partir de suas memórias compartilhadas de ações de transformação e arraigo. Selecionam memórias positivas sobre a organização cooperativa entre os migrantes; a construção e organização de espaços de uso social; as reproduções de práticas socioculturais como a religião e as atividades sociais e de lazer; a solidariedade coletiva entre os membros das comunidades; a reprodução das relações sociais e de parentesco; a reprodução familiar; a manutenção da língua e da gastronomia; dentre outros elementos. E dessa forma, legitimam sua presença, suas ações, e seu vínculo com o espaço.

Redes de sociabilidade se expandem com a migração e se reconfiguram. Com a colonização no Paraguai os migrantes brasileiros formam redes transnacionais entre os que se fixam e os que estão em mobilidade. Como uma estratégia de reprodução, na qual a fixidez e a mobilidade se retroalimentam e formam campos sociais transnacionais, compostos por interesses econômicos, políticos, socioculturais. E além das redes transnacionais, outras redes também se formam a partir da nova realidade vivida, como redes de compadrio, de produção, políticas, dentre outras inúmeras redes de interesses. Os diferentes vínculos dos sujeitos geram redes de relações e formam uma nova territorialidade na região.

Uma das formas de organização dos migrantes brasileiros que se fixaram em Santa Rita é por meio da constituição de um Centro de Tradições Gaúchas, o CTG Índio José. Este reúne sujeitos por afinidade cultural e também socioeconômica e política. A criação do CTG é entendida como a materialização dos símbolos e valores que se pretende preservar, constituindo-se em um território, por seu poder de apropriação e disciplina sobre seus participantes. A partir das normatizações das práticas, usos e costumes, alcança-se uma reconstrução de memórias e símbolos, e também uma simultaneidade das comemorações e ritualizações que confere sentimento de pertencimento e continuidade aos membros do grupo e legitimam seu vínculo em rede local e também transnacional, com o Brasil.

Os sujeitos que colonizaram esta região, devido às transformações decorrentes da migração e da necessidade de organizar-se como uma coletividade e manter vínculo com o país de origem, vincularam-se à identidade do gaúcho por meio do CTG. Noto que o vínculo ao *ser* gaúcho lhes confere estabilidade frente às transformações enfrentadas, pois esta identidade é constituída a partir de um passado idealizado e está vinculada a valores simbólicos que afirmam a permanência de sua visão de mundo no tempo e espaço. Essa configuração permite que, por meio do CTG, mantenham ligação ao Brasil. Ao mesmo tempo, que legitimam um vínculo ao novo espaço ocupado, o Paraguai, por meio da participação de paraguaios e da adesão de símbolos da cultura nacional paraguaia para a construção de uma imagem de integração pela convivência e compartilhamento de valores.

As análises das representações exercidas pelos CTGs e proferidas pelos seus representantes indicam uma (re)construção da memória que dá sustentação aos laços do grupo. Processo que ocorre a partir da definição de práticas, usos, ritualizações, comemorações, em um contexto de sincronização e similitude com o tradicionalismo

gaúcho e em composição com usos, costumes e símbolos da tradição paraguaia. A construção do galpão e a utilização da indumentária gaúcha são formas de manter “viva” a memória do grupo, através da experiência em conjunto com base nas referências históricas selecionadas. O mesmo ocorre a partir das práticas do elenco artístico do CTG, com ênfase na transmissão das tradições e na disciplinarização, que visa imprimir os valores do *ser gaúcho* na realidade de seus participantes. Assim, a partir da execução das práticas entendidas como gaúchas, em um contexto de ritualização conferido pelo CTG, os sujeitos (re)constroem memórias coletivas no tempo e espaço.

Além de se estabelecer práticas socioculturais, no CTG Índio José também são realizadas atividades socioeconômicas e políticas. A organização da Expo Santa Rita – que se inicia a partir de uma necessidade econômica do grupo, e que se consolida como uma feira do agronegócio – mostra a atuação e influência política desse Centro no país. Por meio desse evento, o CTG vincula-se diretamente com a expansão do agronegócio na região e ganha notoriedade nacional e internacional.

A Expo Santa Rita é mais do que um evento de 10 dias. A feira faz parte da organização do espaço, das práticas regionais e das relações transnacionais. Reconhecida como a maior exposição do agronegócio do país – em volume de negócios – a Expo reúne multinacionais do setor e atrai visitantes nacionais e internacionais. Nesse contexto estão inseridos os sujeitos que vivem na região, que trabalham no agronegócio, direta ou indiretamente, uma sociedade que tem suas reproduções e representações ligadas a esse mercado. Assim, a Expo Santa Rita, faz parte da marca da cidade, “*La ciudad progresista*”, que se respalda no agronegócio para a construção da sua imagem.

O evento é um retrato parcial das relações complexas estabelecidas na região: inúmeras empresas agrícolas, nacionais e transnacionais, diversas empresas relacionadas ao setor, financeiras e prestadoras de serviços, e um grande número de migrantes e descendentes de diferentes origens. Desenvolve-se ali um grande palco das interações vividas no dia-a-dia nessa sociedade: shows artísticos e apresentações culturais das diferentes culturas presentes na região, com atividades comerciais e de lazer para os produtores agrícolas e agropecuários, possibilidades de investimentos no Paraguai, no Brasil e no exterior. Um espaço, que é também de confraternização e lazer para as famílias e a juventude local, com produtos e serviços oriundos de diferentes localidades da região fronteira entre Brasil, Paraguai e

Argentina. Essas configurações mostram as representações e práticas fixadas na região, na qual os migrantes brasileiros, a relação com o Brasil, e o agronegócio estão predominantemente presentes.

Há em Santa Rita uma reterritorialização por meio da reconfiguração do espaço, de suas práticas e de seus símbolos. Migrantes brasileiros e paraguaios se encontraram nessa região e atuaram principalmente a partir da expansão do agronegócio. Apesar da organização do espaço ocorrer por meio da interação entre os referenciais distintos dos sujeitos que se fixaram ali, muitas das memórias compartilhadas e das representações dos migrantes brasileiros marcam a região. Como a fala do português, as práticas socioculturais, a fixação de uma imagem de pioneiro sobre esses sujeitos, as redes transnacionais, as relações familiares e de compadrio, dentre outras. Com isso, há uma transformação das relações políticas, econômicas, sociais, culturais, produtivas, simbólicas na região, o que compõem uma nova territorialidade.

Dessa forma, migrantes brasileiros (re)construíram memórias coletivas de ligação com o Paraguai e ao mesmo tempo mantêm ligações com o Brasil, a partir de estratégias memoriais, jogos de memória. O vínculo de coletividade e o sentimento de pertencimento e continuidade são constituídos pelas memórias selecionadas das experiências da migração, pela fixação de representações que remetem a essa realidade compartilhada, e pela reprodução e fixação familiar nesse espaço. As relações estabelecidas entre migrantes brasileiros e paraguaios, e seus descendentes, são de fricções e adaptações, com conflitos e incorporações, que com o tempo de interação passam por transformações e ressignificações, compondo a nova territorialização da região. Territorialidade que se caracteriza pela ação transnacional do agronegócio. Nesse contexto de enquadramentos de memórias e campos sociais transnacionais, noto muitas temáticas a serem abordadas e analisadas com profundidade em outras pesquisas. Como a das memórias dos migrantes paraguaios, a das memórias dos menos favorecidos ou dos afetados negativamente por esse processo de colonização, entre outras inúmeras possíveis abordagens com base em outras áreas de análise, como a das relações internacionais, a do agronegócio, a dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.
- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- ALBUQUERQUE, J. Lindomar. A dinâmica das fronteiras: deslocamento e circulação dos “brasiguaios” entre os limites nacionais. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, V. 15, n. 31, p. 137-166, jan./jun. 2009.
- ALBUQUERQUE, J. L. C. **Fronteiras em movimento e identidades nacionais: a imigração brasileira no Paraguai**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.
- ALEGRE, Efraín S.; Pozzo, Aníbal O. **La tierra en Paraguay 1947-2007: 60 años de entrega del patrimonio nacional stroessner y el partido colorado**, Asunción-Paraguay, Arandurá Editorial, 2008.
- ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras. 2008.
- APPADURAI, A. “Sovereignty without Territoriality. Notes for a Postnational Geography”, en Patricia Yaeger (ed.), **The geography of Identity**. Ann Arbor, The University of Michigan Press, p. 40-58, 1996.
- BACK, Andressa. **Multiplicidade na fronteira: o fenômeno das identidades transfronteiriças em Santa Rita no Paraguai**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2014.
- BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Enaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, V. 5. 1985.
- BALANDIER, Georges. A noção de situação colonial. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. Revisão de Paula Monteiro. **Cadernos de Campo**, São Paulo, n.3, p.107-131, 1993 [1951].
- BALLER, Leandro. **FRONTEIRA E FRONTEIRIÇOS: A construção das relações sociais e culturais entre brasileiros e paraguaios (1954-2014)**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Grande Dourados (PPGH/ FCH/ UFGD). Dourados, 2014.
- BARBOSA, Fabio Luis dos Santos. A problemática brasiguaiia e os dilemas da projeção regional brasileira. **Polis** [Online], 39 | 2014, URL: <http://polis.revues.org/10410>
- BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Tradução de John Cunha Comeford. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000.
- BATISTA, Luiz Carlos. **Brasiguaios na Fronteira: Caminhos e Lutas pela Liberdade**. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

BENEDETTI, Alejandro; SALIZZI, Esteban. Fronteras en la construcción del territorio argentino. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía**, v. 23, n. 2, Departamento de Geografía de la Universidad Nacional de Colombia. pp. 121-138. 2014.

BENVENUTO, Jayme. **Somos todos irmãos?** Reflexões sobre a percepção da integração regional na Fronteira do Brasil, Argentina e Paraguai / [recurso eletrônico] Jayme Benvenuto ... [et al.]. Foz do Iguaçu, 2016.

BOTT, Elizabeth. Metodologia e técnicas de campo. In: **Família e rede social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4 ed. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **La ilusión biográfica**. Historia y fuente oral, 1: 27-33. 1989.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Reflexões sobre como fazer trabalho de campo**. Sociedade e Cultura, v.10, n.1, p.11-27, 2007.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Uma incursão pelo lado “não-respeitável” da pesquisa de campo. In: **Ciências Sociais Hoje**, Recife, n.1, p.333-353, 1981.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. São Paulo, Contexto, 2011.

CARDIN, Eric Gustavo, **Laranjas e sacoleiros na Tríplice Fronteira: um estudo da precarização do trabalho no capitalismo contemporâneo**, Cascavel: EDUNIOESTE, 2011.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **A Sociologia do Brasil Indígena**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: Editora UnB, 1978.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Do índio ao bugre: o processo de assimilação dos Terena; (prefácio de Darcy Ribeiro)**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. 2 ed. Revisada.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever**. In: O trabalho do antropólogo. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

CARRÓN Juan M.; SILVA, Marcia Regianada. La frontera Paraguay-Brasil, integración económica y desintegración social. **Población y Desarrollo**, Asunción, n.33, p. 9-22, 2006.

CARVALHO DA ROCHA; Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. **Etnografia da duração: antropologia das memórias coletivas nas coleções etnográficas**. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

CARVALHO, Maria Lucia B. (2013), **Das terras dos índios a índios sem terra o Estado e os Guarani do Oco'y: violência, silêncio e luta**, São Paulo, TESE (Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana – USP, 2013.

CEPAL, **Las empresas transnacionales en la economía del Paraguay**. Naciones Unidas, Santiago de Chile, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1 Artes de Fazer**. Ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CERVO, Amado Luiz. **Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas**, Brasília, DF: Instituto Brasileiro de Relações Internacionais. 2007

CHARTIER, Roger. **História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Beltrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil. Mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

CHIAVENATTO, Julio José. **Genocídio americano: a Guerra do Paraguai**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

CLAVERO, Bartolomé et al. **Los Aché del Paraguay: Discusión de un Genocidio**. Paraguay. Grupo Internacional de Trabajo sobre Asuntos Indígenas. 2008

COLODEL, José Augusto. **Obrages e Companhias Colonizadoras – Santa Helena na História do Oeste Paranaense até 1960**. Santa Helena, Prefeitura Municipal: Ed. Educativa, 1988.

CONSTITUICIÓN DE PARAGUAY (1870).

COOPER, Frederick. **Colonialism in Question: theory, knowledge, history**. Berkeley, Los Angeles: University of California Press, 2005.

COSTA, Jessica Ausier da. **Fronteiras, Migração e Identidade: O fenômeno “brasiguai”**. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

COSTA, Jessica Ausierda. **As relações bilaterais Brasil-Paraguai e a problemática dos “brasiguaios”**. Revista Habitus, Rio de Janeiro, v.7, n.1 , p.56-71, 2009.

DAMATTA, Roberto. O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues. In: NUNES, Edson de Oliveira (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DGEEC, **Pueblos indígenas de Paraguay. Resultados finales del Censo de Población y Viviendas**. Asunción, DGEEC, 2012.

DINIZ, Débora. **Ética na pesquisa em ciências humanas: novos desafios**. Ciência e Saúde Coletiva, v.13, n.2, p.417-426, 2008.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra**: nova história da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

DORATIOTO, Francisco. “As políticas da Argentina e do Brasil em relação à disputa boliviano-paraguaia pelo Chaco (1926-1938)”. In FUNAG. **A visão do outro**; seminário Argentina-Brasil. 1ª Ed. Brasília: FUNAG, 2000.

DOUGLASS, W. Las fronteras, ¿muros o puentes?, **Historia y Fuente Oral**, 12: 43-50. 1994.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; ESSELIN, Paulo Marcos. Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278- 318, jul./dez. 2015.

Expo Santa Rita - **El universo del Agronegocio**. Revista Zapping, 2012.

FABIAN, Johannes. **O tempo e o Outro**: como a Antropologia estabeleceu seu objeto. Prefácio de Matti Bunzl. Tradução de Denise Jardim Duarte. Petrópolis: Vozes. 2013.

FABRINI, João E. **Conflitos de terra na fronteira Brasil-Paraguai e luta dos brasiguaios**. In: Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, Uberlândia, p.1-20, 2012.

FALCÃO, Luiz Felipe. **Entre Ontem e amanhã**: Diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX. Itajai: Editora da UNIVALI, 2000.

FANON, Franz. **Os condenados da terra**. Prefácio de Jean-Paul Sartre. Tradução de Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1968.

FAZENDA, Ivani Catarina A. (org.). **O que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

FELDMAN-BIANCO, Bela. (Re)construindo a saudade Portuguesa em vídeo: histórias orais, artefactos visuais e tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica In: **Revista crítica de ciências sociais**. - Nº 45, p. 113-126, 1996.

FELDMAN-BIANCO, Bela. **A Antropologia Hoje**. Ciência e Cultura, v. 63, p. 4-5, 2011.

FERRARI, Carlos Alberto. **Dinâmica territorial na(s) fronteira(s)**:Um estudo sobre a expansão do agronegócio e a exploração dos brasiguaios no norte do Departamento de Alto Paraná – Paraguai. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2009.

FIGUEREDO, Oscar A. T.; MIGUEL, Lovois A. **A modernização da agricultura e os brasiguaios no Paraguai**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da UFRGS, s/d.

FONSECA, Claudia. **O anonimato no texto antropológico**: dilemas éticos e políticos da etnografia feita em casa. *Teoria e Cultura*, Juiz de Fora, v.2, n.1-2, 2008.

FRANCESCHELLI, Inés, “La principal actividad económica nacional no es nacional”, en: Marielle Palau (Coord.), **Con la soja al cuello 2016**. Informe sobre Agronegocios en Paraguay. Asunción, BASE-IS, 2016.

FUKUOKA, Milena Pereira. **Ciudadanía de papel Derechos humanos en comunidades campesinas**. Asunción, BASE-IS, 2015.

GIMENEZ, Gilberto. **Cultura, Identidad y Memória**. Materiales para una sociología de los procesos culturales em las franjas fronterizas. *Frontera Norte*, Vol . 21, Núm. 41, Enero -junio de 2009.

GLAUSER, MARCOS, **La extranjerización del territorio paraguayo**, Asunción, BASE-IS, 2009.

GLICK SCHILLER, N.; SALAZAR, N, Regimes of mobility across the globe. **Journal of Ethnic and Migration Studies**, 39 (2), p. 183-200, 2013.

GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. Transnationalism: a new analytical framework for understanding migration. In: GLICK SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; SZANTON-BLANC, Cristina. *Towards a Transnational Perspective on Migration: Race, Class, Ethnicity and Nationalism Reconsidered*, coordinado por Nina. **Annals of the New York Academy of Sciences** (645): 25–52. 1992.

GONÇALVES, Marco Antônio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Org.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

GONZÁLEZ CASANOVA, Pablo. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio A. et al. (Org.). **A teoria marxista hoje**: problemas e perspectivas. Buenos Aires: CLACSO, p.395-419. 2006.

GREGORY, Valdir. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-1970). Cascavel: Edunioeste, 2002.

GRIMSOM, Alejandro, Identidades Nacionales e Integraciones Regionales, **Ciencias Sociales**: MECT, Buenos Aires, S/D

Grimson, Alejandro. **Doce equívocos sobre las migraciones**. *Revista Nueva Sociedad*, 233, 34-43. 2011.

GRIMSON, Alejandro. Fronteras e identificaciones nacionales: diálogos desde el Cono Sur. **Iberoamericana**, V (17): 91-99, 2005.

GRIMSON, Alejandro. **La nación en sus límites**: contrabandistas y exiliados en la frontera Argentina-Brasil. Barcelona: Gedisa 2003.

GUISARD, Luís Augusto De Mola. **O bugre, um João-Ninguém**: um personagem brasileiro. *São Paulo Perspec.* 1999, vol.13, n.4, p. 92-99

HAESBAERT, Rogério. **Des-territorialização e identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste**. Niterói: EDUF, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2004.

HAESBAERT, Rogério; MONDARDO, Marcos Leandro. Transterritorialidade e antropofagia: territorialidades de trânsito numa perspectiva brasileiro-latino-americana. **GEOgraphia** (UFF), v. 12, p. 19-50, 2010.

HAESBAERT, Rogério; SANTA BARBARA, Marcelo de Jesus. **Identidade e migração em áreas transfronteiriças**. Rio de Janeiro: UFF, s/d.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Shaffter. São Paulo. ED. Vértice. 1990.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HENRIQUES, Isabel Castro. Colônia, colonização, colonial e colonialismo. In: Sansone, Livio; FURTADO, Cláudio (Org.). **Dicionário crítico das ciências sociais dos países de fala oficial portuguesa**. Salvador: EDUFBA, 2014, p.45-58.

HOBBSAWN, Eric. RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INECIP, **Deforestación e Impunidad**. Asunción, Arandura Editorial. 2016.

INFORME de la dirección general de verdad, justicia y reparación de la defensoría del pueblo (dgvjr-dp) de Paraguay referente a las desapariciones forzadas y ejecuciones extrajudiciales de personas en el Paraguay. Disponível em: <http://tbinternet.ohchr.org/Treaties/CED/Shared%20Documents/PRY/INT_CED_NHS_PRY_18222_S.pdf> acesso em: 14/08/2017.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos Avançados**, v.3, n.6, p.89-112,1989.

JARDIM, Denise Fagundes. **Palestinos no Extremo Sul do Brasil: Identidade Étnica e os Mecanismos Sociais de Produção da Etnicidade**. Chuí/RS. Tese de doutorado/PPGAS/UFRJ/MN, 2000.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. Ciudad de México: Siglo Veintiuno Editores, 2001.

KLAUCK, S. A Fronteira do Oeste do Paraná: narrativas de desbravamento, imaginários e representações. In: ARRUDA, Gilmar (org.). **Natureza, Fronteiras e Territórios: Imagens e Narrativas**. Londrina: Eduel, 2005, p. 243-278.

LAMBERTY, Salvador Fernando. **Abc Do Tradicionalismo Gaucho**, Martins livreiro Ed. 2004.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LESSA, Barbosa; CÔRTEZ, Paixão. **Danças e Andanças da Tradição Gaúcha**. Ed: Garatuja, 1975.

LEVITT, Peggy; GLICK SCHILLER, Nina. Conceptualizing simultaneity: A transnational social field perspective on society. In: **International Migration Review**. Vol. 38, No. 3. pp. 1002-1039, 2004.

LOOMBA, Ania et. al. (Ed.). **Postcolonial Studies and Beyond**. Durham/London: Duke University Press, 2005.

MACHUCA, Jesús Antonio. Patrimonio y retraditionalización em la cultura indígena y popular em Mexico. FERREIRA, Maria Letícia Mazzucchi; MICHELON, Francisca Ferreira (orgs). **Memória, Patrimônio e Tradição**. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária – UFPEL, 2010, p. 17-72.

MAKARAN, Gaya. **Paraguay: El Nacionalismo y sus mitos**, México, Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe. UNAM. 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, Leticia Miller. **Um estudo sociolinguístico da comunidade dos imigrantes brasileiros em Santa Rosa del Monday** - Paraguai. Dissertação (Mestrado em Linguística) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **História oral: como fazer, como pensar**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MELIÁ, Bartolomeu; MÜNDEL, Christine. Ratones y *Jaguars*: Reconstrucción de un genocidio a la manera del de los axé-guayakí del Paraguay Oriental. **Suplemento Antropológico**. vol. 6 -Nos. 1 -2, Asunción, Universidad Católica, 1971.

MELIÁ, Bartolomeu. Yo, indio guayakí, acuso a los hombres vestidos, en **Suplemento Antropológico**, vol. vi, núms. 1 y 2, Asunción, Universidad Católica, 1971.

Münzel, Mark. **The Aché: Genocide Continues in Paraguay**. Copenhagen. International Work Group for Indigenous Affairs. 1974.

MYSKIW, Antônio Marcos. **A Fronteira como destino de viagem: A Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888-1907)**. Guarapuava: Unicentro, 2011; Niterói, RJ: UFF, 2011.

NASCIMENTO, Valdir Aragão do. **“Yo soy paraguayo, chamigo”**: breve estudo sobre a identidade no Paraguai. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2012.

NICKSON, R. Andrew, “Colonización brasilera en la Región Oriental del Paraguay”. en: Ramón Fogel y Marcial Riquelme, **Enclave sojero, merma de soberanía y pobreza**, Asunción - CERI, Centro de Estudios Rurales Interdisciplinarios. 2005.

ODDONE, H., **Perfil migratorio del Paraguay**. Buenos Aires, Organización Internacional para las Migraciones. 2011.

OLIVEIRA, João Pacheco de. Uma etnologia dos "índios misturados"? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. **Mana** [online]. vol.4, n.1, pp.47-77, 1998.

OLIVEN, Ruben G. "**Em Busca do tempo perdido: O Movimento Tradicionalista Gaúcho.**" In: _____ A Parte e o Todo: A diversidade do Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, Ruben George. O renascimento do gauchismo. IN: GONZAGA, Sergius; FISCHER, Luís Augusto. (Orgs.). **Nós, os gaúchos**. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.

ORTEGA, Guillermo, **Mapeamiento del extractivismo**. Asunción, BASE-IS, 2016.

PALAU, Marielle (Coord.), **Con la soja al cuello 2016**. Informe sobre Agronegocios en Paraguay, Asunción, BASE-IS. 2016.

PALAU, Marielle. **Movimiento popular y democracia**. Asunción, BASE-IS, 2014.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana, "A Diáspora Chinesa na Fronteira Brasil/Paraguai: Fluxos Globais e Dinâmicas Locais de um Processo Migratório em Transformação", en: Paulo Eduardo Teixeira; Antonio Menes da Costa braga y Rosana Baeninger (Org.), **Migrações: Implicações passadas, presentes e futuras**, Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 257-278, 2012.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

POMER, León. **La Guerra del Paraguay**. Estado, política y negocios, Buenos Aires, Colihue, 2008.

PORTELLI, Alessandro. Historia y memoria: la muerte de Luigi Trastulli. **Historia y fuente oral**, 1 : 5-32, 1989.

PRIORI, Angelo; KLAUCK, Roberto Carlos. **O retorno dos brasiguaios**. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, v.10, n.109, p.95-102, 2010.

PUJADAS, Joan J. **El análisis de las redes sociales**. In: PUJADAS, Joan J.; D'ARGEMIR, Dolors C.; ROCA, Jordi. Etnografía. Barcelona: Editorial UOC, p.110-134, 2012.

PUJADAS, Joan.J., D'identitats, fronteres i ciutadanes: el cas dels Pirineus", **Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia**, 11 p. 109-132, 1997.

PUJADAS, Joan.J., Estado-Nación, movimientos autonómicos y procesos transfronterizos en España. In: ARCE, José Manuel Valenzuela Arce (coord.). **Transfronteras: fronteras del mundo y procesos culturales**. Tijuana, B.C., México: El Colegio de la Frontera Norte, diciembre de 2014.

PUJADAS, Joan.J., Hybrid identities in contexts of minorisation of citizenship. Thinking about the indigenous people of Latin America. En Sabaté, F. (ed). **Hybrid identities**. Berna, Peter Lang Pub., pp. 183-211, 2014.

PUJADAS, Joan.J., Los claroscuros de la etnicidad. El culturalismo evaluado desde la óptica de la cohesión social y la ciudadanía. En Palenzuela, P.; Olivi, A. (eds). **Etnicidad y desarrollo en los Andes**. Sevilla, SEPUS, p. 25-51, 2011.

RADHAY, Rachael A. **A imigração, a etnografia e a ética**. Cadernos de Linguagem e Sociedade. Brasília, v.9, n.2, p.45-56, 2008, p.45.

RIBEIRO, Darcy. **Darcy Ribeiro (1922-1997): homenaje**. Cuaderno de Trabajo, vol. 2, México, Instituto Interamericano Indigenista. 1997.

SAID, Edward W. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente**. Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHALLENBERGER, Erneldo; SCHNEIDER, Iara Elisa. **Migração, Inserção Produtiva Migração, Inserção Produtiva e Urbanização da Fronteira Agrícola: Um estudo sobre a Urbanização da Fronteira Agrícola: Um estudo sobre a Região Oeste do Paraná (1940 a 2000) a Região Oeste do Paraná (1940 a 2000)**. Tempo da Ciência (15) 29: 73-95, 1º semestre 2008.

SEIXAS, Jacy Alves de. **Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais**. In: BRESCINI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Unicamp, 2001.

SEOANE, José. Neoliberalismo y ofensiva extractivista. Actualidad de la acumulación por despojo, desafíos de Nuestra América. **Theomai**, núm. 26. Buenos Aires, 2012.

SILVA, Henrique M. **Teuto-brasiguaios no oriente paraguaio: alguns apontamentos sobre as condicionantes históricas da formação de uma fronteira de caráter binacional**. Diálogos, Maringá, v.9, n.3, p.167-184, 2005.

SITUACIÓN de los Derechos Humanos en el Oriente Paraguayo en 2009. Conflicto por la imposición de un modelo cultural y agroindustrial – Departamentos de Cordillera, Paraguarí, San Pedro, Concepción y Central. Asunción, s/e, 2009.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizing methodologies: research and indigenous peoples**. 8ª imp. London: Zed Books Ltd; Dunedin: University of Otago Press, 2005.

SOARES, Jéssica Aparecida. **A saúde pública na tríplice fronteira: estrutura de atendimento e estratégias de usuários fronteiriços para acesso à saúde**. Dissertação de Mestrado em Sociedade Cultura e Fronteiras, Campus de Foz do Iguaçu, 2017.

SOUCHAUD, Sylvain. **Geografía de la migración brasileña em Paraguay**. Asunción: Editorial UNFPA, 2007.

SPRANDEL, Marcia Anita. “Aqui não é como na casa da gente”: comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai. In: FRIGERIO, A.; RIBEIRO, G. L. (Org.). **Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 187-207.

SPRANDEL, Marcia Anita. **Brasileiros na fronteira com o Paraguai**. Estudos Avançados, v.20, n.57, p.137-156, 2006.

SPRANDEL, Márcia Anita. **Brasiguaios: conflito e identidade em fronteiras internacionais**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - UFRJ, Rio de Janeiro, 1992.

SZEKUT, Andressa. **Centros de Tradições Gaúchas no oeste do Paraná: A (re)construção da memória coletiva e a fixação de representações**. Dissertação (Mestrado e Sociadade, Cultura e Fronteiras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Foz do Iguaçu, 2014.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. “Aquí todos somos migrantes o hijos de migrantes, tanto los brasileños como los paraguayos”: Memórias de migrantes brasileiros sobre a situação de colonização recente no distrito de santa rita, departamento de alto paraná, paraguai. **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, MS. v. 19, n. 34, p. 319 – 352, Jul. / Dez. 2017.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. A presença de brasileiros na recente colonização do Paraguai. **Mediações**, Londrina, 21 (2): 303-331, 2016.

SZEKUT, Andressa; EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge. Memória e Identidade em um Espaço de Migração: Fronteiras em Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. **Revista História em Reflexão**, V. 9, Nº 18 - jul/dez - 2015.

TEDESCO, João Carlos. **Passado e Presente em Interfaces: Introdução a uma análise sócio histórica da memória**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo; Xanxerê Ed. UNOESC; Porto Alegre, Suliani Letras & Vida, 2012.

THOMPSON, P. **A voz do passado** – História Oral. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

TILLEY, Christopher. Identity, Place, Landscape and Heritage. **Journal of Material Culture**, (11): 1/2, 7-32, 2006.

TILLY, Charles. Transplanted networks. In: YANS-MACLAUGHLIN, V. (Org.). **Immigrayion reconsidered: history, sociology and politics**. Oxford: Oxford University Press, 1990. p. 79-95.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 20, n. 1. 2008.

URIOSTE, Miguel; KAY, Cristóbal. **Latifundios, avasallamientos y autonomías**. La reforma agraria inconclusa en el Oriente. La Paz – Bolivia, Fundación TIERRA. 2005.

VALIENTE, Hugo. **COMUNIDADES EN LUCHA** - Cuatro demandas al Estado paraguayo por violación de Derechos Humanos. Asunción, BASE-IS, 2014.

VÁZQUEZ, Fabricio. **Territorio y Población: nuevas dinámicas regionales en el Paraguay**. Asunción: Asociación Paraguaya de Estudios de Población – ADEPO, 2006. (Serie Investigaciones – Población y Desarrollo, v.III)

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de O. (Org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p.123-132, 1978.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto. **Subjetividade e sociedade**: uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

VILADESAU, Tomás Palau; HEIKEL, María Victoria. **Los campesinos el Estado y las empresas en la frontera agrícola**. Asunción, BASE-ISEC 2da edición, 2016.

VILLAGRA, Luis Rojas, **La terra en disputa**. Extractivismo, exclusión y resistencia. Asunción, BASE-IS, febrero 2014.

VILLAGRA, Luis Rojas. **Actores del agronegocio en Paraguay**. Asunción, BASE-IS, 2009.

VILLAGRA, Luis Rojas. **La metamorfosis del Paraguay**: del esplendor inicial a su traumática descomposición, Asunción, BASE-IS, 2014.

VILLALBA, S.M., **Organizaciones políticas indígenas en Paraguay**. Asunción, BASE-IS, 2009.

VOLL, Francisco André Pedersen. **Memória e trabalho: a inserção socioprodutiva do sujeito da hortelã na microrregião de Toledo/PR: 1959 1980.**: 1959 - 1980.. 2015. 96 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento regional e do Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Parana, Toledo, 2015.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Obraberos, mensus e cololos: história do Oeste do paranaense**. 2 ed. Curitiba: Ed. Vicentina, 1987.

WOLF, Eric R. Relaciones de parentesco, de amistad y de patronazgo en las sociedades complejas. In: BANTON, Michel. **Antropología social de las sociedades complejas**. Madrid: Alianza Editorial, p.19-39, 1990.

WOORTMANN, Ellen F. **Herdeiros, parentes e compadres**: colonos do Sul e sitiantes do Nordeste. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Edunb, 1995.

YALUFF, Yamili. "Organización económica del territorio paraguayo: integración regional, desintegración nacional". **Población y Desarrollo**. Asunción, n.33, pp. 83-96, 2007.

Fontes Orais

Airton Schmidt. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015. (02:52:05)

Alido Schmidt Batista. **Entrevista**. Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015. (02:15:20)

- Aloisio Rauber. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/06/2015.
- Altemir Santin. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015. (01:42:14)
- Antero Bressan. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 10/07/2015. (01:34:18)
- Aricio Rios Ocampo. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015. (01:41:19)
- Balbino Benitez. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/04/2015. (02:03:50)
- Bernarda Ortiz de Rios. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015. (01:41:19)
- Clair Tereza Lottermann. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 19/05/2015. (00:37:12)
- Clodomiro Ribas. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 09/07/2015. (01:29:33)
- Darcila Diel Borré. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015. (00:56:39)
- Edgar Feltes. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 28/07/2015. (01:56:42)
- Edio Tadeu Rauber. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24/06/2015. (02:54:35)
- Eduardo Coronel Rolon. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 14/07/2015. (01:36:54)
- Elton Carlos Lopes dos Anjos. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/07/2015. (01:35:13)
- Flavio Tengaten. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 09/07/2015. (00:31:19)
- Francisco Feliponi. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 12/06/2015. (01:03:47)
- Francisco Antonio Mesomo. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 15 e 29/07/2015. (01:11:05) (01:21:37)
- Herculano Cristaldo Romero. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 23/04/2015. (01:06:00)
- Irani Ludwig. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/05/2015. (00:14:31)

Ivone Laci Schmidt. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015. (01:18:11)

Jaime Hammes. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 03/06/2015. (01:22:04)

José Domingo Disconsi. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015. (02:43:58)

Juacir José Repposi. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24 e 28/04/2015. (00:40:54) (00:41:31)

Leonel Antonio Vogel. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 02/07/2015. (00:54:19)

Leontina Deuner Rosceti. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/05/2015. (01:29:54)

Lirio Vettorello. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 01/07/2015. (01:26:52)

Livio Osvaldo Fester. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015. (01:59:45) (00:52:45)

Luiz Carlos Ribeiro. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2013 e 28/07/2015. (00:36:00)

Marcelo. **Conversa informal.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22 de maio de 2015.

Marcio Sampaio Pofirio. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/06/2015. (01:38:08)

Maria Lucia Soares Carriel Sauer. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 26/05/2015. (01:29:54)

Maria Peter. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015. (02:10:04)

Mauro Leite de Almeida. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 23/06/2015, mp3 (01:10:44) (00:49:34)

Mercedes Birnfeldt Schmidt. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015, mp3 (02:52:05)

Miguel Petter. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/07/2015. (04:59:33)

Milton Johann. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 31/03/2015. (00:26:00)

Nicanor Basquez Vera. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 28/07/ 2015.

Nilsa Maria Kunkel. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 18/05/2015. (00:53:09)

- Nilson Peter. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 22/05/2015. (02:10:04)
- Nilva Amelia Netsol. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 25/06/2015. (02:43:58)
- Oscar Dapieve. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 08/07/2015. (01:28:45)
- Pedro Benitez. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/03/2015. (00:22:26)
- Pedro Gustavo Valdez Chinini. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 07/07/2015. (01:27:21)
- Protásio José Konsen. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 27/05/2015. (01:42:44)
- Regina Picoloto. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/07/2015. (01:42:44) (01:11:05)
- Rosalia Gonzalez de Valdez. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 07/07/2015. (01:27:21)
- Teresa Birnfeld. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 29/05/2015. (00:53:16)
- Terezinha Birnfeldt dos Santos. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 16/07/2015. (01:18:11)
- Valdomiro Ribeiro de Souza. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 20/05/2015. (01:37:40)
- Valeria Schneider. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 01/05/2015. (02:40:19)
- Valmi Adiangé Rauber. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 24/06/2015. (02:54:35)
- Valtair Vicchetti. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 11/06/2015. (01:42:53)
- Vera Bazzo Lottermann. **Entrevista.** Santa Rita, Alto Paraná, Paraguai. 30/06/2015. (01:14:21) (00:36:35)

APÉNDICE A – Roteiro de Entrevista

Guión de Entrevista – Memorias en Santa Rita

1. ¿Des de que año vive en Santa Rita y cuál fue la trayectoria de migración?
 - 1.1 ¿De dónde viniste?
 - 1.2 ¿Cuál la motivación de venir?
 - 1.3 ¿Cómo fue posible fijarse?
 - 1.4 ¿Cómo era la vida en la región?
 - 1.5 ¿Cuáles fueron las dificultades enfrentadas?
2. ¿Podes describir la vida en los primeros tiempos en el distrito?
 - 2.1 ¿De dónde venían las personas y como se relacionaban?
 - 2.2 ¿Cómo se comercializaban los terrenos?
 - 2.3 ¿Tu familia también estuvo presente?
 - 2.4 ¿Se establecieron lazos de amistad y cooperación? ¿Cómo?
 - 2.5 ¿Cómo era la vida religiosa en la región?
 - 2.6 ¿Cómo era la educación en la región?
 - 2.7 ¿Cuáles eran las intervenciones políticas en la región?
 - 2.8 ¿Cuál era la infraestructura en el distrito y cómo fue cambiando?
 - 2.9 ¿Cuáles eran las actividades de recreación que tenían para el ocio?
3. ¿Cómo voz te insertaste en la vida profesional/comercial del municipio?
¿Trabajo en el campo, en la ciudad?
4. ¿Cómo se estableció tu grupo de amigo y personas más próximas?
5. ¿Estás viviendo todavía en el mismo lugar, la misma casa? Si no, que llevó a las mudanzas?
6. ¿Participas o participaste de algún grupo organizado en la región, como cooperativas, grupos religiosos, asociación de fines comunes u otros?
Podes describir:
 - 6.1 ¿Cómo se formó ese/esos grupo/s?
 - 6.2 ¿Cuáles son sus fines?
 - 6.3 ¿Quienes participan del grupo?
 - 6.4 ¿Cuál es tu actuación en el grupo?
7. ¿Cómo se fue desarrollando el Distrito?
8. ¿Cómo te parece que están las relaciones sociales del municipio actualmente?

9. ¿Cuáles son las problemáticas de la actualidad en la región?
10. ¿Podes describir las características de Santa Rita?
11. ¿Cómo te sentís con relación a la integración entre brasileños y paraguayos?
12. ¿Cuál es el motivo de seguir viviendo en Santa Rita?
13. ¿Te gustaría agregar más alguna cosa?

APÊNDICE B – Ficha Técnica**Ficha Técnica – Memórias em Santa Rita****Nº:****Interlocutor:**

Data:

Horário:

Local:

Dados do Interlocutor:

Nome completo:

Local e data de nascimento:

Local de residência:

Telefone:

Email:

Profissão atual:

Observações:

Tempo da entrevista:

APÊNDICE C – Resumos biográficos temáticos

Esta parte da Tese está composta por resumos biográficos temáticos dos interlocutores entrevistados durante o trabalho de campo realizado em Santa Rita em 2015. Os textos foram construídos a partir das informações extraídas das entrevistas realizadas com eles, e seus conteúdos refletem as trajetórias de cada um a partir de seus pontos de vista e com as informações que eles disponibilizaram. No total foram 53 interlocutores entrevistados, com aproximadamente 70 horas de entrevistas gravadas, além de duas entrevistas nas quais os interlocutores não autorizaram gravação. Todas estas entrevistas foram transcritas e geraram documentos que foram analisados e utilizados no desenvolvimento desta pesquisa.

Estes resumos foram elaborados para dar um melhor entendimento ao leitor sobre as trajetórias e perfil dos interlocutores. E assim possibilitar uma escrita e leitura mais fluída do texto analítico, no qual não se retrata, de forma extensa, trajetórias de vida individuais. Eles estão organizados em ordem alfabética. E neles podem-se encontrar dados básicos dos interlocutores, que os caracterizam e possibilitam identificar a partir de que posição social estabelecem seus discursos.

Airton Schmidt: nasceu em Porto Xavier, Rio Grande do Sul, em 15 de março de 1970. Seus pais, compraram três colônias de terra em 1973 onde atualmente é a comunidade de Esquina Gaúcha; e migraram para o Paraguai em 1974, com quatro filhos pequenos. Outros familiares também migraram para a região na mesma época, todos motivados a ter mais terra para a agricultura, em um lugar melhor, pois no Rio Grande do Sul tinham pouca terra e de baixa produtividade. Ele que chegou ao Paraguai com 4 anos, cresceu, estudou e trabalhou em Santa Rita. Casou-se com uma migrante brasileira com quem tem dois filhos. E além de trabalhar com agricultura, Airton também é comerciante e tem atuação política no município como *consejal*. Parte de seus familiares mais próximos continuam vivendo no Paraguai, em Santa Rita e diferentes regiões. A entrevista foi realizada em conjunto com sua mãe Mercedes Schmidt, na casa dela, no centro urbano de Santa Rita.

Alido Schmidt Batista: nasceu em Porto Xavier, Rio Grande do Sul, em 05 de fevereiro de 1959. De família de agricultores, seus pais, avós e parentes estavam procurando outra região que pudessem expandir, para os filhos terem possibilidade de comprarem alguma área de terra. Em viagem para visitar o Mato Grosso em busca

de terras, passaram por Foz do Iguaçu e souberam da colonização no Paraguai, então visitaram a área. Seus pais, assim como alguns familiares, compraram propriedades onde hoje é o município de Santa Rita em 1973, e migraram definitivamente para a região em 1975. Eles venderam uma colônia de terra no Brasil e compraram três no Paraguai, quando migraram tinham 4 filhos e nasceu mais uma filha no Paraguai. No decorrer dos anos mais de 20 famílias de parentes de Alido migraram para a região. Quando chegou ao Paraguai Alido tinha 17 anos, trabalhou com os pais na agricultura e depois também de empregado em alguns locais, como na Cooperativa Colônias Unidas. Nos anos 1990, com o advento da venda de terrenos em Santa Rita, Alido começou a se dedicar ao ramo imobiliário, abrindo loteamentos e vendendo terrenos nas terras da família e de terceiros, empreendimento ao qual ainda se dedicava no momento da entrevista, além disso também tem atuação política e foi *consejal* no município. Ele se casou com um migrante brasileira, com quem tem quatro filhos. A entrevista foi realizada em seu escritório, no bairro Sinuelo, de forma individual.

Aloisio Rauber: nasceu em 22 de novembro de 1938, em Cerro Largo, Rio Grande do Sul. Soube da colonização no Paraguai através de um irmão que já havia migrado para o Paraná. Então, pensando em um futuro melhor para a família, visitou a área de colonização e comprou 250 hectares na atual área de Cerro Largo, Santa Rita, no ano de 1973. Deixou duas famílias de arrendatários cuidando as terras até 1975, quando ele migrou para o local com a esposa e 6 filhos. Aloisio fez uma migração planejada, visitou algumas vezes a área comprada para preparar o espaço, organizou toda documentação para entrar com a mudança e animais. Com propriedade grande teve algumas famílias arrendatárias trabalhando com ele. Além da agricultura, também trabalhou com produção de suínos, por algum tempo. Segundo Aloisio, foi ele que deu nome de Cerro Largo a área de colonização, pois foi o primeiro a comprar terras no local, e seu exemplo trouxe várias pessoas do seu lugar de origem para a região. Participou das comissões de segurança, da igreja, do clube social, da escola e também do CTG Índio José, onde é sócio fundador. Toda família de Aloísio continua no Paraguai, trabalhando com comércio e agricultura. A entrevista foi realizada em sua casa, na área rural, de forma individual.

Altemir Santin: nasceu em 01 de abril de 1962, em Erechim, Rio Grande do Sul. Ainda quando pequeno seus pais migraram para Cascavel, Paraná. Ali erram posseiros, e com a legalização das terras onde tinham posse, venderam sua parte e decidiram migrar para o Paraguai. Seu pai visitou e comprou 100 hectares em Santa

Rita no ano de 1973. E migraram para a região com a família, pai, mãe e oito filhos, trazendo mais duas famílias de agregados, em 1974. Altemir trabalhou com o pai e os irmãos na terra da família, com agricultura, cuidando dos animais e também como pedreiro. Quando saiu da casa dos pais trabalhou como pedreiro, tratorista e depois abriu mercado, bar e restaurante. Casou-se na região como uma migrante brasileira com quem tem três filhos. Na época da entrevista Altemir era comerciante. Seus pais já eram falecidos, metade de seus irmãos voltaram para o Brasil e a outra metade continuava em Santa Rita. A entrevista foi realizada em seu local comercial, de forma individual, no bairro Sinuelo.

Antero Bressan: nasceu em Jaguari, Rio Grande do Sul, em 09 de janeiro de 1943. Com 8 anos migrou com a família de Santiago, Rio Grande do Sul, para Pérola do Oeste, Paraná, e dessa localidade migrou para o Paraguai, com 34 anos. Conheceu a região de Santa Rita quando veio como motorista de um senhor de Cerro Largo, Rio Grande do Sul. Com isso, se interessou e voltou em 1973 para comprar terras para ele e mais três familiares. Se fixou na área comprada, com a esposa e quatro filhos, em 1977, antes disso visitava periodicamente a propriedade para abrir o mato e trabalhar. Tiveram mais um filho no Paraguai. Sempre se dedicou a agricultura, e desde 1992, com seus filhos, também trabalha com piscicultura, para a qual tem mais de 40 tanques para a criação de peixes. É divorciado, alguns filhos moram e trabalham no Paraguai e alguns no Brasil. A entrevista foi realizada em sua propriedade, no bairro *14 de Mayo*.

Aricio Rios Ocampo: nascido em *Caazapá, departamento de Caazapá*, em 22 de abril de 1946. Seu irmão já trabalhava em *Santa Rosa del Monday* e comentou sobre a nova colônia que se formava, então ele com a esposa e filhos migrou da então *Colônia Puerto Presidente Strossner* (atual *Minga Guazú*) para *Cerro Largo*, hoje bairro de Santa Rita. Abriram um pequeno comércio para atender aos colonos. Quando chegaram compraram três terrenos de casa do colonizador e ao longo do tempo também tiveram posto de combustível, silo e investiram em agricultura. Moraram 15 anos em *Cerro Largo*, e em 1989 voltaram para *Mingua Guazú* pela educação dos filhos, pois naquele momento ainda não tinha colégio na região. Sempre continuaram trabalhando com agricultura em sua propriedade próxima a Santa Rita, e alguns membros da família voltaram a viver em Santa Rita no fim de 2014, onde são comerciantes. A entrevista foi realizada em conjunto com sua esposa Bernarda Ortiz de Rios, no comércio da família, no bairro *Campiñas Verdes*.

Balbino Benitez: Nasceu em *Caaguazú* em 31 de março de 1959. Migrou recém-casado com sua esposa para *Santa Rosa del Monday*, em 1981, e depois para Santa Rita em 1986. Migraram em busca de independência, pois eram funcionários em *Caaguazú*. No Alto Paraná, abriram seu próprio comércio, primeiro em *Santa Rosa del Monday* e depois em Santa Rita, onde após um tempo compraram uma rádio e um hotel, e também investiram na agricultura e na pecuária. Tiveram quatro filhos, todos nascidos na região. Uma de suas filhas é casada com um brasileiro. Além de empresário, Balbino se dedica a política e a várias ações sociais no município, principalmente da igreja católica.

Bernarda Ortiz de Rios: nascida em *Caazapá*, departamento de *Caazapá*, em 22 de abril de 1942. Em 1975, migrou com o esposo e filhos da *Colônia Puerto Presidente Strossner* (atual *Minga Guazú*) para Cerro Largo, hoje bairro de Santa Rita, para abrir um pequeno mercado na nova colônia que se formava. Compraram terrenos e tiveram comércio em *Cerro Largo*, até 1989, quando voltaram para *Minga Guazú*, para que os filhos continuassem estudando. Foi professora em *Minga Guazú*, e na época da pesquisa estava aposentada e havia voltado a morar em Santa Rita em 2014, onde trabalha no mercado da família. Entrevista realizada em conjunto com Aricio Rios Ocampo, no local comercial da família, no bairro *Campiñas Verdes*.

Clair Tereza Lottermann: Nasceu em 30 de setembro de 1949 em Santo Ângelo, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai de Santa Rosa, Rio Grande do Sul, com o marido e dois filhos, no ano de 1985. Tinham meia colônia de terra no Brasil e compraram uma colônia de terra e um terreno em Santa Rita. Trabalharam na colônia apenas 6 anos, até o falecimento do marido, quando venderam a terra e se fixaram no terreno na vila. Durante 14 anos trabalhou de enfermeira no Sanatório Santa Rita, primeiro hospital da cidade. Ela e os filhos, já com suas respectivas famílias e empreendimentos na região, continuam morando em Santa Rita, onde já tem quatro netos. A entrevista foi realizada em sua residência, de forma individual, no centro de Santa Rita.

Clodomiro Ribas: nasceu em 20 de maio de 1937, em Porto Xavier, Rio Grande do Sul. Peão, soube da colonização no Paraguai em Porto Xavier, através dos Birnfeldt, com quem visitou a região pela primeira vez em 1971, mas não ficou porque não gostou, muito mato, não tinha nada. Depois voltou com os mesmos patrões em 1973, para trabalhar nas áreas que estes compraram. Teve vários patrões, com quem trabalhou desde a derrubada de mato até na produção agrícola. Também trabalhou

com comércio em *San José* e em *Curupayty*. Passou os últimos anos cuidando de uma chácara e no momento da entrevista morava em um terreno do último patrão, em uma casa que ganhou dele. Clodomiro nunca conseguiu comprar terras ou ter propriedade. Ele se casou no Paraguai com uma migrante brasileira com quem teve seis filhos, todos nascidos e registrados no Paraguai, onde continuam morando e trabalhando. Clodomiro, idoso, ainda não havia conseguido se aposentar. A entrevista foi realizada em sua residência, na companhia de uma filha, no bairro *Sinuelo*.

Darcila Diel Borré: nasceu em 26 de outubro de 1946 em Pirapó, Rio Grande do Sul. Migrou com o esposo José Borré de São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul, para Toledo, Paraná, no ano de 1970. Logo depois, em 1973, migraram com dois filhos pequenos para Santa Rita, Paraguai. Compraram terra direto do colonizador, eles e mais a dois irmãos, assim, migrando para o Paraguai em três famílias. São uns dos primeiros moradores de Santa Rita, não tinham nada no Brasil, buscavam lugar para melhorar de vida e conseguiram crescer no Paraguai. Sempre trabalharam com agricultura. Ajudaram a construir escola, igreja, salão e são sócios do CTG. Um filho continua no Paraguai e a filha está morando há 12 anos em Santarém, Pará, Brasil. Darcila é dona de casa. A entrevista foi realizada na residência da família, na área urbana de Santa Rita, de forma individual.

Edgar Feltes: nasceu em *Doctor Juan León Mallorquín*, departamento de Alto Paraná, Paraguai no ano de 1967. Migrou para Santa Rita no ano de 1986, a convite de um tio que já estava trabalhando na região como topógrafo. Naquele então acabava de se formar como técnico florestal e estava procurando emprego em *Ayolas*. Em Santa Rita trabalhou primeiramente como funcionário de imobiliária, abrindo loteamentos e vendendo terrenos. Logo, com a emancipação do município começou a trabalhar também na prefeitura como secretário, e somava, em 2015, 18 anos de trabalho como secretário na prefeitura do município. Em Santa Rita casou-se com uma migrante brasileira, com quem tem três filhos. Edgar foi um interlocutor com quem tive bastante contato, e fiz duas entrevistas, uma sobre sua trajetória e outra sobre a *municipalidad*. Sempre em seu escritório na *municipalidad* e de forma individual.

Edio Tadeu Rauber: nasceu em 29 de outubro de 1952, em Cerro Largo, Rio Grande do Sul. Soube da colonização no Paraguai através de um tio que já havia comprado terras na região. De família numerosa, como filho mais velho de 11 irmãos, não tinham mais para onde crescer no Brasil. Então ele visitou o Paraguai e comprou 3 colônias, 30 alqueires, no ano de 1972. Como ele outros familiares e amigos também

compraram áreas de terra na região nos anos seguintes. Começou a trabalhar na área em 1975, vindo com frequência para derrubar mato e fazer plantações, como de feijão, milho e mandioca. Nesse período também teve agregados que cuidavam da sua propriedade, pois ele precisava ajudar o pai que continuava na agricultura no Rio Grande do Sul. Só se fixou na região após casar com uma migrante brasileira em 1980. Sempre trabalhou com agricultura e com granja de animais, onde criam porcos, gado e outros bichos. A entrevista foi realizada em conjunto com sua esposa Valmi Rauber, na residência da família, em *Cerro Largo*.

Eduardo Coronel Rolon: nasceu em 13 de outubro de 1931, em Pilar, *departamento de Ñeembucú*. Nesse *departamento*, ademais de ser auxiliar em hospital, sempre esteve trabalhando com política, apoiando o governo do General Alfredo Stroessner. Por convite familiar, mas também por indicação política, migrou para Alto Paraná em 1976, e se fixou em *Santa Rosa del Monday*, com esposa e filhos. Ali abriu uma farmácia e depois um hospital, sendo os primeiros serviços de saúde oferecidos na região. Com a construção do asfalto mudou-se para abrir farmácia em Santa Rita, e depois, também teve farmácias em outros municípios da região. Com amigos no governo central contribuiu para a emancipação do município de Santa Rita, sempre participando ativamente das atividades políticas locais, e com isso um de seus filhos foi intendente de Santa Rita. Tem seis filhos do primeiro casamento e dois filhos com a segunda companheira, migrante brasileira. Na época da pesquisa estava aposentado, vivendo com ajuda dos filhos. A entrevista foi realizada individualmente em sua residência, na área urbana de Santa Rita.

Elton Carlos Lopes dos Anjos: nasceu em 04 de maio de 1964, em San José do Cerrito, Santa Catarina. Soube de Santa Rita através de seu trabalho como instrutor de danças gaúchas. Em 1997 Paixão Cortes entrou em contato com ele para que fizesse uma apresentação de dança em um festival promovido pelo CTG que havia começado em Santa Rita. Nesse evento Elton, que é conhecido por todos como "Tio Carlinhos", foi convidado a trabalhar como instrutor da instituição. Ele migrou então de Santa Catarina, onde era instrutor em alguns municípios, para Santa Rita em 1997 para trabalhar para o CTG Índio José. No decorrer dos anos foi se envolvendo com toda a região e além de ser instrutor dos grupos de dança tradicional do CTG ele também dá cursos de dança de salão em diversas comunidades nos arredores de Santa Rita. Tio Carlinhos, migrou com esposa e uma filha pequena, e tiveram mais um filho no Paraguai. Eles também cuidam de um Rancho com pista para laço, que

está vinculado ao Movimento Tradicionalista Gaúcho. A entrevista foi realizada em sua residência, no centro de Santa Rita, individualmente.

Flavio Tengaten: nasceu em 31 de janeiro de 1968, em Marechal Candido Rondon, Paraná. Seus pais, em 1974, migraram com a família para *Kuimba'e*, hoje área rural de Santa Rita, estimulados por familiares que migraram para a região um ano antes. Assim como eles, outras famílias de parentes migraram para a região nos anos seguintes. Os pais de Flavio tinham quatro filhos, quando chegaram ao Paraguai, sendo Flavio o mais velho, e tiveram mais 4 filhos no país. Flavio trabalhou até os 20 anos na lavoura com a família, mas desde cedo começou a cortar o cabelo dos irmãos e de familiares e vizinhos em casa. Quando casou voltou a estudar e também fez curso para cabelereiro. Na época da pesquisa Flávio trabalhava com sua esposa há mais de 20 anos em salão de beleza. Eles moraram em alguns lugares diferentes no Paraguai, mas nos últimos 5 anos tinham voltado para Santa Rita. Os familiares se espalharam, muitos continuam no Paraguai, mas alguns voltaram para o Brasil. A entrevista foi realizada em seu local comercial, no centro de Santa Rita, de forma individual, com interrupções por chegada de clientes.

Francisco Feliponi: nasceu em 04 de julho de 1962, em Ibirama, Santa Catarina. Seus pais migraram para o Paraguai em 1975, de Rio do Sul, Santa Catarina, com 13 filhos. Souberam da colonização através de um compadre, que já havia comprado terras na região, os convidou e ajudou na mudança e na compra da terra. Eles migraram em busca de um futuro melhor, compraram 5 alqueires de terra em San Miguel, hoje bairro de Santa Rita. Nasceram mais três filhos no Paraguai, e além dos pais arrendaram mais terra para plantação, Francisco e seus irmãos trabalhavam por empreitada para outros colonos para ajudar em casa. No fim dos anos 1980 ele e mais 3 irmãos abriram um mercadinho em Santa Rita, juntando força para conseguir crescer. Hoje Francisco continua sócio de um dos irmãos, eles trabalham com supermercado e também com agricultura. Francisco se casou no Paraguai com uma migrante brasileira, e eles têm três filhos. Sua família continua no Paraguai. A entrevista foi realizada no seu escritório, no centro de Santa Rita, na companhia de seus filhos.

Francisco Antônio Mesomo: nasceu em 28 de junho de 1948 em Lagoa Vermelha, Rio Grande do Sul. Sua família migrou de Machadinho, Rio Grande do Sul para Cascavel, no Paraná, em 1960. Seus pais tinham 8 filhos, 4 mulheres e 4 homens, todos trabalhavam com os pais na agricultura. Nos anos 1970 o pai com os

filhos homens começara a procurar terra para expandir, tinham pouca propriedade e poucas condições econômicas em Cascavel. Visitaram várias áreas como Mato Grosso, Rondônia, Pará e Paraguai. O Paraguai foi a melhor opção encontrada por eles, com terras férteis e baratas, compraram então propriedades para os irmãos em 1976. Depois de dois anos preparando a área, em 1978, Francisco migrou para a região com sua família, pois já era casado e tinha 3 filhos pequenos. Sempre trabalharam com agricultura, investiram na região. Francisco fez parte da fundação da Cooperativa de Produtores de *Santa Rosa del Monday*, município onde foi sua primeira propriedade no Paraguai. Em 1990 Francisco se fixou em Santa Rita com sua família. Seus filhos estudaram no Brasil e no Paraguai, e na época da pesquisa todos moravam no Paraguai. Ele fez parte de diversas comissões na região, como de igreja, escola, organizações políticas e também foi patrão do CTG por muitos anos. Francisco continua trabalhando com agricultura. Foram duas entrevistas realizadas, uma de forma individual, sobre a sua trajetória particular, e outra em conjunto com Regina Picoloto, sobre a trajetória do CTG índio José. Ambas foram realizadas na sala de reuniões desse CTG.

Herculano Cristaldo Romero: nasceu em 07 de novembro de 1956, em *Eusébio Ayala*, departamento de *Cordillera*, Paraguai. Professor, migrou de sua cidade para Santa Rita no ano de 1977, por convite de um amigo, também professor, que já estava morando e trabalhando na região. Foi professor na comunidade de Santa Rita, depois se dedicou ao comércio e atualmente se dedica aos negócios da família, que tem uma empresa de eventos, e também áreas para agricultura. Casou-se com uma migrante brasileira com quem tem 5 filhos e alguns netos. Uma de suas contribuições foi trazer muita gente para a cidade, familiares, amigos e profissionais de várias áreas. Herculano atua na área cultural, social, política e religiosa, sendo sempre citado como porta voz do município. Entrevista realizada no escritório do negócio da família, em companhia de uma filha. No centro de Santa Rita.

Irani Ludwig: nasceu em 27 de novembro de 1952, em Lajeado, Rio Grande do Sul. Migrou com sua família para Marechal Candido Rondon, Paraná, em 1960 e no ano de 1977 migrou para o Paraguai com o marido e duas filhas. Incentivados por alguns familiares que já haviam migrado para a região. Eles primeiro se instalaram em *Santa Rosa del Monday*, em uma colônia de terra, mas em meados de 1980 venderam a terra, investiram em um caminhão e se mudaram para Santa Rita. Desde então trabalharam de empregados e no fim dos anos 1990 abriram um comércio próprio.

Seu marido faleceu em 2004 e ela continuou com a loja de equipamentos para caça e pesca. Suas filhas continuam morando e trabalhando na região. Entrevista realizada no seu estabelecimento comercial, de forma individual, com interrupções de clientes. No centro de Santa Rita

Ivone Laci Schmidt: nasceu em 30 de abril de 1943 em Porto Xavier, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai de São Nicolau, Rio Grande do Sul no ano de 1978. Migraram estimulados pelos familiares que já haviam migrado para a região em anos anteriores. Ela queria migrar, porque moravam em uma área de muita pedra e viviam da agricultura, então a vida era difícil e no Paraguai as terras eram melhores para trabalhar. Ivone já migrou casada, com filhos. Eles compraram duas colônias de terra em *Esquina Gaúcha*. Ela sempre trabalhou na agricultura junto com a família, e também criavam animais para o consumo e vendiam leite e queijo. Com os anos a cidade foi se aproximando de onde era a propriedade da família, então fizeram loteamento e venderam a propriedade em terrenos. Na época da pesquisa Ivone era dona de casa e vivia de aluguel de alguns imóveis em Santa Rita. Entrevista realizada em conjunto com Terezinha Birnfeldt, durante um bazar beneficente promovido na igreja luterana de Santa Rita.

Jaime Hammes: nasceu em 1960, em Santa Rosa, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai em 1976, com 16 anos, acompanhando os pais e mais 4 irmãos. Migraram em busca de terras melhores e também porque a ditadura no Brasil era muito forte. Compraram 70 hectares de terra, onde derrubaram o mato e se dedicaram a agricultura. Logo também seu pai iniciou um comércio, um "bolicho", em Esquina Gaúcha, onde vendia de tudo, e então começaram a comprar e vender grãos. Hoje Jaime se dedica, com seus filhos, a agricultura e também a empresa agrícola familiar, que tem silos em toda região. Jaime se casou com uma migrante brasileira com quem teve três filhos, todos paraguaios e que continuam na região. Mais familiares também migraram posteriormente para a região. Em Sua trajetória foi *consejal* e se dedicou a algumas ações na comunidade, e à diretoria do CTG índio José. Entrevista realizada individualmente, no escritório de sua empresa, no bairro *Esquina Gaúcha*.

José Domingo Disconsi: nasceu em 10 de setembro de 1944, em Santiago, Rio Grande do Sul. Morava em terras do INCRA, em São Nicolau, Rio Grande do Sul, e soube da colonização no Paraguai pelos vizinhos e compadres que visitaram a região e faziam propaganda positiva da área. No INCRA lhe disseram que só teria terra para ele na Amazônia, então ele decidiu migrar para o Paraguai. Migrou como

peão em 1973, e como pagamento pediu um pedaço de terra na região. Trabalhou como peão para abrir mato, roçadas, medição de terra, plantações e colheitas para conseguir dinheiro e comprar mais um pedaço de terra, no total tem 13 alqueires. Sempre trabalhou com agricultura, há alguns anos arrenda a maior parte de sua propriedade, mas mantém uma parte para criação de animais e plantação para o consumo. Se casou no Paraguai com uma imigrante brasileira com quem teve um filho, e também criaram o filho de um familiar. Entrevista realizada em conjunto com sua esposa Nilva Amelia Netsol, no sítio da família, bairro de *San José*.

Juacir José Repossi: nasceu em Santa Rita do Itueto, Minas Gerais, em 13 de dezembro de 1951. Migrou com a família, pai mãe e mais sete irmãos para Umuarama, Paraná, no ano de 1968. Eram cafeicultores, humildes, e quando pai recebeu uma herança em Minas Gerais decidiram comprar terras no Paraguai. Então no ano de 1970 migraram para Santa Tereza, Alto Paraná, Paraguai, onde compraram 40 hectares. Ali morou e trabalhou com a família, até se mudar com sua esposa e dois filhos em 1979, para *Kuimba'e*, uma vila que hoje pertence ao município de Santa Rita. Nesse lugar se dedicou ao comércio, logo foi cerealista e com o tempo começou a comprar terras. Hoje trabalha em sociedade com familiares em diversos negócios, sendo as principais atividades a agricultura e a pecuária. Participa do CTG, como parte da diretoria, e em atividades sociais e políticas em Santa Rita. Foram duas entrevistas realizadas em sua residência, de forma individual.

Leonel Antonio Vogel: nasceu em 16 de junho de 1959, em Campina das Missões, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai a convite de um conhecido, para trabalhar como frentista em um posto de combustível. Não tinha nada no Brasil, migrar era uma boa oportunidade, veio conhecer um mês antes e em agosto de 1987 migrou para Santa Rita com a esposa e um filho pequeno. Primeiro trabalhou como frentista, por dois anos e meio, depois como comerciante de lubrificantes, até que um senhor do Rio Grande do Sul lhe convidou para abrir uma metalúrgica, foi quando começaram a fábrica de máquinas agrícolas, em 1990, primeiro em *Cerro Largo*, mas que logo se fixou em Santa Rita. Hoje essa é uma grande empresa em Santa Rita. Leonel teve mais uma filha com sua esposa no Paraguai, depois se divorciou. Seus dois filhos são registrados e vivem no Paraguai. Além de empresário também tem terras no país. Entrevista realizada individualmente, no escritório de sua empresa, no bairro *14 de Mayo*.

Leontina Deuner Rosceti: Nasceu em 11 de setembro de 1949, em Timbé, Santa Catarina. Cresceu em uma família de 17 irmãos, muito pobres. Casou-se ainda no Brasil e migrou de San Lourenço do Oeste, Santa Catarina para *Iruña*, departamento de Itapua, Paraguai, com o esposo e 5 filhos, no ano de 1983. Com esperança de um futuro melhor, compraram uma colônia de 10 alqueires, na qual viveram por 10 anos, mas por não ser suficiente para sustentar a família, venderam a colônia, compraram terreno em Santa Rita e um caminhão velho. O marido passou a trabalhar com o caminhão, os filhos estudaram e arrumaram empregos, e Leontina sempre lavou roupas para outras famílias e cultivou e vendeu hortaliças e legumes para sustentar a casa. Com isso puderam continuar no Paraguai. Seus filhos casaram-se no país e hoje Leontina já tem netos e bisnetos paraguaios. Entrevista realizada individualmente, em sua casa, no centro de Santa Rita.

Lirio Vettorello: Nasceu em Concordia, Santa Catarina, em 04 de fevereiro de 1949. É filho de Adelino Vettorello, colonizador da região. Conta que seu pai contribuiu na colonização de Francisco Beltrão, Paraná, depois comprou terras em Cascavel, Paraná, e então foi convidado para participar da colonização de Piquiri, no Alto Paraná. Nos anos 1960, eles venderam as terras em Cascavel, a família ficou morando em Foz do Iguaçu, e os homens trabalharam na colonização em Piquiri, com uma serraria. Depois disso Adelino foi convidado para colonizar a área onde hoje é *Santa Rosa del Monday*, e começou a empreender uma grande colonização na região do rio *Monday*, onde também colonizou o que hoje é Santa Rita, dentre outras colônias formadas por ele. Adelino faleceu em 1989, e então Lirio diz que não continuaram com colonização no Paraguai. A família de Adelino Vettorello sempre se manteve morando em Foz do Iguaçu e têm alguns imóveis e propriedades no Paraguai, onde frequentam com frequência. Outros filhos e familiares de Adelino trabalharam com colonização na região norte do Brasil. Lirio, juntamente com filhos e familiares cuida das propriedades e empreendimentos da família. Entrevista realizada de forma individual, no escritório de sua empresa, no bairro *Sinuelo*,

Livio Osvaldo Fester: nasceu em 10 de outubro de 1969, em Santa Rosa, Rio Grande do Sul. Seu avô tinha família grande e, então visitaram a região de colonização no Paraguai em busca de melhorar de vida. O avô, juntamente com tios, migrou em 1973, e seu pai com a família migrou em 1974, pois precisava vender a mecânica que trabalhava no Brasil para poder comprar terra no Paraguai. Quando chegou, não tinha mais terras do lado dos familiares e acabou comprando 4 chácaras em Cerro Largo,

e não mais 2 colônias, pois o preço já havia subido muito em pouco tempo. Seus pais já eram casados e tinham apenas ele de filho, no Paraguai nasceram mais 4 filhos. Com pouca terra investiram em suinocultura, moinho de trigo e caminhão, e comercializavam sua produção. Com isso compraram, depois de alguns anos, uma propriedade agrícola maior. Com o tempo, arriscaram e investiram nos negócios, mas ficaram endividados, então tiveram que vender todo o capital. Os pais e a maioria dos familiares voltaram para o Brasil, apenas alguns irmãos seguem em Santa Rita, e alguns tios em outras regiões do Paraguai. Livio se casou em Santa Rosa, Rio Grande do Sul, com uma brasileira que migrou após o casamento, eles têm três filhos. Depois que deixou de trabalhar com os pais, Livio trabalhou de empregado prestando serviço e logo assumiu uma mecânica, na qual trabalha há mais de 20 anos. A entrevista foi realizada no escritório de sua empresa, no centro de Santa Rita, na companhia de uma filha.

Luiz Carlos Ribeiro: nasceu em Foz do Iguaçu, Paraná, em 03 de fevereiro de 1965. Formado em Ciências Contábeis, migrou para Santa Rita para trabalhar no início de 1990. Logo começou a trabalhar como tesoureiro da Expo Santa Rita e se envolveu nas atividades do Centro de Tradições Gaúchas Índio José, instituição que foi presidente (patrão) por muitas gestões e também era no momento da pesquisa. Luiz Carlos, trabalha em uma empresa agrícola e é casado com uma migrante brasileira, com quem tem 2 filhas. Utilizo duas entrevistas realizadas com Luiz Carlos, uma de 2011, e outra de 2015, ambas realizadas de forma individual, no seu escritório no espaço do CTG Índio José.

Marcio Sampaio Pofirio: nasceu em *Curupayty* em 16 de outubro de 1978. Seus pais vieram acompanhando suas famílias, da região de Maringá, Paraná. Não compraram terras no Paraguai, vieram para trabalhar como funcionários e arrendatários. Se fixaram na colônia de *Curupayty*, onde Marcio nasceu e cresceu, e seu pai trabalhava em uma laminadora de madeira. Seus familiares nunca compraram propriedades agrícolas, apenas terrenos urbanos. Com 15 anos Marcio se mudou para Santa Rita para morar com os avós, pois a cidade começava a crescer, e ele começou a trabalhar como vendedor ambulante, de sorvetes e salgados, depois trabalhou de vendedor e de entregador para dois comércios locais, até começar a trabalhar em rádio. Em 2015 Marcio era sócio de uma das rádios de Santa Rita, casado com uma migrante brasileira com quem tem 3 filhas e começava vida política

como candidato a *consejal*. Entrevista realizada em seu escritório de forma individual, no centro de Santa Rita.

Maria Lucia Soares Carriel Sauer: Nasceu em Cascavel em 21 de novembro de 1964. Migrou para o Paraguai em 1975 com o pai, seis irmãos e a madrasta. No Brasil pai trabalhava em uma fazenda, veio para o Paraguai para realizar sonho de ter uma terra. Compraram uma colônia. Irmãos logo saíram de casa para trabalhar derrubando mato ou de empregados. Ela casou com um migrante brasileiro, vizinho na colônia, quando tinha 16 anos, e teve três filhos. Continuaram morando na colônia até os filhos começarem a ir para o colégio, quando então compraram um terreno e se mudaram para o centro de Santa Rita. Foram sócios do primeiro "bolão" de Santa Rita, largaram o negócio e continuaram na agricultura. Maria Lucia, fez curso de costura e no momento da pesquisa tinha seu ateliê em frente à sua casa. Seus filhos moram e trabalham todos em Santa Rita, eles e os netos são todos paraguaios. Pai e alguns irmãos voltaram para o Brasil, por diferentes motivos, enquanto outros continuam no Paraguai. Entrevista realizada em seu ateliê de costura, individualmente, no centro de Santa Rita.

Maria Peter: nasceu em 26 de abril de 1963 no município de Arroio do Meio, Rio Grande do Sul. Sua família migrou quando ela era criança para Marechal Candido Rondon, Paraná, onde moraram até 1978, ano em que migraram para o Paraguai. Com os pais e mais três irmãos se fixaram na vila de *Cerro Largo*, que hoje compõe o município de Santa Rita. A chácara comprada no Paraguai foi a primeira propriedade da família, que vivia como arrendatários no Brasil. Maria cresceu trabalhando na agricultura com sua família e também por empreitadas em outras propriedades para ajudar em casa. Se casou nessa localidade, com um migrante brasileiro, com quem tem dois filhos, e continua trabalhando em casa e na agricultura. Entrevista realizada em sua residência, no bairro de *Carro Largo*, de forma individual.

Mauro Leite de Almeida: nasceu em 22 de outubro de 1970, em Porto Xavier, Rio Grande do Sul. Migrou com a família para o Paraguai de São Nicolau, Rio Grande do Sul, no ano de 1977, mas o pais já havia comprado propriedade em anos anteriores. A migração ocorreu por influência de amigos que já haviam migrado para a região alguns anos antes. Seus pais tinham 4 filhos e nasceu mais uma filha no Paraguai. Mauro estudou alguns anos em *Eusebio Ayala*, departamento de *Cordillera*, e serviu ao exército brasileiro em Foz do Iguaçu. Sua família sempre se dedicou a agricultura, mas ele e um irmão, por estudarem em outras cidades paraguaias e

depois servirem ao exército no Brasil, quando voltaram a Santa Rita trabalharam de empregados alguns anos até abrirem suas próprias empresas. Mauro se casou no Paraguai com uma migrante brasileira com quem tem dois filhos. Empresário, comerciante, também tem propriedade agrícola arrendada. Já foi *consejal* municipal e atuou em diretorias como de igreja e escola do bairro onde mora. Entrevista realizada no escritório de sua empresa, no bairro *Sinuelo*, individualmente.

Mercedes Birnfeldt Schmidt: nasceu em 09 de agosto de 1941, em Porto Xavier, Rio Grande do Sul. Os membros da família estavam procurando terras para migrar, pois a situação estava muito difícil no Rio Grande do Sul. Então visitaram vários lugares, como Mato Grosso, e compraram terras no Paraguai em 1973. Seus pais, e muitos dos seus nove irmãos, com suas respectivas famílias, migraram para o Paraguai, atual Esquina Gaúcha e Sinuelo, comprando terras todos na mesma localidade. Um irmão do seu pai com seus mais de 10 filhos também migrou com a família para a região. Ela chegou em Esquina Gaúcha em 1974, com seu esposo e quatro filhos, e tiveram mais dois filhos no Paraguai. Mercedes sempre trabalhou na agricultura e cuidando da casa. Hoje, divorciada, administra suas propriedades e cuida de sua casa. Entrevista realizada em sua residência, em conjunto com o seu filho Airton Schmidt, no centro de Santa Rita.

Miguel Petter: nasceu em 27 de setembro de 1961, em São Luiz Gonzaga, Rio Grande do Sul. Quando ele tinha 5 anos de idade migrou com os pais para Cascavel no Paraná. Miguel, desde o ano de 1978, frequentemente, visitava *Santa Rosa del Monday*, no Paraguai, para trabalhar com os tios que migraram para essa localidade em 1973. Então estimulados pelos familiares que já moravam no Paraguai, pelas terras férteis do país e pelo desgosto com a ditadura no Brasil, decidiram migrar para o Paraguai. Desde 1984 reside com os pais e sua família em *Esquina Gaúcha*, onde compraram uma colônia de 10 alqueires. Miguel se casou com uma migrante brasileira que morava em *Santa Rosa del Monday* antes mesmo de morar no Paraguai. Eles tiveram um filho enquanto moravam no Brasil e depois mais três filhos nascidos no Paraguai. Ali faleceram o filho mais velho e o pai de Miguel e então ele decidiu mudar sua atuação e deixou a agricultura. Ele passou a se dedicar a construção de um Parque de Lazer em sua propriedade, onde ele tem um refúgio de aves, hospedagens, quadras de esportes, salão de eventos, piscinas, dentre outras atividades. Miguel participou de várias comissões em Santa Rita e também da vida política, como

consejal em dois mandatos. Entrevista realizada de forma individual, no espaço para eventos de seu Parque de Lazer, na área rural de *Esquina Gaúcha*.

Milton Johann: nasceu em Santo Cristo, Rio Grande do Sul em 08 de dezembro de 1967. Chegou ao Paraguai ainda criança, em 1976. Migrou com os pais e irmãos, motivados pelas dificuldades enfrentadas na região onde moravam. Venderam uma área no Brasil para comprar terras no Paraguai, no mesmo lugar onde outros conhecidos também estavam comprando. Se dedicaram muitos anos a agricultura, mas com o tempo decidiram investir no comércio, com isso primeiro arrendaram suas terras e depois venderam a área. Milton é comerciante e investiu em imóveis na área urbana de Santa Rita, onde mora com sua família. Entrevista realizada em seu escritório, de forma individual, no bairro *14 de Mayo*.

Nicanor Basquez Vera: nascido na região de Guira em 1967, viveu muitos anos no *departamento* de *Caazapa* e desde 2009 vivia em Santa Rita. No momento da pesquisa Nicanor era o Cacique da comunidade Mbu'a Guarani fixada na área urbana de Santa Rita. Migrou para a região para se distanciar das disputas das comunidades indígenas de *Caazapá*, onde segundo ele havia muita briga entre os indígenas, e ele não quer briga, quer viver tranquilo. E escolheram a localidade Santa Rita pelas oportunidades de trabalho, pois ali todos conseguem trabalho, de qualquer tipo, como de peão no campo ao com coleta de lixo reciclável. Entrevista realizada na comunidade *Sapatini*, na companhia de membros da comunidade.

Nilsa Maria Kunkel: nasceu em 09 de fevereiro de 1952, em Alecrim, Rio Grande do Sul. Migrou com a família para a região de Cascavel, Paraná nos anos 1960, e depois com o esposo e filhos para o Paraguai no ano de 1977. Muitos conhecidos já haviam comprado terras no Paraguai, no Brasil já estava muito caro comprar terras, e eles trabalhavam na agricultura, mas não tinham terras próprias. Compraram uma colônia de terra em Santa Rita, demoraram alguns anos para pagar. Moraram na colônia por 8 anos, depois venderam, montaram o primeiro "bolão" em sociedade, tiveram a primeira ambulância e em alguns anos compraram uma funerária, na qual trabalhavam na época da pesquisa. Nilsa é divorciada, e dois de seus filhos faleceram no Paraguai. Seus demais filhos e netos continuam morando e trabalham na cidade. Entrevista realizada na recepção do empreendimento da família, de forma individual, no centro de Santa Rita.

Nilson Peter: nasceu em 22 de agosto de 1956 no município de Tenente Portela, Rio Grande do Sul. Em sua juventude migrou com a família para o Paraná,

onde moraram em alguns lugares como Santo Antônio do Sudoeste e Pérola d'Oeste, trabalhando como arrendatários. Receberam proposta para comprar terras no Paraguai, e migraram para o país com o patrão no ano de 1976. Nilson, migrou com seus pais e mais 6 irmãos, todos solteiros, trabalharam de arrendatários e no 4º ano no país conseguiram comprar sua primeira área de terra, de 15 alqueires. Trabalhando com a família foram comprando mais terras, hoje ainda trabalham 3 irmãos juntos, o pai é falecido e os demais irmãos continuam no Paraguai, com a exceção de um irmão que está morando no Mato Grosso. Casou-se no país com uma migrante brasileira, têm dois filhos e continuam trabalhando na agricultura. Entrevista realizada na companhia de sua esposa, Maria Peter (que já havia sido entrevistada).

Nilva Amelia Netsol: nasceu em 28 de outubro de 1952, em Carazinho, Rio Grande do Sul. Com a família, aos 14 anos, migrou para Pirapó, também Rio Grande do Sul. Alguns familiares de Nilva migraram para o Paraguai em 1973, e ela em 1977 foi visitar a esses familiares e decidiu ficar na região. Casou-se em 1978 com um migrante brasileiro, com quem teve dois filhos, um biológico e um de criação, que era filho de um irmão. Nilva sempre trabalhou na agricultura com a família, cuida dos animais domésticos e da casa, e também faz queijo para vender. Vivem na área rural e tem vários familiares no Paraguai, que migraram para o país em diferentes momentos e se fixaram em diferentes regiões, ao mesmo tempo muitos familiares voltaram para diferentes regiões do Brasil. Entrevista realizada em conjunto com seu esposo José Discosi, no sítio da família.

Oscar Dapieve: Nasceu em Jaguarí, Rio Grande do Sul, em 13 de outubro de 1965. Migrou para o Paraguai com os pais e 3 irmãs, de Porto Xavier, Rio Grande do Sul, quando tinha 7 anos de idade, no ano de 1973. O pai de Oscar foi José Dapieve, ele visitou a região de Santa Rita em 1972, voltou para o Rio Grande do Sul e vendeu a propriedade para comprar terras no Paraguai. Fizeram a mudança com mais quatro famílias de parentes. Logo que chegaram ao Paraguai José retornou ao Brasil para buscar uma serraria em Medianeira, Paraná, a qual foi a primeira serraria instalada onde hoje é o Bairro de *San José*, Santa Rita. Oscar estudou poucos anos, sempre trabalhou com o pai, principalmente de motorista do caminhão. Depois que o pai morreu seguiu sozinho na agricultura, comprou as partes das irmãs, e comprou terras em outros lugares no Paraguai. Oscar se casou com uma migrante brasileira com quem tem três filhos paraguaios. Moram em Santa Rita e além de se dedicar a

agricultura também tem uma empresa transportadora. Entrevista realizada individualmente, na residência da família, com algumas interrupções.

Pedro Benitez: nasceu em *Coronel Bogado, departamento de Itapúa*, Paraguai, em 26 de agosto de 1991. Migrou para Santa Rita com os pais e mais uma irmã por indicação de amigos e familiares, em busca de um futuro melhor, mas também porque pai viu o potencial econômico da região. A princípio moraram com familiares, depois alugaram um lugar para morar e trabalhar e logo compraram um lugar para abrir seu comércio. Sempre se dedicaram ao comércio de *chipas* e outras comidas típicas paraguaias. Na época da pesquisa a família tinha uma grande *chiperia* em Santa Rita. Entrevista realizada no estabelecimento comercial da família, individualmente, com algumas interrupções.

Pedro Gustavo Valdez Chinini: nasceu no *distrito de Paraguarí, departamento de Paraguarí*, em 19 de outubro de 1957. Conheceu Santa Rita em visita a um familiar que já morava no local. E se fixou na localidade porque lhe ofereceram trabalho em um posto de combustível, no ano 1984, quando Santa Rita ainda era uma colônia. Antes disso trabalhou 7 anos na construção da Hidroelétrica Itaipu Binacional, como topógrafo. Em Santa Rita, com o tempo alugou o restaurante do seu familiar, até que construíram um local próprio, empreendimento que continuava ativo no momento da pesquisa. Além disso, é presidente da comissão de saneamento básico do município, já foi *consejal*, e faz parte de algumas comissões como de educação e de esporte. Se fixou em Santa Rita com a esposa e um filho e depois nasceram mais 3 filhos. Entrevista realizada em conjunto com sua esposa Rosália de Valdez, no estabelecimento comercial da família.

Protásio José Kosen: nasceu em Cerro Largo, Rio Grande do Sul, em 20 de março de 1949. Soube das terras no Paraguai por conhecidos, visitou, gostou e convenceu a família para migrar ao país em busca de um futuro melhor. Chegaram a *Cerro Largo*, Santa Rita, em 1977. Ele e a esposa eram de famílias numerosas sem recursos. Venderam 10 hectares que tinham no Brasil e compraram 41 hectares no Paraguai. Depois de alguns anos começaram a investir no comércio de grãos, compraram um moinho e construíram um silo, hoje tem uma Empresa Agrícola, além de continuar na agricultura. Vieram irmãos deles para trabalhar com a família, hoje trabalha ele e um irmão em sociedade. Suas filhas casaram-se no Paraguai, tiveram filhos e continuam na região. Entrevista realizada no escritório de empresa, em *Cerro Largo*, individualmente.

Regina Picoloto: nasceu em 20 de julho de 1966 em Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul. Formada em Artes Plásticas em sua cidade de origem, ela e sua mãe foram convidadas por um tio que já morava no Paraguai para trabalharem com ele em seus empreendimentos. Regina migrou para Santa Rita em 1989, trabalhou em Mercado e Serraria do Tio, depois em Banco e no momento da entrevista era secretária Geral do CTG Índio José. Além disso, Regina sempre participou de diferentes comissões no município, como da pastoral da criança, pastoral social e outros projetos sociais. Sempre faz parte da diretoria do CTG e também já foi *consejal* no município. No momento da entrevista ela estava terminando a graduação em Psicologia pela Universidad Nacional del Este, em Santa Rita. Casada há mais de 20 anos com um paraguaio, e com duas filhas adotivas. Alguns de seus familiares voltaram para o Brasil e outros continuam no Paraguai. Foram duas entrevistas realizadas: uma de forma individual sobre sua trajetória particular, em seu escritório no CTG Índio José; e outra juntamente com Francisco Mesoma, sobre o CTG Índio José.

Rosalia Gonzalez de Valdez: nasceu no *distrito de Paraguarí, departamento de Paraguarí*, em 04 de setembro de 1964. Migrou para Santa Rita para acompanhar o esposo, que foi convidado para trabalhar. Eles já tinham um filho, e depois nasceram mais 3 filhos em Santa Rita. Ela, desde o ano de 1987 trabalha no restaurante da família, que é um dos primeiros do município. Sempre participaram ativamente das atividades sociais da comunidade, fazendo parte das comissões de trabalho. Seu sonho é ver todos os seus filhos formados, o que já se está realizando. Entrevista realizada em conjunto com seu esposo Pedro Valdez, no comércio da família, no centro de Santa Rita.

Teresa Birnfeld: nasceu em 23 de dezembro de 1947, em Rincão Comprido, Porto Xavier, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai no ano de 1974, com o esposo e quatro filhos. A família estava procurando terra para comprar, esposo com seu pai tio, irmão e primos foram para o Mato Grosso ver terras, e na volta em Foz do Iguaçu souberam da colonização no Paraguai, visitaram a área e alguns já compraram terras. Assim, em 1973 alguns dos familiares já se mudaram para o Paraguai. No decorrer dos anos, outros familiares migraram para o país e trabalhavam em sociedade. Foram os primeiros moradores de Esquina Gaúcha, e sempre participaram das atividades da comunidade. Teresa adotou um filho no Paraguai, já tem vários netos, todos paraguaios, e divorciou-se do esposo. Ela sempre trabalhou na

agricultura com a família e em diferentes ações sociais no município através da Cooperativa Colônias Unidas e do clube de damas, e também foi *consejal* por um mandato. Sua família continua trabalhando com agricultura, além de exercer atividade na política e no comércio. Entrevista realizada em sua residência, individualmente, no bairro *Esquina Gaúcha*.

Terezinha Birnfeldt dos Santos: nasceu em Porto Xavier, em 24 de maio de 1962. Seus familiares, encabeçados por seu pai e um tio, migraram para o Paraguai a partir de 1973. Ela era a irmã mais nova de 10 irmãos, todos migraram para o Paraguai, alguns já casados. Terezinha migrou com os pais para a área onde hoje é o bairro de *San Jose* no ano de 1975. Seu pai comprou seis colônias, e já vinha cuidando a área desde 1973, então quando chegou a família já tinha uma pequena casa e área com plantação para viverem. Ela trabalhou na agricultura com a família e sempre cuidou dos pais, até falecerem. Se casou com um migrante brasileiro, e se mudou para a comunidade de Santa Rita, juntos compraram e trabalharam em uma serraria, logo criaram galinhas de granja, depois galinhas poedeiras, e por último tiveram vacas de leite, e vendiam leite e queijo. Mas a área urbana cresceu em direção a propriedade da família e eles não puderam mais trabalhar com animais. Na época da pesquisa, Terezinha cuidava da casa e seu esposo era comerciante, eles tiveram três filhas, todas moravam em Santa Rita. Entrevista realizada em conjunto com Inone Schmidt, durante um bazar beneficente da igreja Luterana.

Valdomiro Ribeiro de Souza: Nasceu em 1941, em Ibicarai, na Bahia, Brasil, terra cacauera. Migrou para o Paraná com aproximadamente 18 anos. Na Bahia trabalhava com cacau, no Paraná trabalhou como arrendatário, primeiro plantando amendoim e algodão e depois cuidando de uma lavoura de café em Iretama, com sua mãe e irmãos. Soube da colonização através de propaganda de rádio, e queria comprar uma terra com o dinheiro que conseguiu vendendo sua produção como arrendatário. Migrou para o Paraguai com a mãe, esposa e dois filhos. Nesse país nasceram mais seis filhos, uma delas no dia em que chegaram a Santa Rita, 24 de setembro de 1973, sendo assim a primeira *santariteña*. Valdomiro, comprou da colonizadora, seis alqueires de terra, e não ampliou sua propriedade, nos últimos anos fez loteamento e vende terrenos nessa área. Sempre trabalhou como peão para diversos colonos da região, primeiramente nas derrubadas de mato, e logo nas colheitas e plantações. Toda sua família mora e trabalha na região. Entrevista realizada em sua residência, em companhia de familiares, e com interrupções.

Valeria Schneider: Nasceu em 23 de fevereiro de 1944 em Augusto Pestana, Rio Grande do Sul. Migrou para o Paraguai de São Nicolau, Rio Grande do Sul, com o marido Osvino Schneider. Compraram uma colônia e meia de terra em Santa Rita no ano de 1973 e se mudaram para o local no ano de 1974. No Brasil moravam em uma fazenda do INCRA, na qual tinham meia colônia de terra e não viam futuro para a família. Chegaram ao Paraguai com 6 filhos e no novo país nasceram mais dois filhos. Valeria trabalhou na agricultura e se dedicou a casa e a família toda sua vida. Osvino, além da agricultura, trabalhou como corretor para a colonizadora de Vettorello, fez parte de várias comissões de trabalho comunitário no município e faleceu nos anos 1990. Todos os filhos do casal continuam morando no Paraguai e se dedicam ao comércio, a área empresarial e também a agricultura. Entrevista realizada em sua residência, no centro de Santa Rita, individualmente.

Valmi Adiange Rauber: nasceu em 11 de maio de 1960, em Lajeado, Rio Grande do Sul. Seus pais migraram para região de Toledo, Paraná, quando ela tinha 7 anos, e depois para *Santa Rosa del Monday*, Alto Paraná, Paraguai, quando ela tinha 15 anos, em 1975. Seus pais trabalharam na agricultura até o pai falecer e a mãe voltar para o Brasil. Valmi se casou na região com um migrante brasileiro, e tiveram 3 filhos, todos continuam morando na região. Casada continuou trabalhando na agricultura e na granja da família, onde criam, porcos, gado, produzem leite e derivados. No momento da pesquisa Valmi se dedicava a casa e a família. Entrevista realizada em conjunto com seu esposo, Edio Rauber, na residência da família, em *Cerro Largo*.

Valtair Vicchetti: nasceu em 14 de abril de 1943 em Jaguari, Rio Grande do Sul. Morou em San Nicolau, Rio Grande do Sul, onde trabalhava por porcentagem na terra de um familiar. Soube da colonização no Paraguai através de um conhecido do Paraná que sabia da situação ruim que viviam no Rio Grande do Sul. Visitou a região com familiares e amigos, já compraram áreas de terra e voltaram para buscar a família. Em 1973, migrou com a esposa, dois filhos e um irmão, além de outras famílias de familiares e conhecidos, para a área que hoje é *San José*, Bairro de Santa Rita. No Brasil aguardavam por terra do Governo, no Paraguai conseguiu comprar uma pequena propriedade com as economias. No fim dos anos 1980 saiu da agricultura por causa da saúde, efeitos dos venenos e de muito trabalho pesado no sol, mas deixou a propriedade para seu irmão cuidar. Trabalhou em uma churrascaria e em uma Imobiliária, até entrar de funcionário na *municipalidad* de Santa Rita no ano de

1992. Ali seguia trabalhando até o momento da entrevista. Funcionário Público, vendeu sua propriedade agrícola em Santa Rita e comprou em outra área do Paraguai, a qual mantém arrendada. A esposa de Valtair faleceu, ele vive com a família da filha, e seu filho apesar de trabalhar no Paraguai, mora no Brasil. Foram duas entrevistas realizadas: uma sobre sua trajetória individual e outra sobre o município, ambas realizadas na *municipalidad*.

Vera Bazzo Lottermann: nasceu em 14 de agosto de 1970 em São Miguel do Oeste, Santa Catarina. Migrou para o Paraguai em 1989, através de uma proposta de trabalhar em um salão de beleza em Santa Rita. Nos anos seguintes, com seu exemplo, seus 6 irmãos também migraram para a região em busca de emprego e de melhora de condições de vida. Vera trabalhou alguns anos como funcionária do Salão de Beleza, depois abriu seu próprio salão, se especializou e também abriu uma academia, e depois um centro de estética. Ela terminou seus estudos em Santa Rita e se formou em cosmetologia, estética e *peluqueria* em Assunção, no Paraguai. Vera se casou na região com um imigrante brasileiro, com quem tem três filhos. Empresários locais, também se dedicam a trabalhos comunitários como a Fundação Manos Solidárias, que é voltada a trabalhos sociais com famílias carentes. Entrevista realizada em seu estabelecimento, no centro de Santa Rita, de forma individual.